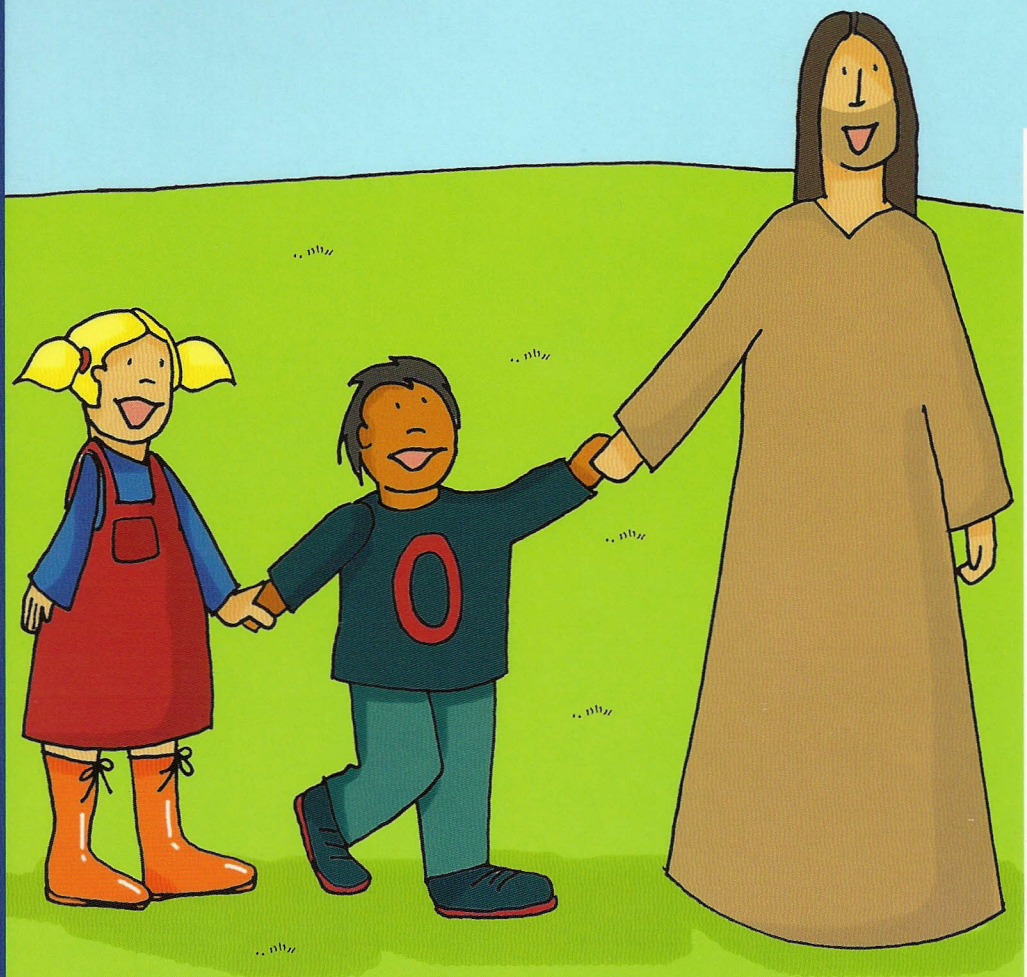
Jesus Gosta de Mim



CATEQUESE 1º ANO

Guia do catequista

EDIÇÃO REVISTA DE 2017
25 CATEQUESES

FUNDAÇÃO
Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã

1

Guia do catequista

JESUS GOSTA DE MIM

A Comissão Episcopal da Educação Cristã, por delegação da Conferência Episcopal Portuguesa, publica o Catecismo "JESUS GOSTA DE MIM", correspondente ao 1º ano do Programa de Catequese da Infância e Adolescência

Lisboa, 09 de julho de 2007

+ Tomás P. B. [illegible]

Bispo Auxiliar de Lisboa
Presidente da Comissão Episcopal da Educação Cristã

Coordenação geral e Edição
do Secretariado Nacional da Educação Cristã

Capa: Zonadesign

ISBN: 978-972-8690-21-2

Depósito Legal: 429583/17

1ª Edição – Agosto 2017

© Todos os direitos reservados para o SNEC

FUNDAÇÃO SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ
Quinta do Bom Pastor – Estrada da Buraca, N.os 8 - 12 | 1549-025 LISBOA
Telef.: 218 851 285 Fax: 218 851 355 E-mail: snec@snec.pt

SIGLAS

AG *Ad Gentes*, Decreto sobre a Actividade Missionária da Igreja, CONC. ECUM. VATICANO II (1965)

ATV *Para que acreditem e tenham vida. Orientações para a catequese actual*, CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA (2005)

CEP Conferência Episcopal Portuguesa

CIC *Catecismo da Igreja Católica* (1992)

CT *Catechesi Tradendae*, Exortação apostólica de João Paulo II (1979)

DCE *Deus Caritas Est*, Carta encíclica de Bento XVI (2005)

DGC *Directório Geral da Catequese,* CONGREGAÇÃO PARA O CLERO (1997)

DV *Dei Verbum*, Constituição conciliar, CONC. ECUM. VATICANO II (1965)

EN *Evangelii Nuntiandi*, Exortação apostólica de Paulo VI (1975)

EG *Evangelii Gaundium*, Exortação apostólica de Francisco (2013)

GS *Gaudium et spes*, Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo, CONC. ECUM. VATICANO II (1965)

LG *Lumen Gentium,* Constituição dogmática sobre a Igreja, CONC. ECUM. VATICANO II (1964)

SC *Sacrosanctum Concilium*, Constituição sobre a Sagrada Liturgia, CONC. ECUM. VATICANO II (1963)

«**a catequese** se não pode reduzir à transmissão de conteúdos doutrinais, como no modelo escolar. A transmissão **tem de fazer-se de modo vivenciado, inserida no encontro com Jesus Cristo**. De resto, todo o encontro de catequese tem de ser encontro com Ele. Porque é Ele quem, vindo ao nosso encontro, nos pode despertar para a fé, uma fé que atinja todo o nosso ser: a cabeça, o coração e as mãos, que, segundo o Papa Francisco, necessariamente se correlacionam: a cabeça para "pensar o que se sente e o que se faz"; o coração para "sentir o que se pensa e o que se faz"; e as mãos para "fazer o que se sente e se pensa"»

Catequese: A Alegria do Encontro com Jesus Cristo, 12.

APRESENTAÇÃO

Caros amigos Catequistas / Caras amigas Catequistas,

Todos temos consciência de como as mudanças no mundo atual são rápidas e constantes. Inserida na comunidade humana, a Igreja tem, necessariamente, de acolher os novos desafios e lançar propostas que ajudem os homens e as mulheres a responder, em cada tempo, às realidades e problemas com a luz e o impulso do Evangelho de Jesus Cristo.

A catequese da infância e adolescência, dirigindo-se a pessoas em crescimento e inseridas em ambientes que se transformam, está também sujeita a dinamismos de mudança, os quais implicam que, periodicamente, se aprofunde a natureza da catequese, se avaliem resultados obtidos e se apontem novos caminhos. Neste sentido, as novas circunstâncias sugerem que, na fidelidade à identidade e aos conteúdos essenciais da catequese, se dê maior ênfase a aspetos doutrinais mais esquecidos, para os quais os documentos do magistério da Igreja alertam, ou a experiência da prática catequética requer, se renovem métodos e se apresentem novas propostas de ação, que favoreçam o crescimento humano e cristão dos catequizandos.

Toda esta tarefa renovadora se consubstancia na publicação de novos catecismos para um itinerário de 10 anos e de guias, correspondentes, destinados aos catequistas. São instrumentos de trabalho, a utilizar em estreita relação com as famílias e com as comunidades cristãs de referência dos catequizandos.

Com o 1º ano de catequese, inicia-se a I etapa do referido itinerário, intitulada "Inserção na comunidade".

O guia do catequista e o manual do catequizando, com o título "Jesus gosta de mim", são instrumentos de apoio e orientação para os encontros de catequese. Para enquadrar estes textos, torna-se indispensável estudar o documento da Conferência Episcopal Portuguesa "Para que acreditem e tenham a vida. Orientações para a catequese actual" (Fátima, 23 de junho de 2005), dedicado sobretudo aos catequistas, "como manifestação do apoio pela nobre e bela missão da educação da fé que lhes foi confiada" (n. 7). Nele se apresenta uma visão global sobre a catequese no contexto das transformações culturais que marcam a atualidade, do pensamento do Magistério da Igreja e da relação da catequese

com a comunidade cristã, e se sistematizam os principais critérios a ter em conta na revisão dos catecismos.

"Os catecismos são textos escritos de apoio que precisam de vida. É a comunidade cristã e o catequista quem dá vida ao catecismo" (*Para que acreditem e tenham a vida*, n. 7). Os catequistas constituem o primeiro dos meios para a catequese em cada Diocese e, com a ajuda de uma adequada "formação tanto de base como permanente", devem ser "eles mesmos uma catequese viva" (Congregação para os Bispos, *Directório para o Ministério Pastoral dos Bispos*, n. 128).

Neste sentido, é imprescindível que o catequista se assuma como testemunha da fé e que a catequese se desenvolva na globalidade e complementaridade das suas dimensões. Valorizar a pedagogia em detrimento da transmissão fiel e clara dos conteúdos do mistério cristão, ou transformar a catequese em ensino, desprezando a experiência de vida cristã dos catequizandos, expressa e alimentada na oração, na participação na Eucaristia, no compromisso na comunidade cristã e no testemunho do amor, seria uma grave deturpação e uma ameaça aos bons resultados da ação catequética.

Por outro lado, a missão do catequista não pode prescindir da responsabilidade da família do catequizando, particularmente na fase da infância. Com efeito, a família é a primeira responsável pela educação dos filhos, e a educação, entendida na sua globalidade, inclui a dimensão religiosa. Quer a família seja cristã quer não, o catequista há de sempre procurar estabelecer a relação mais adequada, que conjugue a sua ação com a da família do catequizando.

Bom trabalho!
Lisboa, 09 de julho de 2007

D. Tomaz Pedro Barbosa Silva Nunes
Bispo Auxiliar de Lisboa
Presidente da Comissão Episcopal da Educação Cristã
(Na apresentação da edição de 2007)

Caras Catequistas/Caros Catequistas

Com este volume vos apresentamos a nova edição do Guia do Catecismo 1. Trata-se de uma revisão que mantém todos os conteúdos da edição de 2007, embora fundindo alguns objetivos que a prática tinha mostrado estarem demasiado dispersos. Assim, neste Guia encontrareis **25 catequeses** preparadas para trabalhar com crianças entre os **seis e os oito anos** durante um período de tempo de cerca de **cinquenta minutos** por encontro. Esta nova edição do Guia e a nova edição do Catecismo foram preparados em consonância com as propostas referentes à Catequese Familiar e à Escola Paroquial de Pais, de modo a facilitar o trabalho dos catequistas. E, mais do que um instrumento de trabalho, o Guia propõe a cada catequista um caminho de aprofundamento da sua própria fé.

Como os catequistas bem sabem, este 1º Catecismo é um Catecismo de Despertar Religioso, de acolhimento das crianças na comunidade de fé, de lançamento das primeiras bases de uma fé que se quer consciente, fundamentada, forte e madura, de acordo com a maturidade possível em cada idade. O Papa Francisco ensina-nos que «voltámos a descobrir que também na catequese tem um papel fundamental o primeiro anúncio ou *querigma*, que deve ocupar o centro da atividade evangelizadora e de toda a tentativa de renovação eclesial. O *querigma* é trinitário. É o fogo do Espírito que se dá sob a forma de línguas e nos faz crer em Jesus Cristo, que, com a sua morte e ressurreição, nos revela e comunica a misericórdia infinita do Pai. Na boca do catequista, volta a ressoar sempre o primeiro anúncio: «Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar.»[1] E o Papa ainda acrescenta: «Outra característica da catequese, que se desenvolveu nas últimas décadas, é a iniciação *mistagógica*[2], que significa essencialmente duas coisas: **a necessária progressividade da experiência formativa na qual intervém toda a comunidade e uma renovada valorização dos sinais litúrgicos da iniciação cristã.**»[3]

---

1 Papa Francisco, ***Evangelii Gaudium*** 164.

2 ***in*** Papa Francisco, ***Evangelii Gaudium*** 166.

3 Papa Francisco, ***Evangelii Gaudium*** 166. Sublinhado nosso.

Assim, a qualidade da relação pedagógica e espiritual do Catequista com as crianças e a competência de acolhimento de todos aqueles com quem as crianças vão contactar é absolutamente primordial. Cada criança deve aprender a desejar a catequese como um momento relevante na sua vida e os adultos são disso um modelo imprescindível. Do mesmo modo, para a conversão das crianças e o desenvolvimento da sua fé, a participação e o acolhimento dado aos Pais/Educadores têm, também, uma grande importância. Finalmente, a dimensão litúrgica da catequese – oração, celebrações – deve merecer grande atenção e revestir-se de beleza, cuidado e oportunidades de interiorização da experiência de fé.

Preparámos uma revisão do Catecismo 1 e continuamos a propor o Álbum de Férias correspondente, assim como os materiais necessários ao Catequista (a Pasta com os dísticos, as imagens, o CD de música e o respetivo cancioneiro).

Os cânticos indicados ao longo do Guia do Catequista estão no catecismo da criança e no CD, e cujas letras estão neste guia. São conhecidos de quase todos os catequistas, mas podem ser substituídos por outros que exprimam a mesma ideia. Devem ser sempre ensaiados e só depois utilizados como oração.

É muito importante fazer participar as crianças em toda a catequese: criar condições para o diálogo, promover atividades, dar possibilidade às crianças de se movimentarem, por exemplo, afixando elas as gravuras, etc. O catequista também deve escutar as crianças e procurar compreendê-las com empatia e assertividade.

A partir da catequese 2, a Bíblia deve estar sempre na sala de catequese: em cima da mesa, colocada numa estante, almofada, ou pano bonito, podendo estar uma vela colocada junto dela. Sempre que faz uma leitura bíblica, o catequista deve pegar na Bíblia com muito respeito, fazer a leitura pausadamente e colocar de novo a Bíblia no seu lugar antes de prosseguir com as atividades.

Cada criança deve trazer sempre para a catequese o seu Catecismo e lápis de cor. No entanto, é conveniente que o catequista tenha uma caixa de lápis de cor para obviar a algum esquecimento (e algumas folhas de papel para o caso de haver crianças que se esqueçam do catecismo e estar prevista alguma atividade a realizar nele). O Guia sugere as atividades previstas no Catecismo.

No início de cada catequese, o catequista deve acolher carinhosamente as crianças, fazendo-as sentir-se bem-vindas. Procurará conhecê-las pelo nome o mais depressa que lhe seja possível. Será também muito importante tentar conhecer os pais, ou algum familiar, aproveitando o facto de ir com certeza o pai, a mãe (ou outro familiar) levar e buscar a criança à catequese.

Antes de entrar no assunto de cada catequese, o catequista deve sempre fazer uma revisão da catequese anterior, ou mesmo de várias se tal for útil para o tema que vai ser abordado. Também deve verificar se o Compromisso semanal foi realizado pelas crianças, valorizando o seu esforço e incentivando-as a viver o que vão aprendendo.

Assim, será possível colocar cada criança "*não apenas em contacto, mas em comunhão, em intimidade com Jesus Cristo: somente Ele pode levar ao amor do Pai no Espírito e fazer-nos participar na vida da Santíssima Trindade.*"[4]

Com votos de um trabalho profundo e transformador,

A Equipa do Secretariado Nacional da Educação Cristã
janeiro de 2017

[4] S. João Paulo II, ***Catechesi Tradendae*** 5.

ITINERÁRIO DE CATEQUESE DE INICIAÇÃO DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

(6-16 ANOS)

INFÂNCIA

I ETAPA – Inserção na comunidade

1º Ano	JESUS GOSTA DE MIM	Festa do Acolhimento
2º Ano	ENSINA-NOS A REZAR	Festa do Pai-Nosso
3º Ano	QUEREMOS SEGUIR JESUS	Festa da Eucaristia

II ETAPA – A vida da fé

4º Ano	TENS PALAVRAS... ETERNA	Festa da Palavra
5º Ano	SEREIS O MEU POVO	Celebração da Esperança
6º Ano	CREIO EM JESUS CRISTO	Creio em Ti, Senhor

ADOLESCÊNCIA

III ETAPA – Sentido cristão da vida

7º Ano	PROJETO MAIS	Bem-aventuranças
8º Ano	SOMOS MAIS	Festa da Vida

IV ETAPA – Compromisso cristão

9º Ano	O DESAFIO DE VIVER	Celebração de Compromisso
10º Ano	A ALEGRIA DE CRER	Festa do Envio

DEZ ANOS DE CATEQUESE - QUATRO ETAPAS

O Programa de Catequese da Infância e Adolescência foi aprovado pela Conferência Episcopal Portuguesa, em abril de 1988. A mesma Conferência Episcopal aprovou a renovação deste Programa, que procura ter como grande referência o Catecismo da Igreja Católica, em abril de 2005. Em junho do mesmo ano, publica o documento com o título: *"Para que acreditem e tenham vida. Orientações para a catequese actual"*, que apresenta a fundamentação teológica, catequética e pastoral do itinerário de 10 anos, tal como é apresentado nos catecismos publicados no ano de 2005 e seguintes.
Assim, pode-se dizer dos 10 Catecismos (e respetivos guias) que apresentam "a fé da Igreja que nos gloriamos de professar". A docilidade a este programa é, pois, um concreto sinal de autêntica comunhão eclesial.

1ª Etapa – Inserção na Comunidade

É uma fase de acolhimento por parte de toda a Comunidade Cristã, que visa a progressiva inserção na vida da fé da Igreja.

2ª Etapa – A vida da fé

Esta etapa é dedicada à primeira síntese da fé cristã. Ser cristão é seguir Jesus e viver à maneira da comunhão trinitária.

3ª Etapa – O sentido cristão da vida

É uma fase de descoberta de Jesus Cristo como o amigo, a grande referência para o sentido da vida e para a resolução das grandes questões existenciais.

4ª Etapa – O Compromisso cristão

Esta última etapa do itinerário de dez anos quer ajudar os adolescentes a realizarem o seu compromisso comunitário e eclesial. Tem ainda em conta a necessidade de uma nova síntese da fé, agora no horizonte adolescente e juvenil.

INTRODUÇÃO

INSERÇÃO NA COMUNIDADE

I. O QUE É A CATEQUESE

A catequese é uma ação eclesial. É a Igreja, no seu todo, que faz a catequese, cumprindo a sua missão de ser continuadora da missão de Jesus Cristo: levar a Boa Nova a todos os povos. A Igreja, animada pelo Espírito Santo, conserva no seu coração, anuncia, celebra, vive e transmite o Evangelho através da catequese (cf. DV 8).

A *comunidade eclesial* é a *origem,* porque o catequista não atua em nome próprio, mas em nome da comunidade cristã e, por isso, em nome de toda a Igreja (cf. EN 60). O catequista pode, e deve, dizer como São Paulo: **"Transmiti-vos, em primeiro lugar, o que eu próprio recebi"** (1Cor 15,3).

Este anúncio não pode prescindir da ***família***, do ambiente em que o catequizando vive. Quando falamos em família – como principal transmissora da fé – referimo-nos à família cristã que "tem uma função primária, porque nela se pode realizar o anúncio da fé num clima de acolhimento e de amor, que, melhor do que qualquer outro, confirma a autenticidade da Palavra" (DGC 188). Contudo, é preciso ter em conta que muitas famílias, mesmo quando procuram a catequese para os seus filhos e netos, não são, ainda, maduramente cristãs, no sentido de que são incapazes de transmitir a fé ou porque se encontram numa fase de questionamento e, eventualmente, dúvida ou falta de convicção.

Assim, cada catequizando há de ser acolhido, de acordo com a sua situação, por uma comunidade cristã onde encontre um clima fraterno e hospitaleiro, que lhe permita observar e sentir a alegria de ser cristão, capaz de lhe suscitar o desejo de seguir Jesus Cristo. O ***grupo de catequese***, como grupo primário, é uma boa porta de entrada na família paroquial.

A comunidade é o ***âmbito*** ou ***lugar*** normal da catequese. É como o seio materno onde se gera o homem novo, por meio da Palavra e dos Sacramentos de Iniciação Cristã. O testemunho da comunidade é fundamental: a catequese transmite com mais facilidade aquelas realidades e vivências que realmente existem na comunidade.

A ***meta*** da catequese é também a comunidade, pois é esta que acolhe os que são iniciados na fé. A catequese correria o risco de se tornar estéril se não houvesse uma comunidade viva que acolhesse cada catequizando. Assim, a comunidade tem uma dupla responsabilidade: de catequizar cada um dos seus membros e de os acolher, de modo que possam viver tão plenamente unidos Àquele a quem aderiram quanto a sua maturidade humana e religiosa lhes vai permitindo (cf. CT 24).

Por último, a catequese renova a comunidade. Através da Iniciação Cristã, a Igreja gera filhos no Filho e conduz à maturidade da fé as comunidades e cada fiel (cf. DGC 21). Assim, torna-se claro que a catequese, se quer cumprir os seus objetivos, tem de introduzir o catequizando na vida da comunidade.

Finalidade da catequese

O objetivo da catequese é levar cada catequizando não só a um contacto, mas a uma comunhão íntima com Jesus Cristo (cf. CT 5). Pela sua própria natureza, "a comunhão com Jesus Cristo impulsiona o discípulo a unir-se a tudo aquilo a que o mesmo Jesus Cristo se sentiu profundamente unido: a Deus, seu Pai, que o enviara ao mundo; ao Espírito Santo, que lhe dava força para a missão; à Igreja, Seu corpo, pela qual Se entregou; e a toda a humanidade, Seus irmãos e irmãs, de cuja sorte quis partilhar" (DGC 81).

A comunidade, família de famílias, tem um lugar de destaque. São precisas comunidades catequizadas e maduras, que mostrem a fé em que acreditam e acolham aqueles que querem aderir a Cristo. A vida litúrgica e de comunhão, o testemunho alegre e o acolhimento caloroso, são expressões de comunidades missionárias que convocam à fé e geram espaços de receção para aqueles que querem aderir ao Reino de Deus.

Tarefas da Catequese

Para que a Pessoa se realize, precisa de encontrar, no contexto da sua existência e experiência de vida, um horizonte de sentido. Trata-se de descobrir a dimensão mais profunda da pessoa, aí onde se descobre como que uma abertura ao infinito. Dizer que a pessoa sai de si, é dizer que a pessoa é um ser de relações: ser que se questiona; que reflete; e que procura a sua origem e o seu fim, para se realizar como pessoa. Nós, crentes, sabemos que só em Cristo se pode encontrar a realização plena.

Para conseguir este objetivo, a catequese deve seguir o modo como Jesus formava os seus discípulos, realizando estas tarefas fundamentais: conhecer as dimensões do Reino, ensinar a orar, transmitir atitudes evangélicas e iniciar na missão (cf. DGC 82-87).

É dever da catequese educar nas diversas dimensões da fé: a fé professada; a fé celebrada; a fé vivida; e a fé rezada. Tudo inserido numa comunidade e com sentido missionário.

Neste processo de educação da fé, há intervenientes que têm um lugar de destaque. São eles a família e a comunidade cristã.

O conhecimento da fé: a catequese deve conduzir à apreensão de toda a verdade do desígnio salvífico de Cristo. A compreensão da Sagrada Escritura, do Credo e demais documentos da fé da Igreja expressa e realiza esta tarefa.

A educação litúrgica: a comunhão com Jesus Cristo leva à celebração da Sua presença nos sacramentos, pelo que a catequese "além de favorecer o conhecimento do significado da liturgia e dos sacramentos, deve educar os discípulos de Jesus Cristo «para a oração, para a gratidão, para a penitência, para as preces confiantes, para o sentido comunitário, para a perceção justa do significado dos símbolos...», uma vez que tudo é necessário, para que exista uma verdadeira vida litúrgica" (DGC 85).

A formação moral: a conversão a Jesus Cristo tem como consequência que o discípulo siga o caminho do Mestre. A catequese deve favorecer uma educação que propicie ao catequizando as atitudes próprias do cristão, que lhe transmita a vida em Cristo, concretizada em atitudes e opções morais.

Ensinar a rezar: a comunhão com Jesus Cristo leva a que os seus discípulos assumam a atitude orante e contemplativa do Mestre, conseguindo, deste modo, que a vida cristã seja vivida em profundidade. Aprender de Jesus a sua atitude orante "é rezar com os mesmos sentimentos com os quais Ele se dirigia ao Pai: a adoração, o louvor, o agradecimento, a confiança filial, a súplica e a contemplação da Sua glória" (DGC 85).

Educar para a vida comunitária: a educação para a vida comunitária implica que o catequizando tenha condições para se ir envolvendo de uma forma progressiva na vida da comunidade, assumindo responsabilidades e comprometendo-se com ela. Para isso, a catequese deve fomentar atitudes próprias (cf. DGC 86).

A iniciação para a missão: só se adquire a maturidade da fé quando se tem capacidade e necessidade de testemunhar essa mesma fé, nas diversas circunstâncias da vida. A catequese, ao educar para o sentido missionário, capacita os discípulos para a sua missão na sociedade, na vida profissional, cultural e social.

II. ADESÃO A JESUS CRISTO E À SUA IGREJA, NA INFÂNCIA

De acordo com o documento da Conferência Episcopal Portuguesa, ***Para que acreditem e tenham vida. Orientações para a catequese atual,*** a primeira etapa do itinerário da catequese da infância e adolescência está centrada na **"adesão a Jesus Cristo, na comunidade"** que

culminará com a primeira Comunhão (cf. ***ATV, Orientações*** 6). No entanto, a catequese é um dos momentos que integram um processo mais vasto, "o processo de Evangelização". Neste processo, a catequese é precedida por uma etapa anterior e precisa de ter continuação. Segundo a ***Evangelii Nuntiandi***, a catequese é precedida pela presença e acolhimento, que aqui é entendido como despertar religioso, e do primeiro anúncio (cf. ***ATV, Orientações*** 3 b). De acordo com estas orientações, o 1º, o 2º e o 3º ano deste itinerário catequético visam o despertar religioso, a iniciação à fé cristã da criança, o desencadear da sua adesão a Jesus Cristo e à sua inserção na comunidade.

O despertar religioso

O despertar religioso da criança deveria ser preferencialmente feito no seio da sua família. Contudo, o modo de viver na sociedade atual leva a que muitas crianças tomem contacto com o ambiente religioso, apenas quando entram para o 1º ano de catequese.

O despertar religioso, sobretudo nas famílias cristãs, é uma forma eminente de convocação e chamamento à fé em Jesus Cristo. Faz-se essencialmente pelo acolhimento, o testemunho e o contacto informal com o religioso. Os destinatários só escutam verdadeiramente a Boa Nova, se tiverem o coração bem-disposto, atento e acolhedor e é essa postura e atitude que o despertar religioso promove. Nesse sentido, o primeiro passo e a atitude constante para evangelizar consiste em despertar a fé, isto é, "captar a benevolência" dos destinatários, tornando-se, no meio deles, uma presença amiga, acolhedora e solidária. À semelhança de Jesus que, pela Sua Encarnação, se situou no meio de nós, para nos anunciar o Evangelho (cf. EN 21; AG 10; ***ATV, Orientações*** 3 b1).

A iniciação à fé cristã

Esta etapa destina-se às crianças que já fizeram o seu despertar religioso no seio familiar e na comunidade e que, movidas pela graça, decidem seguir Jesus, iniciando uma caminhada que tem como objetivo introduzi-las na vivência da fé, na vida litúrgica e caritativa do Povo de Deus (cf. EN 51-53; DGC 51). A Igreja realiza esta tarefa essencialmente por meio da catequese de infância, para os já batizados, e pelo catecumenado, para aqueles que ainda o não foram, e sempre em estreita relação com os sacramentos da iniciação cristã, nomeadamente o Batismo e a Eucaristia.

A adesão a Jesus Cristo, na comunidade eclesial

"Ao anunciar ao mundo a Boa Nova da Revelação, a evangelização convida homens e mulheres à conversão e à fé. O apelo de Jesus «arrependei-vos e acreditai no Evangelho» (Mc 1, 15) continua a ressoar hoje, através da evangelização da Igreja. A fé cristã é, sobretudo, conversão a Jesus Cristo, adesão plena e sincera à Sua Pessoa e decisão de O seguir. A fé é um encontro pessoal com Jesus Cristo, é tornar-se Seu discípulo. Isso exige o empenho

permanente de pensar como Ele, de julgar como Ele e de viver como Ele viveu. Desse modo, o crente une-se à comunidade dos discípulos e assume como sua a fé da Igreja" (DCG 53).

"Este «sim» a Jesus Cristo, plenitude da revelação do Pai, encerra em si uma dupla dimensão: a entrega confiante a Deus e a adesão amorosa a tudo aquilo que Ele nos revelou. Isto só é possível através da ação do Espírito Santo" (DCG 53).

Em síntese, a adesão a Jesus Cristo origina uma transformação no modo de viver e dá início a um processo de conversão permanente que durará toda a vida.

III. DESTINATÁRIOS

A primeira fase do Programa Nacional de Catequese de Infância e Adolescência destina-se às **crianças de 6-9 anos**, o que corresponde aos três primeiros anos do ensino básico. É a primeira vez que entram em contacto com a escolaridade formal e, provavelmente, com a catequese paroquial.

A linguagem da Bíblia, a mais utilizada na catequese, é uma ***linguagem religiosa***, fundamentalmente ***simbólica***, na qual se tenta unir o Transcendente à vida humana. É por ela que se procura ajudar a criança a entender a Boa Nova e a aprender a comunicar com o Deus que Jesus nos revelou.

Assim, o despertar religioso e a iniciação à fé cristã passam pela aprendizagem da linguagem simbólica, uma vez que, se esta não for utilizada na catequese, a criança fica incapacitada de aceder ao Mistério de Deus e de poder expressar a sua fé. Mas a aprendizagem da linguagem simbólica apresenta dificuldades pedagógicas, nomeadamente de natureza cultural, pois vivemos num ambiente de positivismo e temos de contar com o realismo psicológico da infância que, geralmente, acompanha os primeiros anos de contacto com escolaridade.

De entre as **características desenvolvimentais** da criança desta idade, sublinhamos alguns dos aspetos mais relevantes de um processo em que a criança está a crescer em todas as dimensões da sua personalidade e experiência: física, intelectual, moral, emocional e espiritual.

a) **Desenvolvimento fisiológico**

Dos seis aos oito anos – O rápido crescimento ponderal, o fortalecimento de ossos e músculos e o amadurecimento do sistema nervoso permitem que a criança realize uma intensa e cada vez mais sofisticada e controlada atividade física: correr, saltar, mexer, construir, desenhar. Este crescimento, saudável, favorece as exigências de atividade da criança que, de um ponto de vista cognitivo e afetivo, tem necessidade de um contacto direto com o mundo e as coisas que a rodeiam: explora, questiona ativamente, "aprende a fazer, fazendo".

Ao aproximar-se dos 9 anos – Entra numa fase de certa estabilidade que antecede as grandes mudanças fisiológicas que irá sofrer com a puberdade. O controlo motor, grosso e fino, está muito aperfeiçoado.

Para os rapazes é a idade da força, em que o jogo físico continua a dominar a sua forma de se relacionar com o mundo à sua volta.

As meninas procuram brincadeiras mais calmas: conversam entre si e começam a partilhar os primeiros segredos.

b) Mudanças psicológicas

Dos seis aos oito anos – Aos seis anos, gosta muito de ouvir histórias, por vezes não conseguindo distinguir o real do imaginário, uma vez que capta a realidade de modo indistinto e global, segundo um mesmo plano: a realidade concreta (pessoas à sua volta) e a realidade invisível (personagens religiosos e dos contos). Só perto dos sete anos começa a distinguir o real do imaginário, o concreto e o invisível. O concreto é **verdadeiro e real.** O que não se pode ver ou tocar é **falso**.

Começa a desenvolver a sua capacidade de raciocínio objetivo – idade de razão – mas perde em sensibilidade e criatividade, o que, por vezes, dificulta a educação artística, emocional e religiosa. Compreende ideias simples, mas não de natureza ou modo abstrato e apercebe-se de alguns dos problemas que a envolvem. Vai desenvolvendo progressivamente a capacidade de se exprimir de acordo com a realidade que vive, aprendendo a rotular não só objetos e acontecimentos que estejam a ter lugar, mas ideias, sentimentos e experiências registadas na memória.

Ao aproximar-se dos 9 anos – Continua a gostar de ouvir histórias e, até, de as ilustrar e escrever, mas já distingue o real do imaginário, sobretudo em situações correntes.

É já capaz de pensar, de raciocinar, pois o seu pensamento é lógico-concreto, isto é, raciocina com base em dados concretos de um problema, dados que pode manusear diretamente. A sua **inteligência** permanecerá ligada à **realidade concreta** até à puberdade.

- Esta forma de pensar limita a aplicação de um raciocínio lógico apenas a realidades estritamente concretas.
- No entanto, o seu desenvolvimento emocional e estético – quando devidamente estimulado – permite que a criança admita que a **realidade** pode ser percebida a partir de **duas dimensões,** uma **concreta,** prática, útil, e outra **simbólica**, aberta a sentimentos humanos, às experiências e à transcendência. Também tem já uma certa consciência de si e das suas capacidades.

c) Transformações emocionais

A criança precisa de um clima de confiança, de ternura e alegria, para que se sinta bem e o seu crescimento seja harmonioso e feliz. O afeto e o carinho, dispensados

pelos adultos (pais, catequistas e professores), exercem uma enorme influência no seu desenvolvimento e permitem que estes possam educar pela modelagem, isto é, servindo de modelos que a criança – porque os aprecia e respeita – observa atentamente e imita com gosto. Este tipo de aprendizagem está presente em todo o processo de socialização, de aquisição de padrões culturais de uma sociedade, de que é a base, isto é, o processo pelo qual aprendemos os comportamentos pelos quais nos integramos no nosso grupo social.

Dos seis aos oito anos – A criança encontra o clima amoroso, recetivo, aceitante e educador de que necessita, sobretudo e, de um modo particular, nos pais. Esta situação manter-se-á quase inalterável até ao início da adolescência, em que muda de forma, mas não de substância, e a sua falta ou constrangimento tem um penoso e negativo efeito em todo o processo desenvolvimental da criança. Porque os pais são as pessoas que mais ama, em quem mais confia e aquelas que melhor conhece e compreende, constituem para ela um convite ao desenvolvimento de sentimentos amorosos intensos, constituindo-se como principais modelos e pontos de referência. A imagem de Deus como Pai e Amigo deve apoiar-se nesta ligação afetiva e na conceção positiva que, regra geral, a criança tem dos pais, pois há uma estreita relação entre o comportamento dos pais e a construção cognitiva e afetiva que as crianças fazem da ideia de Deus.

A sua independência afetiva dos pais só terá lugar nas etapas finais da adolescência, quando termina o processo de construção da identidade e quando a personalidade está praticamente estruturada, o que em nada limita a influência dos pais na formação dos filhos e nas suas características de personalidade e que é a mais duradoura e profunda influência que sofre o ser humano.

Aos nove anos – Se bem educada e fortalecida nas suas relações sociais, a criança reage às pessoas e situações de forma bastante estável, mas muito global e ainda com base, sobretudo, na componente afetiva, o que sublinha o encanto que tem o trato com as crianças desta idade, não só capazes de estabelecer laços fortes e duradouros com os educadores, como de experimentar e exprimir muitos sentimentos novos e de um modo produtivo. É muito sensível à qualidade de relação que os educadores estabelecem com ela: precisa de se sentir aceite e reconhecida por eles, estimulada a crescer, progredir e realizar as tarefas com gosto e autonomia. A confiança em si própria e nos seus recursos pessoais deve ser estimulada, evitando-se – pelo apoio dado pelo educador, pelo bom uso das regras e do seu treino – que as crianças sofram situações de insucesso, sob pena de desenvolverem sentimentos de inferioridade que conduzem à adoção de mecanismos de defesa como a preguiça, a falta de entusiasmo pelo trabalho, a apatia e o desinteresse.

d) Processo de socialização

Dos seis aos oito anos – O egocentrismo, característico da etapa anterior, entra em regressão, conforme se alarga a sua inteligência e experiência vital. A escola desempenha um papel muito relevante, pois se o Jardim de Infância é percebido como uma segunda família, a escola é, verdadeiramente, uma pequena sociedade, em que cada turma é uma unidade social com um líder, e as diferenças de comportamento e atitude podem ser observadas e experimentadas, tanto na relação com os adultos como com as crianças que estão a ser sujeitas a padrões educativos que não lhe são familiares. O seu interesse e capacidade de se relacionar com os outros aumentam, e a criança encontra-se num processo de desenvolvimento e integração social muito rico, em que fazer amigos e realizar "coisas" em conjunto – jogos, atividades escolares, passeios... – é muito intenso e divertido, sobretudo quando proporcionam algumas oportunidades de competição saudável e mitigada. Assim, começa a alargar o seu círculo social com os amigos e vizinhos, à medida que vai contactando com novas realidades: a escola, a catequese, o bairro... A relação que estabelece com os companheiros de escola e brincadeira é homogénea e de igual para igual. Vai formando um grupo de iguais em que as lideranças são instáveis e brandas.

Aos nove anos – A vida na escola e nos espaços educativos fora de casa deve estar estabilizada e ser confortável e interessante, pelo que a criança deseja a companhia dos outros, gosta de estar e de brincar com amigos e colegas, de participar e colaborar, começando a aceitar as regras do jogo, quer no convívio em geral quer nas atividades lúdicas, considerando-as quase sagradas é capaz de assumir, com interesse e gosto, responsabilidades perante os outros, de os respeitar e aceita as pessoas de forma generosa e sem grande distinção.

Entregando-se com generosidade ao trabalho – que realiza com brio e entusiasmo, embora os resultados possam ser irregulares – aprecia a integração em atividades de grupo. A convivência comunitária é muito do seu agrado.

e) Desenvolvimento moral

Dos seis aos nove anos – A moralidade nesta idade parece surgir espontaneamente, pela facilidade e motivação para imitar alguém de quem gosta e com quem se identifica, mas a moralidade das crianças e adolescentes, realmente, desenvolve-se na relação entre pares e na administração das experiências quotidianas, já que durante toda a infância tem uma orientação heterónoma de evitação do castigo e de tentativa de agradar à autoridade do adulto. De facto, a qualidade particular do desenvolvimento moral das crianças é formada pela natureza das relações que as crianças estabelecem entre si. As crianças têm amigos, uma família e alguns objetos da sua posse, assim como obrigações em casa, tais como obedecer e ajudar. E entre os pares, há trabalho e padrões de conduta a respeitar, nomeadamente na escola. Também são expostas aos padrões da sua sociedade e lidam habitualmente com figuras de autoridade. Assim

que a criança está em condições de comunicar com as outras pessoas, tem acesso a valores e crenças.

À medida que os anos passam, desperta para o sentido da responsabilidade e da justiça, começa a distinguir o bem do mal e a consciencializar a opção das suas ações – inicia o desenvolvimento da sua consciência moral através da perceção que vai tendo das emoções morais – empatia, culpa, vergonha – que determinados atos seus geram, e de um modo bastante físico, como a ansiedade provocada pela culpa e o mal-estar que esta provoca. Por outro lado, se as crianças experimentam muitos dos sentimentos morais dos adultos, também são capazes de ter vontade própria, usando-a para fazer escolhas morais: partilhar, ser generoso, ter cuidado com alguém, ser honesto perante as pressões dos outros, ser leal e muitas outras, percebendo, cada vez melhor, o valor moral das ações e fortalecendo um crescente sentido de responsabilidade e justiça na relação com os outros.

f) **A nível religioso**

Dos seis aos oito anos – Nascimento do sentimento religioso: pelo seu desenvolvimento cognitivo da comunicação e da representação da realidade, a criança articula o conceito de Deus, e porque a estruturação da relação com a mãe (comunicação e estruturação emocional) e com o pai (segurança e interiorização das normas) a amadureceram consideravelmente, a criança pode entrar em relação com Deus a partir da sua identidade e autonomia crescentes. A perda da omnipotência parental, que se inicia por volta dos 9 anos, abre passo a Deus no seu coração. A socialização e educação religiosas têm grande importância, pois não proporcionar o despertar religioso e não educar a dimensão religiosa da personalidade, não permite a abertura ao transcendente, ao mistério que explica as razões e as dúvidas profundas do ser humano e que a criança, de algum modo, já vai vivendo. A oração e os relatos sagrados provocam interesse e prazer, evidenciando a importância da imaginação nos processos educativos da fé. Aceita os ensinamentos, sem contestar, e traduz as ideias mais complexas ou abstratas naquilo que lhe é familiar, o que dificulta a formação de ideias corretas em torno de algumas questões teológicas mais difíceis.

A experiência religiosa deve ser vivida como natural, no mesmo plano da vida humana, através do desenvolvimento das virtudes teologais e da experiência social e afetiva, sempre num clima afetuoso que evite o temor. O educador deve considerar a hipersensibilidade à observação dos adultos, mostrando-se como um exemplo de experiência religiosa e tendo em conta a importância da coerência e sintonia do comportamento adulto. A aquisição de hábitos de piedade é relevante, compreendendo o seu sentido, assim como o treino da aquisição das virtudes morais e hábitos de convivência, educando com firmeza e tolerância. A criança tem uma relação com Deus muito dominada pela emoção e o sentimento. Daí a oportunidade de se usar o símbolo como meio para aprofundar essa relação, assim como a relação no grupo da catequese. A religião, descobre-a a partir de "coisas"

concretas: a **oração** está ligada a um lugar (igreja); a **Palavra de Deus** é um livro; a **cruz** um objeto religioso. Não consegue libertar-se do concreto nem compreender o sentido simbólico da realidade, mas sim de o "perceber" como condição imanente das coisas e situações. Assim, se o sentido da oração, da Palavra, da cruz se pode limitar só ao que vê, também pode adquirir o seu sentido pleno através da sensibilidade, da intuição, do trabalho dos sentidos e dos sentimentos.
Acontece algo semelhante quanto às implicações **morais da Religião**. A criança limita-se a fazer coisas (obedecer, não mentir, ajudar, rezar), se corrermos o risco de propor a fé como uma lista de obrigações comportamentais. Mas se soubermos introduzir a noção de compromisso cristão como um ato de amor, lho demonstrarmos e o centrarmos, não em generalidades, mas na sua vida quotidiana de relações interpessoais próximas e fortes, a criança aprende a iluminar a sua vida e a formar a sua consciência a partir da sua quase ilimitada capacidade de amar os pais e a família, os educadores, os colegas e Deus.

Aos nove anos – Na vivência da sua fé, ultrapassa o círculo familiar e integra-se com gosto na comunidade cristã. Tem gosto em vivenciar a sua fé de um modo ativo, particularmente em celebrações em que se integre na comunidade e em que desempenhe um papel concreto.
Estando na fase do realismo religioso infantil, gosta de saber muitas "coisas" sobre a fé e a religião, mas demorará muito até ter capacidade de abstração, embora esta seja importante para a espiritualização de Deus que está na base da personalização da fé que ocorre na adolescência. Como as competências linguísticas – escritas e orais – estão numa fase de expansão, pode aprender a expressar-se com uma linguagem mais adequada ao sentido das coisas, se para isso for ensinada. Tem facilidade em captar os valores cristãos na vida dos adultos, se eles forem vividos e testemunhados com coerência.

Até aos 10 anos deve ser adequadamente ensinada sobre as verdades centrais da fé, proporcionando-se uma bem adaptada aprendizagem que conduza a uma verdadeira iniciação cristã, mas feita de modo a respeitar as suas características psicológicas e sociais: a preocupação dos educadores deverá centrar-se nas linguagens utilizadas, pois quase tudo pode ser ensinado, desde que adequadamente traduzido. Esta preocupação é muito importante, pois, quando começar a rejeitar a religiosidade infantil, no início da puberdade e adolescência, e a entrar no processo de profunda reestruturação e revisão crítica da atitude religiosa recebida por tradição, principalmente na família, convém que as suas ideias sejam corretas, claras e justificadas, e que a sua inserção eclesial tenha sido conseguida, sob pena de optar pela indiferença religiosa.

IV. OBJETIVOS

A catequese eclesial tem como objetivos a transmissão do conteúdo integral da fé e a inserção na vida da comunidade. Tendo em conta a progressividade da catequese, propõe-se nesta primeira etapa a inserção e o acolhimento na comunidade, pelo despertar religioso, a iniciação à vida cristã e à celebração dos sacramentos, principalmente do Batismo, sobretudo para quem é catecúmeno, da Reconciliação e da Eucaristia, para os já batizados.

Na definição destes objetivos, devem ter-se em conta os seguintes aspetos fundamentais:

- Partindo da situação específica de cada criança, é nesta etapa que ela desperta para a fé e a adesão a Jesus Cristo.
- Importa ajudá-la a descobrir Deus Pai e Jesus Cristo à luz do Evangelho.
- Partindo das experiências quotidianas, procure-se facultar a possibilidade de iluminar a sua vida com os valores do Reino.
- Trata-se de propor uma catequese ativa, que permita à criança fazer uma caminhada na descoberta da presença do Outro (Deus) e dos outros, em comunidade.

OBJETIVOS GERAIS DA PRIMEIRA ETAPA

- Aderir a Jesus Cristo, pelo conhecimento e a vivência do Mistério Cristão (cf. CT 20).
- Inserir-se gradualmente na vida litúrgica da Igreja: oração, descoberta do significado dos sacramentos, principalmente do Batismo, da Eucaristia e da Reconciliação (cf. CT 23 e 37).
- Desenvolver atitudes de fé, como resposta ao amor de Deus.
- Aprender a ser cristão, discípulo de Jesus, e a integrar-se progressivamente na comunidade cristã.

Objetivos gerais de cada ano

1º ANO – "JESUS GOSTA DE MIM"

- Proporcionar às crianças um bom acolhimento eclesial, pelos catequistas e por toda a comunidade cristã (cf. CT 16 e 24).
- Ajudá-las a conhecer, de modo vivencial e de acordo com as suas capacidades, alguns dos principais mistérios da fé cristã: Deus, Criador e Amigo que cuida de nós; Jesus, na sua relação única com o Pai e o Espírito Santo; a Igreja, como família de Deus.
- Motivá-las para a adesão a Jesus e a celebração da fé na comunidade cristã, levando-as a participar na sua vida litúrgica e experiência de oração.
- Ajudá-las a assumir atitudes de louvor, de gratidão e de amor a Deus e aos irmãos.

2º ANO – "ENSINA-NOS A REZAR"

- Proporcionar às crianças um maior conhecimento de Jesus, como Filho de Deus, em ordem a um encontro mais pessoal e íntimo com Ele (cf. CT 5).
- Levá-las a descobrir que o Pai de Jesus é também nosso Pai e que, por isso, em união com Jesus todos somos irmãos.
- Aprofundar a sua adesão a Jesus e a sua experiência de fé, na comunidade cristã a que pertence, continuando a integrá-las na vida litúrgica e de oração.
- Ajudá-las a assumir atitudes de escuta, obediência, respeito, verdade e amor a Deus e aos irmãos.

3º ANO – "QUEREMOS SEGUIR JESUS"

- Motivar as crianças para o seguimento de Jesus e a consequente inserção na Igreja.
- Aprofundar o seu conhecimento vivencial do mistério cristão.
- Despertá-las para a conversão e adesão a Deus, em ordem à educação moral da consciência.
- Levá-las a participar ativamente na vida litúrgica, a fazerem experiências de oração e a prepararem-se para a celebração dos sacramentos da Eucaristia e Reconciliação (do Batismo e Eucaristia se a criança não for batizada, preparando-a também para a compreensão e posterior receção da Reconciliação).

V. CONTEÚDOS

No centro do itinerário catequético da primeira etapa da infância, está a descoberta da pessoa de Jesus Cristo e o encontro com Ele. Ele é "o Caminho, a Verdade e a Vida; e a vida cristã consiste em seguir a Cristo" (CT 5).

1º ANO – "JESUS GOSTA DE MIM"

"Jesus chama-nos" – 1º bloco

No primeiro bloco, os catequizandos são levados a descobrir que são chamados por Jesus para a catequese e, se for o caso, a fazerem o seu despertar religioso.

Assim, as primeiras catequeses são essencialmente de descoberta:

- da existência de Jesus e, por meio dele, de Deus como Amigo e Criador, que cuida de nós e nos faz crescer, nos fala através de sacerdotes, leitores e catequistas;
- dos vários espaços da sua casa e do grupo dos seus amigos, a comunidade cristã que os acolhe e na qual são convidados a integrar-se.

Nas últimas catequeses deste bloco, as crianças descobrem Maria como a escolhida por Deus para ser Mãe de Jesus. Ela acolhe, na Anunciação, o dom de Deus: ser Mãe do seu Filho Jesus. No seguimento disto, as crianças são iniciadas na descoberta do verdadeiro sentido do Natal.

"Um Menino chamado Jesus" – 2º bloco

No segundo bloco, Jesus é apresentado, em primeiro lugar, como um menino que cresce em estatura, em sabedoria e graça: que ama os seus pais e lhes obedece e que também ama o seu Pai do Céu e faz a sua vontade. Depois de este contacto com Jesus, as crianças são levadas a vê-lo como o grande Amigo, que nos ama ao ponto de dar a vida por nós, e que nos revela como podemos comunicar com ele e amá-lo.

Na parte final, são convidadas a entender e a viver em comunidade a Páscoa como a festa que celebra a ressurreição de Jesus.

"Nós somos do grupo de Jesus" – 3º bloco

Os últimos encontros realizam-se no contexto do tempo pascal. As crianças, como os discípulos de então, são convidadas a anunciar a Boa Nova de que Jesus ressuscitou e atua no meio de nós, nomeadamente através da presença do Espírito Santo. Deste modo a própria criança entra no mistério: é o Espírito Santo que faz crescer o número dos cristãos e que nos faz acreditar que Jesus está para sempre connosco.

No decorrer deste primeiro ano, as crianças são convidadas a assimilar e memorizar as seguintes **fórmulas, para exprimirem a sua fé**: Avé-Maria, orações da manhã e da noite, sinal da cruz, Glória ao Pai e outras orações simples de louvor e ainda breves textos bíblicos.

2º ANO – "ENSINA-NOS A REZAR"

No 2º ano, procura-se aprofundar o conhecimento de Jesus e de outros conteúdos introduzidos no 1º ano. Nesta continuidade temática, respeitem-se as características psicológicas dos destinatários.

"Queremos conhecer Jesus" – 1º bloco

Nos primeiros encontros, aprofunda-se o conhecimento de Jesus, retomando-se temas apenas introduzidos no ano anterior. Assim, Jesus é apresentado como uma pessoa que, sendo em parte como nós, gostamos de escutar e de seguir como modelo. Com Ele, as crianças são motivadas para amar, respeitar, obedecer e dizer a verdade, na catequese, em família, na escola e na comunidade a que pertencem.

Nas catequeses antes do Natal, Jesus é apresentado como o Filho de Deus, o Deus connosco. Pela sua encarnação, Deus dá-nos Jesus; e Maria, sua Mãe é, por isso, a bendita entre as mulheres.

"Aprendo a dizer «Pai-Nosso»" – 2º bloco

Após o Natal, o Batismo de Jesus é visto como manifestação do amor de Deus Pai e arranque da sua atividade messiânica de anunciar o Reino de Deus.

É de Deus que, nos encontros seguintes, Jesus nos fala: como seu Pai e nosso Pai. Com isso, e ao mesmo tempo, as crianças vão sendo progressivamente introduzidas na oração que Jesus nos deixou como modelo. À medida que a vão aprendendo e compreendendo o sentido das suas palavras, serão motivadas para fazerem dela a expressão da sua fé que será iniciada na oração, nomeadamente, na oração em Igreja.

Termina-se com uma referência vivencial ao Mistério Pascal: Jesus, entregando-se ao Pai pela oração, deu a vida por nós e, pela ressurreição, venceu a morte.

"Em Jesus somos irmãos" – 3º bloco

Nestes encontros, as crianças são levadas a redescobrir e a celebrar, em comunidade, que Jesus Cristo está vivo e vive connosco, pelo Espírito Santo que faz de nós Filhos de Deus, irmãos em Cristo e membros da Igreja, principalmente pelo Batismo.

O tema dos últimos encontros é o mandamento do amor a Deus e ao próximo, ensinado por Jesus durante a sua vida pública e realizado por Ele sobretudo na sua morte e ressurreição. Encerra-se o ano com a entrega solene da oração do Pai-Nosso, no seio da comunidade.

Ao longo deste ano, as crianças são convidadas a assimilar e memorizar as seguintes **fórmulas com que exprimem a sua fé**: Pai-Nosso, orações antes e depois das refeições, algumas fórmulas litúrgicas, breves textos bíblicos e pequenos extratos de salmos de louvor.

3º ANO – "QUEREMOS SEGUIR JESUS"

No 3º ano continua a aprofundar-se a fé e a adesão a Cristo e a incentivar-se a uma maior inserção na comunidade, no respeito pela evolução das características psicológicas das crianças.

"Eu creio!" – 1º bloco

Até ao Natal procura-se que as crianças, ao aprofundar a sua fé em Deus e em Jesus, se disponham a segui-l'O, possam confessar de modo convicto: "Eu creio que sois Cristo!" e celebrar, na comunidade cristã a que pertencem, o Amor de Deus por todos os seus filhos, experimentado e assumido sobretudo no Batismo.

No tempo do Advento são preparadas para a vinda do Senhor, na perspetiva do seguimento de Jesus: respondendo ao convite de João Batista, olhando para José, pai adotivo de Jesus, como um homem justo e associando-se a Maria no acolhimento do Filho de Deus.

No Natal é acentuada a sua dimensão familiar e eclesial, relacionando-a com o Batismo e a felicidade de pertencer a Cristo.

"A vida nova" – 2º bloco

As crianças, após uma síntese sobre o Batismo, são introduzidas nos restantes sacramentos da iniciação cristã, com especial relevo para o da Eucaristia; são ainda preparadas para o sacramento da Penitência, até à sua celebração. Havendo tempo, aprendem também a conhecer e viver o outro sacramento de cura, a Unção dos Enfermos. Em todos eles, são motivadas para acolher a vida nova que Deus, por meio deles, lhes oferece, sempre na perspetiva do seguimento de Jesus e como membros ativos da comunidade cristã, vista primariamente como corpo de Cristo.

Para a celebração da Penitência, são confrontadas, primeiro, com o pecado – como rejeição livre e destrutiva do amor de Deus, proposto por Jesus e vivido em Igreja – segundo, com a oferta do perdão – também ela expressão do amor paciente e paterno de Deus – em ordem a acolhê-lo, pelo reconhecimento da culpa e pela conversão, principalmente na festa do perdão.

Na vivência do Mistério Pascal, é realçado o significado da última Ceia de Jesus, como memorial eucarístico da sua morte e ressurreição.

"A comunhão com Cristo e os irmãos" – 3º bloco

Depois da preparação no bloco anterior, este começa com a celebração da Primeira Comunhão, dada a relação íntima entre a Eucaristia e o acontecimento pascal. Segue-se um aprofundamento do mistério eucarístico, de carácter mistagógico, isto é, a partir da vivência eucarística das crianças, no qual é inserido também o Domingo, como dia especial da Eucaristia, vivida em Igreja.

Os sacramentos do serviço de comunhão (Ordem e Matrimónio) aparecem enraizados no mesmo dom da vida por parte de Jesus e como contributo imprescindível para a construção da Igreja.

Depois de uma visão de conjunto de todos os sacramentos, na sua relação com as principais etapas da vida cristã, as crianças são motivadas para se manterem no seguimento fiel de Jesus, designadamente pela participação comunitária na Eucaristia.

Ao longo deste ano, as crianças são levadas a assimilar e memorizar breves e variadas sínteses dos conteúdos de cada encontro catequético, com relevo para as **orações e fórmulas expressivas da sua fé**, usadas principalmente nas celebrações **da Eucaristia e da Penitência**.

VI. ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Como diz o Directório Geral da Catequese, "a tarefa do catequista é proporcionar o verdadeiro encontro da pessoa com Deus, o que significa proporcionar-lhe que ela faça da sua relação com Deus uma relação central e pessoal, para se deixar guiar por Ele" (DGC 139). Assim, todo o método empregado na catequese está ao serviço da conversão entendida como adesão afetiva e efetiva à pessoa de Jesus Cristo.

   É para esse encontro que se orienta a pedagogia catequética, inspirada e modelada pela pedagogia de Deus e que procura essencialmente situar o ser humano na história do povo de Deus e educá-lo no seguimento de Cristo. A pedagogia divina – do dom, da encarnação e do sinal – é fonte inspiradora da pedagogia da fé (cf. DGC 143).

   A metodologia proposta vai ter em conta, por um lado, as características psicológicas da criança e a sua situação familiar, social e eclesial; por outro, os conteúdos doutrinais, apresentados de uma forma orgânica e progressiva.

   Pretende-se, assim, respeitar a lei fundamental da catequese: fidelidade a Deus e ao ser humano. Podem encontrar-se sinais da revelação divina na experiência de cada um. O importante é saber captá-los e aprofundá-los.

   A forma de concretizar esta dupla fidelidade varia consoante as acentuações de cada catequese e a situação do grupo dos catequizandos.

   Por exemplo, para as crianças provenientes de um ambiente descristianizado, a abordagem aos sinais e às palavras eclesiais tem de ser mais lenta e simples, porque não estão familiarizadas com estes. Também a vivência num ambiente centrado, apenas, nas dimensões cientifico-técnicas da realidade tende a fechar a pessoa ao transcendente. Por outro lado, as crianças de meios rurais convivem mais com os elementos da natureza e talvez estejam mais dispostas para os interpretar à luz da fé. As crianças de meios urbanos talvez estejam mais familiarizadas com os meios audiovisuais e tenham uma maior riqueza de linguagem icónica. Para todos, geralmente se verifica que apresentam algumas dificuldades ao nível da linguagem verbal oral, com um vocabulário empobrecido pelo detrimento a que o uso da imagem o vota e, consequentemente, apresentam, nestes três anos, menos progressos na leitura e na escrita do que seria de esperar.

   Outra realidade que condiciona as crianças e se deve ter em conta na catequese, é o ambiente familiar: estrutura familiar, vivência do amor, situação económica, participação na vida da comunidade cristã, etc. Particular cuidado merecem as crianças em situação de institucionalização ou, por qualquer motivo, afastadas do seu núcleo familiar de origem.

Muitas haverá que vivem apenas com um dos membros do par parental e, até, entregues aos avós. Todas estas situações merecem um cuidado extremo e muita delicadeza no trato.

Semelhante preocupação pedagógica é a de estabelecer uma ligação entre a vida dos catequizandos e a mensagem que vai sendo proclamada, em ordem à sua compreensão e aceitação. Sob este ponto de vista, o catequista deve ter presente tanto a importância da vida familiar – pelo que procurará conhecer as famílias e, tanto quanto possível, interagir com elas – como da vida na escola, espaço de relação com os pares, de descoberta da diversidade social e ocupação quotidiana de larga duração. É nestes espaços, também, que as crianças vão poder colocar em prática os seus propósitos de nova vida em Cristo, pelo que a catequese deve reconhecê-los e acarinhá-los.

Para tudo isto, exige-se de cada catequese uma dinâmica ativa que proporcione a participação constante e gere unidade entre a fé e a vida. Igualmente relevante é a capacidade do catequista para avaliar a evolução de cada criança e a ensinar a avaliar a sua própria vivência. É reconhecendo os seus esforços e verificando os seus resultados que caminham no aperfeiçoamento da mente e do coração.

2. Sem pretender que cada catequese seja rigidamente compartimentada, mas apenas para uma maior facilidade didática, os encontros apresentam-se organizados em três momentos:

Experiência humana

A experiência humana é o caminho para chegar ao conhecimento de si mesmo, ao encontro com Deus e à verdade das coisas. São as experiências que já vivemos que nos convidam a entrar mais profundamente na realidade e a vincular-nos com o que ela supõe e significa. O sentido da vida – e também da vida na fé – vai-se construindo com a adaptação à realidade, a autodescoberta das nossas possibilidades e a comprovação do que é possível fazer para mudar e melhorar a realidade.

Como o humano é o lugar idóneo, imediato e universal em que cada pessoa define o sentido da sua vida, do ponto de vista da pedagogia catequética, tal compreende a vida humana e cristã das crianças e a sua capacidade de reflexão sobre ela, numa matriz espiritual e religiosa de natureza existencial.

Todo o ser humano, como imagem de Deus, está aberto ao mistério. Precisamente por isso, quando reflete de um modo mais profundo sobre a sua experiência, sente que tem sede de algo mais do que aquilo com que, imediatamente, se depara. É para saciar essa sede que é oferecida a vida que jorra do mistério de Cristo; é nas interrogações que se nos levantam que Deus aparece como resposta à procura por parte da pessoa. O que está em causa é a "atenção constante ao ser humano" (ATV, Orientações 6) e a

noção de que, como a fé, de que forma parte, a experiência religiosa tem a sua origem na presença do mistério e na iniciativa que esta presença origina. Deus está presente no ser e na vida quotidiana da pessoa. Esta presença, por ser pessoal, reclama a liberdade do sujeito, requer o seu reconhecimento. A experiência humana de cada um pode potenciar ou dificultar esse reconhecimento e aceitação. Para que a voz de Deus possa ser ouvida, a pessoa, desde a infância, deve aprender a olhar e olhar-se para além da sua superfície, a exercitar o seu espírito e a capacitar-se para, por si mesma, descobrir a presença de Deus e lhe dar uma resposta adequada.

Neste quadro, a experiência humana, como aqui a invocamos, deve proporcionar reflexão, gerar desejo de Deus e deixar transparecer os signos de transcendência presentes na vida das crianças enquanto percebidos por estas, isto é, oportunidades estruturadas de iluminar e interpretar a experiência à luz da fé.

Palavra

A palavra tem três funções: nomear a realidade, expressar a realidade interior do ser humano e interpelar. Por sua vez, a Palavra de Deus consiste na comunicação – nomeação, expressão e interpelação – da mensagem cristã, para dar sentido à existência humana e abrir ao mistério da salvação. A semente da Palavra frutifica na mente e no coração humanos por ação do Espírito e, embora a fé tenha um importante papel que escapa ao catequista, é necessário trabalhá-la quanto às condições humanas da pessoa ou a sua situação.

Neste sentido, o trabalho pedagógico em torno da Palavra deve educar para a admiração, desenvolver o sentido do profundo e despertar para ver para além das aparências. É também essencial que se criem condições para o compromisso da criança com o mundo, facultando-lhe um vocabulário que lhe permita compreender e expressar o seu mundo interior e a sua perceção do mundo exterior, desenvolver a capacidade de escuta e de comunicação e educar o sentido da responsabilidade perante o mundo concreto em que vive, adotando compromissos de acordo com as suas descobertas.

A palavra de Deus – que devido à dimensão cristocêntrica da revelação bíblica (Cristo como chave de tudo e eixo da história da salvação) é, nestes catecismos, sobretudo do Novo Testamento – vem iluminar a experiência humana. A catequese "deve estar totalmente impregnada pelo pensamento, o espírito e as atitudes bíblicas e evangélicas, através de um contacto assíduo com os próprios textos" (CT 27).

Expressão de Fé

Trata-se da manifestação de fé nas suas diferentes formas: proclamação de verdades reveladas, oração em sentido mais restrito, celebração e compromisso cristão na vida. Quando o catequizando for capaz de confessar a fé, na sua vida, em Igreja, com a sua memória, inteligência e coração, o processo catequético chegou ao seu cume. Porquê?

Na confissão de fé, que une a catequese ao Batismo, dá-se o encontro de comunhão com Jesus Cristo.

A finalidade da ação catequética é precisamente a de proporcionar a viva, explícita e operante profissão/expressão da fé, pelo que a catequese é sempre uma iniciação sistemática e ordenada à revelação de Deus, feito homem em Jesus Cristo, conservada na memória da Igreja e comunicada pela tradição viva e ativa (cf. DGC 66).

É neste âmbito que se situa a relação entre **a catequese e a liturgia** que, no entanto, se tem fragilizado, talvez pelo facto de os catequistas se preocuparem, sobretudo, com acentuar a dimensão antropológica da catequese e o compromisso com a transformação da realidade mundana. Mas a liturgia, considerada na sua globalidade, tem uma clara dimensão educativa. Catequese e liturgia são duas dimensões de uma mesma realidade. Por um lado, toda a celebração tem uma dimensão catequética: proclama-se a Palavra de Deus e esta é explicitada e vivida, através da homilia e dos ritos, para que o crente capte a atualização da salvação de Deus, aqui e agora, para a comunidade celebrante. Por outro lado, a catequese tem de iniciar à celebração litúrgica, já que ela "é uma formação cristã integral, aberta a todas as esferas da vida cristã. Em virtude da sua mesma dinâmica interna, a fé pede para ser conhecida, celebrada, vivida e feita oração. A catequese deve cultivar cada uma destas dimensões" (DGC 84).

Esta questão é ainda mais relevante numa fase do itinerário catequético, como esta, cujo objetivo é a educação e iniciação sacramental dos crentes, a partir da riqueza e beleza dos ritos, gestos, símbolos, atitudes, calendário litúrgico, etc., constitutivos das celebrações. Com a vantagem de ser a mais ativa das pedagogias: experimenta a presença e ação de Cristo na Sua Igreja.

Por isso, os momentos de expressão de fé semanais devem ser bem preparados e sentidos pelo catequista. Apesar de, na maioria dos casos, ser um dos momentos finais de cada catequese, não devem ser vividos com pressa e dispersão. É sobretudo nessas alturas que as crianças começam a preparar-se para as Celebrações propostas pelo itinerário, vivendo-as já durante a sua preparação.

Um dos seus maiores resultados está em levar a entender e viver toda a vida como celebração: como oferenda espiritual do crente no seu dia a dia (cf. DGC 87), vivido na presença de Deus, que chama continuamente a sair da morte para a vida, como Cristo e com Ele. Toda a vida se converte, assim, numa expressão de fé que atua pela caridade.

3. Para a preparação de cada encontro são apresentadas algumas **observações pedagógicas**. Com elas se pretende despertar o catequista para a necessidade de uma pedagogia ativa, participativa e dinâmica, em que se desenvolvam as competências de interpretação, de descoberta, de raciocínio, de leitura simbólica, em que pode entrar o trabalho de grupo, o uso do audiovisual, as atividades artísticas (como a pintura, o desenho, o jogo, a dança e a música), muitas formas de reflexão e de expressão.

As crianças desta fase precisam de um ambiente rico de símbolos litúrgicos e de sinais que manifestem os valores fundamentais do Evangelho e sustentem uma verdadeira experiência religiosa. Elas apreendem mais por imitação e pelo ambiente de fé que as rodeia, do que pelas palavras que ouvem. Daí se conclui que o instrumento pedagógico mais importante do ato de desenvolver e educar a fé é o **testemunho do catequista**, a força emocional e intelectual que coloca na transmissão das verdades da fé e da sua experiência de descoberta e relação com Deus. Portanto, a primeira medida pedagógica ao serviço da catequese é o esforço de aprofundamento e vivência da fé que faz o catequista, na qual a assiduidade aos sacramentos tem um papel fulcral.

Além disto, nesta etapa de crescimento, fazer e construir é mais eficaz do que ver ou assistir, uma vez que os catequizandos se encontram numa etapa caracterizada pela transição do pensamento pré-operatório, pré-lógico, para o raciocínio concreto, em que a capacidade de abstração e a competência para compreender conceitos de natureza teológica é reduzido. No entanto, essa limitação é bastante compensada pela crescente vontade de aprender, pelo aumento progressivo da capacidade de concentração, pelo gosto que proporciona a descoberta baseada na iniciativa própria e pela disponibilidade e importância do jogo, como treino essencial das competências simbólicas e experiência de criar relação entre o mundo interno da criança e a realidade externa. Por exemplo, participar numa dramatização é mais eficaz do que assistir ou ouvir, apenas, a narração do episódio. Mas a participação ativa e criativa dos catequizandos não é só pedida pela sua psicologia ou as leis da comunicação, mas, essencialmente pela **dinâmica interna da revelação cristã**, pela necessidade de exercitar a atividade da fé, da esperança e da caridade (cf. DGC 157).

Além disso, a importância do grupo e o interesse em trabalhar e brincar em conjunto é muito propícia à criação de uma pequena comunidade de fé em que se faz, em conjunto, tanto o que é ordinário como o que é extraordinário. No entanto, deve o catequista ter em consideração que a pedagogia ativa e centrada no catequizando – embora seja a mais adequada para lançar e cimentar uma fé viva e consequente e aquela que mais cria na catequese um ambiente de experiência religiosa, e não de aulas – é morosa e exigente. Para que esse clima pedagógico possa ser vivido com o grupo, o bom ambiente no grupo, a relação entre as crianças e de cada uma delas com o catequista – **a relação pedagógica e humana** – constituem os primeiros objetivos a trabalhar, condição indispensável para que o trabalho flua com empenho, participação, concentração e abundante fruto, como se deseja. Caso contrário, a ênfase acaba por ser colocada na manutenção da disciplina e na dificuldade em levar a cabo as estratégias planeadas, e a atividade solicitada às crianças, em vez de concentrar, dispersa.

Nos primeiros anos do itinerário da catequese, isto é, durante esta etapa, para que a criança se vá integrando e amadurecendo as suas atitudes, convém que nos diversos encontros seja ajudada a assumir o ritmo da catequese, através do domínio corporal (ter

controlo nas mãos, na boca, nos pés, e em geral, sobre as suas atitudes), da descoberta do valor do silêncio, do gosto pela ordem (entrada e saída ordenada, disposição na sala), da capacidade de escuta, do conhecimento mútuo, do pensamento crítico... Para tal, o catequista recorrerá a jogos, cânticos ou exercícios práticos, sempre que for necessário recordar ou treinar estas aprendizagens atitudinais.

VII. PERFIL DO CATEQUISTA

O catequista é um cristão chamado por Deus para a missão de anunciar Jesus Cristo Ressuscitado e o projeto de Deus para todos os homens. É sob a ação do Espírito Santo que se torna porta-voz duma mensagem de Deus, testemunha do Seu Reino, para as crianças que lhe são confiadas.

O catequista é portador de um convite a cada criança, para que, a partir da sua situação pessoal, inicie o desabrochar da sua fé, a sua adesão a Jesus Cristo e a sua inserção na comunidade cristã, aperfeiçoando progressivamente uma vida teologal alicerçada na razão, nos sentimentos, na atividade e na dimensão comunitária da fé e em que conhecimento teológico, iniciação sacramental, educação moral e introdução na comunidade de crentes se adaptam às crianças e promovem a sua maturidade.

Estas tarefas não são fáceis e, ainda que nenhum catequista, como qualquer educador, seja perfeito, há características que deve ter, procurando desenvolvê-las e aperfeiçoá-las de modo ativo e intencional.

a) **Fidelidade a Deus e atenção ao grupo**

O catequista deve apresentar a mensagem de Deus de um modo, ao mesmo tempo, **fiel às mensagens e adaptado ao grupo**. Na adaptação, na comunicação da Palavra revelada, "deve permanecer a lei de toda evangelização" (DGC 169).

O catequista partilha a sua fé, que nasce e se alimenta do Evangelho que anuncia. Esta fidelidade exige o respeito pelo sentido original e mais profundo da Palavra, tal qual é entendida pela Igreja. A Palavra não pode ser manipulada por interpretações particulares, modas passageiras ou preferências subjetivas. Esta fidelidade implica também que o catequista não selecione os aspetos mais fáceis de comunicar, deixando os outros, porventura muito mais importantes, no esquecimento. Implica uma grande humildade diante da Palavra, deixar-se julgar por ela, transformar-se por ela, e não o contrário. Aquilo que deve procurar adaptar é, tão-somente, as escolhas pedagógicas, selecionando o melhor veículo como aquele que mantém a integridade da mensagem enquanto a torna acessível e aceitável para os destinatários, tal como o próprio Cristo o fez, enquanto pregava.

O catequista tem também de ser fiel ao grupo a que se dirige. Um grupo cristão não é só um lugar de aprendizagem, mas um grupo chamado a viver uma experiência de comunidade cristã que conduz, ativamente, à participação na vida eclesial e que tem como fonte e cume, a celebração da eucaristia. Neste sentido, o catequista é, também, um construtor de comunidades, através de uma permanente atitude de acolhimento e de escuta de cada um dos catequizandos que lhe está confiado, e do exemplo humano e cristão que proporciona. É um amigo que valoriza as descobertas e atitudes de cada um, ainda que por vezes sejam incompletas e ambíguas, mas é, igualmente, um adulto maduro que sabe proteger, corrigir e orientar, um educador, no sentido pleno do termo.

Ser fiel ao grupo exige levar a sério as suas experiências de vida, esforçar-se por chegar à criança em concreto, com as suas interrogações, recusas e anseios. Ser fiel supõe respeitar a liberdade da criança e as etapas por que passam a sua vida e a sua fé. Ser fiel ao grupo supõe o respeito por todas as opiniões dos elementos do grupo e a capacidade de não fazer juízos de valor. Falhas, cansaços e desilusões hão de ser vistos como passos necessários, dentro do longo processo de amadurecimento dos catequizandos. Desta forma, a maturidade do catequista ajudá-lo-á a lidar com os erros dos catequizandos e a integrar, adequada e sensatamente, as suas opiniões e experiências, guiando-os na procura da verdade.

O catequista é sobretudo alguém que testemunha a sua fé com clareza, convicção e alegria. Atitudes que são, já por si próprias, expressão de fé, uma vez que fazem parte da mensagem em que acredita, pois têm a sua origem em Deus.

b) A atitude do catequista

A forma de atuar do catequista – a sua atitude no grupo, a sua maneira de estar e de se relacionar, o modo como apresenta a mensagem – é fundamental para a educação da fé.

Em catequese, a atitude pedagógica correta é aquela que leva a criar um ambiente de amizade, confiança e liberdade; faz com que cada membro do grupo se sinta amado, reconhecido e aceite, para que possa participar livremente, de acordo com as suas capacidades. Há que desenvolver um clima que convide à criatividade e à participação empenhada. Mas não se esqueça de que a educação da fé, tal como qualquer outro processo educativo, exige **um rumo definido e objetivos claros**.

O catequista deve conservar a sua autoridade, como um amigo mais velho, de forma discreta, mas ativa e dinâmica, orientada em favor do grupo. Essa autoridade, baseada nos valores do Evangelho e no exercício da caridade, deve ser exercida como parte da responsabilidade do catequista e como parte das necessidades educativas das crianças. A educação exige condições para aprender, interesse na aprendizagem, curiosidade e atenção. Só pelo devido exercício de uma autoridade que se baseia no saber e na capacidade moral do educador tomar decisões, se criam essas condições e assim se

está em condições de propor, com clareza, os objetivos a alcançar, apresentar os temas a desenvolver, procurar as dinâmicas de trabalho mais adequadas. Essa autoridade deve exercer-se no sentido não de ***dirigir*** – dar ordens, controlar, emitir leis ou ideais que não se discutirão – aplicar um padrão imutável e único, mas de ***formar*** – colocar perante uma novidade, envolver, transformar; integrar a diferença, "caminhar com", respeitar ritmos diferentes, ajudar a **crescer** na fé.

c) **Um novo estilo de relação**

O catequista, liberto das tentações do "deixar fazer" e do "dirigismo", tem que ensaiar um estilo de relação, que seja criador de comunidade, que suscite, em todos os membros do grupo, a vontade de participação, em ordem ao trabalho comum e a uma sadia convivência, ciente de que a pessoa se constrói na relação e a fé amadurece num autêntico clima comunitário.

Para tal, é necessário:

- **Ajudar a amadurecer.** Os membros do grupo movem-se entre formas de relação infantis e outras mais maduras. O catequista saberá distingui-las e ajudar a superar as que não levam ao crescimento. É dependência infantil a excessiva identificação da criança com o catequista, que se converte em ídolo, sabe tudo, decide tudo e concretiza tudo. Neste caso, a criança vem à catequese pelo catequista e não por querer descobrir mais sobre Deus, Jesus...

  O catequista realiza verdadeiramente a sua missão se aprende a "desaparecer", continuando presente e próximo do grupo e de cada um. Fá-lo, quando procura que, no grupo, cada um construa a sua própria personalidade. A pedagogia de Deus, revelada em Jesus, é a do dom, da proposta, do respeito pela pessoa e seus dinamismos.

- **Criar uma relação libertadora.** O catequista procure um estilo de relação que permita aos membros do grupo ser os atores principais da sua própria educação. Trata-se duma educação libertadora na fé, de promoção humana dentro do plano de Deus (cf. EN 30-39). Para isso, o catequista deve:

  - Convidar à ação, motivando os catequizandos para descobrirem as coisas por eles mesmos, desenvolverem atitudes e capacidades, criarem formas originais de expressão de fé, sem medo de se relacionar e de comunicar. Mas a ação perde-se, se não é interiorizada pela reflexão. Para isso, necessitam também de aprender a fazer silêncio, deixando-se interpelar pela Palavra.
  - Estar atento a cada catequizando, disponível para partilhar a sua vida e animá-lo a superar as dificuldades. E isto, não só no encontro, mas durante a semana, numa profunda amizade.

- Ser autêntico, como um adulto na fé, que cumpre a sua missão com convicções, entusiasmo e em nome da Igreja. A autenticidade da vida na fé que encontra a sua raiz e inspiração na aproximação aos sacramentos.
- Ter, como atitudes construtivas de um relacionamento libertador, amor, disponibilidade, alegria de viver; exigência e, simultaneamente, compreensão; justiça para com todos; aceitação de si próprio e ajuda aos outros.
- No campo da fé, deve, ao mesmo tempo, aceitar-se no nível de maturidade cristã e deixar-se interpelar pelo grupo, como voz do Espírito. Quando se fala do grupo na catequese, **o catequista também faz parte desse grupo** e, embora seja determinante a sua vida de fé, já amadurecida, a vida do grupo, embora não seja o espaço adequado para experiências e mecanismos de compensação, é mais uma oportunidade de o catequista crescer humana e espiritualmente.

d) Atitudes básicas do catequista

O catequista deve:

* **Confiar**

Reconhece os valores pessoais da criança, ainda que frágeis ou confusos. As crianças intuem com facilidade esta confiança. A confiança não se diz, manifesta-se. O catequista saberá dar-lhes um apoio especial nos momentos críticos e valorizar o seu desejo de descobrir, de jogar, a sua capacidade de iniciativa, de desenvolver o sentido crítico.

* **Respeitar**

Não pode cair na tentação de manipular as pessoas, impor saberes, maneiras de ver, critérios de atuar, mesmo que lhe pareçam os mais adequados. Deve, sim, propor os critérios que brotam da Palavra, suscitando a liberdade na escolha do bem. Nesse sentido, deve esforçar-se ativamente por aceitar cada catequizando como é, acreditando no poder salvador de Cristo. E, como Ele, opta por uma atenção personalizada e sabe ter imensa paciência. Não desiste nem abandona mas encara as dificuldades como oportunidades.

* **Criar um clima propício à comunicação**

O grupo avança quando os membros se sentem bem e livres para expressar as suas ideias, sentimentos, projetos, dúvidas e interrogações, o que são e o que vivem. Por isso, é necessário desenvolver nos catequizandos competências de escuta, de silêncio, respeito pelo outro, de autocontrolo, de esperar pela sua vez para intervir. Isto exige que o catequista seja um bom comunicador e seja, simultaneamente, capaz de criar um clima de sinceridade e atenção. Cultiva a serenidade e tem um coração aberto a todos os catequizandos.

* **Ser testemunha da fé**

O catequista é uma pessoa de fé, capaz de a comunicar e partilhar com o grupo. Educa pela presença. Contagia pelo testemunho alegre de vida. Vive em comunidade e educa para a dimensão comunitária da fé e da vida. É rosto e porta-voz da Igreja e testemunha da vivência de fé da comunidade (ATV, Orientações 5).

***Ser adulto nas suas responsabilidades e compromissos**

Educar é sempre uma tarefa muito complexa que exige competências sociais e morais diversas – como as acabadas de descrever – e um compromisso para com as tarefas a levar a cabo. Neste sentido, o catequista deve aderir **à tarefa que a Comunidade de Fé lhe propõe**, determinando-se a trabalhar com afinco e profundidade: em primeiro lugar, vivendo maduramente a sua fé, com particular atenção e assiduidade à escuta da Palavra, aos sacramentos e à oração pessoal; em segundo lugar, reservando, nas suas atividades quotidianas, tempo para se preparar e preparar cada encontro de catequese, nomeadamente através de uma leitura atenta do Guia do Catequista.

e) **Em síntese...**

O catequista aceita o papel de educador, consciente, por um lado, do risco, do desafio e do esforço e, por outro, da realização cristã e da felicidade que isso traz. Por isso, procura continuamente aprofundar os seus conhecimentos e a sua vivência de fé e é capaz de a partilhar, como algo imprescindível e valioso para o cristão, preparando-se devidamente e aplicando-se com entusiasmo na implementação.

VIII. O CATECISMO E OS MATERIAIS DE APOIO

1. O **catecismo** é o livro do catequizando.

É indispensável para o encontro catequético, pelas seguintes razões:

- Contém imagens, que servem para o motivar, dinamizar a aprendizagem e ilustrar os conceitos principais;
- Apresenta os textos da Palavra a utilizar em momentos de reflexão individual ou de grupo;
- Oferece sínteses que resumem a mensagem de cada catequese e ajudarão a criança a guardar "na memória e no coração" o essencial de cada encontro;
- Propõe, pelo menos, um «Compromisso» semanal, com pequenas tarefas que a criança deve realizar durante a semana, centradas no seu quotidiano e que exprimem o modo de viver cristão anteriormente trabalhado, assim como o espaço para a criança avaliar o seu cumprimento, pois o hábito favorece a virtude;

- Apresenta orações, cânticos, passagens de salmos e outros meios para a expressão de fé (desenho, pintura, fotografia, texto...);
- Contém, juntamente com sugestões de trabalho individual ou em família, uma mensagem em que se procura envolver a família da criança na catequese – «Em família» – nalguns casos com convites às famílias para participarem, nomeadamente em diversas celebrações. Ajuda a família a acompanhar o trabalho que é feito na catequese.

O catecismo tem, assim, duas funções muito importantes:

- Ajudar a criança a **fazer memória**, registando o fundamental de cada catequese – e, mesmo, das diversas Celebrações – apelando à atividade da criança, com desenhos, fotos, textos que relatem a experiência do seu crescimento na fé;
- **Mostrar às famílias** o que as crianças estão a aprender, contribuindo para a sua evangelização através dos filhos e netos, razão pela qual o «Em Família» foi colocado no próprio catecismo, procurando que se torne, também, o resumo da sua fé.

Com tudo isto, procura-se corresponder à orientação dos nossos Bispos: "A função do catecismo é servir de apoio a uma experiência de fé que nasce e cresce, proporcionando-lhe desenvolvimento e expressão. Não substitui uma experiência de iniciação. Deve, antes, apoiá-la enquanto ela exige inteligência e conteúdo. Por isso, deve ser de estilo «mistagógico», no sentido de conduzir ao encontro vivo com Cristo" (ATV, Orientações 7).

Por todas estas razões, o catequista deve ler – antes de começar o ano catequético – todo o Catecismo das crianças, para o conhecer bem e manusear sem hesitações.

2. Os **materiais de apoio** deverão ser abundantes e adequados:

- As músicas, nomeadamente em CD, têm especial atrativo, sublinhando, sobretudo, a dimensão estética do crer e mostrando, sensorial e sensivelmente, a dinâmica da fé e da conversão. Além disso, o cântico educa pela aprendizagem das palavras, pela exploração do sentido da mensagem. Os cânticos devem ser, por um lado, adequados, em estilo, à idade dos catequizandos e, por outro, ao conteúdo da catequese ritmo e letra, e foram esses os critérios usados na sua seleção. Alguns, pelo seu habitual uso litúrgico, facilitam a integração da catequese na vida da comunidade.
- As imagens e os dísticos favorecem a interiorização do essencial da mensagem, envolvendo o olhar com a escuta e motivando pela exploração das extraordinárias competências icónicas das crianças.

3. Este **Guia do Catequista** completa os materiais essenciais do catequista.

O Guia do Catequista é um instrumento pedagógico insubstituível, pois contém todas as indicações práticas necessárias à preparação e implementação da catequese, logo a partir da Introdução a cada catequese e começando pelo «Aprofundamento do tema». Numa perspetiva de verdadeira autoformação, este é o instrumento que lhe permitirá compreender o **sentido teológico e espiritual da catequese** a desenvolver, pelo que deve ser abordado com generosidade – pois, inicialmente, pode parecer longo – e com verdadeira atitude de escuta, pois o que, eventualmente, seja de mais difícil compreensão pela via da razão – foi escrito para adultos com alguma preparação doutrinal, como é devido a um catequista – pode ser explorado e entendido com o coração, humilde e bom, de quem ama a Deus e ao próximo.

Depois, o catequista deve analisar os «Objetivos», para ficar a saber, bem, **para que metas se dirige**, pois a educação ao acaso, sem rumo definido, é sempre improdutiva. De seguida, e para se situar melhor perante as suas exigências, recorre ao contributo das «Observações Pedagógicas». Depois, necessita de preparar os «Materiais» e as «Músicas», podendo recorrer aos materiais de apoio que para isso foram preparados na paróquia e/ou editados. Finalmente, abordará os textos do «Desenvolvimento da Catequese», procurando visualizar e imaginar as atividades, o modo como as crianças reagirão e as explicações que deverá dar, elaborando umas **fichas** com as etapas e conteúdos essenciais, que terá junto de si durante a catequese, pois não é adequado, nem nada prático, que oriente a catequese diretamente a partir do Guia. De todo este trabalho de planificação destaque-se, ainda, a preparação da «Palavra»: o catequista deve lê-la, atentamente, atempadamente, procurando-lhe o sentido e preparando, conscientemente, a forma como a sua leitura será feita com as crianças.

Uma boa preparação, cuidada e atenta, é a melhor garantia de que a catequese vai correr bem, as crianças vão participar com interesse e as aprendizagens vão ter lugar. Uma preparação bem feita também favorece a espontaneidade do catequista que, mais organizado, se sente confiante e à vontade no uso dos materiais e na interação com as crianças. As **Catequeses** que a seguir se apresentam são **25 (edição revista de 2017)**, garantindo que todas se poderão realizar ao longo do ano. Prevê-se que possam ser realizadas tranquilamente em cerca de 50 minutos. Com grupos maiores talvez se gaste mais tempo pela necessidade de ouvir as crianças, sendo que o **diálogo** com estas nunca deve ser suprimido ou acelerado. Na última Catequese, as crianças receberão o «**Álbum de Férias**», que recapitula e aprofunda o que foram descobrindo e aprendendo ao longo do ano, aproveitando as férias para crescer na fé e na prática do bem.

Introduziu-se, nas páginas que se seguem deste Guia do Catecismo 1, um **Plano Pedagógico do Catecismo** que ajuda o catequista a ter a visão global das atividades

a desenvolver e qual o calendário que deve estabelecer para as poder planificar atempadamente, nomeadamente as catequeses em que contará com algum convidado-participante, as Celebrações, as informações a enviar, com antecedência, aos pais, assim como a preparação ou aquisição de algum material especial.

PLANO PEDAGÓGICO DO CATECISMO 1

Cat	Objetivos	Experiência Humana	Palavra	Expressão de Fé	Compromisso	PLANIFICAÇÃO de ATIVIDADES
	BLOCO I ***Queremos conhecer Jesus***					
1	– Proporcionar um bom acolhimento às crianças; – Dar a conhecer a sala de catequese e os espaços envolventes; – Despertar uma expectativa positiva e motivadora face à catequese.	– Conhecemos novos amigos; – Conhecemos a nossa sala de catequese.		Aprendemos uma canção.	Desenhar-se a si própria a contar aos pais ou familiares como foi o primeiro encontro de catequese.	O catequista deve preparar o convívio/lanche com que termina esta catequese de acolhimento, contando com os pais e/ou encarregados de educação e acolhendo a todos na comunidade de fé.
2	– Compreender a catequese como descoberta de um amigo especial: JESUS; – Sentir Jesus como alguém muito especial; – Querer viver com Jesus em amizade.	Os nossos amigos; Quem nos ajuda a crescer; A Bíblia, o livro que nos ajuda a conhecer Jesus;	**Jo 15, 14-15** **"Vi o Senhor."**	Experimentar rezar pela observação e imitação do catequista: **Jesus, tu estás sempre perto de mim.** **De dia e de noite, tomas conta de mim.** **Obrigado!**	Desenhar os seus amigos e identificar as atitudes de amizade.	Preparar o convite para a Festa de Acolhimento que se vai realizar na próxima semana. Preparar um cartão para entregar aos Pais com as indicações para a criança explorar em casa as páginas relativas à Festa, no catecismo. Preparar as pagelas a entregar na Festa.
3	– Sentir-se acolhido pela comunidade; – Celebrar em comunidade o início de uma caminhada de Fé; – Despertar o desejo de participar na catequese com interesse e alegria. FESTA DO ACOLHIMENTO	– Eucaristia Dominical ---------	---------- **Evangelho** *(do dia, ou Mc 10, 13-16)*	---------- Compromisso dos Pais, Catequistas e Crianças.	Entregar aos Pais um cartão indicando como a criança deve ser ajudada em casa a explorar no catecismo as páginas correspondentes a esta catequese.	Preparar a Bíblia para a catequese seguinte; ter presente que as crianças pequenas apreciam objetos majestosos e belos como sinal da sua relevância.

4	– Conhecer os lugares mais importantes da igreja e o seu significado; – Querer escutar a palavra de Deus; – Alegrar-se por pertencer ao grupo dos amigos de Deus.	A nossa casa Vários tipos de casas	**Mt 19, 14** A casa de Deus Visita à igreja	Na igreja ouvimos Jesus e falamos com Ele.	Pintar a p.3 desta catequese; com a ajuda da família, escrever os nomes dos objetos apresentados na p.4 e cujos nomes aprenderam na visita à igreja.	Preparar o passeio previsto na próxima catequese.
5	– Descobrir a natureza como dom que Deus oferece ao ser humano; – Reconhecer que Deus é Criador de todas as coisas; – Louvar a Deus pelo mundo que criou para nós e estimar este nosso mundo.	*Realizar o passeio:* – As coisas lindas que existem; – Francisco de Assis encantava-se com a beleza do mundo.	**Mt 6, 26-28** **"Olhai para as aves do céu"**	**Louvado sejas, Senhor!** Agradecemos a Deus o mundo que criou.	A reciclagem do lixo ajuda-nos a manter um mundo bonito!	
6	– Reconhecer que é Deus quem cuida de nós para podermos crescer e ser felizes; – Procurar colaborar com Deus na sua obra criadora.	– Todos crescemos – Crescemos durante toda a vida	**1 Cor 3, 6** **Foi Deus quem deu o crescimento** Deus também nos ajuda a crescer através das outras pessoas	Agradecemos a Deus que nos faz crescer: **Meu Deus, Tu fazes-me crescer!**	O que podemos fazer para crescer melhor.	
7	– Conhecer Maria, a Mãe de Jesus; – Admirar Maria por Deus a ter escolhido para Mãe de Jesus; – Aprender a invocá-la com as palavras da Avé-Maria.	– As nossas mães	**Lc 1, 28-35** A Mãe de Jesus	**Avé, Maria**	Aprender toda a Avé-Maria com a ajuda da família.	Preparar os enfeites de Natal e as figuras do presépio para a próxima catequese.
8	– Descobrir que o nascimento de Jesus é a razão da festa do Natal e um acontecimento muito importante; – Fazer festa no Natal, celebrando o nascimento de Jesus. Celebração do Natal	– A festa do Natal – O presépio	**Lc 2, 10-14** Jesus nasceu para nós	O presépio lembra-nos o nascimento de Jesus. Os nossos presentes para Jesus.	Uma atitude concreta de partilha (paróquia, associação de beneficência...), para a qual se poderá pedir a colaboração da família e à qual a criança se possa associar.	Preparar as figuras do presépio, que deve ser montado antes da entrada das crianças e os corações de cartolina.

Cat	Objetivos	Experiência Humana	Palavra	Expressão de Fé	Compromisso	PLANIFICAÇÃO de ATIVIDADES
			BLOCO II			
			Um menino chamado Jesus			
9	– Conhecer as visitas que o Menino Jesus teve quando nasceu; – Descobrir as prendas que podemos dar a Jesus.	– O nascimento de um bebé – O presépio.	**Mt 2, 10-11** **"Prostrando-se, adoraram-no"**	As nossas prendas para Jesus.	Rezar a oração em casa, com a ajuda dos pais ou familiares, com o texto que vem no catecismo.	Preparar um cartão ou outra forma de comunicação para apelar aos Pais no sentido de levarem as crianças à eucaristia dominical.
10	– Tomar consciência de que Jesus também cresceu como nós; – Dar graças a Deus por crescermos à semelhança de Jesus; – Aprender com Jesus a escolher o bem e não o mal.	Crescemos: estamos maiores; somos capazes de fazer muitas coisas.	**Lc 2, 52** **"Jesus crescia"**	Jesus crescia diante de Deus e dos homens. Dizemos a Jesus que nos faça crescer como Ele.	Participar na eucaristia dominical para escutar a Palavra de Deus, que nos ajuda a crescer.	O catequista informa-se acerca das profissões dos pais de cada criança e da sua situação familiar.
11	– Descobrir que o Pai de Jesus é Deus; – Desejar falar com Deus como Jesus.	É bom ter um pai! Recordamos um momento especial com o pai.	**Lc 2, 41-42** **"Não sabíeis que devia estar na casa de meu Pai!"**	O Pai de Jesus também é nosso Pai. Podemos falar todos os dias com Jesus.	Rezar: "Deus, nosso Pai, que sois tão bom!" "Jesus, eu já acordei!"	

12	– Tomar consciência de que Jesus dialogava com o seu Pai através da oração; – Alegrar-se por também ser filho de Deus; – Comprometer-se a rezar todos os dias.	1.ª Alternativa Há diversas profissões. Conversamos com as pessoas de quem gostamos. 2.ª Alternativa Conversamos com as pessoas de quem gostamos. É bom conversarmos com os pais!	**Mt 11, 25** Jesus conversava com Deus, seu Pai. Jesus também gostava de falar do Pai aos outros.	Aprendemos a rezar com Jesus.	Rezar: "Muito obrigada, Jesus, pelo dia que passou".	Preparar os lenços que serão usados para vendar os olhos.
13	– Compreender que Jesus era amigo de todos; – Desejar ser amigo como Jesus; – Procurar ser amigo de todos.	Com os amigos conseguimos fazer coisas que não podemos fazer sozinhos.	**Mt 4, 23** **"Jesus ensinava nas sinagogas e curava entre o povo todas as doenças."**	Agradecemos a Jesus a sua amizade. Queremos ser amigos de todos.	O que podemos fazer para sermos amigos de todos, como Jesus.	Preparar as bandeiras para a Palavra.
14	– Alegrar-se por se sentir amado por Jesus, o Filho de Deus; – Empenhar-se em viver como amigo de Jesus no amor aos outros.	Quem são os nossos amigos? Gostamos de estar com os amigos.	**Mc 10, 14-16** **"Depois, tomou-os nos braços e abençoou-os, impondo-lhes as mãos."**	Agradecemos a Jesus. Que podemos nós oferecer a Jesus?	Mostrar a bandeira a quantos vivem connosco, porque "Jesus gosta de mim!"	Preparar os corações de papel.

15	– Saber que o que fizermos aos outros, é a Jesus que o fazemos; – Empenhar-se em fazer a vontade de Jesus.	Gostamos de estar com os nossos amigos.	**Mt 25, 45** **"Sempre que deixastes de fazer isto"**	Vou ser amigo dos outros como Jesus quer.	Dizemos a Jesus que queremos ser melhores e o que vamos fazer por isso.	
16	– Compreender que Jesus veio para nos ensinar a amar os outros; – Comprometer-se em atitudes de ajuda e serviço.	Há muitas pessoas que ajudam outras. Ajudar os outros pode ser muito difícil.	**(Mt 6, 26)** **Jo 13, 15** **"assim como Eu fiz, façais vós também"**	A ajuda aos outros Ser como Jesus.	Como queremos ser como Jesus?	Ter presente que se deve pedir aos Pais para as crianças levarem para a catequese um ramo de árvore ou arbusto. Preparar os materiais necessários para a catequese 17. Convidar as famílias para a Festa da Luz (catequese 18). Garantir que as crianças levam as velas do batismo.
17	– Saber que Jesus morreu e ressuscitou; – Alegrar-se com a sua ressurreição; – Celebrar e viver o mistério da morte e ressurreição de Jesus.	Hoje é dia de festa A história do grão de trigo.	O amor de Jesus por nós **Jo 12, 24** Jesus deu a vida por nós Jesus ressuscitou! Está vivo!	A Páscoa é a festa da ressurreição de Jesus. O sinal da cruz.		Preparar os materiais e os espaços para a Festa da Luz.
18	– Celebrar com alegria e em comunidade a Ressurreição de Jesus; – Tomar consciência de que a luz é símbolo de Jesus ressuscitado. FESTA DA LUZ	A Páscoa é alegria.	**Jo 20, 11-18** **"Vi o Senhor."**	**Senhor Jesus ressuscitado, habita em mim.**	Cada um conserve bem acesa a luz do amor de Jesus.	Preparar as pagelas, uma para cada criança e a decoração da sala.

Cat	Objetivos	Experiência Humana	Palavra	Expressão de Fé	Compromisso	PLANIFICAÇÃO de ATIVIDADES
BLOCO III ***Nós somos dos grupos de Jesus***						
19	– Reconhecer que Jesus está vivo; – Acolher a paz que Ele comunica, como Ressuscitado; – Comprometer-se a ser mediador da sua paz.	Estamos em festa. Recordamos a Festa da Luz.	**Jo 20, 19-21** **"Veio Jesus, pôs-se no meio deles."**	Também nós ficamos cheios de alegria . Jesus dá-nos a sua paz. **"A paz esteja connosco."**	Mostrar a prenda e dar a paz, em família.	Convidar um familiar das crianças para dar testemunho na catequese.
20	– Descobrir que Deus Pai e Jesus Ressuscitado enviam o Espírito Santo; – Tomar consciência da ação do Espírito Santo em Jesus e nos cristãos; – Unir-se ao Espírito Santo pela palavra de Deus e pela oração.	Tudo o que nós já aprendemos de Jesus.	**Jo 14, 25-26** **"mas o Espírito Santo ..., esse é que vos ensinará tudo."**	Nós também temos o Espírito Santo. **"Vem Espírito Santo"**	**"Vem Espírito Santo", em família.**	Preparar os cartões em forma de pétala de flor.
21	– Tomar consciência de que pertencemos a um grupo fundado no amor de Jesus Cristo; – Despertar para a alegria de pertencermos a esta grande família. – Descobrir a missão dos cristãos de dar testemunho de Jesus.	Somos amigos. Somos o grupo dos amigos de Jesus.	**Mc 16, 15-16** **"Ide por todo o mundo e anunciai a Boa Nova"**	Quem é amigo de Jesus fala dele às outras pessoas. Cantamos a nossa alegria por sermos cristãos.	Em casa, "Nós somos cristãos! Nós somos de Cristo!"	Preparar uma imagem de Nossa Senhora de Fátima. Preparar os Terços ou as dezenas ou os materiais para a sua confeção, caso se convidem as Mães/Avós das crianças.
22	– Descobrir em Maria, na sua relação com Deus e seu Filho Jesus Cristo, um modelo de oração; – Motivar, através das aparições de Nossa Senhora em Fátima, para a importância, o valor e a prática da oração; – Iniciar nalguns gestos de oração e na recitação do Terço.	Nossa Senhora de Fátima. As aparições de Nossa Senhora em Fátima.	**Lc 1, 46-48** **"A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador."**	A Avé-Maria. O terço.	Rezar o terço.	Preparar a toalha e os castiçais.

23	– Compreender a Eucaristia como momento máximo de ação de graças dos cristãos; – Motivar para participação na Eucaristia.	A importância de agradecer. Um desenho para Jesus.	**Sl 136, 1** **"Dai graças ao Senhor"**	Agradecemos a Deus cantando. Agradecemos a Deus com Jesus.	"Glória ao Pai...", com a nossa família.	Preparar o preenchimento dos convites para a Festa da Família.
24	– Descobrir como Jesus vai continuar presente na nossa vida; – Sentir a alegria de viver em comunhão com Jesus e com os outros.	A experiência deste ano de catequese. O que foi melhor neste ano de catequese.	**Mt 28,19-20** **"...estarei convosco até ao fim dos tempos."**	Vamos com Jesus. Levar Jesus aos outros.	Convidar a família para a Festa das Famílias! Escolher uma oração que aprendemos este ano para rezarmos todos juntos!	Preparar a Festa das Famílias, envolvendo os Pais na sua preparação. Dar a necessária relevância ao convívio.
25	– Agradecer a Deus pelas graças concedidas ao longo do ano da catequese; – Comprometer-se em família a continuar a caminhada de fé.	"Guiado pela mão com Jesus eu vou."	**Lc 2, 22-24** Apresentação no Templo.	**Obrigado, Jesus, porque és meu amigo!**	Preparar o regresso à Catequese no próximo ano! Rezar sempre, todos os dias, com a ajuda do «Álbum de Férias» do Catecismo 1.	

Jesus chama-nos

1º BLOCO

No primeiro bloco, os catequizandos são levados a descobrir que são chamados por Jesus para a catequese e, se for o caso, a fazerem o seu despertar religioso.

Assim as primeiras catequeses são essencialmente de descoberta:

- da existência de Jesus, e por meio dele, de Deus como Amigo e Criador, que cuida de nós e nos faz crescer, nos fala através de sacerdotes, leitores e catequistas;
- dos vários espaços da sua casa e do grupo dos seus amigos, a comunidade cristã que os acolhe e na qual são convidados a integrar-se.

Nas últimas catequeses deste bloco, as crianças descobrem Maria como a escolhida por Deus para ser Mãe de Jesus. Ela acolhe na Anunciação, o dom de Deus: ser Mãe do Seu Filho Jesus. No seguimento disto, as crianças são iniciadas na descoberta do verdadeiro sentido do Natal.

CATEQUESE 1

JÁ VOU À CATEQUESE

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. **A dificuldade de enfrentar o desconhecido**

   Quem não experimentou ter de se deslocar para uma terra ou lugar totalmente desconhecido? Quem não teve já de enfrentar uma entrevista a fim de se candidatar a um emprego? Quem nunca teve de se defrontar com algo ou alguém pela primeira vez? Há muitas coisas que nos acontecem pela primeira vez na vida. Se umas são experiências que nos estimulam e motivam, deixando-nos um sentimento de segurança e de metas alcançadas e vencidas, outras podem ser experiências frustrantes, que conduzam a uma menor autoestima, sobretudo quando esse sentimento de frustração está associado a uma experiência de falta de acolhimento, ou mesmo de rejeição.

   Em todas as experiências que fazemos, especialmente naquelas em que temos de olhar alguém, olhos nos olhos, pela primeira vez, o acolhimento (delicadeza, interesse, respeito, diálogo, escuta) é o fator essencial para criar aquele clima que nos faz ser nós mesmos e assim desenvolver uma personalidade harmoniosamente integrada e socializada.

2. **Acolher e ser acolhido**

   Jesus conhece bem este clima de acolhimento e sabe criá-lo como ninguém. Mas também, como profundo conhecedor do dinamismo do coração humano, sabe quanto é importante deixar-se ser acolhido. Este dinamismo recíproco de acolher e deixar-se acolher é fundamental para desenvolver a capacidade de amar e servir os outros.

   Quando Jesus estava em viagem, entrou num povoado e certa mulher chamada Marta recebeu-o em sua casa. Sua irmã, Maria, ficou sentada aos pés de Jesus, escutando a sua Palavra. Marta estava ocupada com muito serviço. Parando por fim, disse: «Senhor, não Te preocupa que a minha irmã me deixe sozinha a servir? Diz-lhe, pois, que me venha ajudar.» Jesus, porém, respondeu-lhe: «Marta, Marta, tu andas inquieta e perturbada com muitas coisas, mas uma só é necessária. Maria escolheu a melhor parte que não lhe será tirada.» (Lc 10, 38-42)

Jesus revela uma capacidade enorme para acolher e deixar que O acolham. Mostra que sabe discernir os graus e formas de acolhimento. Ele aprecia o serviço atento e acolhedor de Marta, mas exorta-a delicadamente a rever a forma como o faz e por que o faz. Não tira «a melhor parte» a Maria, mas aponta-a também a Marta.

3. O acolhimento liberta e desenvolve o ser humano

Quem acolhe revela-se e permite que o outro se revele. Cria condições de diálogo e, simultaneamente, as condições de silêncio (interior), tão necessárias para que as relações humanas se estabeleçam na confiança e na simpatia. Um bom acolhimento consegue adivinhar, ou melhor, percecionar as necessidades do coração do outro.

O acolhimento proporciona um conhecimento recíproco. Liberta dos receios, das inseguranças e desenvolve a aceitação e a integração do outro. Daí resulta uma capacidade para a doação e para o serviço que surge naturalmente, à medida que aumentam o conhecimento e o afeto.

O ser humano que se sente acolhido atinge com facilidade a serenidade e a confiança.

OBJETIVOS

- Proporcionar um bom acolhimento às crianças;
- Dar a conhecer a sala de catequese e os espaços envolventes;
- Despertar uma expectativa positiva e motivadora face à catequese.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. A criança está a iniciar um novo período de desenvolvimento. Entra em contacto com um universo alargado que a faz sentir-se mais crescida. Porém, este universo, se a atrai, também muitas vezes a assusta e desanima. Nos primeiros dias de catequese, se algumas crianças se mostrarem receosas em ficar com o novo grupo, o catequista pode convidar os pais a participar no encontro de catequese. Um bom **acolhimento**, muita compreensão e acompanhamento irão com certeza ajudar cada criança a enfrentar serenamente medos e desafios.
2. No decorrer deste encontro o catequista vai criar momentos lúdicos que promovam o conhecimento mútuo e um primeiro reconhecimento dos espaços envolventes do local onde irá decorrer a catequese, assim como dos novos amigos que vão caminhar com a criança ao longo do ano.

Obs.: Se o catequista o considerar necessário, terá sempre na catequese um leitor de CD e o CD com os cânticos deste catecismo.

MATERIAIS

- Toalha bonita;
- Jarra com flores;
- Gravura do rosto de Jesus;

- Para a 1ª Alternativa: Novelo de lã grossa e com cor forte, ou novelo feito com restos de tiras de pano.

MÚSICA

- Canção do CD do 1.º Catecismo: Já vou à catequese.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Este primeiro ponto deve desenrolar-se num espaço que não seja a sala de catequese: outra sala, ou até, se o tempo e as condições da paróquia o permitirem, ao ar livre.

1. *Conhecemos novos amigos*

Este ano na escola já fizeram amigos; aqui também vão conhecer novos colegas que vão poder ser novos amigos.
Mas para sermos amigos é preciso conhecermo-nos bem. Vamos fazer um jogo para nos conhecermos um pouco melhor.

1ª Alternativa

Grande grupo

O jogo é simples: vamos fazer a 'teia dos amigos'.

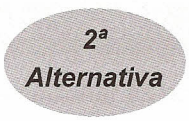
Quem já viu uma teia de aranha? (...) Quem faz as teias de aranha? (...)

Se a atividade se realizar na rua, o catequista convida as crianças a fazerem uma roda; se o acolhimento for na sala, coloca as cadeiras em círculo, bem afastadas, e convida as crianças a sentarem-se. Depois, pega no novelo.

Eu vou começar; e depois cada um e cada uma vai fazer o mesmo, quando receber o novelo: "Eu chamo-me _____ e vou ser o vosso catequista durante este ano". Agora vou segurar na ponta da lã e atiro o novelo para o(a) menino(a) que está à minha frente, que ainda não conheço, e pergunto-lhe: "Como te chamas? Quantos anos tens?" A seguir, o menino ou menina que receber o novelo responde, segura o fio sem o largar e atira também o novelo para outro menino ou menina que ainda não conheça bem. Pergunta-lhe como se chama e quantos anos tem. Se quiser, até pode perguntar em que escola é que anda.

Prossegue o jogo e todos fazem o mesmo até que o novelo tenha passado por todos, formando uma grande teia.

Agora podemos ver que, no meio de nós, se formou uma teia, parecida com a das aranhas; mas a nossa é uma **'teia de amizade'**, porque agora já nos conhecemos melhor. Já sabemos os nomes e a idade uns dos outros. Alguns até têm o nome igual ou parecido e quase todos têm a mesma idade.



Pequeno grupo

O jogo chama-se: 'O Jogo do Amigo'.

O que fazem os amigos quando se encontram? (...) Cumprimentam-se.

E quando fazemos novos amigos gostamos de os conhecer bem, gostamos até de conhecer a família deles, os outros amigos que têm...

Hoje vamos fazer um jogo que nos vai ajudar a conhecer-nos melhor.

Fazemos uma roda. Um de cada vez vai apertar a mão a todos os outros (como fazem as pessoas grandes quando se cumprimentam) e diz: "Olá! Como estás? Bom dia! Boa tarde... Como te chamas?"

Continuam até que todos se tenham cumprimentado e apresentado incluindo o catequista.

2. *Conhecemos a nossa sala de catequese*

A sala deve estar preparada com uma toalha bonita na mesa, uma jarra com flores, uma gravura com o rosto de Jesus.

Agora vamos conhecer a nossa sala de catequese.

Na escola, cada classe tem a sua sala de aula, não é verdade? ... Nós também vamos ter a nossa sala para a catequese *(se o espaço para a catequese não for uma sala, fazer as adaptações necessárias).* E agora vamos conhecê-la.

Entram ordenadamente na sala, previamente embelezada.

É aqui, nesta sala, que ao longo deste ano vamos aprender a ser amigos de verdade e vamos conhecer um Amigo muito importante, que não vemos com os nossos olhos, mas é a principal razão para virmos à catequese. Quem será? ...

Deus (ou: Jesus), muito bem...É por causa d'Ele que vimos à catequese.

Nós temos aqui uma imagem de Jesus. *Chamar a atenção para a imagem de Jesus… Ouvir as crianças, corrigir se houver observações erradas, mas não adiantar muito: a descoberta de Jesus como Amigo será tema da catequese seguinte.*

Já nos conhecemos um pouco melhor. Já conhecemos a nossa sala de catequese. Agora vamos dar um passeio, para descobrirmos todos os espaços do lugar onde temos catequese.

Vamos dar a mão, dois a dois, e vamos sair com muita ordem. Eu vou à frente.

O catequista mostra os espaços que circundam todo o ambiente da catequese, sobretudo os mais necessários, como sejam o local do acolhimento (se existir) e a casa de banho, indicando as regras de utilização. Se a catequese for feita dentro da igreja, ou numa dependência muito direta dela, o catequista terá o cuidado de a mostrar e dar as devidas explicações, porém sem entrar em pormenores, visto que haverá catequeses para esse efeito.

Acabada a visita, que não deve ser muito longa, regressam à sala.

3. **Compromisso**

Tantas novidades que hoje descobrimos! Já conhecemos novos amigos, conhecemos os espaços da catequese…

Observar com as crianças as páginas 8 e 9 desta catequese e motivar cada criança a pintar as ilustrações, preencher as letras e contar aos pais ou familiares como foi o primeiro encontro de catequese e a "encontrar Jesus" (p. 9).

Os vossos pais, familiares e amigos ficam felizes, porque os filhos já estão mais crescidos e já vêm à catequese. E nós, estamos contentes por estarmos aqui todos juntos? (...)

Vamos aprender uma canção que fala da catequese e do nosso amigo Jesus.

Ensaiar e cantar:

Canção: *Já vou à catequese*

Sugestão: *Pode-se terminar este primeiro encontro de catequese com um pequeno convívio/lanche. Para isso, prever um bolo, algumas bolachas e rebuçados, algo de muito simples, mas que permita aprofundar o conhecimento iniciado, incluindo os pais ou outros familiares que acompanhem as crianças.*

CATEQUESE 2

TENHO MAIS AMIGOS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Gostamos de ter amigos

Um amigo é um tesouro. Quantas vezes ouvimos e sentimos esta verdade?

A amizade é um bem tão essencial à nossa vida como o ar que respiramos. É condição e fonte de vida nova, que se desenvolve no tempo e se prolonga para além dele.

Todos aspiramos a ter amizades profundas, verdadeiras, a ter um amigo em quem confiar. A verdadeira amizade supõe entrega e leva a uma intimidade cada vez mais intensa.

Atribui-se a Platão a seguinte afirmação: "Só te ama quem ama a tua alma". De facto tem de ser assim a verdadeira amizade. Esta não só é pessoalmente desinteressada, como nos leva a preocupar-nos com o bem da pessoa amada e encerra, em si mesma, uma dinâmica de eternidade.

A amizade cresce no bem que se quer ao outro, no respeito pelas suas diferenças. Supõe também um acolhimento integrador das diferenças. Quando conhecidas e respeitadas, proporcionam ao amigo a oportunidade e a alegria de poder crescer e valorizar-se como pessoa. E, na pessoa amiga, cada um, cada uma, se torna mais pessoa.

"Ter um amigo é maravilhoso. Ser amigo de alguém ainda é melhor... nunca se está realmente só quando se tem um amigo..." (Leif Kistiansson, ***Um Amigo***, Editorial Presença, Lisboa, 1973).

2. Jesus, o nosso melhor Amigo

Jesus viveu e conheceu, mais do que ninguém, a profundidade desta amizade, que gera uma confiança sem limites e uma verdadeira fraternidade, vivida na liberdade. Mesmo quando se está longe, fisicamente ausente.

Foi o que aconteceu com o seu amigo Lázaro (cf. Jo 11, 1-45).

Jesus encontrava-se longe quando este seu amigo adoeceu. «Então, as irmãs enviaram a Jesus este recado: "Senhor, aquele que amas está doente."» Mas, quando Jesus chegou, Lázaro já tinha sido sepultado havia quatro dias. Aparentemente já não havia

nada a fazer. «Logo que Marta ouviu dizer que Jesus estava a chegar, saiu a recebê-lo, enquanto Maria ficou sentada em casa. Marta disse, então, a Jesus: "Senhor, se Tu cá estivesses, o meu irmão não teria morrido. Mas, ainda agora, eu sei que tudo o que pedires a Deus, Ele to concederá." Disse-lhe Jesus: "Teu irmão ressuscitará."» Maria saiu também ao encontro de Jesus. «Ao vê-la a chorar e os judeus que a acompanhavam a chorar também, Jesus suspirou profundamente e comoveu-se. Depois, perguntou: "Onde o pusestes?" Responderam-lhe: "Senhor, vem e verás." Então Jesus começou a chorar. Diziam os judeus: "Vede como era seu amigo!" Jesus, suspirando de novo intimamente, foi até ao túmulo. Era uma gruta fechada com uma pedra. Disse Jesus: "Tirai a pedra." (...) Depois de retirarem a pedra que tapava o sepulcro, Jesus ergue os olhos ao céu e reza a Deus, seu Pai, e brada com voz forte: "Lázaro, vem cá para fora". E Lázaro saiu». A força do amor ultrapassa tudo, até a morte e tudo aquilo que a ela conduz. Só Jesus, que é realmente a «ressurreição e a vida», nos pode ajudar a viver uma amizade assim autêntica.

3. **O amor que nasce e vive da Fé**

A amizade é uma das formas assumidas pelo amor. Através dela responde-se ao outro com uma entrega confiante e assim vamo-nos tornando parte integrante da sua vida e damos-lhe sentido. Pela amizade, aprende-se que a própria vida só tem sentido se vivida no dom, na entrega, no amor. A amizade é, portanto, uma experiência fundamental para a vida.

Deus ama-nos sem fronteiras, nem de tempo nem de espaço; a manifestação mais intensa do seu amor é o dom do seu único Filho, que morre por nós, para nos libertar de tudo o que é contrário ao amor, de tudo aquilo que se torna, por isso mesmo, fonte de tantos males, tantas desgraças, tanta morte.

O amor que Deus continua a oferecer-nos na sua Igreja faz de nós irmãos de todos, até daqueles que não nos amam, dos nossos inimigos.

Deixemo-nos conquistar e contagiar por esse amor que está na origem da fé, da entrega confiante a quem tanto nos ama. Entreguemo-nos, pela fé, ao Deus de Jesus Cristo e estaremos em condições de darmos testemunho dele no amor que temos aos outros.

OBJETIVOS

- Compreender a catequese como descoberta de um amigo especial: **JESUS**;
- Sentir Jesus como alguém muito especial;
- Querer viver com Jesus em amizade.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Se a amizade é importante para todos os seres humanos, assume aspetos fundamentais nesta fase da vida da criança. Ela está a entrar no primeiro ano de escolaridade, com responsabilidades e exigências muito maiores do que as que tinha até então. Em muitos

casos, a criança entra numa nova escola onde tem inclusivamente novos colegas, deixando muitas vezes de ter contacto com os amigos que tinha anteriormente.

2. Tem uma grande necessidade de segurança e estabilidade, transferindo, na ausência dos pais, para o(a) professor(a) ou catequista a confiança que precisa de depositar naquele adulto à volta do qual se reúne com os seus amigos da mesma idade, na escola ou na catequese.
3. Assim, a descoberta de Jesus como o grande Amigo, com quem se pode sempre contar, que nos conhece e ajuda como ninguém, vem ao encontro dos desejos mais profundos da criança desta idade.

MATERIAIS

- Dístico: **JESUS**;
- Imagem de Jesus igual ou semelhante à do catecismo;
- Fotografias de crianças em atitudes de amizade: a brincarem, abraçadas...;
- Bíblia.

MÚSICA

– Obrigado, Jesus.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala: *Deve estar a Bíblia em cima da mesa, colocada numa estante, almofada, ou pano bonito. Pode estar uma vela colocada junto dela.*

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Os nossos amigos*

   Este ano na escola todos conheceram novos colegas e já têm novos amigos. Nós conhecemos os amigos pelo nome. Quem quer dizer o nome dos seus amigos? *Ouvir as crianças.*

   Quem tem amigos conhece os gostos dos outros (os jogos, os desenhos animados de que mais gostam...); os amigos gostam de estar juntos, de partilhar brincadeiras, de ter carinho e amizade uns para com os outros. *Apresentar as fotografias e dar tempo às crianças para observarem e comentarem.*

   Um amigo é mais do que um colega. Um amigo é carinhoso, é alguém com quem brincam, que empresta os seus brinquedos, conta os seus segredos, sente a nossa falta quando estamos longe...

   Como seria se não tivéssemos amigos? (...)

2. *Quem nos ajuda a crescer*

Tudo isto de que falámos nos faz perceber que não podemos viver sozinhos. Se vivêssemos sozinhos, a nossa vida seria muito triste. Precisamos muito uns dos outros para sermos felizes, mas também para aprendermos. Todos os meninos que aqui estão já cresceram bastante: estão mais altos, mais fortes do que eram. Mas também já sabem muitas coisas que não sabiam quando eram pequeninos. O que é que sabem agora que dantes não sabiam? *Ouvir as crianças...*

E quem é que vos ajuda e ensina? *Ouvir as crianças...* A mãe, o pai, os avós, os irmãos mais velhos...

Sem os mais crescidos, que nos ensinam tantas coisas, seria muito difícil crescer, porque há muita coisa que ainda não sabemos, nem podemos fazer quando somos pequenos.

Também na escola há um(a) professor(a) para ensinar a ler, a escrever, a fazer contas...

E aqui na catequese têm-me a mim para vos ajudar a conhecer muitas coisas importantes para a vossa vida.

II. PALAVRA

1. *O maior Amigo*

Falámos de amigos e de quem nos ajuda a crescer. Então agora vamos falar do maior amigo que temos. Quando eu era pequena(o) os meus pais (ou a minha catequista... ou...) falaram-me de um grande Amigo, que é Amigo de todos e que é meu Amigo também. É dele que vos vou falar agora.

Quem será? Como se chama? *Ouvir as crianças...*

Afixar o dístico com o nome de **JESUS**. *Apesar de a maioria das crianças não saber ler, nesta fase já gostam de ver um nome escrito e muitas vezes sabem escrever o seu nome e os nomes de alguns familiares.*

Este é o nome do meu grande amigo: *Jesus! Mostrar também a gravura de Jesus. Deixar contemplar...*

Foi com os meus pais (a minha avó...), a minha catequista... que eu descobri este grande Amigo, que é também meu Amigo. Eu não O conhecia bem, mas fui aprendendo a conhecê-lo. Fiquei a saber como Ele é bom e amigo de todas as pessoas... Que Ele gosta de ver as crianças a crescer felizes e muito amigas umas das outras.

Descobri muitas coisas sobre *Jesus*; aprendi:

– que *Jesus pensa e cuida de mim sempre com carinho*;

– a falar com *Jesus*, no segredo do meu coração com orações muito lindas.

Assim, fui crescendo com *Jesus* como o meu melhor Amigo.

2. *A Bíblia, o livro que nos ajuda a conhecer Jesus*

Chamar a atenção para a Bíblia: Este livro que aqui temos é um livro muito especial que vamos ter sempre na catequese. *Chama-se Bíblia.* Com este livro vamos aprender muitas coisas de Jesus para podermos conhecê-lo melhor. Ele também nos vai contar muitos dos seus segredos que estão aqui escritos. Querem conhecer melhor este nosso *Amigo?* (...) Vamos ouvir com muita atenção.

Leitura (Jo 15, 14-15):

Vós sois meus amigos, se fizerdes o que Eu vos mando...

A vós chamei-vos amigos.

Fazer uns momentos de silêncio

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Como falar com Jesus*

Com estas palavras de Jesus que acabei de ler na Bíblia, Jesus esteve a falar connosco, a dizer-nos que nós somos amigos dele. Quando encontramos um amigo, queremos logo falar com ele, cumprimentá-lo, contar o que fizemos...

Como será que nós podemos falar com *Jesus?*

Que gostaríamos de lhe dizer? *Ouvir as crianças...*

Nós podemos dizer-lhe tudo o que quisermos. Hoje podemos dizer-lhe obrigado por ser nosso amigo e estar sempre perto de nós.

O Catequista assume uma atitude de oração, convidando as crianças a fazer o mesmo; depois convida as crianças a repetir as palavras da oração e reza, frase por frase, para que as crianças possam repetir (no catecismo, p. 12).

Jesus, tu estás sempre perto de mim.
De dia e de noite, tomas conta de mim.
Obrigado!

Pode haver crianças que perguntem onde está Jesus. O catequista dirá que irão descobrir nas próximas catequeses.

2. *Como viver com os amigos*

   O nosso amigo Jesus também nos ajuda a sermos mais amigos dos outros. Como é que podemos viver uns com os outros sempre como amigos? *Ouvir as crianças...* Para sermos amigos uns dos outros temos de nos respeitar; temos de procurar ser bem-educados, evitar zangas, emprestar aos outros as nossas coisas...

3. **Compromisso**

   Mostrar às crianças a oração registada na p. 12. Convidar a pintar as palavras que se referem a atos de amizade. Estimulá-las a terminar em casa e a desenhar os seus amigos na p. 13.

   Termina-se cantando uma canção:

   Cântico: *Obrigado, Jesus*

Obs. – *O catequista não deve esquecer o convite para a Festa de Acolhimento que se vai realizar na próxima semana. Se o grupo for muito grande, pode ser preferível trazer já os convites para entregar às crianças a fim de evitar a demora de preencher o espaço em cada catecismo, caso as crianças não consigam copiar as indicações.*

CATEQUESE 3

A FESTA DO ACOLHIMENTO

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. **A necessidade e a importância do acolhimento**

   Despertar e desenvolver o sentido da vida comunitária nos catequizandos é um dos objetivos fundamentais da catequese. Acima de tudo porque é impossível viver «a fé que atua pelo amor» (Gl 5, 6) fora de uma comunidade crente. Daí a importância de um bom acolhimento, tanto da parte de quem o faz como de quem o recebe.

   Trata-se, aliás, de uma necessidade também sentida com intensidade mesmo a um nível simplesmente humano. Quem de nós não aprecia ser bem recebido, quer num consultório médico ou na enfermaria de um hospital, quer em tantos lugares onde procuramos os meios de subsistência de que precisamos? Aliás, o sucesso de qualquer instituição que está ao serviço dos outros depende muitíssimo do modo como nela são acolhidas e tratadas as pessoas que a ela se dirigem.

   Se isto é verdade em relação aos adultos, é ainda muito mais importante quando se trata de uma criança. A criança é por natureza dependente. A sua vida está dependente daqueles com quem vive. E, para viver, não precisa apenas de alimento e outros cuidados básicos. Sem o afeto e carinho de todos, a começar pelos que lhe estão mais próximos, dificilmente atingirá o equilíbrio e a maturidade para se sentir e comportar como pessoa. Esta é mais uma razão para que as crianças da catequese se sintam acolhidas, quer no grupo em que são integradas, quer na comunidade cristã da qual fazem parte e na qual serão progressivamente inseridas à medida que forem crescendo na fé.

2. **Jesus Cristo acolhe-nos na sua Igreja**

   O cerne da mensagem e da atividade messiânica de Jesus é o anúncio do Reino de Deus. Um anúncio eficaz: aquilo que proclama e ensina por palavras vai ganhando visibilidade nas suas ações. Chama os discípulos para fazerem comunidade com Ele. E, de entre eles, estabeleceu doze para estarem com Ele (Mc 3, 14). E é com eles que a todos acolhe. De um modo especial aqueles que, por razões diversas, experimentavam com mais intensidade o drama da marginalização: os pobres e os doentes, as mulheres e as crianças, os publicanos e pecadores.

Um acolhimento que era motivo de escândalo: «Por que é que Ele come com publicanos e pecadores?» perguntavam os «Doutores da Lei» (Mc 2, 16: cf. Lc 15, 1-2). É que, aos olhos dos puritanos da Lei, o acolhimento até à intimidade de uma refeição em comum significava implicitamente a aprovação da situação pecaminosa em que viviam os que eram acolhidos. Não deveria ser exigida previamente uma conversão?

Só que para conduzir à verdadeira conversão é imprescindível o acolhimento. Aquele com que o pai recebe, de braços abertos, o filho perdido, que se reencontra definitivamente no banquete que o pai mandou preparar para ele (cf. Lc 15, 11-32). O mesmo acolhimento que leva Zaqueu a restituir «quatro vezes mais» a quem, como publicano, havia defraudado (cf. Lc 19, 1-10).

Este modo de atuar de Jesus ficou-lhe caro. Acabou por ser vítima daquilo que mais combatia: Ele próprio foi excluído e perseguido até à crucificação. Mas Ele enfrentou esse momento com o mesmo amor com que sempre vivera e o que era «escândalo para os judeus e loucura para os gentios» foi transformado na maior manifestação do «poder e sabedoria de Deus» (1Cor 1, 23-24).

É esse espírito de amor ilimitado que recebem os seus discípulos, para serem suas testemunhas «até aos confins da terra» (cf. At 1, 8). O Espírito que é transmitido aos que acreditam no Evangelho e são batizados. E como todos os batizados bebem «de um só Espírito» (1Cor 12, 13), não há entre eles «judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem nem mulher», mas todos são um só em Cristo (Gl 3, 28).

3. O acolhimento da comunidade

Não tem sentido proclamar a mensagem do amor se não se ama. Nomeadamente através de um acolhimento que seja encarnação e expressão viva do amor.

É na comunidade cristã que as crianças, ao serem acolhidas, experimentam do modo mais vivo e eficaz quem é verdadeiramente o Deus em quem acreditam. E experimentam a sua ação, o seu amor, sobretudo através daqueles que vivem desse amor nos lugares e momentos em que se reúnem. E o mais privilegiado desses momentos é, sem dúvida, a celebração da Eucaristia, o sacramento por excelência, o memorial do maior ato de amor de Deus em Jesus Cristo. Para que as crianças se sintam verdadeiramente acolhidas e, pelo acolhimento, integradas na comunidade cristã, é necessário que cada um seja respeitado naquilo que lhe é próprio: na individualidade da sua pessoa e na sua condição de cristão, que já é plenamente (se batizado) ou que se prepara para ser.

OBJETIVOS

- Sentir-se acolhido pela comunidade;
- Celebrar em comunidade o início de uma caminhada de Fé;
- Despertar o desejo de participar na catequese com interesse e alegria.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Algumas crianças podem não estar habituadas a estar numa igreja. Assim, será necessário transmitir a todo o grupo as noções mais básicas de como se devem comportar na igreja. Para muitas, é provavelmente a primeira vez que vão participar na Eucaristia Dominical. Por isso, também é necessário preparar a comunidade para que acolha estas crianças e os seus familiares com gestos de verdadeiro amor e alegria.
2. Uma celebração simples, bonita e alegre deve ser preparada em conjunto pelo catequista e pelo pároco, eventualmente com outros grupos de catequese e a própria comunidade. Se por alguma razão não for possível realizar a Festa do Acolhimento numa Eucaristia Dominical, pode recorrer-se a uma das seguintes sugestões: integrá-la numa eucaristia semanal; ou numa festa convívio com as outras crianças da catequese, que recebam os mais pequeninos num clima de partilha, acolhimento e alegria.

MATERIAIS

- Guião da celebração, para as famílias acompanharem e ajudarem as crianças;
- Pagelas, uma para cada criança, com as frases: *«Deixai vir a mim os pequeninos»* (Mc 10,14) e *Fui acolhido pela comunidade no Amor de Deus* com a respetiva data;
- Se possível, uma máquina fotográfica para fotografar alguns momentos da celebração.

CÂNTICOS

Os que se indicam, ou outros a escolher de acordo com o grupo coral, mas que sejam simples: fáceis de cantar e de entender.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

FESTA DO ACOLHIMENTO

1ª Alternativa

Eucaristia Dominical

As crianças devem entrar e ficar com as suas famílias.

Este esquema não passa de uma sugestão e deve ser adaptado de acordo com as circunstâncias. Os cânticos serão simples e adequados para crianças. A admonição introdutória e a oração das famílias devem ser redigidas e distribuídas atempadamente, assim como todas as intervenções das crianças e das respetivas famílias. As leituras podem ser feitas por membros das famílias das crianças que vão ser acolhidas ou por catequistas. Uma vez que se trata de uma eucaristia celebrada com crianças, pode fazer-se apenas uma leitura bíblica antes do Evangelho (Cf. Ritual da Missa com crianças).

Guião da Celebração

ADMONIÇÃO INTRODUTÓRIA

Possivelmente estamos habituados a procurar Deus nas grandes coisas da vida, boas ou menos boas, e esquecemo-nos de que a sua presença também se manifesta nos aspetos mais simples do nosso quotidiano…
Vamos viver um desses momentos! Deus escolheu as nossas crianças para chegar até nós e nos iluminar.
Acolhamos estas crianças com todo o nosso amor e alegria de filhos de Deus, sabendo que, nelas, é o próprio Deus que acolhemos.

Cântico de Entrada

Vamos entrando na casa de Deus
Vamos fazer a festa com Jesus

1. Vinde amigos, vinde
   vinde à casa de Deus

SAUDAÇÃO INICIAL

S – Em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo
Todos – Ámen
S – A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco.
Todos – Bendito seja Deus, que nos reuniu no amor de Cristo.

Senhor, tende piedade

Senhor, tende piedade de nós
Cristo, tende piedade de nós
Senhor, tende piedade de nós

GLÓRIA

Glória a Deus Pai eu canto
Porque fez o céu, a terra, o mar
E a mim também

Eu canto glória a Deus nas alturas
E p'ra nós todos peço o amor a paz e o bem

Glória ao amor eu canto
Porque vive em mim,
Me ensina a amar e ser feliz.

LITURGIA DA PALAVRA

1ª Leitura – *(do dia)*
Todos – **Graças a Deus**

Salmo Responsorial
Refrão: ***(do dia)***

2ª Leitura – ***(do dia; pode omitir-se. Cf. Ritual da Missa com crianças)***
Todos – **Graças a Deus**

ACLAMAÇÃO AO EVANGELHO

Aleluia, Aleluia, Aleluia
Aleluia, Aleluia, Aleluia

S – O Senhor esteja convosco.
Todos – Ele está no meio de nós.

S – Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo...
Todos – Glória a vós, Senhor.

Evangelho *(do dia, ou Mc 10, 13-16)*
S – Palavra da Salvação
Todos – Glória a vós, Senhor.

Homilia

Compromisso dos pais ou responsáveis pelas crianças

Sacerdote – O que pedis à Igreja para estas crianças?
Pais – A Catequese.
Sacerdote – Por que pedis a catequese para estas crianças?
Pais – Para que cresçam na fé.

Sacerdote – Estais dispostos a assumir, de novo, o compromisso de serdes para elas os principais educadores da fé?
Pais – Sim, estamos.
Sacerdote – Estais dispostos a participar na vida da comunidade, para, em conjunto, realizarmos esta missão?
Pais – Sim, estamos.

Compromisso das crianças

Sacerdote – E vós, meninos e meninas, quereis vir sempre à catequese?
Meninos – Sim, queremos.

Credo

Oração dos fiéis

Preparação dos Dons

Cântico

Vinde à festa, ao meu banquete,
Comei meu pão, bebei meu vinho,
O meu amor não é amado.

O que tenho, e o que amo, é para Vós

Tomai meu tempo, gastai-o todo,
Tende em mim, toda a confiança
Ponde as mãos nas minhas mãos.

O que tenho, e o que amo, é para Vós

"Pai que eles, sejam um
Como Tu, és para mim,
E neles serás reconhecido".

O que tenho, e o que amo, é para Vós

Congregados, num só Povo,
Reunidos, no amor,
Exultemos neste dia:

O que tenho, e o que amo, é para Vós

Oração sobre as oblatas

S – Concedei, Senhor, à vossa Igreja o dom da unidade e da paz,
Que estas oferendas misticamente simbolizam.
Por Nosso Senhor.
Todos – Ámen

LITURGIA EUCARÍSTICA

ORAÇÃO EUCARÍSTICA II (das missas com crianças)

S – O Senhor esteja convosco.
Todos – Ele está no meio de nós
S – Corações ao alto.
Todos – O nosso coração está em Deus.
S – Dêmos graças ao Senhor nosso Deus.
Todos – É nosso dever, é nossa salvação.

S – Deus, nosso Pai, que sois tão bom, sentimo-nos contentes por estarmos reunidos junto de Vós.
Queremos agradecer-Vos e, com Jesus, vosso Filho, cantar-Vos a nossa alegria.
Todos: **Glória a Vós, Senhor, que tanto nos amais.**

S – Sois tão nosso amigo, que criastes para nós este mundo grande e belo.
Todos: **Glória a Vós, Senhor, que tanto nos amais**.

S – Sois tão nosso amigo, que nos dais o vosso Filho, Jesus, para nos guiar até junto de Vós.
Sois tão nosso amigo, que em Jesus reunis todos os homens como filhos de uma só família.
Todos: **Glória a Vós, Senhor, que tanto nos amais**.

S – Porque sois tão nosso amigo, queremos dar-Vos graças e, com os Anjos e os Santos que Vos adoram no Céu, cantamos com alegria:

Todos:
Santo, Santo, Santo, Senhor Deus do universo.
O céu e a terra proclamam a vossa glória.
Hossana nas alturas.
Bendito O que vem em nome do Senhor.
Hossana nas alturas.

S – Bendito seja Cristo Jesus, que nos mandastes: o amigo dos pequeninos e dos pobres. Ele veio para nos mostrar como podemos amar-Vos e como podemos amar-nos uns aos outros.
Ele veio para tirar do coração dos homens toda a maldade que não nos deixa ser amigos, que não nos deixa ser felizes. Ele prometeu que o Espírito Santo estaria connosco todos os dias, para podermos viver da vossa vida.
Todos:
Bendito O que vem em nome do Senhor.
Hossana nas alturas.

S – Deus, nosso Pai, nós Vos pedimos:
enviai o vosso Espírito Santo para que este pão e este vinho
se convertam no Corpo e Sangue de Jesus, nosso Senhor.
Na véspera da sua morte, Jesus deu-nos a maior prova do vosso amor:
quando estava à mesa com os discípulos, tomou o pão, fez uma oração para Vos dar graças;
depois partiu o pão e deu-o aos seus discípulos, dizendo:
TOMAI, TODOS, E COMEI: ISTO É O MEU CORPO, QUE SERÁ ENTREGUE POR VÓS.
Todos: **Jesus Cristo entregou-Se por nós.**

S – Em seguida, tomou o cálice com vinho, fez de novo uma oração para Vos dar graças; depois entregou o cálice aos seus discípulos, dizendo:
TOMAI, TODOS, E BEBEI: ESTE É O CÁLICE DO MEU SANGUE, O SANGUE DA NOVA E ETERNA ALIANÇA, QUE SERÁ DERRAMADO POR VÓS E POR TODOS, PARA REMISSÃO DOS PECADOS.
Todos: **Jesus Cristo entregou-Se por nós.**

S – E disse-lhes ainda: FAZEI ISTO EM MEMÓRIA DE MIM.
Por isso, ó Pai, que sois tão bom, lembramos agora a morte e a ressurreição de Jesus, o Salvador do mundo:
Jesus entregou-Se nas nossas mãos, para ser agora a nossa oferta e nos levar até junto de Vós.
Todos: **Glória a Deus, nosso Senhor**.

S – Escutai-nos, Senhor nosso Deus; dai-nos o vosso Espírito de amor a todos nós que participamos nesta mesa santa para ficarmos cada vez mais unidos na vossa Igreja com o Papa..., com o nosso Bispo.... e os bispos do mundo inteiro e com todos os que trabalham pelo vosso povo.
Todos: **Somos a Igreja de Cristo, para vossa glória**.

S – Lembrai-Vos de todos os nossos amigos e também daqueles de quem não gostamos tanto.
Lembrai-Vos daqueles que já partiram deste mundo e recebei-os com amor na vossa glória.
Todos: **Somos a Igreja de Cristo, para vossa glória**.

S – Por Cristo, com Cristo, em Cristo, a Vós, Deus Pai todo-poderoso, na unidade do Espírito Santo, toda a honra e toda a glória agora e para sempre.
Todos: **Ámen.**

PAI-NOSSO ***(rezado)***

S – Livrai-nos de todo o mal…
Todos – **Vosso é o reino, poder e a glória para sempre**.
S – Senhor Jesus Cristo, que dissestes…
Todos – **Ámen**.
S – A paz esteja sempre convosco.
Todos – **O amor de Cristo nos uniu**.

FRAÇÃO DO PÃO
Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós.
Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós.
Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, dai-nos a paz.

S – Felizes os convidados para Ceia do Senhor.
Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.

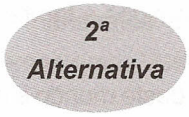
Todos – **Senhor eu não sou digno de que entreis em minha morada, mas dizei uma palavra e serei salvo.**

CÂNTICO DE COMUNHÃO

CÂNTICO após a comunhão

Entrega das pagelas. Referir que, nas p. 14 a 17 do catecismo, as famílias e as crianças podem recordar e registar a experiência vivida nesta celebração. Os adultos podem ajudar a identificar alguns membros da comunidade que participaram na celebração (p. 17).

CÂNTICO FINAL



Acolhimento pelas crianças da catequese.

O catequista reúne-se com as crianças (todas, ou pelo menos a maior parte) que frequentem a catequese nos anos mais avançados, e, com elas, prepara uma pequena Liturgia da Palavra em que se pode cantar, jogar, dançar, representar, etc. É nesse ambiente de oração e comunhão fraterna que são recebidas as novas crianças.

No decurso da celebração, o catequista pode preparar um momento, em que convida as famílias e as crianças do 1º ano a fazerem os compromissos, previstos na 1ª Alternativa.

Após o Compromisso, pode fazer-se a apresentação das crianças e entregar-se a cada uma delas a pagela preparada previamente.

Os catequistas podem preparar um pequeno lanche/convívio, solicitando o contributo das famílias e das crianças maiores, para que o encontro termine em festa.

NOTA: *Referir que, nas p. 14 a 17 do catecismo, as famílias e as crianças podem recordar e registar a experiência vivida nesta celebração. Os adultos podem ajudar a identificar alguns membros da comunidade que participaram na celebração (p. 17).*

CATEQUESE 4

VISITAMOS A CASA DE DEUS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Um cristão não pode viver na indiferença

No mundo secularizado em que vivemos, é cada vez maior a descristianização de muitas pessoas batizadas, de tal modo que muitos se intitulam mesmo cristãos não praticantes. No entanto, quem tem uma fé cristã verdadeira sente necessidade de a viver e alimentar através dos meios que o próprio Senhor nos deixou, essencialmente através da Eucaristia, quando nos reunimos à volta de Jesus ressuscitado e podemos unir-nos a Ele.

Ser cristão implica uma fé esclarecida, viva, fundamentada e celebrada. Quem entra na igreja deve estar consciente de que, ao sair para o mundo, para o trabalho, para a escola, para a família, para a sociedade, leva Cristo e a Igreja consigo. Ser cristão implica sê-lo em toda a parte. No fundo, foi esta incoerência entre a fé celebrada no culto e não testemunhada na prática de vida, que levou Jesus a intervir, com uma violência desusada, na cena da purificação do templo, transmitida por todos os Evangelhos. Vejamos, por exemplo, Mc 11, 15-16: «Chegaram a Jerusalém; e, entrando no templo, Jesus começou a expulsar os que vendiam e compravam no templo; deitou por terra as mesas dos cambistas e os bancos dos vendedores de pombas e não permitia que se transportasse qualquer objeto através do templo.»

Se, como proclamaram os Padres do Concílio Vaticano II, «A luz dos povos é Cristo que resplandece no rosto da Igreja», é dever de todo o cristão, como membro da Igreja, anunciar o seu Evangelho a toda a criatura (cf. LG 1). Mas deve fazê-lo como um anúncio que se exprime na prática de vida. Só assim poderá convencer, conquistar, transformar, salvar.

2. A eficácia vivificante da Palavra de Deus

A igreja é o lugar para onde Deus nos convoca a fim de ouvirmos de um modo especial a sua palavra. Inclusivamente, a palavra «Igreja» provém do grego «ekklesia», que significa «convocação» ou a «assembleia» dos representantes do povo, reunidos por convocação. A igreja/templo é, por isso, o lugar por excelência onde a Igreja/comunidade de crentes recebe e escuta a Palavra de Deus.

«Muitas vezes e de muitos modos, falou Deus aos nossos pais, nos tempos antigos, por meio dos profetas. Nestes dias, que são os últimos, Deus falou-nos por meio do Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e por meio de quem fez o mundo» (Hb 1, 1-2). De facto, Deus, o Deus vivo, manifesta a sua vida na medida em que fala, se comunica. E pela Palavra é criador de vida: do universo em que vivemos e do povo de que somos membros vivos.

Comunicou-se de modo especial através de homens, cujos lábios purificou (Is 6,7) ou simplesmente tocou (Jr 1,5) ou aos quais transmitiu o seu Espírito vivificante (Ez 2,2), para serem seus profetas; homens que passaram a falar em seu nome e cuja palavra, por isso mesmo, tem a eficácia daquele que está na sua origem (cf. Is 55, 10-11).

Comunicou-se de um modo inexcedível e definitivo, quando nos passou a falar diretamente pelo seu próprio Filho: A «Palavra» que «estava em Deus» e «era Deus» «fez-se carne» e veio habitar entre nós; como «Filho Unigénito, que é Deus e está no seio do Pai; foi Ele quem o deu a conhecer» (Jo 1, 1.14.18).

Deus continua a comunicar-se, hoje, de um modo especial e incontornável, através da sua Palavra escrita, sob a ação do seu Espírito. Ao tornar-se Escritura Sagrada, a Palavra de Deus pode vencer todas as distâncias do tempo e do espaço que nos separam de quem a escreveu, para continuar a ser, geradora de vida naqueles que a escutam e se deixam guiar e animar por ela... desde que a sua proclamação e escuta se realizem sob a ação do mesmo Espírito que está na sua origem (cf. 2 Pd 1, 20-21).

3. Cuidemos da casa de Deus que somos e temos

Reparemos no que nos diz S. Paulo em Rm 12, 1-2: «Exorto-vos, irmãos, pela misericórdia de Deus, a que ofereçais os vossos corpos como sacrifício vivo, santo, agradável a Deus. Seja esse o vosso verdadeiro culto: o espiritual. Não vos acomodeis a este mundo. Pelo contrário, deixai-vos transformar, adquirindo uma nova mentalidade, para poderdes discernir qual a vontade de Deus: o que é bom, o que lhe é agradável, o que é perfeito».

Na oferta que fazemos, em Cristo, nas nossas igrejas, recebemos a força para nos oferecermos, nos darmos com mais intensidade em todos os lugares, em que continuamos a ser «Igreja», «casa de Deus».

S. Paulo exorta-nos também a não nos «acomodarmos a este mundo». Temos consciência de que hoje a tentação é grande e de que muitos cristãos caem nela. Cristãos que reduzem a sua prática religiosa às visitas à igreja, se é que ainda as fazem. Cristãos que se deixam influenciar pela mentalidade reinante no mundo, em vez de permanecerem no seu modo de pensar e agir: a mentalidade daqueles que se orientam pela palavra e pela vontade de Deus. Para evitar essa acomodação e esses desvios, só há um caminho: entrar com mais frequência e convicção na «casa de Deus» e, pela oração, a escuta atenta da Palavra e a comunhão fraterna com os outros cristãos, alimentar e fortalecer as convicções cristãs,

a união ao único Deus que nos pode salvar: o Deus de Jesus Cristo que se manifesta de modo especial na sua casa.

OBJETIVOS

- Conhecer os lugares mais importantes da igreja e o seu significado;
- Querer escutar a palavra de Deus;
- Alegrar-se por pertencer ao grupo dos amigos de Deus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. A criança está na fase da vida em que gosta de conhecer coisas e lugares novos; mesmo que já tenha estado na igreja na Festa do Acolhimento e ido à igreja com a família, vai gostar de saber os nomes e o sentido dos lugares e objetos.
2. Além disso, tem nesta idade um alto grau de admiração e contemplação e é fácil para ela aderir ao divino através dos seus sinais. Aberta ao mistério, a criança é capaz de o aceitar e de reconhecer a igreja como a casa onde Deus mora de modo especial.

NOTA – *As referências tanto a Jesus, como a Deus podem levar a interrogações por parte das crianças. Jesus é apresentado no catecismo e nas gravuras afixadas como um homem, um grande amigo. Ao longo dos anos de catequese irão descobrir que é também Deus, verdadeiro homem e verdadeiro Deus. Que noção de Deus poderão ter nesta idade? Alguém que não podemos ver nem representar...que é grande, poderoso, amigo... Também essas noções se irão consolidar, até durante este primeiro ano de catequese. Se surgirem interrogações da parte das crianças não deve haver a pretensão de explicar tudo. Bastará dizer que Jesus é o Filho de Deus.*

O catequista terá, no entanto, o maior cuidado para não fazer afirmações incorretas. Pode-se atribuir a Jesus tudo aquilo que é próprio de Deus, visto que Ele é Deus. Mas não se pode atribuir ao Pai, ou ao Espírito Santo aquilo que é específico de Jesus na sua humanidade, visto que só o Filho, Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, incarnou.

MATERIAIS

- Imagens de vários tipos de casas: habitações, hospitais, teatros, igreja, escolas, etc.;
- Imagens do interior de algumas delas: sala, cozinha, quarto de dormir; sala de aula; enfermaria...

MÚSICAS

- Vamos entrando na casa de Deus;
- Obrigado, Jesus.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Se a sala da catequese ficar distante da Igreja, o catequista pede aos pais para que, neste dia, levem as crianças diretamente para a igreja paroquial e começará o encontro num espaço anexo à igreja. Se a sala de catequese ficar junto da igreja, as crianças podem ir, como habitualmente, para a sala de catequese, onde se preparam para a visita à igreja, acompanhadas pelo catequista.

Em qualquer dos casos, a catequese será feita em duas partes: uma antes da visita à igreja e outra na igreja. O catequista deve certificar-se previamente de que terá na igreja uma Bíblia para fazer a leitura.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *A nossa casa*

   Como são as nossas casas? Se tivéssemos de explicar a um amigo como é que lhe falávamos da nossa casa? (...) Quem quer experimentar? (...) *Deixar falar algumas crianças...* E como é que cada um/cada uma dizia como é o seu quarto? (...) Qual é o lugar da casa onde gostamos mais de estar? Porquê? *Ouvir as crianças.* A nossa casa é muito importante para nós. É lá que vivemos com a nossa família, é lá que estamos à vontade, que nos sentimos bem. Há casas pequeninas, outras maiores. Algumas são apartamentos, outras vivendas. Mas isso não tem grande importância. O que é mesmo importante é que todos temos uma casa!

2. *Vários tipos de casas*

   Afixar imagens de vários tipos de casas: vivendas, prédios de apartamentos, hospitais, teatros, igrejas, escolas, etc.

   Quem sabe dizer que casas são estas? *Ouvir as crianças.*

   Afixar imagens do interior de alguns desses edifícios: sala, cozinha, quarto de dormir; sala de aula; enfermaria... Deixar as crianças observar e comentar a correspondência entre os interiores e exteriores afixados.

   Vemos que cada casa tem por dentro aquilo que é necessário: se é uma casa onde vive uma família, tem sala, cozinha, quartos; se é uma escola, tem salas de aula; se é um hospital, tem quartos ou enfermarias para os doentes...

   Hoje vamos visitar uma casa que já conhecem, até já lá estivemos outro dia. Vamos visitar a casa de Deus, a igreja.

II. PALAVRA

1. *A casa de Deus*

Convidar as crianças a abrirem os catecismos na catequese 3. Observam e comentam a 1ª página da catequese. Depois o catequista vai explicando às crianças os lugares e objetos apresentados na 2ª página:

Cruz – sinal dos amigos de Jesus
Sacrário – lugar onde Jesus está de uma maneira muito especial
Altar – "mesa" onde se celebra a missa
Cadeira – para o senhor padre
Pia (ou fonte) batismal – onde se fazem os batizados
Ambão – estante onde se fazem as leituras
Bancos – para as pessoas se sentarem

Agora vamos entrar na igreja a cantar um cântico que já aprendemos.
Cantar: Vamos entrando na casa de Deus.

2. *Visita à igreja*

Fazer a visita a uma hora em que não haja celebrações. Ao entrar, o catequista deve fazer a genuflexão e depois o sinal da cruz. Explicar que é para cumprimentar Deus, com muito respeito, porque estão a entrar na casa dele.

Cantar: Vamos entrando na casa de Deus.

Deixar as crianças descobrir os objetos e lugares que viram no catecismo. Recordar com elas os nomes e lembrar para que servem.

Ensinar a fazer a genuflexão (joelho direito no chão, corpo direito) diante do sacrário, porque lá está Jesus de uma maneira muito especial para ficar connosco.

Vamos ouvir o que Jesus tem para nos dizer, aqui, dentro da casa de Deus.

A leitura será, de preferência, feita no ambão.

Leitura (Mt 19, 14):
Deixai vir a mim as criancinhas.

Silêncio

O que Jesus nos diz é que se deve deixar as crianças, todos os meninos e meninas chegar junto dele. É o que nós estamos a fazer agora, aqui, na casa de Deus.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Falar com Jesus*
   (O catequista, falando baixo, lembra-lhes:)

   É aqui dentro que melhor podemos falar com Deus, com Jesus, rezar; agradecer todas as coisas lindas que acabámos de ver e ouvir.

   Hoje cada um/cada uma de nós pode agradecer a Jesus, no seu coração, por Ele estar connosco. Vamos pensar também em tudo o que vimos aqui na igreja e no que mais gostámos. Vamos olhar todos para o sacrário e, em silêncio, dizemos a Jesus do fundo do nosso coração, aquilo de que mais gostámos.

   Vamos sentar-nos e ficar uns segundos em silêncio, falando com Jesus, nosso amigo, no nosso coração. *Dizer alto:*

   Jesus, nós estamos aqui,

   porque somos teus amigos.

   Obrigado por estares connosco.

   Cantar o cântico: Obrigado, Jesus.

   Depois de um breve silêncio o catequista convida as crianças a levantar-se e a darem as mãos. Depois, voltados para o sacrário, cantam novamente:

   Obrigado, Jesus

2. *Na igreja ouvimos Jesus e falamos com Ele*
   Agora já conhecemos melhor a igreja. Será que devemos andar aqui dentro a correr a saltar, a brincar e a falar alto? Não! Porque é a casa de Deus, de Jesus, onde devemos fazer silêncio, rezar, falar com Ele no nosso coração. Como fizemos até agora! Então, na igreja devemos escutar as palavras de Jesus e fazer como Ele nos ensina.

   Hoje descobrimos que é Jesus que nos convida a virmos a sua casa. E que resposta lhe vai dar cada um de nós? *Ouvir as crianças.*

3. **Compromisso**
   Antes de se despedirem, motivará as crianças a pintarem a p. 20 e a pedirem a colaboração dos pais ou familiares para escreverem os nomes dos objetos apresentados na p. 21 e cujos nomes aprenderam na visita à igreja. A oração registada na p. 20 pode ser rezada Em Família.

CATEQUESE 5

DEUS CRIA TUDO PARA NÓS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. **Investigar as origens do mundo e da humanidade**

«A questão das origens do mundo e do homem tem sido objeto de numerosas investigações científicas, que enriqueceram magnificamente os nossos conhecimentos sobre a idade e a dimensão do cosmos, a evolução dos seres vivos, o aparecimento do homem. Tais descobertas convidam-nos, cada vez mais, a admirar a grandeza do Criador e a dar-Lhe graças por todas as suas obras, e pela inteligência e saber que dá aos sábios e investigadores.» (CIC 283)

«O grande interesse atribuído a estas pesquisas é fortemente estimulado por uma questão de outra ordem, que ultrapassa o domínio próprio das ciências naturais. Porque não se trata de saber quando e como surgiu materialmente o cosmos, nem quando é que apareceu o homem; mas, sobretudo, de descobrir qual o sentido de tal origem, se foi determinado pelo acaso, por um destino cego ou uma fatalidade anónima, ou, antes, por um Ser transcendente, inteligente e bom, chamado Deus.» (Ibidem, 284)

2. **Deus Criador do Céu e da Terra**

O autor da carta aos Hebreus diz-nos: «Pela fé, sabemos que o mundo foi organizado pela palavra de Deus, de modo que o que se vê provém de coisas invisíveis» (Hb 11, 3).

É esta fé que se exprime noutras páginas da Bíblia, nomeadamente em todo o primeiro capítulo do livro do Génesis, um texto que, pelo menos implicitamente, nos convida a assumir a mesma atitude do Deus criador perante a maravilhosa obra da criação por Ele realizada: a contemplar tudo o que Ele fez, já «que tudo era muito bom» (Gn 1, 31).

É esta a reação do Salmo 8, onde tudo gira à volta da pergunta exclamativa: «Que é o homem para te lembrares dele, o filho do homem para com ele te preocupares?» (Sl 8, 5). A resposta é dupla: Pela fé, reconhecemos, antes de mais, o lugar único que o ser humano ocupa em toda a criação: «Quase fizeste dele um ser divino, de glória e de honra o coroaste. Deste-lhe domínio sobre as obras das tuas mãos, tudo submeteste

a seus pés: rebanhos e gado, sem exceção, e até mesmo os animais bravios; as aves do céu e os peixes do mar, tudo o que percorre os caminhos do oceano» (v. 6-9).

E, como expressão de gratidão por tão grande dignidade, a mesma fé leva-nos a exclamar: «Ó Senhor, nosso Deus, como é admirável o teu nome em toda a terra!» (vv.2.10).

Este reconhecimento de que a criação é obra de Deus, manifestado através do louvor, só é possível a quem sabe que é feito «à imagem e semelhança» de Deus (Gn 1,26) e que é isso que, unindo-nos ao Criador, faz de nós colaboradores na própria criação.

3. **Deus faz-nos cooperadores na obra da sua criação**

«É uma verdade fundamental que a Sagrada Escritura e a Tradição não cessam de ensinar e de celebrar: "O mundo foi criado para glória de Deus" (Concílio Vaticano I: DS 30.25). Deus criou todas as coisas, explica S. Boaventura; "não para aumentar a sua glória, mas para a manifestar e para a comunicar" (...). Para criar, Deus não tem outra razão senão o seu amor e a sua bondade: As criaturas saíram da mão (de Deus) aberta pela chave do amor. A glória de Deus está em que se realize esta manifestação e esta comunicação da sua bondade, em ordem às quais o mundo foi criado». (CIC 293).

É sobretudo na vivência do amor e bondade de Deus que nós, crentes, mais podemos colaborar com Ele, na sua contínua e presente ação criadora. Colaboramos pelo trabalho que realizamos – e no qual usamos as nossas faculdades físicas e psíquicas – para produzir algo que é usado, não apenas em proveito pessoal, mas sobretudo para o bem da vida dos outros. Colaboramos por meio da nossa solidariedade e da partilha da nossa vida com tantos que, por qualquer razão, vivem em condições desumanas, por falta dos meios materiais mais elementares para a vida. Colaboramos, na medida em que respeitamos a natureza, excluindo e combatendo todos os crimes ecológicos de que está a ser vítima. Colaboramos, sempre que despertamos outros para a bondade e o amor que Deus deposita no coração daqueles que o reconhecem como Criador e Senhor e a Ele se entregam pela fé.

OBJETIVOS

- Descobrir a natureza como dom que Deus oferece ao ser humano;
- Reconhecer que Deus é Criador de todas as coisas;
- Louvar a Deus pelo mundo que criou para nós e estimar este nosso mundo.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Nesta idade as crianças têm uma grande capacidade de observação e contemplação e muita facilidade em se maravilhar com a beleza e a grandeza daquilo que contemplam. Assim, será fácil suscitar nelas admiração por todo a universo criado e por Aquele que lhe deu existência, Deus Pai, Criador do mundo.

2. Sendo possível, o encontro pode começar com um pequeno passeio que permita à criança contemplar a natureza. Nas cidades e vilas pode-se visitar um parque ou jardim que se encontre perto. Nas aldeias, apesar de viverem no campo, as crianças muitas vezes não estão habituadas a admirar o que as rodeia. Importa, pois, chamar a atenção para a beleza da Natureza, da vida.
3. Se tal não for possível, apresentar um DVD ou um *PowerPoint* com imagens da natureza, ou pelo menos fotografias bonitas em suporte de papel.

MATERIAIS

- Imagens de animais, paisagens bonitas, flores, etc... em PP ou suporte de papel;
- Flores naturais (se possível, flores de campo).

MÚSICA

- Minha alma a cantar.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *As coisas lindas que existem*
   Realizar o passeio, chamando a atenção para o que se vê e a sua beleza. Se houver, em vez dele, a apresentação de imagens, dialogar com as crianças sobre elas. Nesse caso, algumas podem ficar afixadas enquanto se fala de S. Francisco.

2. *Francisco de Assis encantava-se com a beleza do mundo*
   Vou contar agora a história de um senhor que gostava tanto das plantas, dos animais, que tratava todos os seres e coisas da terra por irmãos. Chamava-se Francisco e morava na Itália, numa terra chamada Assis. Gostava muito de animais, de plantas e de passear nos campos, para ver os passarinhos, sentir o calor do sol e o vento.

   Observar com as crianças o catecismo na p. 23 desta catequese.

   Falámos de (ou vimos) muitas coisas que não podíamos trazer para a sala, mas temos aqui umas flores muito bonitas para nos lembrarmos de todas as coisas maravilhosas que existem no mundo.

   Quem terá feito este mundo e tudo o que nele existe? (...)

II. PALAVRA

1. *É Deus que dá vida a tudo*

Vamos descobrir quem foi? Um dia Jesus ia a passear com os seus amigos e disse umas palavras que estão escritas aqui na Bíblia.

Leitura (cf. Mt 6, 26-28):
Olhai para as aves do céu:
não semeiam nem ceifam...
mas Deus, que é Pai, alimenta-as.
Olhai para os lírios do campo...
Deus vestiu-os com roupa mais linda
do que a dos reis.

Fazer uns segundos de silêncio e depois dialogar com as crianças sobre o conteúdo da leitura: É Deus que dá vida a tudo e que faz as coisas belas e boas. Os pássaros voam livres e encontram comida mesmo sem trabalharem. As plantas crescem...

Chamar a atenção para a beleza das flores ali presentes. É Deus que faz aparecer e crescer tudo no mundo, com muito amor.

2. *Deus fez tudo para nós*

Francisco de Assis sabia que Deus é quem faz, quem cria tudo aquilo de que ele tanto gostava e, por isso, rezava em agradecimento com palavras muito bonitas.

Retomar o catecismo na p. 1 desta catequese. No catecismo, podemos ver Francisco a agradecer a Deus as coisas lindas que nos deu. *Dialogar com as crianças sobre os desenhos, comparar com o que foi visto no passeio ou nas imagens e ler as legendas das imagens do catecismo:* Louvado sejas, Senhor, por tudo o que criaste! Louvado sejas, Senhor, pelo irmão sol! Louvado sejas, Senhor, pela irmã terra! Etc. *Dizer outras invocações com as crianças conforme o que viram anteriormente.*

Ao olharmos para o céu tão grande, tão azul de dia, e tão escuro e com tantas estrelas de noite; ao olharmos para o mar, tão grande que não se vê o fim, com ondas tão fortes; ao olharmos para os montes, as árvores, as flores, podemos pensar: Foi Deus! Foi Deus quem fez tudo isto!

Agora, já sabemos por que é tão importante respeitar e amar a natureza: porque Deus cria-a para nós, para nos fazer felizes e para que nada nos falte: a comida, a frescura do vento, o calor do verão, a chuva que rega os campos...

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Agradecemos a Deus o mundo que criou*

   Deus é tão nosso amigo que cria um mundo tão belo para nós. Por isso é que Francisco de Assis agradecia sempre a Deus tudo o que existe. Deus fez para nós tudo o que há na Terra: para nos alimentarmos, para vivermos, para ficarmos contentes com tantas coisas bonitas.

   Observar o catecismo na p. 25. Dialogar com as crianças acerca dela. Vamos nós também dizer obrigado a Deus pelo seu amor? Vamos dar as mãos, como estes meninos aqui à volta da Terra e cantar: *Minha alma a cantar.*

2. *Cuidar do mundo criado por Deus*

   Se Deus cria a natureza, tudo o que existe, para nós por nosso amor, então que devemos fazer? *Ouvir as crianças...* Temos de cuidar da natureza: dos animais, das plantas...Não devemos estragar nada, nem deitar lixo para o chão. Se o deitarmos, temos de o apanhar. O que devemos fazer para não estragar a natureza? *Ouvir as crianças.*

   Se cuidarmos do mundo tão belo que Deus criou para nós, poderemos sempre dizer: *O mundo que Deus fez é belo!*

3. **Compromisso**

   Na p. 24 pintam a frase aprendida com o exemplo de S. Francisco de Assis: "O mundo que Deus fez é belo!" Explicar a noção de reciclagem. As crianças podem então pintar os contentores na p. 25 do catecismo, devendo o catequista indicar a cor certa para cada um (azul, papel; amarelo, embalagens de plásticos e metal; verde, vidro). Pedir às crianças para conversarem com as famílias sobre a reciclagem. Terminar, repetindo a canção.

CATEQUESE 6

DEUS FAZ-NOS CRESCER

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. **Somos colaboradores na obra da criação**

Se olharmos à nossa volta, verificamos que a natureza se renova constantemente. Tudo nela nasce, cresce, se transforma, morre e se renova. Nós, seres humanos, não escapamos a este ciclo: nascemos, desenvolvemo-nos, transformamo-nos. Esta força vital do crescimento e da transformação não está apenas no início da nossa existência, mas prolonga-se pelos anos fora, no desenrolar de cada dia. É um processo inacabado. Crescer e ajudar a crescer implica dedicação, amor e respeito: um grande respeito por tudo aquilo que Deus criou e, consequentemente, um grande respeito pela pessoa humana. Neste respeito pela pessoa humana estão incluídos os direitos que dimanam da sua dignidade.

Deus criou tudo para nós, mas nós fomos criados para servir e amar a Deus e lhe oferecer toda a criação (cf. CIC 358). A mais bela obra de Deus é a pessoa humana, feita «à imagem e semelhança de Deus» (cf. Gn 1,26). Ao ser humano é atribuída a responsabilidade de presidir à criação, velando por ela e continuando assim a obra do Criador. Deus disse: «Enchei e dominai a terra. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os animais que se movem na terra. (...) Também vos dou todas as ervas com semente que existem à superfície da terra, assim como todas as árvores de fruto com semente, para que vos sirvam de alimento» (Gn 1, 28-29).

Sabemos que isto, muitas vezes, não acontece no mundo em que vivemos. No mundo caminha-se entre extremos contraditórios: defende-se a vida e os direitos humanos, por um lado; mas, por outro, promulga-se os direitos ao aborto, à eutanásia, e não se criam condições dignas para os deficientes e os idosos; proclama-se a importância da ecologia, mas continuam a verificar-se inúmeros desrespeitos pela natureza.

Para desempenharmos realmente o papel que Deus nos destinou ao criar-nos, temos de assumir cada vez mais a responsabilidade que o nosso Criador nos conferiu. «Esta presença divina, que garante a permanência e o desenvolvimento de cada ser, "é a continuação da ação criadora" (Tomás de Aquino, ***Summa theologiae*** I, q. 104, art. 1, ad 4).

O Espírito de Deus encheu o universo de potencialidades que permitem que, do próprio seio das coisas, possa brotar sempre algo de novo» (LS 80).

2. O crescimento integral de Jesus

«Entretanto o Menino crescia e robustecia-se, enchendo-se de sabedoria, e a graça de Deus estava com Ele» (Lc 2,40). Este, sim, foi um crescimento integral: não apenas das capacidades físicas e psíquicas, dos conhecimentos humanos adquiridos graças a elas, mas também e sobretudo da «graça de Deus», da dimensão espiritual e da própria vida de Deus em nós.

A Bíblia diz-nos que aquilo que aconteceu com o Menino de Nazaré aconteceu com outros homens de Deus: João Batista (Lc 1,80), Samuel (1 Sm 2,26). À medida que iam crescendo humanamente, crescia neles a presença vivificante de Deus. E quem cresce assim acaba por se tornar agente do crescimento dos outros. Quem se aproximava de Jesus também era tocado por um crescimento integral, que não se limitava à dimensão física. Recordemos, por exemplo, o caso do cego de nascença: ao mesmo tempo que lhe abriu os olhos do corpo, Jesus abriu-lhe os olhos da fé (cf. Jo 9,1-40). À mulher samaritana, cuja vida se encontrava desorientada, Jesus oferece a «água viva» que não sacia apenas a sua sede de vida, mas nela se torna fonte de água que «jorra até à vida eterna», a água da fé no único «Messias» e «Salvador do mundo» (Jo 4,4-42).

3. Crescemos, na medida em que fazemos crescer para Cristo

Se Cristo, conforme acreditamos e confessamos, «é a imagem do Deus invisível, o primogénito de toda a criatura» (Cl 1,15), então é n'Ele que encontramos o caminho para o verdadeiro crescimento. De facto «foi Ele que a alguns constituiu como Apóstolos, Profetas, Evangelistas, Pastores e Mestres, em ordem a preparar os santos para uma atividade de serviço, para a construção do Corpo de Cristo, até que cheguemos todos à unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, ao homem adulto, à medida completa da plenitude de Cristo. Assim, deixaremos de ser crianças, batidos pelas ondas e levados por qualquer vento de doutrina, ao sabor do jogo dos homens, da astúcia que maliciosamente leva ao erro; antes, testemunhando a verdade e o amor, cresceremos em tudo para aquele que é a cabeça, Cristo» (Ef 4,11-15).

Isto é, na continuidade das primeiras testemunhas de Cristo, cujo testemunho se encontra na Escritura, também nós somos testemunhas. Cada Cristão, como membro do seu Corpo, cada qual com o seu carisma, no serviço que realizamos, contribuímos «para a construção» do seu Corpo. Crescemos, na medida em que testemunhamos «a verdade no amor»: o amor que se realiza no serviço gratuito e generoso; o amor que é a expressão mais viva da verdade em que acreditamos. Crescemos e fazemos crescer, porque o testemunho confirma e fortalece em nós e nos outros Aquele de quem damos testemunho.

OBJETIVOS

- Reconhecer que é Deus quem cuida de nós para podermos crescer e ser felizes;
- Procurar colaborar com Deus na sua obra criadora.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. A criança desta idade está num período de crescimento bastante intenso. Cresce em altura, forças, destreza. Passa pela primeira mudança de dentes, que é também a mais visível, uma vez que se trata dos incisivos centrais. Cresce não só fisicamente, mas também no conhecimento, na compreensão, na capacidade de decisão.
2. Esta catequese pretende iniciar as crianças no apreço pela vida e pelo crescimento como dons de Deus para felicidade e alegria de todos. É Ele que nos faz crescer e que mais deseja o nosso crescimento.

MATERIAIS

- Uma ou mais peças de roupa de bebé;
- Fotografias das crianças do grupo quando bebés (obtidas através dos pais);
- Se tal não for possível: um álbum de fotografias de uma criança em diferentes fases de crescimento (pode ser do próprio catequista ou de uma criança da sua família);
- Fotografia do catequista em bebé ou criança;
- Dístico em formato de um sol, com a palavra Deus.

MÚSICA

- Fazes-me viver.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Todos crescemos*

   Apresentar a(s) peça(s) de roupa de bebé e dialogar com as crianças:

   Que roupas serão estas? Será que servem a algum ou alguma de nós? (...) Não nos servem, porque só servem a bebés. E ninguém aqui é bebé. Já crescemos. Eu cresci mais, mas todos os meninos e meninas que aqui estão também já cresceram bastante.

   Se o catequista tiver conseguido obter as fotografias das crianças em bebés, começa a distribuí-las aleatoriamente pelas crianças, incluindo nelas a sua.

   Conhecemos estes bebés? Quem serão? (...) *Ouvir as crianças. Depois, recolher as fotografias e entregar cada uma à criança nela representada quando bebé, guardando a sua.* Agora cada menino ou menina tem a fotografia de quando era bebé e eu também.

Vamos virá-la para todos vermos. Assim vemos bem como crescemos desde bebés até agora.

Se não tiver sido possível obter as fotografias, o catequista apresentará o álbum, dialogando com as crianças sobre as diferenças registadas nas fotografias das diferentes fases de crescimento da criança cujas fotografias estão no álbum.

Qualquer que seja a alternativa, o encontro pode continuar assim:

Há muitas coisas que agora fazemos, mas que em bebés não podíamos fazer. Quem quer dizer algumas? *Ouvir as crianças.*

As meninas e meninos ainda não cresceram tanto como eu, mas já são capazes de fazer muitas coisas: conhecem as letras; sabem ler algumas palavras, ajudam a mãe, são capazes de lavar os dentes e vestir-se sozinhos; já sabem que é preciso muito cuidado para atravessar a rua. Tantas coisas importantes que já são capazes de fazer!

Já cresceram muito, mas ainda falta crescer mais.

2. *Crescemos durante toda a vida*

Eu já não cresço mais em tamanho, mas continuo a crescer: no saber, porque há sempre coisas novas para aprender. Na vontade, porque tenho de saber escolher o que quero fazer. Também tenho de aprender a ser cada vez melhor e mais amigo (a) de todos.

Todos crescemos, de maneira diferente, mas estamos sempre a crescer. Será que são só as pessoas que crescem? A natureza também cresce, tudo o que nela existe cresce: os animais, as plantas…

II. PALAVRA

1. *É Deus que nos faz crescer*

Na semana passada, aqui na catequese, vimos como Deus criou tudo para nós… Agora vamos aprender um pouco mais ainda.

Leitura (1 Cor 3, 6):

Foi Deus quem deu o crescimento.

Silêncio

Deus criou tudo quanto existe e é também Ele que dá o crescimento. É Deus que faz crescer, mas Ele quer a nossa ajuda. Quer que cuidemos da natureza para que ela não se estrague. Não podemos estragar as coisas criadas por Deus, porque todas nos fazem muita falta.

2. *Deus também nos ajuda a crescer através das outras pessoas*

Nós também crescemos com a ajuda dos outros. Deus serve-se deles para nos ajudar. Todos os meninos e meninas precisam dos pais, dos avós, dos tios, dos primos, dos professores, dos catequistas... para os ajudar a crescer. E também têm de se esforçar para crescerem com saúde: comer bem, deitar cedo, dormir muito, estudar as lições, brincar... e rezar para que Deus nos ajude a crescer e para lhe agradecer tantas coisas boas que Ele nos dá.

Afixar o dístico, em formato de um sol, com a palavra Deus.



Deus faz-nos crescer a nós e a todas as coisas da natureza. Ele cuida de nós, deu tantas coisas boas ao mundo: o sol, as estrelas, as árvores de fruto, os campos, as plantas... Deu-nos muitos animais, uns para nos fazer companhia e outros para nosso alimento.

Deus dá também inteligência às pessoas para tratarem das terras e podermos ter alimentos; para construírem fábricas e oficinas; para fazerem a roupa e os sapatos com que protegemos o corpo.

Também é Deus quem dá o amor ao nosso coração, para nos tratarmos com carinho e nos ajudarmos uns aos outros a crescer.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Agradecemos a Deus que nos faz crescer*

Agora ainda sabemos melhor como Deus é grande! Ele é forte e bom! Ele tem cuidado connosco. Deus cuida de nós.

Vamos pensar um bocadinho em tudo quanto falámos hoje. *Silêncio...* Vamos agradecer a Deus, por ser tão bom, por Ele nos ajudar a crescer e fazer crescer todas as coisas?

Oração:

– Já crescemos muito: estamos mais altos e mais fortes.

Todos: Meu Deus, Tu fazes-me crescer!

– Já sabemos fazer muitas coisas.

Todos: Meu Deus, Tu fazes-me crescer!

– Todos os dias aprendemos coisas novas.

Todos: Meu Deus, Tu fazes-me crescer!

– Tu cuidas de mim. Ajudas-me a cuidar da minha saúde.

Todos: Meu Deus, Tu fazes-me crescer!

2. Compromisso

Analisar a p. 29 com as crianças: O que podemos fazer para crescer melhor?
Mas como Deus não quer fazer tudo sozinho, temos de ajudar todas as coisas a crescer. Vamos cuidar bem de nós e da nossa saúde: comer alimentos que nos façam crescer e não só guloseimas. Vamos também lavar-nos sempre bem, dormir bastante...estudar, fazer os nossos trabalhos, cuidar bem de tudo, não estragar este mundo em que vivemos.

Na catequese, Deus também nos vai fazer crescer muito: nos bons sentimentos do coração, no amor...na vontade de ajudar os outros.

Em casa, na p. 29 do catecismo *(mostrar)* vamos assinalar todas as coisas que nos ajudam a crescer e que já somos capazes de fazer. Aquilo que ainda não fazemos bem vamos esforçar-nos por melhorar *(dar exemplos).*

Terminar com a canção: Fazes-me viver.

CATEQUESE 7

CHAMA-SE MARIA

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Encontros e desencontros

Alguns encontros são capazes de transformar por completo todo um percurso de vida. Quantas vezes, por causa de um mero encontro, duas pessoas ficaram a gostar uma da outra, se apaixonaram e, a dois, transformaram, para sempre, o rumo das suas existências. Quantas vezes, por causa de um simples encontro com alguém que há muito não víamos, acabamos por mudar todo o projeto que tínhamos para esse dia.

No processo dos encontros e desencontros da vida, nada acontece por acaso e precisamos de estar atentos para saber ler os acontecimentos, os sinais da presença de Deus com que estão marcados. Nalguns há mesmo uma intervenção direta de Deus. Na Anunciação, Maria tem um encontro ímpar, que vai alterar, em definitivo, todo o rumo, não só da sua vida pessoal, mas da história da humanidade na sua relação com Deus.

2. O encontro de Deus com Maria de Nazaré

Tal como nos é narrado em Lc 1, 26-38, este é um encontro de fé: perante Deus e a sua graça, Maria entrega-se de forma livre e total. Mas a iniciativa é de Deus. É Ele quem decide enviar o seu Anjo à jovem Virgem de Nazaré. E logo as primeiras palavras com que a ela se dirige são uma expressão da sua predileção, do seu amor. Maria é «cheia de graça» porque «o Senhor está com ela» (Lc 1,28). Aquele Deus, cujo ser é ***estar com*** os seus (cf. Ex 3,14), é o mesmo que se manifesta a Maria, porque a ama com um amor absolutamente gratuito.

Maria sente-se perturbada, atónita, atemorizada. É a reação habitual e inevitável da criatura perante a revelação do Criador. Quanto mais próximo Ele se manifesta, maior é a sensação da distância infinita que dele nos separa.

No caso de Maria, Deus manifesta-se para lhe revelar a sua missão: ser Mãe do «Filho do Altíssimo» (Lc 1, 34) do Deus que, no passado, fizera aliança com o seu povo, nomeadamente através de David, o rei que escolhera para seu «Ungido», e ao qual prometera firmar «para sempre o seu trono real» (2 Sm 7, 14. 16). Chegara o momento dessa promessa adquirir

realização definitiva. Maria será a mediadora principal: o filho que dela nascerá, «reinará eternamente sobre a casa de Jacob e o seu reinado não terá fim» (Lc 1,33).

E é também Deus quem torna possível a resposta de fé de Maria: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra» (Lc 1, 38). Como serva, entrega-se livre e totalmente, porque é a resposta ao amor, à graça, à escolha. Ela dá-se toda ao Deus que primeiro se deu a Ela e, por ela, ao seu povo, a toda a humanidade.

3. Mediadores do encontro com Deus

Pelo mesmo caminho de fé, seguido por Maria, também nós nos tornamos propriedade de Cristo, ***servos do Senhor.*** E é na medida em que nos deixamos conquistar pelo seu amor ilimitado, que nos entregamos a Ele pela fé, que Ele se apodera de nós, das nossas qualidades e riquezas humanas e as eleva ao nível da graça, as coloca ao serviço do dom, da vida.

De tal modo que, quem está assim ***cheio*** do Filho de Deus e por Ele possuído, não pode deixar de o dar ao mundo, como Maria: Ele transparece nas nossas palavras, nas nossas ações, na nossa generosidade e dedicação. E torna-se, principalmente para aqueles que usufruem desse amor divino em nós, um desafio à fé, à entrega ao mesmo Deus... numa cadeia que nunca mais terá fim.

Os nossos encontros da catequese devem ser momentos privilegiados da mediação da fé: do encontro de Deus com os catequizandos, a exemplo e com a proteção de Maria, Mãe do Filho de Deus e Mãe da Igreja.

"Virgem e Mãe Maria, Vós que, movida pelo Espírito, acolhestes o Verbo da vida na profundidade da vossa fé humilde, totalmente entregue ao Eterno, ajudai-nos a dizer o nosso «sim» perante a urgência, mais imperiosa do que nunca, de fazer ressoar a Boa-Nova de Jesus" (EG 288).

OBJETIVOS

- Conhecer Maria, a Mãe de Jesus;
- Admirar Maria por Deus a ter escolhido para Mãe de Jesus;
- Aprender a invocá-la com as palavras da Avé-Maria.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. A criança desta idade mantém uma ligação afetiva muito profunda com a mãe. Será, por isso, particularmente sensível a esta apresentação ou descoberta da Mãe de Jesus.
2. Nesta altura do ano de catequese, o catequista já deve ter algum conhecimento da situação familiar das crianças. Se alguma criança não tiver mãe, ou houver algo de negativo em relação a alguma das mães, a criança terá provavelmente uma relação substitutiva com alguma pessoa. Nesse caso, o catequista terá o cuidado de não referir apenas as mães, mas também as pessoas que fazem as vezes da mãe.

MATERIAIS

- Fotografias das crianças do grupo quando bebés (obtidas através dos pais para a catequese anterior);
- Se tal não tiver sido possível: um álbum de fotografias de uma criança em diferentes fases de crescimento (pode ser do próprio catequista ou de uma criança da sua família);
- Fotografias de mães com crianças;
- Gravura da Anunciação;
- Gravura de Maria com o Menino;
- Folhas de papel para todas as crianças.

MÚSICA

- Avé-Maria.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *As nossas mães*

Na semana passada falámos de como éramos quando éramos pequeninos. *Retomar as fotografias das crianças em bebés, ou o álbum mostrado na catequese anterior.* Nessa altura, quem tratava de nós? Quem nos lavava, nos alimentava, nos mudava as fraldas? *Ouvir as crianças.* As mães eram as pessoas que mais tratavam de nós, davam-nos tudo aquilo de que precisávamos, com muito carinho, com muito amor.

E agora, que os meninos e meninas já cresceram, ainda precisam da mãe? (...) *Dialogar com as crianças.*

Agora que são mais crescidos, já não andam ao colo, já comem pela vossa mão, mas as mães levam-vos à escola, à catequese, ajudam-vos a fazer os trabalhos de casa, preparam as refeições. As mães têm muito cuidado com os filhos quando eles estão doentes. *Apresentar as fotografias de mães com filhos e dialogar sobre elas com as crianças.*

2. *As mães dos nossos amigos*

Também gostamos de conhecer as mães dos nossos amigos... *Dialogar com as crianças.*

II. PALAVRA

1. *Maria de Nazaré*

Hoje vamos falar de alguém que viveu há muito tempo, numa terra longe daqui chamada Nazaré. Era uma senhora chamada Maria. Um dia, teve uma visita muito especial. Foi ter com ela um anjo que vinha da parte de Deus. *Apresentar a gravura da Anunciação.*

Vamos ouvir o que o anjo lhe disse:

Leitura (cf. Lc 1, 28-35)):

Avé, ó cheia de graça, o Senhor está contigo.

Vais ter um filho, ao qual porás o nome de Jesus.

Aquele que vai nascer é Santo

e será chamado Filho de Deus.

Silêncio

Maria ficou muito admirada ao ouvir estas palavras do Anjo e perguntou-lhe como poderia ser isso. O Anjo respondeu: «O Espírito Santo de Deus virá sobre ti e a força dele estenderá sobre ti a sua sombra. Por isso é que o Menino que vai nascer de ti é santo e será chamado Filho de Deus». Quando Maria ouviu estas palavras, disse ao Anjo: «Eis a serva do Senhor. Faça-se em Mim segundo a tua palavra!» Ela estava a dizer que ia acontecer tal e qual como o Anjo lhe dizia, como Deus queria, que ela aceitava ser a Mãe do Filho de Deus.

2. *A Mãe de Jesus*

Maria é a Mãe de Jesus! Jesus também teve uma Mãe, como nós. Uma Mãe que cuidou muito bem do seu Filho: alimentou-o, vestiu-o, ensinou-o a andar, a falar. *Apresentar a gravura de Maria com o Menino.*

Mais tarde, quando Ele já estava mais crescido, ensinou-o a trabalhar, a respeitar os mais velhos, a ser amigo de todos. E ensinou-o a falar com Deus Pai.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Rezamos a Maria*

Vamos deixar a Bíblia aberta, aqui onde se conta o encontro de Maria com o Anjo. E, porque conta uma coisa muito importante, vou acender uma vela e colocá-la ao lado da Bíblia, para dizer a Deus que também nós, como Maria, acreditamos na sua Palavra. Vamos agradecer a Maria por ela ter aceitado ser a Mãe de Jesus? A melhor maneira de lhe agradecer é cumprimentá-la com as mesmas palavras do Anjo.

Colocar a gravura de Maria perto da Bíblia.

De pé, vamos rezar, agradecendo a Maria por ter dito SIM.

Oração:

Avé, Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco.

2. *Pintar o encontro de Maria com o Anjo*
   Estamos contentes pelo amor que Deus nos tem. Dá-nos o seu amor, o amor de Maria, a Mãe de Jesus, o amor de Jesus; e também o amor das nossas mães e de todas as pessoas que nos amam.

   Cada um(a) pode agora pintar o encontro de Maria com o Anjo, para ficar a lembrar-se bem como Maria aceitou fazer a vontade de Deus e ser a Mãe de Jesus, na p. 32 do catecismo.

   Pode-se terminar com o cântico da Avé-Maria.

3. **Compromisso**
   Antes de saírem, estimular as crianças a aprenderem toda a Avé-Maria com a ajuda dos pais (p. 32 do catecismo). Podem pintar o desenho da p. 33 e completar as letras de "Nossa Senhora", com a ajuda da família.

CATEQUESE 8

O NATAL DE JESUS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Preparar o Natal

As quatro semanas do Advento que antecedem o Natal têm como finalidade ajudar-nos a preparar o coração e a vida para receber o Deus Menino, para que Ele ***nasça*** ou ***renasça*** em nós e, por meio de nós, no mundo em que vivemos: em tantos que o não conhecem, que o conhecem mal ou que não têm condições de experimentar a alegria e a paz na plenitude que só Ele pode proporcionar.

Felizmente ainda há muitas pessoas que estão despertas para isso: para o verdadeiro Natal. Há muitos que o celebram de verdade, conscientes da sua realidade. Há também muitas pessoas, em cujo coração talvez não exista a fé cristã, mas onde domina a reta consciência, o respeito pelo outro, independentemente da religião que professam.

O Natal tem o condão de reunir famílias, povos e até ideologias, num clima de paz que não se respira noutras épocas do ano. O Natal consegue ligar a história do passado à do presente, preparando a do futuro. Tendo em conta a mensagem do Deus Menino, promovem-se campanhas a favor dos mais pobres, dos marginalizados, dos doentes e dos presos, dentro e fora dos hospitais e das cadeias.

No hemisfério norte, a escuridão da noite atinge nesta altura a sua máxima extensão e é então que é mais intensa a busca da luz. Talvez por isso o Natal nos pareça, por excelência, a festa da luz: a que brilhou com tal intensidade nos céus de Belém e que continua ainda hoje a iluminar tantas vidas.

2. O Natal Cristão

Encontramos essa luz, se nos deixarmos guiar pelas leituras bíblicas, por exemplo, da Missa da Meia-noite. Eis um excerto da primeira:

«O povo que andava nas trevas viu uma grande luz; habitavam uma terra de sombras mas uma luz brilhou sobre eles. Porque um menino nasceu para nós, um filho nos foi dado; tem a soberania sobre os seus ombros, e o seu nome é: Conselheiro Admirável, Deus Forte, Pai Eterno, Príncipe da Paz» (Is 9, 1.6).

Quem era este «povo que andava nas trevas»? Na origem, possivelmente era o Povo de Israel, a seguir a uma guerra fratricida entre o Reino do Norte (Israel) e o do Sul (Judá). É neste quadro que Isaías, em nome de Deus, promete um novo rei: um descendente de Acaz que, desde criança, deveria realizar a sua missão de rei, em total dependência de Deus. Nele, Deus iria manifestar todo o seu poder, fazer brilhar a luz da paz.

E a expectativa teve finalmente a sua realização. Ela é solenemente proclamada pelo Anjo que apareceu aos pastores de Belém, depois de se verem envolvidos pela luz brilhante da «glória do Senhor»: «Não temais! Eis que eu vos anuncio uma grande alegria, que será para todo o povo: Nasceu-vos hoje um Salvador, que é o Messias Senhor, na cidade de David. Isto vos servirá de sinal: encontrareis um menino envolto em panos e deitado numa manjedoura» (Lc 2, 10-12).

«O Messias Senhor... envolto em panos e deitado numa manjedoura»? Aparentemente é uma contradição: se era «Senhor», então devia nascer como um imperador (a quem davam o título de Senhor) e não num lugar reservado aos animais.

Mas é exatamente assim que Ele manifesta a sua soberania e se torna o Messias Salvador, o único capaz de inaugurar um reino de paz.

3. O Natal dos cristãos

Se o Salvador já veio, se Ele é o Messias que Isaías profetizou e que o Anjo proclamou ter nascido em Belém, como é que no mundo são ainda tão densas as trevas? Que fazer para as dissolver? Como agir para que a paz reine no coração dos homens e os una no amor? O caminho é-nos indicado por S. Paulo na segunda leitura da Missa da Meia-noite de Natal:

«Manifestou-se a graça de Deus, fonte da salvação para todos os homens. Ela nos ensina a renunciar à impiedade e aos desejos mundanos, para vivermos no tempo presente, com temperança, justiça e piedade, aguardando a ditosa esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo, que se entregou por nós, para nos resgatar de toda a iniquidade e preparar para si mesmo um povo purificado, zeloso das boas obras» (Tt 2,11-14).

É na «graça de Deus», a que teve a sua máxima manifestação na entrega da vida que Jesus Cristo, seu Filho, fez por nós na cruz, é nessa graça, que brilha para nós a luz que pode conduzir a humanidade para a verdadeira paz: a que se alcança pela «temperança, justiça e piedade».

Contemplemos e adoremos este Deus que se tornou presente entre nós no «Menino envolvido em panos e deitado numa manjedoura» e que ficou para sempre connosco, quando Ele «se entregou por nós» para nos resgatar de toda a iniquidade. Confiemo-nos a Ele e a sua graça tornar-se-á visível, palpável em nós.

OBJETIVOS

- Descobrir que o nascimento de Jesus é a razão da festa do Natal e um acontecimento muito importante;
- Fazer festa no Natal, celebrando o nascimento de Jesus.

OBSERVAÇOES PEDAGÓGICAS

1. A festa que as crianças habitualmente mais apreciam é a do Natal. Os sinais de festa estão por todo o lado. Além disso, a sociedade apresenta-a como a festa por excelência das crianças. Estas veem-se envolvidas por cores e luzes, um sem número de brinquedos, de todas as formas e feitios. Estes motivos de alegria são importantes para a criança, mas o Natal é, na realidade, Jesus vivo e presente no meio de nós. Esta catequese procura despertar a criança para o Natal de Jesus: uma criança que veio para que a ninguém falte o amor.
2. Quando bem acompanhadas e formadas, as crianças nesta idade, têm uma enorme capacidade para a dádiva de si mesmas e das suas coisas. O Natal é sempre uma ocasião para ir ao encontro dos outros e partilhar com eles aquilo que temos.

MATERIAIS

- Vários enfeites de Natal;
- Imagens para construir o presépio.

MÚSICA

- Noite Feliz, ou outro cântico próprio do Natal.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

A sala deve estar decorada com alguns enfeites de Natal, mas de forma sóbria. As imagens do presépio estarão guardadas, numa caixa ou gaveta, para serem apresentadas no momento próprio.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *A festa do Natal*

   Hoje temos a nossa sala enfeitada. E nas ruas? Também há decorações, não há? *Dialogar com as crianças...* E nas vossas casas? (...) Mas por que razão fazemos uma festa tão grande e bonita no Natal? (...) Vamos hoje conversar sobre isso. *Ouvir as crianças.*

   Além das decorações, das luzes, que mais é que nós vemos em muitos sítios? *Dialogar com as crianças. Se não surgir nas respostas delas, introduzir a referência ao presépio, que as crianças com certeza já viram mesmo que não exista nas suas casas.*

2. *O presépio*

Quais são as imagens que vemos nos presépios? Quem são as pessoas que estão lá representadas? *Dialogar com as crianças sem avançar na narrativa do nascimento de Jesus que será objeto do ponto seguinte.*

II. PALAVRA

1. *O nascimento de Jesus*

Na semana passada falámos de Maria, de um encontro que ela teve com alguém especial, que lhe deu uma grande notícia. Que notícia foi? (...) Quem quer contar o que o Anjo anunciou a Maria? *Ouvir as crianças (rever os desenhos pintados no catecismo p. 32).*

Tudo isso aconteceu há muito tempo. Já lá vão mais de 2000 anos. Nessa altura, quem mandava na terra onde vivia Maria era o imperador de Roma. E deu ordem para se contarem todas as pessoas. Por isso todos deviam ir dar o nome à cidade onde tinham nascido. Maria vivia em Nazaré com José, seu marido, que ia ser na terra o pai de Jesus. Mas José pertencia a Belém. Era uma longa viagem, de Nazaré a Belém, sobretudo para Maria que estava à espera de que Jesus nascesse. Mas foram e chegaram a Belém, precisamente na altura de Jesus nascer. José procurou logo lugar numa casa, mas não encontrou. Estava tudo cheio. Tiveram que ficar numa gruta, onde se abrigavam os animais.

Foi aí que nasceu o Menino Jesus. Depois de nascer, a mãe envolveu-o em panos e deitou-o numa manjedoura, isto é, no lugar onde se deita a palha para os animais comerem.

2. *Jesus nasceu para nós*

Perto da gruta onde Jesus nasceu, andavam uns pastores com os seus rebanhos. Era de noite. Mas eles viram uma luz muito forte e brilhante e apareceu-lhes um Anjo. Vamos ouvir o que o Anjo lhes disse:

Leitura (cf. Lc 2, 10-14):

«Anuncio-vos uma grande alegria:

...Nasceu-vos um Salvador.

...Encontrareis um menino envolvido em panos

e deitado numa manjedoura.»

De repente, juntou-se ao anjo uma multidão (...) dizendo:

«Glória a Deus nas alturas

e na terra paz aos homens por Ele amados!»

Silêncio

Até os Anjos do Céu vieram cantar! Era o Filho de Deus que acabava de nascer. Deus dá-nos o seu Filho. O Menino que acabava de nascer era JESUS, o Filho de Deus. Ele nasceu para nós, para nos trazer a paz.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *O presépio lembra-nos o nascimento de Jesus*
   Apresentar as imagens do presépio

   Temos aqui as imagens para fazermos um presépio. O presépio é uma maneira muito bonita de recordar o nascimento de Jesus. No Natal, recebemos presentes, mas o maior presente que podemos ter é o que Deus nos dá no Natal: é o próprio Jesus que nasceu para nós.

   Com a colaboração das crianças, montar o presépio. Depois convidar a agradecer a Jesus estar connosco.

   Oração

   Ó Jesus, estou contente, porque nasceste para nós!

   Ajuda-nos a ser amigos uns dos outros.

2. *Os nossos presentes para Jesus*
   Dialogar com as crianças sobre presentes que podem dar a Jesus (serem amigas umas das outras, ajudar, partilhar…). Depois, motivá-las a decidir qual o presente que querem oferecer e assinalar na p. 37 do catecismo.

3. **Compromisso**
   Será desejável que se combine com as crianças uma atitude concreta de partilha (paróquia, associação de beneficência…), para a qual se poderá pedir a colaboração da família mas garantindo que as crianças possam dar o seu contributo e envolver-se diretamente.

   As crianças devem preencher o espaço indicado para registar este *Compromisso* na p. 37 do catecismo.

   Terminar com Noite Feliz, ou outro cântico próprio do Natal.

Um menino chamado Jesus

2º BLOCO

No segundo bloco, Jesus é apresentado, em primeiro lugar, como um menino que cresce em estatura, em sabedoria e graça: que ama os seus pais e lhes obedece e que também ama o seu Pai do Céu e faz a sua vontade. Depois de este contacto com Jesus, as crianças são levadas a vê-lo como o grande Amigo, que nos ama ao ponto de dar a vida por nós, e que nos revela como podemos comunicar com ele e amá-lo.

Na parte final, são convidadas a entender e a viver em comunidade a Páscoa como a festa que celebra a ressurreição de Jesus.

CATEQUESE 9

JESUS TEM VISITAS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. **As visitas de Jesus recém-nascido: os pastores**

A alegria do nascimento de Jesus invade os corações dos homens. Tudo respira ainda festa. Nas casas, nas ruas e nas igrejas a celebração do Natal deixou um sinal de felicidade e de esperança. A paz parece ter encontrado a sua morada entre nós e construído a sua casa no mundo. Todos nos alegramos com a Boa-Nova que irradia do presépio.

O mesmo aconteceu quando Jesus nasceu. Pouco depois do seu nascimento, o Menino de Belém encheu de alegria aqueles que ousaram pôr-se a caminho para o visitar. Como qualquer outro recém-nascido, também o Menino Deus teve visitas.

Os primeiros a visitá-lo foram os pastores:
«Quando os anjos se afastaram deles em direção ao Céu, os pastores disseram uns aos outros: "Vamos a Belém ver o que aconteceu e que o Senhor nos deu a conhecer". Foram apressadamente e encontraram Maria, José e o Menino deitado na manjedoura» (Lc 2, 15-16).

Quem primeiro descobre Jesus são, portanto, os pastores. No tempo de Jesus os pastores eram os desgraçados, a escória da sociedade, uma espécie de "párias". Dizia-se, no âmbito religioso, que quando o Messias aparecesse na terra os pastores estariam entre os primeiros a serem postos fora.

Esses homens pobres e humildes reconhecem, surpresos e maravilhados, naquele Menino recém-nascido, o Messias há tanto esperado, o Salvador do mundo! Deus fez-se homem na pobreza da manjedoura de Belém e foram os pobres e humildes de coração os primeiros a visitá-lo e a adorá-lo (Lc 2, 8-20).

O Evangelho é a boa notícia de que Deus está do nosso lado. Com Jesus de Nazaré, Deus pôs-se ao lado de quem nunca se sentiu à altura, dos últimos, de quem nunca se sentiu merecedor de Deus, porque nunca caminhou lado a lado com Deus.

2. Os Magos

Mas os pastores não foram a única visita do Menino Jesus. Também os Magos se encheram de alegria com o nascimento do Salvador e quiseram visitá-lo: "Depois de ter ouvido o rei, os Magos puseram-se a caminho. E a estrela que tinham visto no Oriente ia adiante deles, até que, chegando ao lugar onde estava o Menino, parou. Ao ver a estrela, sentiram imensa alegria; e, entrando na casa, viram o Menino com Maria, Sua mãe. Prostrando-se, adoraram-no; e, abrindo os cofres, ofereceram-lhe presentes: ouro, incenso e mirra." (Mt 2, 9-11)

Seguindo a luz que indica o caminho, a luz que irradia de Jesus Cristo, Deus feito homem, estes Magos de nações diferentes e distantes representam, de forma simbólica, todos os povos pagãos. A Boa Nova do nascimento do Salvador não é só para alguns. É para todos os homens e mulheres que ousaram e ousam acreditar que Cristo é o Messias, o Filho de Deus. Os Magos representam os ***povos pagãos*** que vêm adorar aquele que é rejeitado pelo poder político e religioso do ***povo judeu.***

Também eles levam presentes ao Menino: ouro, incenso e mirra. Presentes que simbolizam as dádivas de todos os povos ao Messias esperado e que são também símbolos da realeza (ouro), da divindade (incenso) e da humanidade sofredora (mirra) de Jesus Cristo.

3. Viver o Natal

Os Magos e os pastores representam aquela minoria (o fermento que leveda toda a massa) dos que, atentos à promessa de Deus, a esperam com toda a confiança. Por isso não se deixam influenciar nem intimidar pelos poderes instituídos. Não se preocupam com questões de indumentária, etnia, influência, estatuto ou religião, mas em colocar todo o seu ser na busca da verdade e do bem. São os que estão totalmente abertos para acolher a Boa-Nova. Para tal, arriscam ir ao encontro do Senhor, perdem o medo e avançam. Os pastores e os Magos representam, acima de tudo, todos aqueles que neste mundo andam à procura de Deus com um coração humilde e generoso.

E nós? Não será que muitas vezes nos esquecemos de percorrer os caminhos da humildade e da verdade que os pastores e os magos ousaram percorrer?

Pensar nas visitas que Jesus recebeu dos Magos e dos pastores deve comprometer-nos a estar continuamente com Ele, em união a Deus e aos outros seres humanos. Visitar Jesus é visitar todos os homens e mulheres que o mundo continua a rejeitar. Visitar o Menino no presépio é descobrir o amor de Deus pelos homens, que não nos pode deixar indiferentes àqueles que esperam a visita de alguém que encha de sentido as suas vidas. No Natal, Deus deu-nos o mais belo e precioso presente – o seu Filho Jesus Cristo, o Amor feito homem. Visitar o Menino que, na pobreza e humildade da manjedoura de Belém, inunda de alegria o mundo, é comprometermo-nos a ir ao encontro de todos, levando-lhes esse presente que Deus nos deu: o Amor.

OBJETIVOS

- Conhecer as visitas que o Menino Jesus teve quando nasceu;
- Descobrir as prendas que podemos dar a Jesus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. As crianças apreciam bastante as visitas dos amigos. Gostam de se sentir alvo das suas atenções e interesses. Muitas vezes, a par de uma visita recebida, vem mais um presente.
2. Estão na idade de começar a descobrir a outra dimensão de visitar e ser visitado, já numa perspetiva de solidariedade, de aprender a ir ao encontro do outro.
3. Esta catequese vai-lhes permitir descobrir que também podem oferecer uma prenda ao seu amigo Jesus, abrindo caminho para a sua entrega aos outros.

NOTA – *Apenas o Evangelho de Mateus refere a visita daqueles que conhecemos tradicionalmente como Reis Magos, dizendo que chegaram a Jerusalém uns magos vindos do Oriente. Não convém, portanto, insistir no título de reis, ainda que se refira, já que é assim que são conhecidos. Se alguma criança perguntar o que quer dizer magos, poderá dizer-se que deviam ser astrónomos, isto é, pessoas que estudavam os astros.*

MATERIAIS

- O presépio (como foi construído na catequese anterior);
- Imagem dos Magos (para o presépio);
- Pequenos corações de cartolina, um para cada participante, incluindo o catequista (modelo na p. 40 do catecismo).

MÚSICAS

- Rei dos reis (cf. Anexo);
- Senhor, para Ti o meu coração.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Na sala deve estar montado o presépio com as mesmas figuras que tinha no final do encontro anterior.

Prever um tempo de acolhimento na sala um pouco mais longo do que o habitual para que todas as crianças possam contar como viveram o Natal. Geralmente gostam de dizer que presentes receberam, mas deve-se evitar uma atitude de competição entre as crianças.

Pontos possíveis para o diálogo:

- *Com quem celebraram o Natal (vivência familiar);*
- *Como e com quem realizaram o compromisso da última catequese; quem fez o trabalho do catecismo pode mostrá-lo;*

– *Qual foi o presente de Natal de que mais gostaram e porquê.*

De seguida, o catequista dá também um testemunho breve de como viveu ou está a viver, o Natal.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *O nascimento de um bebé*
   Quando nasce um bebé vão muitas pessoas visitá-lo, porque querem conhecer aquele menino ou aquela menina que nasceu... *Chamar a atenção para o catecismo da criança (p. 38):* A mãe está com o bebé que nasceu há pouco tempo e vemos à porta do quarto uma amiga que vem visitá-los e traz um presente... *Dialogar com as crianças sobre situações idênticas: nascimento de um irmão mais novo, de um primo, ou filho de amigos dos pais...*

2. *Retomar o presépio da última catequese*
   Observação do presépio como ficou montado na catequese anterior. Dialogar com as crianças sobre as figuras que lá se encontram... Estão lá o Menino Jesus, Nossa Senhora, S. José, os pastores... Os pastores foram as primeiras visitas que Jesus teve. Eram pessoas que viviam ali perto. Eram pobres e tomavam conta dos rebanhos de ovelhas e cabras. Mas Jesus teve mais visitas. Foi visitado por umas pessoas que vieram de muito longe, para o ver e adorar. Sabem quem foram? Os Magos. Nós não os pusemos lá quando construímos o presépio, porque eles não chegaram logo a seguir ao nascimento de Jesus.

   Hoje vamos ver o que aconteceu quando eles chegaram. É uma história muito linda.

II. PALAVRA

1. *A visita dos Magos*
   Perto de Belém, a terra onde Jesus nasceu, havia um rei chamado Herodes que julgava que era muito importante. Um dia chegaram três senhores que vinham de outras terras. Mas não vinham visitá-lo; só queriam saber onde devia nascer o rei dos judeus. Eles vinham desde as terras deles atrás de uma estrela que lhes indicava o caminho. Mas tinham deixado de a ver quando chegaram àquela cidade. O rei Herodes disse-lhes que, quando encontrassem o rei que tinha nascido, voltassem ao palácio para lhe dizerem. Quando saíram do palácio, voltaram a ver a estrela e seguiram-na até ao lugar onde viram Jesus com Maria e José. Esses senhores eram sábios e ricos. Eram os Magos e até há quem lhes chame os Reis Magos.

2. *Jesus é o melhor dos reis*

Jesus era o rei que tinha nascido e que eles iam visitar. Quando o conseguiram encontrar ficaram muito contentes.

Leitura (Mt 2, 10-11)

Entrando na casa, viram o menino
com Maria, sua mãe.
Prostrando-se, adoraram-no;
e, abrindo os cofres,
ofereceram-lhe presentes: ouro, incenso e mirra.

Silêncio.

Eles ajoelharam-se diante de Jesus, como nós fazemos na igreja, e deram-lhe as melhores prendas que tinham, porque Jesus é o melhor amigo e o melhor rei que há. Ele veio para todos: pobres, ricos, pessoas da terra dele e de todas as terras...

Motivar para o cântico "Rei dos reis" e cantá-lo.

Vamos completar o nosso presépio? Já lá temos Jesus, Maria, José, os pastores. Agora vamos pôr os Magos. *Colocar as figuras com a ajuda das crianças.*

Quando os Magos dormiam, antes de voltarem para casa, tiveram um sonho. Nesse sonho viram um anjo que lhes disse para não voltarem ao palácio do rei Herodes, porque ele só queria saber onde estava o Menino Jesus para lhe fazer mal. Por isso, eles voltaram para as terras deles por outro caminho.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *As nossas prendas para Jesus*

Que poderemos nós oferecer a Jesus, nosso Rei? Como não temos ouro nem outras coisas preciosas, há uma coisa que podemos oferecer e que agrada muito mais a Jesus. É o nosso coração, cheio de amor para com todos.

Vamos fazer isso? Então fazemos assim: cada um de nós vai desenhar num coração uma coisa boa que fez estes dias (como fomos amigos, ou como ajudámos...) ou o que vamos ainda fazer.

(O catequista distribui pelas crianças os corações de cartolina e dá-lhes uns minutos para fazerem os desenhos, desenhando também ele ou escrevendo no que ficou para si. No fim convida à oferta do seguinte modo:)

Vamos fazer assim: primeiro, pomos o coração onde fizemos o desenho nas nossas mãos abertas e estendidas para o Menino Jesus *(o catequista exemplifica).* A seguir, cada um vem aqui colocar o seu coração junto de Jesus e, depois de o entregar, pode

beijar a imagem do Menino Jesus. Então, todos de pé, com os corações nas palmas das mãos, vamos dizer:

Ó Jesus, recebe o meu coração,
como recebeste os presentes dos Magos.
Faz que o meu coração seja bom como o teu.
Depois de oferecerem os corações pode-se cantar: "Senhor, para ti, o meu coração".
No final podem, todos em conjunto, repetir a oração feita atrás.

2. Compromisso

De qualquer modo, o catequista convida as crianças a rezar a oração em casa, com a ajuda dos pais ou familiares, servindo-se, para isso, do texto que vem no catecismo (p. 40).

Também podem pintar os Reis Magos da p. 41 e escrever uma boa atitude para porem em prática, inspiradas pelos Reis Magos.

ANEXO

Rei dos reis,
Senhor dos senhores, glória! } ***Bis***
Aleluia!

Jesus, fonte de vida, glória! } ***Bis***
Aleluia!

Príncipe da paz, glória! } ***Bis***
Aleluia!

Nota: No final da Catequese ou no início da próxima, os corações podem ser colados na p. 40 do catecismo.

CATEQUESE 10

JESUS CRESCIA EM SABEDORIA, EM ESTATURA E EM GRAÇA

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. **O dinamismo do crescimento humano**

   Todo o ser humano nasce, cresce e se desenvolve, no meio dos outros e na sociedade. Acontece de um modo mais rápido e intenso durante a infância e a adolescência, com um desenvolvimento particularmente visível nos aspetos físico e psíquico.

   Mas mesmo passada essa fase, nenhum ser humano pode parar de crescer. De facto, a vida só é vida enquanto se desenvolve, se renova, cresce, num crescimento equilibrado e integral.

   Este crescimento consegue-se pela contínua aquisição de conhecimentos pelas experiências vividas, pelas dificuldades ultrapassadas e através de uma boa relação consigo mesmo, com os outros, com a natureza. E precisa ainda de ser alimentado por uma contínua relação com o Outro: pela fé no Deus de quem procede toda a vida.

   É por isso que o crescimento de Jesus é para nós exemplar.

2. **O crescimento humano do Filho de Deus**

   Aquele Menino que contemplámos no Natal, deitado na manjedoura, cresceu e desenvolveu-se na Palestina do Século I.

   Não temos muitos dados bíblicos sobre a infância de Jesus. Sabemos que, como qualquer primogénito Judeu, foi ao Templo de Jerusalém para ser apresentado ao Senhor (cf. Lc 2, 22-23), tendo sido aí reconhecido pelo velho Simeão como "Salvação oferecida a todos os povos, Luz para se revelar às nações e glória de Israel" (cf. Lc 2, 31-32). Sabemos ainda que Maria e José tiveram de fugir para o Egito, pois o rei Herodes mandara matar todos os meninos até aos dois anos de idade (cf. Mt 2, 13-17). Depois o Menino aparece já com doze anos, por ocasião da Páscoa Judaica, indo com Maria e José a Jerusalém e ficando lá, entre os Doutores da Lei, a ouvi-los e fazer-lhes perguntas (cf. Lc 2, 41-49).

Estes acontecimentos que marcam a infância de Jesus são um sinal de que Ele afinal era um Menino diferente. São também um anúncio da sua missão: Ele é o Filho de Deus, o Salvador da humanidade, que veio ao mundo para dar a sua vida pela salvação de todos. Mas, mesmo assim, o Menino cresceu e fez-se homem, como qualquer outra criança: "Depois, desceu com eles, voltou para Nazaré e era-lhes submisso. Sua mãe guardava todas estas coisas no seu coração. E Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens" (Lc 2, 51-52).

Teve uma família que o amou e educou. Uma educação que incluiu aspetos humanos e religiosos, incidindo também na sua relação com Deus e com os homens. E assim, depois dos trinta anos, há de começar a anunciar a Palavra de Deus. Vai escolher os Doze, será seguido por multidões sequiosas de Verdade e Salvação. A cada passo, confirmará a sua missão messiânica com os sinais do poder divino: restituirá a vista aos cegos, curará os doentes, ressuscitará os mortos. Isto é, ajudará outros a despertar e crescer para uma vida equilibrada e integral.

3. Crescer sempre

Como Jesus, também nós crescemos. Com Ele, podemos aprender a crescer felizes.

Jesus cresceu no seio duma família que era uma comunhão de amor. Os seus pais amaram-no muito e ensinaram-no a caminhar por si próprio. Ensinaram-no a conhecer e amar a Deus, a ter uma fé viva, a ser solidário e comprometido com os problemas do povo. Ensinaram-no, com o seu exemplo, a ter uma atitude permanente de respeito e serviço para com os demais. Ensinaram-no a crescer no conhecimento e amor a Deus, servindo ao próximo.

Aos doze anos, procurou aprender mais, ficando no Templo. Escutava com interesse os ensinamentos dos sábios e interrogava-os, aberto aos desígnios e à vontade de Deus a seu respeito. Maria e José, por vezes, não o entendiam, mas sempre o amaram e respeitaram.

OBJETIVOS

- Tomar consciência de que Jesus também cresceu como nós;
- Dar graças a Deus por crescermos à semelhança de Jesus;
- Aprender com Jesus a escolher o bem e não o mal.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Nesta idade, a criança sente-se feliz por estar a crescer. Sente-se vencedora em muitas circunstâncias e contente por isso. Gosta de mostrar que até já ajuda o pai e a mãe. Está feliz por já ser maior e por notar que os adultos também estão contentes com o seu crescimento.

2. O crescimento harmonioso da criança terá de se dar simultaneamente a quatro níveis: físico, intelectual, moral e espiritual. Sem entrar numa definição de pecado, pretende-se, com esta catequese, começar a *desenvolver na criança a consciência moral,* de modo que seja ajudada a saber distinguir o bem do mal.

MATERIAIS

- Jesus em criança (cerca de sete anos);
- Maria (a trabalhar);
- José (a trabalhar);
- Avós de Jesus: Joaquim e Ana;
- Imagem de Jesus em criança a rezar;
- Dísticos: *Estatura, Sabedoria, Graça*.

MÚSICA

- Jesus crescia como nós.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Crescemos: estamos maiores!*
   Observar com as crianças o catecismo na catequese 6, "Deus faz-nos crescer".

   Nesta catequese falámos de como é bom crescer e ficámos a saber quem nos faz crescer.

   Dialogar com as crianças através das imagens do catecismo…

   Já se passou algum tempo desde que tivemos esta catequese e muitos meninos, desde então, já cresceram bastante; outros podem ter crescido menos mas irão crescer mais tarde. Que bom que é sabermos que Deus nos ajuda a crescer!

   Como estão maiores, já são capazes de fazer tantas coisas!

2. *Crescemos: somos capazes de fazer muitas coisas*
   Observar com as crianças a primeira página da catequese 10 (p. 42): Vemos aqui um menino a ajudar a mãe a lavar a loiça… Quem é que é capaz de fazer isso? E que mais coisas são capazes de fazer? *Ouvir as crianças…*

   É bom crescer, ser capaz de ajudar as pessoas adultas: os pais, avós, professores, catequistas. Já são capazes de ajudar tantas pessoas, porque estão maiores e mais fortes. Nesta altura do ano também já todos sabem ler um bocadinho e vão aprender a ler cada vez melhor. Nós aprendemos a ler e estudamos para ter mais sabedoria. É para isso que se vai à escola, para saber mais coisas, não é verdade?

Mas todos precisamos da ajuda dos outros para crescer. Quem é que nos ajuda mais a crescer? *Deixar que se exprimam.* Em primeiro lugar é, com certeza, a família. Sem a família e os amigos, as pessoas não crescem felizes. São os pais que mais cuidam da saúde, e de outras coisas necessárias. Muitas vezes são também os avós, os tios, os padrinhos. Todos gostam de vos ver crescer, de saber o que se passa na escola, na catequese, com os amigos...

E Jesus? Será que Jesus também teve uma família que o ajudou a crescer? Terá sido como nós?

II. PALAVRA

1. *A família de Jesus*
   Apresentar a imagem de Jesus em criança.

   Aqui vemos Jesus, quando tinha mais ou menos a vossa idade.

   Agora vamos conhecer a sua família. Algumas pessoas já conhecem. Quem era a mãe de Jesus? *Ouvir as crianças e afixar a imagem de Maria de um dos lados da de Jesus.*

   E quem era o pai que Deus escolheu para cuidar de Jesus na terra? *Ouvir as crianças e depois afixar a imagem de S. José do outro lado da de Jesus.*

   Nesta imagem, S. José está a trabalhar. Sabem o que ele fazia, qual era a sua profissão? Era carpinteiro. Os carpinteiros trabalham com madeira. E ensinou a Jesus a mesma profissão.

   Faltam os avós. Mas só sabemos o nome de um avô e uma avó, os pais de Maria.

   Afixar as imagens de Ana e Joaquim.

2. *Jesus cresceu em Nazaré*
   Sabemos que Jesus nasceu em Belém. Mas não foi lá que viveu. Assim como agora há muitos meninos que nasceram numa terra, mas depois vão viver para outra, também isso aconteceu com Jesus. Como os pais souberam que o rei Herodes o queria matar, fugiram para outro país chamado Egito. Herodes não mandava lá e, por isso, não podia fazer mal ao Menino. Mais tarde, depois de Herodes ter morrido, voltaram ao seu país e foram para Nazaré, que era a terra onde viviam os pais de Jesus antes de ele nascer.

   Foi em Nazaré que Jesus cresceu até se fazer um homem. Jesus também ia à escola, aprendeu a ler e foi aprendendo muito mais coisas; estudava pelo Livro da Palavra de Deus. Ainda não tinha tudo quanto tem hoje, porque uma parte foi escrita depois da vida de Jesus. Mas já era o livro que falava de Deus, daquilo que Ele quer de nós e que ensinava toda a sabedoria que precisamos de ter.

Leitura (Lc 2, 52):
Jesus crescia em sabedoria,
em estatura e em graça,
diante de Deus e dos homens.

Silêncio

Afixar os dísticos: Estatura, Sabedoria, Graça.

Jesus crescia em estatura, o que quer dizer em tamanho: ia ficando mais alto, mais forte. Crescia em sabedoria: cada vez aprendia mais e cada vez era capaz de fazer mais coisas e de as fazer melhor. Também crescia em graça, o que quer dizer vida de Deus. Sabemos que o anjo cumprimentou Maria, com as palavras que nós agora ainda lhe dizemos: "Avé, Maria, cheia de graça"... Graça é a vida de Deus.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Jesus crescia diante de Deus e dos homens*
   Quando Jesus tinha a vossa idade com certeza também estava contente por crescer. José e Maria ensinavam Jesus a conhecer melhor a Deus. Por isso Jesus rezava todos os dias a Deus, com muito amor.

   Afixar a imagem de Jesus em criança a rezar.

   Obedecia aos pais e crescia feliz.

   Cantar o cântico: Jesus crescia como nós.

   Orientar as crianças para desenharem no catecismo como Jesus fazia a vontade de Deus: ajudava os pais, trabalhava, rezava...

2. *Pedimos a Jesus que nos faça crescer como Ele*
   Nós vimos à catequese e vimos à igreja, à missa para ouvirmos a Palavra de Deus e podermos crescer em sabedoria, com o que Deus nos ensina. Assim, podemos ser cada vez mais amigos dos outros e crescer diante de Deus e dos homens como Jesus. Agora podem dizer todos comigo:

   Ó Jesus,
   ajuda-me a crescer
   em estatura, em sabedoria
   e em graça como Tu.
   Ámen.

Pode repetir-se o cântico: *Jesus crescia como nós.*

3. **Compromisso**

   Conversar com as crianças sobre a importância de participar na eucaristia dominical. Combinar que no próximo Domingo todas as crianças vão estar presentes. Prever um modo de convocatória para as famílias. Rezar Em Família a oração da página 45 e pintar as letras da oração.

CATEQUESE 11

JESUS GOSTA DE SEU PAI

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. **Ter um pai na nossa vida**

   O pai e a mãe são das principais referências da nossa vida. Infelizmente nem todos têm pais dignos desse nome e muitos, infelizmente, nunca tiveram ninguém a quem chamar pai ou mãe. Mas a relação filial com os pais está profundamente inscrita no coração humano. Todo o ser humano procura pais em quem possa sempre encontrar apoio e um amor incondicional. Quando a relação com os pais é negativa, mais forte é ainda a necessidade de encontrar um Pai, uma Mãe.

2. **Jesus é o verdadeiro Filho de Deus**

   Jesus teve pais na terra. Encontrou em Maria e José o amor, a proteção, o carinho, a educação de que todo o ser humano precisa. Mas sabemos que o verdadeiro Pai de Jesus é Deus. Com efeito, ele usou muitas vezes o termo Pai, aplicado a Deus. Fala do Pai que está nos Céus e dirige-se a Ele com a palavra ***Abba*** (que quer dizer ***paizinho***), nome cheio de afeto, que demonstra a ternura e o amor de Jesus por seu Pai e a intimidade que tem com Ele.

   Todos os pais humanos realizam, com maiores ou menores limitações a paternidade/ /maternidade de Deus que nos chama a amá-lo "com todo o coração, com toda a alma e com todas as forças" (Dt 6, 5). Também nós desejamos ser amados com todas as forças. Essa experiência de amor vem-nos desde o seio materno e fazemo-la normalmente através de um pai e uma mãe. Mas só Deus tem esse amor materno e paterno que não acaba nunca. "Pode uma mulher esquecer-se do seu bebé? Ainda que ela se esquecesse dele, Eu nunca te esqueceria" (Is 49, 15).

   Deus cria para o amor e porque é amor quis dar-nos um pai e uma mãe que possam ajudar-nos a preparar a nossa vida como uma resposta amorosa.

   Jesus adolescente, de visita ao Templo de Jerusalém, maravilha-se com a realidade profunda da sua identidade: o Deus Altíssimo, origem de toda a vida é o seu verdadeiro Pai. Tem de falar deste Pai aos outros e descobrir ainda mais acerca dele.

3. **Deus, o único Pai**

Deus é Pai. É o amor do Pai que capacita o Filho para amar (cf. Jo 17, 26). E "ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar" (cf. Mt 11, 25-26). É Jesus e só Jesus que nos pode levar ao Pai, que Ele tanto ama e quer fazer amar.

Quando rezamos ao Pai, estamos em comunhão com Ele e com o seu Filho Jesus Cristo. É então que o reconhecemos num encantamento sempre novo. Damos-lhe graças por nos ter revelado o seu nome, por nos ter dado a graça de acreditar n'Ele, de sermos habitados pela sua presença. Jesus é o Filho que ama o Pai acima de todas as coisas.

É Jesus que nos revela definitivamente o autêntico rosto do Pai. Esse rosto manifesta-se num amor paternal, sempre disposto ao perdão, alegria que dissipa e supera todas as tristezas. Este é o Deus que Jesus revela com a sua vida, a sua pregação, a sua oração e sobretudo com a sua morte e ressurreição. Apresenta-nos um Pai bondoso, sempre próximo, que segue com o seu olhar todas as pequenas coisas, toda a nossa vida, que conhece todas as nossas necessidades, que nos perdoa e tem sempre a sua casa aberta para receber com alegria o filho perdido.

OBJETIVOS

- Descobrir que o Pai de Jesus é Deus;
- Desejar falar com Deus como Jesus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Nesta catequese, o catequista já conhece suficientemente as crianças para saber se há alguma que tenha uma experiência negativa com o pai. Ao apresentar aos catequizandos, Deus Pai e o amor de Jesus pelo seu Pai, deve conseguir transmitir às crianças que Deus é um Pai que as ama sempre, em todas as circunstâncias.
2. Com base na experiência que normalmente uma criança tem com o seu pai, que lhe dedica tempo, a escuta e a ajuda a crescer, queremos nesta catequese iniciar a criança no diálogo assíduo e amoroso com Deus Pai. Daí a apresentação da oração da manhã, como os bons dias que cada criança e o seu pai dão pela manhã um ao outro.

MATERIAIS

- Imagens de crianças com o pai a trabalhar, a brincar, a estudar, a ler, a rezar;
- Dísticos: *Graça* (catequese 10); *Jesus gosta muito de seu Pai; Oração; Deus também é nosso Pai;*
- Imagem de Jesus em oração (catequese 10);
- Folhas de papel para todas as crianças.

MÚSICA

- "Deus nosso Pai".

Nota: *Tendo em vista a próxima catequese (12), convém que o catequista se informe acerca das profissões dos pais de cada criança e, mais geralmente, da sua situação familiar. O catequista deve adaptar o tratamento a dar à experiência humana de ter um bom pai, que acompanha, acarinha e educa, às situações de cada um, centrando-se o relato e o diálogo numa perspetiva de «adulto cuidador». O mais importante é que cada criança, cada pessoa, tem em Deus um Pai plenamente amoroso.*

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

No quadro/placar estarão afixados os elementos usados na última catequese: a gravura de Jesus em oração e, por baixo, o dístico "Graça".

1. *É bom ter um pai!*

   Apresentar várias imagens de crianças com o pai. Ex: o pai a brincar com os filhos; com o(a) filho(a) às cavalitas; a ajudar a fazer os trabalhos de casa; a lavarem o carro; a passearem de bicicleta, etc..

   Dialogar com as crianças sobre as imagens e a própria experiência delas acerca de aquilo que fazem com o pai.

   Há tantas coisas boas que já fizemos com o pai! A maior parte dos pais pensam muito nos filhos, mais que neles próprios. Fazem tudo o que podem para darem atenção aos filhos e cuidarem deles.

   E nós? Que podemos nós fazer pelos nossos pais? Como é que podemos mostrar que gostamos muito deles? *Ouvir as crianças.*

2. *Recordamos um momento especial com o pai*

   Às vezes fazemos coisas tão lindas e importantes com o pai, que depois temos vontade de as contar aos nossos amigos.

   Vamos fazer um jogo: cada um fecha os olhos e vai tentar lembrar uma coisa bonita que viveu com o pai. Se não for com o pai, pode ser com o avô ou alguém que seja muito importante para nós. *Depois de um breve silêncio:*

   Agora cada um vai fazer um desenho daquilo que se lembrou. *Dar um pouco de tempo para cada um/uma desenhar. O catequista também pode desenhar, ou se preferir escrever.*

   Tantas coisas bonitas de que cada um/uma se lembrou!

   Sem os termos visto, os nossos pais até estiveram aqui. Quando nos lembrámos deles, foi quase como se estivéssemos junto deles. Eles estão sempre no nosso coração.

II. PALAVRA

1. *Jesus era muito amigo de seu Pai*

Já sabemos que Jesus era muito amigo de seu Pai. Temos aqui ainda a imagem de Jesus.

O que está Jesus a fazer? *Ouvir as crianças.*

Como já vimos Jesus crescia em estatura, sabedoria e graça... A pouco e pouco ele ia descobrindo que era o verdadeiro Filho de Deus. Um dia os pais de Jesus foram a Jerusalém, que era a cidade mais importante que havia naquele país. Foi na altura de uma festa muito grande para agradecer a Deus por Ele ajudar e acompanhar sempre aquele povo. Tinham de fazer um grande caminho a pé para irem até Jerusalém. Como Jesus já era bastante crescido, já tinha doze anos, Maria e José levaram-no com eles. Durante a festa foram rezar ao Templo de Jerusalém que era como uma igreja muito grande.

O catequista abre a Bíblia e expõe o seu conteúdo com as seguintes palavras ou outras semelhantes:

Quando a festa acabou e voltavam para Nazaré, José e Maria não conseguiram encontrar Jesus. Ficaram muito aflitos e preocupados e foram junto de pessoas da família e de amigos à procura dele. Por fim, voltaram ao Templo. Foi aí que o encontraram, no Templo, na casa de Deus. Jesus estava no meio dos doutores da Lei, pessoas que estudavam e sabiam muito sobre Deus. Ele estava lá a ouvir os doutores, mas também a ensiná-los. Só com doze anos, ele já sabia muito mais de Deus do que os doutores, os sábios.

Toda a gente estava admirada e os pais de Jesus também. Ficaram contentes por o terem encontrado e também muito admirados com a sabedoria dele. Então, vamos ouvir o que a mãe lhe perguntou e o que Jesus respondeu.

Leitura (Lc 2, 41-42):
"Filho, por que nos fizeste isto?
Olha que teu pai e eu andámos à tua procura".
Ele respondeu-lhe:
"Porque me procuráveis?
Não sabíeis que devia estar na casa de meu Pai!"

Silêncio

Por que é que Jesus ficou no Templo? Porque gosta muito do seu Pai.

Afixar o dístico "Jesus gosta muito de seu Pai".

Era o Pai que o fazia crescer em estatura, sabedoria e graça. Que o fazia ser tão bom, com um coração grande e generoso como o do Pai. E que o fazia depois ser muito obediente a Maria e José.

Jesus sentia que toda a força que tinha para ser cada vez melhor era o Pai que lhe dava.

E talvez fizesse como nós fizemos: fechava os olhos e pensava no que Deus Pai teria para lhe dizer.

Quando Jesus falava com Deus Pai, como vemos naquela imagem, estava a rezar, estava em oração.

Afixar o dístico "Oração".

Jesus desde muito pequenino, falava todos os dias com Deus.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *O Pai de Jesus também é nosso Pai*

Jesus gostava de rezar, de falar com Deus, porque Deus é o seu Pai. Mas Jesus ensinou-nos uma coisa muito importante: o Pai de Jesus também é nosso Pai!

*Afixar o dístico "*Deus também é nosso Pai*". Deixar as crianças contemplar e comentar.*

Deus é um Pai maravilhoso que ama todos os seus filhos com muito amor. É bom sabermos que Ele nos conhece a todos e nos ama tanto.

Jesus começava o dia a falar com seu Pai. E se nós aprendêssemos a fazer como Ele?

Até podemos já falar com Deus nosso Pai. E podemos fazê-lo a cantar.

Cântico: *"Deus nosso Pai"*
Deus nosso Pai,
que sois tão bom!
Bendito sejais!
Glória a vós, Senhor!

Estamos a louvar a Deus nosso Pai, como fez Jesus! Louvar é dizer como uma pessoa é boa. E louvamo-lo porquê?

Por todas as coisas boas que Deus nos dá. Vamos agradecer-lhe por isso? Então cantamos outra vez, de braços levantados.

"Deus, nosso Pai"...

2. *Podemos falar todos os dias com Jesus.*
Vamos aprender também uma oração para rezar a Jesus todos os dias de manhã? Está aqui no catecismo.

Indicar a oração, na p. 48 e ajudar as crianças a lê-la e a repeti-la.

Jesus, eu já acordei!
Quero dizer-Te: bom dia!
De manhã até à noite
Sê a minha companhia

Ó Jesus, meu bom amigo!
Ó Jesus, meu bom irmão!
Quero levar-Te comigo, Guardado no coração.

3. **Compromisso**
Agora já podem rezar esta oração todos os dias, com a ajuda dos vossos pais. E desenhamos o que mais gostamos de fazer Em Família, na p. 49.
Vamos louvar e bendizer outra vez a Deus, nosso Pai? Então, de pé, levantamos as mãos para o Céu e cantamos todos:

"Deus, nosso Pai, que sois tão bom!"

CATEQUESE 12

JESUS FALA COM O SEU PAI

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. **Precisamos de palavras vivas**

   Quem não gosta de que lhe falem? Quem não aprecia uma boa palavra? Boas ou más, as palavras nascem do coração. Sobretudo quando não são mera informação, mas exprimem o que nos vai no interior e interpelam aqueles a quem as dirigimos.

   Vivemos num mundo em que se usam e gastam palavras. Mas muitas delas não passam de ruídos desprovidos de sentido e sem eficácia nos outros.

   Quantas palavras são vazias, porque está vazio o coração de quem as pronuncia: vazio de afeto, de amor. Falta-lhes vida que faça das palavras fonte da vida.

   Contudo, todos precisamos de palavras que falem e procuramo-las de facto. O nosso coração anseia por uma palavra de confiança, dita por pessoas cujas palavras sejam realmente significativas, e que, por isso, conquistem, convençam, transformem. Como foi a Palavra de Jesus.

2. **Jesus é a Palavra de Deus que se fez carne**

   O Evangelho de S. João começa com estas palavras: «No princípio existia o Verbo; e o Verbo estava em Deus; e o Verbo era Deus (...) E o Verbo fez-se carne e habitou entre nós» (Jo 1,1.14).

   É assim que Jesus é denominado: como Palavra (=Verbo), que faz parte do ser de Deus, desde o «princípio» que está para além de todos os princípios, isto é, desde toda a eternidade. É Palavra por duas razões. Primeiro porque Deus é, por natureza, comunicação: pela vida que tem e que dá. Isto é, Deus é impensável sem a Palavra com que se comunica, como a vida é impossível sem a comunicação. Segundo, porque Deus jamais se comunicou tanto aos homens, como em Jesus de Nazaré: «A Deus, jamais alguém o viu. O Filho Unigénito, que é Deus e está no seio do Pai, foi Ele quem o deu a conhecer» (Jo 1, 18).

O Evangelho que Jesus proclamava aparecia ao vivo nas ações que realizava. Por isso, as suas palavras tinham um poder interpelativo único: devido à total sintonia entre o que dizia e o que fazia.

Uma sintonia que Ele mantinha e alimentava através de uma relação permanente e profunda com Deus pela oração. Era tanto mais Palavra de Deus quanto mais intenso era o diálogo vivo que mantinha com Ele, com Aquele, a quem se dirigia com o termo aramaico «Abba», que significa ***papá***. Tal era a intimidade filial que o unia a Deus.

Embora, «segundo o seu coração de homem», tenha aprendido a rezar, sobretudo com sua Mãe, a oração brotava-lhe duma fonte diferente e secreta, como deixa pressentir quando diz, aos doze anos: «Eu tenho de estar na casa do meu Pai» (Lc 2,19). «Aqui começa a revelar-se a novidade da oração na plenitude dos tempos: a oração filial, que o Pai esperava dos seus filhos, vai finalmente ser vivida pelo próprio Filho Único na sua humanidade, com e para os homens» (CIC 2599).

E também a este nível Jesus é a Palavra de Deus: «É contemplando e escutando o Filho que os filhos aprendem a orar ao Pai» (CIC 2601). Com o coração cheio de Deus também as nossas palavras se encherão de significado porque estarão de acordo com o nosso modo de pensar e agir e estarão igualmente em sintonia com Deus.

3. Palavras que falam

O que falta às nossas palavras? Oração, silêncio, despojamento; numa palavra, falta Aquele que é a Palavra e educa o nosso ser para que não diga palavras vãs. E educa-o, sobretudo na sua relação filial com o Pai.

Quando o coração cooperando com as forças da fé contra o tumulto, a ansiedade e o barulho exterior, consegue manter viva a tranquilidade e a união interior, sentimos como as nossas palavras podem ser vida.

É isto que todos nós, sobretudo pais e educadores cristãos, precisamos de aprender: a pureza do coração. Só um coração «decidido a converter-se aprende a orar na fé»: aprende a falar com Deus para, nesse diálogo filial, se deixar encher dele, do seu amor, da sua vida (cf. CIC 2609).

OBJETIVOS

- Tomar consciência de que Jesus dialogava com o seu Pai através da oração;
- Alegrar-se por também ser filho de Deus;
- Comprometer-se a rezar todos os dias.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. A maioria das crianças gosta de conversar. Mas as crianças gostam sobretudo de estabelecer diálogo com os adultos. São estes que lhes ensinam coisas importantes, desvendam segredos e mistérios, vencem medos e ajudam a crescer.

2. A sua experiência de escuta no diálogo é fundamental para que a criança compreenda a atitude de Jesus: Ele gosta de dialogar com seu Pai e gosta também de falar dele.

MATERIAIS

- Fotografia de criança com os pais em atitude de confiança; fotografias de diversas pessoas a conversarem: várias crianças, crianças e adultos;
- Gravura de Jesus em oração (Catequeses 14 e 15);
- Dísticos: Jesus gosta muito de Seu Pai, Deus também é nosso Pai, Oração (Catequese 15).

MÚSICA

- Deus, nosso Pai.

NOTA – *A 1ª Alternativa da Experiência Humana tem diretamente em conta a ilustração do catecismo na página 50. A 2ª Alternativa apoia-se na realidade de conversar com aqueles que amamos como ponto de partida para a nossa "conversa" com Deus, a oração.*

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Durante o acolhimento, o catequista recorda o compromisso da catequese anterior e pergunta às crianças se se lembraram de rezar a oração da manhã, estimulando-as a continuar ou a começar a fazê-lo.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1ª Alternativa

1. *Há diversas profissões*

   No vosso catecismo, na página 50, estão pessoas a fazer diversos trabalhos, com diferentes profissões. Vamos ver se conhecemos estes trabalhos?

   Ouvir as crianças e ajudá-las a identificar as profissões representadas no catecismo. Pode-se dialogar com as crianças sobre outras que conhecem, nomeadamente as dos respetivos pais.

2. *Conversamos com as pessoas de quem gostamos*

   Conversar com as crianças:

   Quem é que já foi ao trabalho do pai ou da mãe? E ficaram a saber o que os pais fazem no trabalho? E quando os pais chegam a casa costumam falar de como foi o trabalho?

E qual é o vosso trabalho? (...) Ir à escola, dar atenção nas aulas, fazer os trabalhos de casa... E também falam do vosso trabalho com os pais, não falam?

Apresentar a fotografia de criança com os pais e ouvir as crianças.

2ª Alternativa

1. *Conversamos com as pessoas de quem gostamos*
   Apresentar as fotografias de pessoas a conversarem e dialogar com as crianças:

   Quem são as pessoas com quem nós falamos mais? Com quem gostamos de conversar? (...) Com certeza é com os nossos amigos e com as pessoas da nossa família. Falamos de muitas coisas, não é?

2. *É bom conversarmos com os pais!*
   Quando os pais chegam do trabalho, gostam de falar de como foi o dia deles? Quem é que já foi ao trabalho do pai ou da mãe? E ficaram a saber o que os pais fazem no trabalho? E os pais também costumam perguntar como foi o vosso trabalho? Qual é o vosso trabalho? (...) Ir à escola, dar atenção nas aulas, fazer os trabalhos de casa... E também falam do vosso trabalho com os pais, não falam?

   Seja qual for a alternativa escolhida, continuar assim:

   É bom falar com os pais! Mas o mais importante é ter alguém com quem podemos sempre conversar, a quem podemos contar tudo o que nos acontece, que também gosta de falar connosco.

II. PALAVRA

1. *Jesus conversava com Deus, seu Pai.*
   Para Jesus havia alguém que tinha um lugar muito especial no seu coração. E Jesus dedicava muito tempo a essa Pessoa. Procurava saber o que mais lhe agradava e fazia sempre a Sua vontade. Era alguém que Jesus não via com os olhos, como via a sua mãe, Maria, e José. Jesus sabia que essa Pessoa vivia no seu coração e estava sempre com ele. Quem seria? (...)

   Sim! Era Deus, Seu Pai!

   Lembram-se daquela catequese em que o Anjo disse a Maria que ela ia ser mãe dum Menino que seria chamado Filho de Deus? (...)

Maria e José acreditaram que Jesus era um menino muito especial, porque era Filho de Deus. E Jesus foi percebendo, que o seu verdadeiro pai era Deus. E por isso Jesus gostava muito de Deus, seu Pai!...

Apresentar dístico: "Jesus gosta muito de Seu Pai" e deixar contemplar.

Jesus habituou-se, desde muito pequenino, a falar no seu coração com Deus Pai. Sentia-o sempre muito perto de si.

Maria e José também falavam com Deus e, certamente, gostavam muito de ver Jesus a falar com o Pai do Céu.

Jesus não via o Pai, mas sentia-o. Percebia que Deus Pai estava sempre com ele, que era o Pai que o ajudava a crescer em inteligência, em sabedoria e em graça. E Jesus arranjava sempre tempo para falar com Ele, para lhe rezar.

Apresentar a gravura de Jesus em oração e o dístico: "Oração".

2. *Jesus também gostava de falar do Pai aos outros*

Jesus cresceu e continuou sempre a falar com Deus, seu Pai. Deixou de ser um menino, passou a ser um homem. Trabalhava como carpinteiro, como tinha feito S. José e ajudava as pessoas à sua volta.

Jesus era muito amigo de todos e queria que todos conhecessem o Pai do Céu que é também Pai de todas as pessoas. E começou a ensiná-las.

Leitura (cf. Mt 11, 25):
Jesus disse: «Bendigo-te, ó Pai,
Senhor do Céu e da Terra,
porque revelaste estas coisas aos pequeninos.

Silêncio.

Jesus agradecia ao Pai, porque Deus Pai quer ensinar a todos como é bom, como é nosso amigo; quer ensinar que Deus também é nosso Pai e é o melhor Pai que pode haver.

Apresentar o dístico: "Deus também é nosso Pai".

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Aprendemos a rezar com Jesus*

É muito bom saber que Deus é nosso Pai, que nós somos filhos dele. Se Jesus falava sempre com o Pai, nós também podemos falar muitas vezes com o nosso Pai do Céu,

E podemos falar também com Jesus. Falar com Jesus também é rezar, porque Jesus é o Filho de Deus. Na última catequese aprenderam uma oração para rezar todos os dias de manhã. Hoje vão aprender uma para rezarem todos os dias à noite:

Muito obrigado, Jesus,
pelo dia que passou.
Perdoa as minhas maldades:
Tu bem sabes como eu sou.
Uma noite descansada
eu te peço, ó bom Jesus!
Dá a todas as pessoas
teu amor e tua luz.

Esta oração está no vosso catecismo. *Mostrar a página 3 da catequese no catecismo.* Esta pode ser a vossa oração da noite.

2. Compromisso

Podem passar a rezar, todos os dias, à noite, esta oração e assim falar com Jesus com muito amor e muita confiança. E pintam o desenho e copiam a frase, na p.53: "Jesus ensina-me a rezar".

Pode-se terminar com o mesmo cântico da catequese anterior: Deus, nosso Pai.

CATEQUESE 13

JESUS É AMIGO DE TODAS AS PESSOAS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Precisamos de amigos

Precisamos de amigos pela razão mais óbvia: somos seres, por natureza, sociais. A vida que cada um de nós adquire e tem, deve-a, na sua quase totalidade, aos outros. A começar pelos nossos pais que, não apenas nos geraram, mas nos foram proporcionando tudo o que nos permitiu crescer, a todos os níveis da nossa existência.

Mas o leque de amigos estende-se muito para além das fronteiras da família a que pertencemos. Experimentamo-lo, de modo especial, nas horas difíceis ou felizes, pela disponibilidade e prontidão com que nos escutam quando precisamos de alguém com quem possamos abrir-nos para desabafar o problema ou a dor que nos oprime e destrói, ou comunicar e festejar a alegria que não conseguimos conter em nós.

É a partir desses momentos extremos que aqueles com quem comunicamos passam a fazer parte da nossa vida e nós da deles com mais intensidade.

E é também nessas alturas que melhor nos apercebemos de que, se a nossa vida é realmente um dom, ela só tem sentido, se vivida como tal. Isto é, não precisamos apenas de ***ter*** amigos, mas, na mesma proporção, precisamos de ***ser*** amigos. E numa medida que ultrapassa os limites das nossas capacidades humanas, porque é a medida de Jesus Cristo.

2. Jesus Cristo, o maior amigo

Ninguém como Jesus manifestou de um modo tão intenso aquilo que é, ao mesmo tempo, parte integrante e fonte da verdadeira amizade.

Não excluiu ninguém. E, se preferiu alguém, foram aqueles que pelas razões mais diversas, eram os mais desprezados e excluídos: os pobres e os doentes, os publicanos e os pecadores, as mulheres e as crianças. Jesus foi tão bem acolhido por eles porque foi ao seu encontro e os acolheu, sem outra finalidade que não fosse proporcionar-lhes o bem, a vida, o apreço de que precisavam. Um acolhimento que lhes abria o caminho para a conversão: para a abertura aos outros, a partilha de bens, o amor sem limites.

Veja-se, por exemplo, o que aconteceu com o chefe dos publicanos Zaqueu: depois de ter roubado e enganado tantas pessoas, viu chegar "a salvação à sua casa... pois, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido" (Lc 19, 1-10).

Deu também especial atenção a um grupo mais íntimo de amigos: aqueles que deixando tudo, as redes, a barca ou o telónio (cf. Mc 1, 16-20; 2, 13-14), o seguiram. Chamou-os e, de entre eles, «estabeleceu doze para andarem com Ele e para os enviar a pregar» (Mc 3, 14). Isto é, para que também eles dessem testemunho vivo e ativo do mesmo amor que haviam experimentado: quer quando foram chamados, quer, sobretudo, quando Ele, pela morte na cruz, deu a maior prova do Seu amor e se tornou para sempre presente entre nós como Ressuscitado. Foi então que adquiriu uma expressão mais viva a mensagem do Reino de Deus que Jesus anunciara em toda a sua atividade messiânica. Para isso privilegiou uma permanente e profunda comunhão com Deus através da oração: desde o primeiro dia da sua vida pública (ex. Mc 1, 35) até ao início e ao fim do drama da sua paixão e morte (Mc14, 32-42; 15, 34). Era, sem dúvida, desta intensa amizade com Deus que provinha a energia da sua inexcedível amizade com os homens: a amizade que ainda hoje existe e se manifesta através daqueles que aderem a Jesus Cristo e dele vivem.

3. **A comunidade dos amigos de Jesus**

A comunidade dos amigos de Jesus é a Igreja a que pertencemos, a ***sua*** Igreja. ***Sua***, porque nascida do seu coração aberto, do qual «brotou sangue e água» (Jo 19, 34), Sua, porque aberta aos que, pela fé e pelo batismo, vivem do seu Espírito (cf. 1Cor, 12, 13). Sua, porque alimentada pelo seu corpo e pelo seu sangue que fazem de todos aqueles que os tomam um só corpo (cf. 1Cor 10, 16-17).

Cristo continua a dizer-nos: «Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei. Nisto todos saberão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros» (Jo 13, 34-35).

OBJETIVOS

- Compreender que Jesus era amigo de todos;
- Desejar ser amigo como Jesus;
- Procurar ser amigo de todos.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. As crianças estão a entrar numa faixa etária, em que vão passando a uma abertura, cada vez mais acentuada, em relação ao outro, o colega de escola ou da catequese. Isto é, apreciam cada vez mais ter amigos e dispõem-se a colaborar na aquisição e manutenção dessa amizade.

2. Isto facilita a compreensão e aceitação da mensagem desta catequese: *Jesus, como amigo de todos*. É talvez o aspeto mais atraente de Jesus, que pode e deve servir para a vivência da sua mensagem. A começar pelos que estão mais perto: a família, os colegas da escola, o grupo da catequese.

MATERIAIS

- Lenços ou panos para vendar os olhos;
- Dístico: *Jesus é amigo de todas as pessoas;*
- Gravuras da vida de Jesus: Jesus a curar um doente; Jesus a curar uma menina; Jesus rodeado de crianças.

MÚSICA

- Eu tenho um amigo.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Antes de começar a catequese, o catequista recorda as orações da manhã e da noite ensinadas nas catequeses 11 e 12 e estimula as crianças a continuar a rezá-las diariamente.

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. Jogo: *Reconheço a voz do meu amigo.*

Como jogar:

1. *As crianças organizam-se em pares de amigos.*
2. *A uma de cada par são vendados os olhos.*
3. *As crianças de olhos vendados vão para o centro e as restantes formam uma roda, a uma certa distância.*
4. *O jogo começa com cada criança de olhos vendados, a procurar juntar-se ao respetivo par, mas guiada apenas pela voz do amigo, que chama pelo nome o amigo de olhos vendados.*
5. *Quando se reencontram, as crianças que chamaram, tiram as vendas dos olhos dos amigos e abraçam-nos como sinal da amizade e de felicitação (por se terem reencontrado).*
6. *Ninguém pode ficar de fora (Se as crianças forem em número ímpar, o catequista entra também no jogo).*

Cada menino ou menina que está na roda vai chamar pelo nome do seu amigo ou amiga que está de olhos vendados, até ele ou ela chegar ao pé de si. Atenção: os que estão

na roda não podem sair de lá. O amigo de olhos vendados é que tem de deslocar-se até encontrar o seu amigo. E este só pode chamar pelo nome do amigo. E os que estão de olhos vendados têm de ter cuidado para não chocarem uns com os outros. Por isso, antes de se deslocarem, devem ouvir bem de onde vem a voz do amigo que chama.

Prontos? Então pode começar ao jogo.

Depois de todos se reencontrarem:

Agora já podem tirar a venda dos olhos e abraçarem-se.

2. *Com os amigos conseguimos fazer coisas que não podemos fazer sozinhos*
Neste jogo que acabámos de jogar, cada um teve de contar com um amigo ou amiga. Quando brincamos ou fazemos qualquer coisa com os amigos tudo é mais fácil e corre melhor.

No catecismo (página 54) vemos uma menina. O que se passa com ela? Está contente? *Dialogar com as crianças...* Não está, porque ela não pode fazer esta brincadeira sozinha, pois não? Mas não é só para brincar que precisamos dos outros.

Imaginem que um dia cada um(a) acordava e estava sozinho(a)... Ninguém que o ajudasse a arranjar, que lhe desse o pequeno-almoço, que o levasse à escola... Ou que chegava à escola e não havia lá mais meninos: não tinha amigos para aprenderem na mesma aula, para brincarem no recreio... Não era nada bom ficar sem amigos, pois não? (...)

II. PALAVRA

1. *Jesus é amigo de todas as pessoas*
Jesus também teve muitos amigos e era amigo de todos. Vamos ver umas gravuras que nos mostram como Jesus era amigo.

Apresentar sucessivamente as gravuras, deixar as crianças contemplar e dizer o que veem em cada gravura.

Mostrar a gravura de Jesus a curar um doente: Ele ajudou muitas pessoas doentes.

Mostrar a gravura de Jesus a curar uma menina: O pai e a mãe da menina estavam muito aflitos. Chegaram a julgar que ela tinha morrido. Mas, quando veem a filha curada, ficam muito felizes.

Mostrar a gravura de Jesus rodeado de crianças: Vemos aqui Jesus com meninos. Ele é mesmo amigo de todos. Nunca se esquece das crianças.

Apresentar o dístico: Jesus é amigo de todas as pessoas.

2. *Jesus mostrava a todos o amor do Pai*
   No vosso catecismo (p. 55 do catecismo) Jesus está numa casa chamada sinagoga, onde as pessoas se juntavam para rezar. Jesus está a falar às pessoas: fala-lhes do amor do Pai.

   Leitura (Mt 4, 23):
   Jesus ensinava nas sinagogas
   e curava entre o povo todas as doenças.

   Silêncio

   Jesus, o Filho de Deus, ajuda todos, porque é amigo de todos e quer mostrar a todos o amor do Pai.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Agradecemos a Jesus a sua amizade*
   Vamos agradecer a Jesus por ser tão nosso amigo?

   Então vamos pôr-nos de pé e vamos dar as mãos uns aos outros. Se somos amigos de Jesus, também somos amigos uns dos outros. Por isso damos as mãos.

   E vamos dizer a Jesus: *Obrigado ó Jesus, por seres amigo de todos nós.*

2. *Queremos ser amigos de todas as pessoas*
   Mas nós às vezes não conseguimos ser amigos de todos como Jesus foi, pois, não?

   Então, em segredo, cada um(a) vai fechar os olhos e pensar naquela pessoa, grande ou pequena, de quem tem dificuldade em ser amigo. E também pensamos se podemos fazer alguma coisa para sermos amigos de todos de verdade.

   Depois de um breve silêncio:

3. **Compromisso**
   Agora podem desenhar no catecismo (p. 57) o que pensam poder fazer para serem amigos de todos, como Jesus e completar as frases *(ler)* que estão na p. 56.

   Em casa vão pedir ajuda aos pais para continuarem a rezar a oração da manhã e da noite, para termos coragem para sermos amigos de todos, até daquela pessoa em que acabámos de pensar.

   Terminar com o cântico: *Eu tenho um amigo.*

CATEQUESE 14

JESUS GOSTA DE MIM

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. **Gostar e amar**

   Estes dois verbos não têm exatamente o mesmo significado. Embora muita gente os confunda e diga que ama, quando de facto, o que sente é apenas o prazer de gostar. E, quando não é mais do que isso, a relação assim expressa está condenada, mais cedo ou mais tarde, a cair no fracasso.

   A experiência do amor é aquela que se torna verdadeiramente descoberta do outro, pondo de parte qualquer sentimento egoísta. Assim, o amor torna-se cuidado do outro e pelo outro. Já não se busca a si próprio, mas procura o bem do amado (cf. DCE 6).

2. **«Como o Pai me amou, também eu vos amei»** (Jo 15, 9)

   Estas palavras foram ditas por Jesus aos discípulos, durante a Última Ceia. Escritas por S. João umas boas dezenas de anos depois, referem-se ao amor de Jesus, que teve a sua maior prova na entrega da vida na cruz. Foi então que Ele «levou o seu amor por eles até ao fim» (Jo 13, 1).

   É o amor que lhe vem da sua condição divina de Filho Unigénito de Deus (cf. Jo 1, 18). «Tanto amou Deus o mundo, que lhe deu o seu Filho Unigénito» (Jo 3, 16). Jesus é, pois, a encarnação mais viva e extrema do amor de Deus: dom do Filho que, por sua vez, se deu todo, até à última gota de sangue e água (cf. Jo 19, 34).

   É este o amor que Jesus nos tem. Se nos deixarmos conquistar e transformar por ele, deixaremos de viver apenas ao sabor do que nos dá gosto e passaremos, na relação com os outros, a amá-los como são, procurando para eles o bem de que necessitam. Estaremos assim em condições de corresponder ao convite de Jesus:

3. **«Deixai vir a mim os pequeninos»** (Mc 10, 14)

   É assim que Jesus reage à atitude dos discípulos «que repreendiam os que os haviam trazido» (Mc 10, 13). Ora são exatamente os mais pequenos os preferidos de Jesus: nesta cena e na cena semelhante da grande parábola do Juízo final (cf. Mt 25, 31-46),

onde o amor se torna o critério para a decisão definitiva sobre o valor da vida humana: «Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes» (Mt 25, 40). O amor a Deus e ao próximo fundem-se num todo: no mais pequenino, encontramos o próprio Jesus e, em Jesus, encontramos Deus (cf. DCE 15). Este é o amor que as crianças esperam de nós. Cada criança é convidada, nesta catequese, a reconhecer e a confessar: *Jesus gosta de mim.* Talvez não saiba ainda distinguir racionalmente entre *gostar* **e** *amar*. Mas sabe distinguir muito bem quem de verdade a ama.

OBJETIVOS

- Alegrar-se por se sentir amado por Jesus, o Filho de Deus;
- Empenhar-se em viver como amigo de Jesus no amor aos outros.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese tem como tema o próprio título do catecismo. Depois de anunciar à criança o amor de Jesus por todos, é-lhe apresentada a dimensão pessoal e individualizada desse amor.
2. É fundamental que logo neste primeiro ano de catequese a criança estabeleça uma relação pessoal com Jesus que pode ser determinante pra a vida inteira.

MATERIAIS

- Gravura de Jesus rodeado de crianças (catequese 13);
- Dístico: *"Como o Pai me ama, também eu vos amo";*
- Bandeiras com o dístico: «Jesus gosta de mim» (uma para cada criança).
  ***Nota** – As bandeiras podem estar junto da Bíblia cobertas com um pano até ao momento de serem entregues.*

MÚSICA

- Deixai vir a mim as crianças.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Quem são os nossos amigos?*
   Todos nós temos amigos. Quem são os nossos amigos?... *Dialogar com as crianças. Deixá-las falar à vontade acerca dos amigos que têm. Abrir o catecismo na p. 58 e comentar com as crianças a gravura dessa página.*

Cada um(a) tem amigos da mesma idade, com quem gosta de brincar. Podem ser vizinhos, colegas da escola... Mas também temos amigos na família: os pais, claro; os avós, os irmãos, os primos...

2. *Gostamos de estar com os amigos*

Estar com os amigos é sempre muito bom. Gostamos de fazer muitas coisas uns com os outros. Sentimo-nos bem quando estamos com os amigos... *Dialogar com as crianças.*

II. PALAVRA

1. *Jesus é amigo das crianças*

Na última catequese vimos como Jesus é amigo de todas as pessoas. – Ainda se recordam de algumas pessoas de quem Jesus era amigo? *(Deixar que as crianças se exprimam)*. Dos doentes, dos velhinhos, das crianças...

Afixar a gravura da catequese anterior, em que Jesus está rodeado de crianças. Deixá-la ficar afixada.

Esta imagem lembra-nos que Jesus era amigo de todos e ficámos a saber que Ele era especialmente amigo das crianças.

Um dia, Jesus andava com os seus amigos a percorrer toda a região onde vivia. Falava do amor do Pai, curava os doentes. Já devia estar bastante cansado. Mas Jesus não parava, porque só queria fazer o bem...

À volta de Jesus havia muitas pessoas grandes que O queriam ouvir e muitas mães levaram-lhe os filhos. As crianças, ao verem Jesus, correram para ele. Mas alguns amigos de Jesus começaram a afastar as crianças e disseram às mães que as levassem dali para não incomodar Jesus... Jesus disse então umas palavras muito importantes.

Leitura (Mc 10, 14-16):

Deixai vir a mim os pequeninos e não os afasteis,
porque o Reino de Deus pertence aos que são como eles. (...)

Depois, tomou-os nos braços e abençoou-os, impondo-lhes as mãos.

Silêncio

Vemos como Jesus acolhia as crianças: abraçava-as e depois punha as mãos sobre as cabeças delas para as abençoar, isto é, para lhes desejar todo o bem.

Vemos como Jesus gostava das crianças!

2. *Jesus ama-nos como o Pai o ama*

Já sabíamos que Jesus tem amor a todas as pessoas, de todas as idades. Tem muito amor por cada um e cada uma de nós.

Apresentar o dístico: *"Como o Pai me ama, também eu vos amo".* (Jo 15, 9)

Ler e comentar.

Mas tem um carinho muito especial pelas crianças. Ele gosta muito, mesmo muito das crianças. Ele ama-vos. Tem um carinho muito especial por cada um dos meninos e das meninas que aqui estão.

O catequista entrega a cada criança uma pequena bandeira com as palavras: "Jesus gosta de mim".

O que está escrito nesta bandeirinha é o nome do nosso catecismo, que está aqui na capa: Jesus gosta de mim. Isto é verdade para cada um e cada uma. Por isso cada um pode escrever o seu nome na bandeira a seguir à frase.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Agradecemos a Jesus*

Se Jesus é tão amigo de cada um de nós, e das crianças em especial, vamos agradecer-lhe?

Então de mãos dadas, vamos rezar todos ao mesmo tempo:

«Obrigado ó Jesus, por gostares tanto de mim»

Nós já sabíamos que Jesus gosta muito de nós. Não é verdade? Já sabemos isso, pelo menos desde que vimos à catequese.

Mas agora ainda temos mais certeza. E ficámos a saber melhor porque é que Ele gosta tanto de nós: por causa de Deus, seu Pai, que quer também ser nosso Pai.

E nós? Temos algum presente para lhe dar? Mas a um amigo como Jesus não se pode dar uma coisa qualquer. O que é que havemos de oferecer? Tem de ser qualquer coisa que venha do nosso coração.

2. *Que podemos nós oferecer a Jesus?*

O catequista ajuda as crianças a descobrirem os presentes que Jesus quer do seu coração:

Coisas que vêm do nosso coração são, por exemplo: o nosso amor, a nossa amizade, carinho, ser bom, ser amigo, obediente, dizer a verdade, não amuar, ajudar, rezar...

Cada um vai pensar numa só coisa e depois, se quiser, diz alto (...).

Depois de uns breves momentos de reflexão em silêncio e de as crianças se exprimirem livremente o catequista propõe:

Vamos fazer aqui uma roda, voltados para esta imagem de Jesus com os meninos à volta dele. E vamos cantar com muita alegria:
Deixai vir a mim as crianças

3. **Compromisso**
Explicar:
Quando forem para casa podem mostrar a vossa bandeira aos pais, aos irmãos e dizer a todos: Jesus gosta de mim! Depois cada menina e cada menino vai pôr a bandeira no sítio que achar melhor: um sítio bonito e onde todos a possam ver.

Depois, na p. 61 do catecismo vão copiar a frase que está na vossa bandeira «Obrigado, ó Jesus, por gostares tanto de mim». Com a vossa letra vai ficar muito bonito e ter muito valor. E no espaço em branco desenhem algo que gostassem de oferecer, com o coração, a Jesus.

CATEQUESE 15

EU GOSTO DE JESUS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Cristãos "praticantes" e não "praticantes"

Tornou-se uma distinção corrente. São considerados "praticantes" os cristãos que se dizem cumpridores das suas obrigações religiosas: frequentam com regularidade a missa dominical; pertencem, muitos deles, a movimentos, ou associações eclesiais; podem até colaborar ativamente em iniciativas e ações da Igreja. Essa "prática", no entanto, só tem sentido se for acompanhada de um testemunho de vida.

Os cristãos "não praticantes", na aceção mais comum da expressão, são os cristãos que, depois do Batismo e da Primeira Comunhão (e, nalguns casos, da Confirmação) deixaram de frequentar a igreja, a não ser em ocasiões excecionais: uma doença grave, o casamento próprio ou de um familiar ou amigo, o batizado de um filho ou familiar, um funeral. Entretanto, consideram-se e identificam-se como cristãos.

Poderá um cristão contentar-se em sê-lo a meias? Mais: poderá alguém, nessas condições, considerar-se verdadeiramente cristão? Não se trata apenas de pôr em questão a habitual divisão entre "praticantes" e "não praticantes" ou a conceção de "prática cristã" que lhe está subjacente. O que está em jogo é a essência do cristianismo e o acesso à salvação que nele nos é oferecido. Ou, se quisermos, é a conceção de Deus e da vida que só nele encontramos.

2. Dois amores num só

A questão foi posta a Jesus: "Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?" (Mt 22, 34; cf. Mc 12, 28). Ou então, na versão de Lc 10, 25: "Mestre, que hei-de fazer para obter a vida eterna?". A pergunta é a mesma. Porque o objetivo da "Lei" é a obtenção de uma vida sem limites, que só Deus nos pode proporcionar.

E em todos os Evangelhos a resposta é praticamente idêntica: o amor a Deus e o amor ao próximo. E sempre um amor total: "com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente", no caso do amor a Deus; e "como a ti mesmo", no que toca ao amor ao próximo (Mt 22, 37. 39). Se o amor a Deus é classificado como "o maior e

o primeiro mandamento", do amor ao próximo diz-se ser "o segundo", mas "igual" ao primeiro (22, 38-39).

Isto significa que não há um sem o outro, mas que ambos formam uma unidade indissociável. Toda a Bíblia o diz. Leia-se o que está escrito em 1 Jo 4, 20: «Se alguém disse: "Eu amo a Deus", mas odeia a seu irmão, é mentiroso, pois quem não ama o seu irmão, ao qual vê, como pode amar a Deus, que não vê?»

Bento XVI comenta assim esta última passagem: "Nela se destaca o nexo indivisível entre o amor a Deus e ao próximo: um exige tão estreitamente o outro, que a afirmação do amor a Deus se torna uma mentira, se o homem se fechar ao próximo ou, inclusive, o odiar. O citado versículo joanino deve, antes, ser interpretado no sentido de que o amor ao próximo é uma estrada para encontrar também a Deus, e que o fechar os olhos diante do próximo nos torna cegos também diante de Deus" (DCE 16).

É o que Jesus nos diz, por exemplo, com as palavras que acompanham o gesto em que toma um menino e o abraça: "Quem receber um destes meninos em meu nome é a mim que recebe; e quem me receber, não me recebe a mim, mas Àquele que me enviou" (Mc 9,37). Aqui Jesus aparece também como Aquele em quem mais se fundem os dois amores: nele, encontramo-nos, ao mesmo tempo, com Deus, que o enviou, e com o próximo, a quem foi enviado.

E é tal a identificação com ambos, que só nas obras de misericórdia em favor dos mais necessitados se obtém a misericórdia salvífica e definitiva de Deus no juízo final: "Sempre que o fizestes a um dos meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes" (Mt 25, 40). Mais pequeninos são aqui todos os mais carenciados no âmbito humano e social. Só dando-nos a eles, ouviremos de Jesus: "Vinde benditos de meu Pai!" (Mt 25, 34).

3. Primeiro tem de estar o amor de Deus

Não é por acaso que Jesus, na resposta à pergunta sobre o maior dos mandamentos, apresenta sempre em primeiro lugar o amor a Deus. De facto, só Deus ama com a exigência com que somos desafiados a amar. Só no seu amor encontramos a fonte do verdadeiro amor. Que amor? Aquele que nos é descrito em 1 Jo 4, 9-11: "E o amor de Deus manifestou-se desta forma no meio de nós: Deus enviou ao mundo o seu Filho Unigénito, para que, por Ele, tenhamos a vida. É nisto que está o amor: não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele mesmo que nos amou e enviou o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados. Caríssimos, se Deus nos amou assim, também nós devemos amar-nos uns aos outros".

Amou-nos e continua a amar-nos. Segundo Bento XVI, "na liturgia da Igreja, na sua oração, na comunidade viva dos crentes, nós experimentamos o amor de Deus, sentimos a sua presença e aprendemos deste modo a reconhecê-la na nossa vida quotidiana (...). Ele ama-nos, faz-nos ver e experimentar o seu amor e, desta "antecipação" de Deus,

pode, como resposta, despontar também em nós o amor" (DCE 17). Compete-nos a nós mostrá-lo, sobretudo através daquilo que o contacto com Deus produz em nós: o amor que encarnou de modo único em Jesus Cristo e ganha uma visibilidade nova e viva na "carne", isto é, na vida daqueles que confessam ser de Cristo.

OBJETIVOS

- Saber que o que fizermos aos outros, é a Jesus que o fazemos;
- Empenhar-se em fazer a vontade de Jesus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. O tema desta catequese é a resposta direta ao tema da catequese anterior. Já que cada criança ficou a saber que pode dizer "Jesus gosta de mim", é normal que a sua resposta seja: "Eu gosto de Jesus". O amor gera amor.
2. Mas o amor cristão tem de ser à medida do amor de Cristo: um amor que se concretiza no amor aos outros. O campo imediato é o daqueles que rodeiam a criança: família, amigos, colegas de escola, o grupo da catequese.

MATERIAIS

- Coração de papel (cor-de-rosa ou branco) colado num retângulo de cartolina vermelha, se possível com uma tira da mesma cartolina colada atrás para se segurar em pé, um para cada criança;
- Dístico: *"Eu gosto de Jesus";*
- Imagens: "Pai cansado", "Criança a ajudar a mãe", "Avô a cortar a relva", "Crianças a estudar", "Criança a rezar".

MÚSICA

- Tão perto de mim.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Gostamos de estar com os nossos amigos*

   Quando estamos com os nossos amigos, ficamos contentes, estamos bem. Podemos fazer com os amigos as coisas de que gostamos.

   Nem sempre é fácil sermos amigos, porque somos todos diferentes uns dos outros e às vezes zangamo-nos. Mas se somos amigos de verdade fazemos as pazes.

Na semana passada ficámos a saber que temos um amigo que nunca se zanga connosco e que está sempre à nossa espera, para nos dar o seu amor... Quem é esse amigo? (...) É Jesus! Jesus é o nosso maior amigo. Com certeza, todos puseram a bandeira num lugar importante e agradeceram a Jesus por Ele gostar tanto de nós. *Ouvir as crianças.*

II. PALAVRA

1. *Sempre que deixastes de fazer isto...*
   Já sabemos como o nosso amigo Jesus gostava das crianças: Quando os discípulos queriam afastar as crianças de Jesus, ele disse-lhes para não o fazerem. Hoje vamos ouvir outra palavra de Jesus que também é muito importante.

   Leitura (Mt 25, 45):
   Sempre que deixastes de fazer isto
   a um destes pequeninos,
   foi a Mim que o deixastes de fazer.

   Silêncio.

   Quem são estes "pequeninos" de quem Jesus fala aqui? – Não são só os pequeninos em idade, como os meninos e meninas que aqui estão.

   São também as pessoas que os outros julgam que não são importantes: ou porque são pobres, ou porque não têm que comer ou que vestir, não têm casa, ou estão doentes. São pessoas a quem os outros não ligam. Todos esses são os pequeninos de quem Jesus fala.

2. *Quem é amigo de Jesus tem de ser amigo de todas as pessoas*
   Nós somos amigos de Jesus, não somos? (...)

   Apresentação do dístico: "Eu gosto de Jesus".

   Hoje ouvimos mais umas palavras de Jesus *(se necessário, o catequista volta a ler)*.

   Pois o que Jesus nos diz com estas palavras é isto: quem é amigo de Jesus tem de ser amigo de todos. Quem não quer saber dos outros, mesmo dos mais pequeninos é a mesma coisa que não querer saber de Jesus. Quem é amigo de Jesus faz tudo para ajudar os outros.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Vou ser amigo dos outros como Jesus quer*
   Sabemos o que mais agrada a Jesus: sermos amigos dos outros como ele é nosso amigo. Por isso temos de dar mais atenção aos outros. Devemos reparar naquilo de

que eles mais precisam; e até sermos capazes de fazer coisas que não nos apetecem muito, mas fazê-las com muito carinho, porque sabemos que vamos dar alegria àqueles que amamos.

Afixar sucessivamente as imagens, deixar as crianças sugerir o que devem fazer e sintetizar:

Pai cansado
Se o pai está cansado, para ser amigo dele sei que não devo fazer barulho.

Criança a ajudar a mãe
Se a mãe me pede ajuda, para ser amigo dela, sei que devo ajudar.

Avô a cortar a relva
Se o avô diz para não pisar a relva, para ser amigo dele, sei que devo obedecer.

Criança a estudar
Se tenho trabalhos da escola para fazer, para ser amigo de Jesus, sei que ele quer que eu me esforce e não seja preguiçoso.

Criança a rezar
Chega a noite e são horas de descansar. Nessa altura, para ser amigo de Jesus, que devo fazer? Que não me devo deitar, sem dar as boas noites a Jesus e agradecer-lhe o meu dia.

2. *Dizemos a Jesus que queremos ser melhores*
É assim que somos amigos de Jesus. É assim que mostramos que gostamos d'Ele.

Na p. 65 do catecismo temos vários "papagaios" de papel com palavras. São palavras que dizem como nós queremos ser amigos dos outros. Vamos ler...

3. **Compromisso**
As crianças podem agora pintar algumas das palavras, sendo-lhes explicado que devem terminar em casa com a ajuda dos pais. Explicar às crianças que se devem empenhar em praticar essas ações que fazem bem aos outros e agradam a Deus e rezar a oração da manhã e da noite e ainda a oração que está na página 64 do catecismo.

Vamos agora pedir a Jesus que nos ajude a ser amigos de todos como ele quer?

Jesus, eu sei que nem sempre sou
amigo dos outros como Tu queres.

Perdoa as minhas maldades
e ajuda-me a ser melhor.

E, porque queremos ter um coração que saiba ser amigo, eu vou dar a cada menino e a cada menina um coração.
Entregar a cada criança o coração de papel. Depois continuar:

Vão levar este coração para casa e, com a ajuda dos pais, vão escrever lá o que querem dizer a Jesus. Pode ficar no vosso quarto ou noutro lugar da casa que escolham.

Na p. 65 vão colorir os papagaios de papel com as palavras que indicam o que devemos fazer para ser um bom amigo de todas as pessoas *(ler as palavras)*. Talvez possam decorar algumas dessas palavras para melhor as colocar em prática. E não se esqueçam de rezar com a família a oração da p. 64 *(mostrar e ler)*.

No final pode cantar-se o cântico: "Tão perto de mim"

CATEQUESE 16

EU QUERO SER COMO JESUS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. **O voluntariado**

   Um dos fenómenos mais positivos dos nossos tempos é o crescente número tanto de formas de voluntariado como de pessoas, de praticamente todas as idades, que a ele se dedicam. Atuam predominantemente a nível local. Mas há, sobretudo em organizações não-governamentais, pessoas que se deslocam muito para além da sua terra, país, grupo e religião. Vão para onde são precisas, algumas para atividades que chegam a durar anos.

   Bento XVI fala da função e do efeito educativo de todo o voluntariado: "Tal empenho generalizado constitui, para os jovens, uma escola de vida que educa para a solidariedade e a disponibilidade para darem não apenas qualquer coisa, mas para se darem a si próprios" (DCE 30).

   O que significa que, não só o voluntariado se funda afinal no que está também no centro da mensagem cristã, mas que o próprio cristianismo é impensável sem o voluntariado. Vejamos em que sentido.

2. **"Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, façais também" (Jo 13, 15)**

   Estas palavras foram pronunciadas por Jesus na sequência de uma das mais belas e significativas cenas de voluntariado por Ele protagonizadas: a lavagem dos pés aos discípulos durante a Última Ceia, descrita em Jo 13, 1ss.

   Lavar os pés era uma atividade a que só escravos não judeus estavam obrigados. Se outras pessoas o faziam, era unicamente por deferência, por amor. Mas sendo um superior a fazê-lo a um inferior significava a total inversão da ordem hierárquica. Portanto, Jesus "desce" ao nível de um escravo: aquele que é total propriedade da pessoa a quem serve.

   Este gesto de Jesus serve para chamar a atenção para o comportamento que deve ser o nosso: "Se Eu, o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós vos deveis lavar os pés uns aos outros. Na verdade, dei-vos o exemplo para que, assim como Eu fiz, vós façais também" (Jo 13, 14-15). E repete a mesma ideia em Jo 13, 34-35: "Dou-vos

um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei. Nisto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros".

3. **A Igreja vive do "voluntariado"...**

   Primeiramente do voluntariado de Cristo, como acabou de ser descrito: do ato totalmente livre e, portanto, voluntário, gratuito, do amor que o levou até ao ponto de dar a vida por nós. Por isso a Igreja o recorda permanentemente, em celebrações que atualizam a sua morte e ressurreição, particularmente a da Eucaristia.

   Vivendo verdadeiramente a Eucaristia, essa nossa vivência manifesta-se depois no voluntariado complementar: naquele em que nos entregamos uns aos outros, entre nós cristãos, e nos entregamos a todos, à dimensão do amor de Cristo. Por isso, o voluntariado, como uma das expressões mais vivas da caridade, acaba por ser parte constitutiva da Igreja. É o que se pode deduzir ainda das palavras de Bento XVI: "Com o passar dos anos e a progressiva difusão da Igreja, a prática da caridade confirmou-se como um dos seus âmbitos essenciais, juntamente com a administração dos Sacramentos e o anúncio da Palavra: praticar o amor para com as viúvas e os órfãos, os presos, os doentes e necessitados de qualquer género, pertence tanto à sua essência como o serviço dos Sacramentos e o anúncio do Evangelho" (DCE 22).

   A prática do amor pode ser mesmo, pelo menos em determinadas circunstâncias, o único modo de anunciar o Evangelho. "Quem realiza a caridade em nome da Igreja, nunca procurará impor aos outros a fé da Igreja. Sabe que o amor, na sua pureza e gratuidade, é o melhor testemunho do Deus em que acreditamos e pelo qual somos impelidos a amar" (DCE 31).

OBJETIVOS

- Compreender que Jesus veio para nos ensinar a amar os outros;
- Comprometer-se em atitudes de ajuda e serviço.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. O tema desta catequese é a conclusão lógica e necessária dos temas das três catequeses anteriores: depois de a criança descobrir que Jesus a ama e de responder "Eu gosto de Jesus", é convidada hoje a concluir: "Eu quero ser como Jesus". É a reação mais normal: a de viver e agir como aqueles que amamos e admiramos.
2. O relato da Última Ceia é mais uma ocasião para as crianças experimentarem o amor único e inexcedível de Jesus e, ao mesmo tempo, é o ponto de apoio e de partida para uma vida em que o amor de Jesus é posto em prática.

MATERIAIS

- Imagens: bombeiros; nadador-salvador; médico no desempenho das suas funções;
- Dísticos: "Jesus é amigo de todas as pessoas" (catequese 13); "Eu gosto de Jesus" (catequese 15); "Eu quero ser como Jesus".

MÚSICA

- "Tão perto de mim".

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Há muitas pessoas que ajudam outras*
   Apresentação das imagens de bombeiro, nadador-salvador, médico, ou seja, pessoas cuja atividade é ajudar os outros.

   Dialogar com as crianças acerca das imagens:
   Que vemos nestas imagens? (...) O que fazem os bombeiros? (...) O que fazem os médicos? (...) Na praia há nadadores-salvadores. O que é que eles fazem, para que é que lá estão? (...) Todas estas pessoas, bombeiros, médicos, nadadores-salvadores ajudam as pessoas. Estão prontas a fazer o que for preciso para as ajudar.
   São pessoas que fazem serviços muito importantes. Fazem tudo para ajudar e para salvar os outros.

   Conhecemos pessoas que fazem trabalhos iguais ou parecidos com estes? (...)

2. *Ajudar os outros pode ser muito difícil*
   As pessoas que fazem estes serviços muitas vezes correm riscos. *Deixar as crianças pensarem e manifestarem-se.*

   Por exemplo, se uma pessoa está quase a afogar-se, só um bom nadador é que a pode ir salvar, mas mesmo quem sabe nadar bem pode correr o risco de se afogar. Há médicos que vão para muito longe, para terras onde há doenças perigosas...vão para lá para tratar as pessoas. E o que será que lhes pode acontecer? (...) E os bombeiros, o que é que eles fazem? *Dialogar com as crianças...*

II. PALAVRA

1. *Nós valemos muito*

Vale a pena ajudar quem precisa, porque cada pessoa é importante, tem muito valor. Nós valemos muito.

Jesus sabia que a vida de cada um de nós é muito importante. Por isso, Ele fazia tanto bem: curava os doentes, acolhia as crianças, ajudava os que precisavam, não afastava ninguém... É que Jesus é mesmo amigo de todos.

Jesus sabia que tudo neste mundo é importante, mas que nós, pessoas, ainda somos mais. Gostava de olhar a natureza e o que nela se passa. Um dia, ao ver os pássaros, disse aos seus amigos:

"Se até os pássaros que foram criados por Deus,
têm tanto valor,
não se esqueçam que vocês valem muito mais do que muitos passarinhos"
(adaptado de Mt 6, 26).

Apresentar o dístico: "Jesus é amigo de todas as pessoas".

Nós já sabemos como Jesus é nosso amigo, como ele gosta de nós. Jesus, além de fazer bem a todos, falava do amor de Deus Pai e dizia a todas as pessoas como Deus as ama.
Nós já conhecemos Jesus e somos amigos dele.
Afixar, por baixo do dístico anterior:

"Eu gosto de Jesus"

Vamos dizer todos: "Eu gosto de Jesus".

2. *Jesus lava os pés dos discípulos*

Jesus um dia fez um jantar com os seus maiores amigos, aqueles que andavam sempre com Ele. Foi numa quinta-feira e agora chamamos a esse dia Quinta-feira Santa, porque foi um dia muito importante.
Então aconteceu uma coisa que nenhum dos seus amigos esperava. Jesus levantou-se da mesa, pôs um pano em volta da cintura, pegou numa bacia com água e numa toalha e começou a lavar os pés a cada um dos seus amigos. Eles ficaram mesmo muito admirados. Sabem porquê? É que nenhuma pessoa importante fazia isso. E agora estavam a ver a pessoa mais importante para eles a lavar-lhes os pés. Era mesmo para ficarem admirados.

E queriam saber por que é que Jesus lhes lavava os pés. Jesus fez isto para mostrar o seu grande amor por eles. E foi então que Ele lhes disse umas palavras que eu agora vou ler.

Leitura (Jo 13;15):
"Dei-vos o exemplo, para que,
assim como Eu fiz, façais vós também".

Silêncio

Fazer o que Jesus fez, isto é, seguir o seu exemplo, significa: fazer o bem, todo o bem por aqueles de quem gostamos. Mesmo que isso nos custe. Não quer dizer que seja lavar os pés. É fazer aquilo de que as pessoas de quem gostamos precisam. Podem precisar de muitas coisas. Que coisas, por exemplo? *Deixar que as crianças se exprimam...*

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *A ajuda aos outros*
   Há mesmo muitas pessoas que fazem como Jesus: pensam muito nos outros, mais do que nelas próprias. Cuidam dos velhinhos com muito carinho, dos doentes e daqueles que nada têm. Outras procuram livrar as pessoas dos perigos. Por isso é que há bombeiros, polícias, guardas florestais.

   E muitas destas pessoas fazem essas coisas porque querem ser como Jesus. São pessoas que dizem no seu coração:
   Afixar, por baixo dos dois dísticos anteriores, o dístico:

   "Eu quero ser como Jesus"

   Há muitas pessoas que, como Jesus, querem fazer os outros felizes!

2. **Compromisso**
   Ser como Jesus
   E nós, também queremos ser como Jesus?
   Se Jesus é amigo de todos e cada um de nós é seu amigo, que podemos fazer para tornar os outros mais felizes? Não podemos fazer felizes, todos os que precisam, porque são muitos. Mas alguns, ou pelo menos uma pessoa podemos.
   Querem pensar um bocadinho? O que é que eu vou fazer para ser amigo dos outros como fez Jesus?

Depois de um breve momento de reflexão, o catequista sugere às crianças que desenhem no respetivo lugar do catecismo (p. 69) o que se propõem fazer.

Agora que todos já pensaram e desenharam, vamos oferecer a Jesus o que pensam fazer?
Podemos rezar, como está no catecismo (p. 68). Então levantam, todos, os catecismos para Jesus e dizemos:

"Ó Jesus, eu quero ajudar como Tu".
Pode-se cantar novamente o cântico da catequese anterior:

"Tão perto de mim"

***NOTA** – Poderá explicar-se aos pais que a atividade indicada no catecismo para ser feita em casa já foi realizada na catequese. Deverá também ser-lhes pedido que o filho ou filha traga para a próxima catequese um ramo de árvore ou arbusto.*

CATEQUESE 17

CELEBRAMOS A PÁSCOA

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. **Há males que vêm por bem**

Há mesmo quem diga que aprende muito mais com os erros que comete do que com o que faz e diz acertadamente. E isto, tanto ao nível do ensino e aprendizagem, como na vida em geral. Um erro, talvez devido à situação desagradável em que nos coloca, pode alertar-nos para não o voltarmos a cometer.

Isto deve-se, sem dúvida, ao facto de que a nossa vida nunca está acabada, mas consiste num processo dinâmico que cresce quando circunstâncias ou acontecimentos adversos mais o exigem.

É sobretudo para casos ou situações como essas que é fundamental a abertura e o recurso Àquele a quem nada é impossível, a Deus que tem a vida em plenitude e que a dá, apenas porque nos ama.

A tradição judaico-cristã está cheia desses casos: de revelações e intervenções de Deus, precisamente quando as pessoas mais viam a vida a fugir-lhes: Ele, não só as libertou da desgraça em que haviam caído, como lhes veio a proporcionar uma vida em condições muitíssimo superiores às anteriores. São mesmo intervenções dessas que estão na origem da existência do povo de Deus.

Israel nasce e vive da libertação do Egito, completada pela aliança no Sinai. "Vive", porque esse acontecimento salvífico é de tal modo fundamental para a existência deste povo que há necessidade de ser atualizado de forma celebrativa, pelo menos uma vez em cada ano, na Páscoa, a festa em que a libertação do passado é revivida no presente de cada um.

Foi durante uma dessas celebrações pascais que se deu aquela que se tornou a maior intervenção de Deus na história dos homens: pelo acontecimento em si e pelos efeitos que têm superado todas as fronteiras do tempo e do espaço: a morte e ressurreição do Seu Filho, Jesus Cristo.

2. **"Se o grão de trigo, caindo à terra, não morrer"... (Jo 12, 24)**

É com estas palavras que o próprio Jesus interpreta o mistério da sua morte e ressurreição: com o processo de revitalização extensivo à própria natureza. Assim como uma semente só é fecunda na medida em que morre, assim tinha de acontecer com Ele.

Mas na morte de Jesus interveio, como fator dominante, a sua vontade livre. "É por isto que meu Pai me tem amor: por Eu oferecer a minha vida, para a retomar depois. Ninguém ma tira, mas sou eu que a ofereço livremente. Tenho poder de a oferecer e poder de a retomar. Tal é o encargo que recebi de meu Pai" (Jo 10, 17-18).

É por isso que a morte de Jesus é interpretada no Evangelho de S. João, mais do que em qualquer outro Evangelho, como glorificação ou "elevação": a elevação na cruz coincide com a elevação na glória (cf. Jo 3, 14; 8, 28; 12, 32). Porque é na cruz que Ele mais realiza aquilo para que fora enviado: "Tanto amou Deus o mundo, que lhe deu o Seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que nele crê, não se perca, mas tenha a vida eterna" (Jo 3, 16). Foi na cruz que este amor encontrou a sua plena consumação (cf. Jo 19, 28.30).

3. **"Nós queremos ver Jesus" (Jo 12, 21)**

As citadas palavras de Jesus sobre o grão de trigo que dá muito fruto, fazem parte da resposta a este pedido, feito a Filipe: "Senhor, nós queremos ver Jesus". O pedido, no Evangelho, é formulado por alguns "gregos" que tinham subido a Jerusalém à festa da Páscoa (Jo 12, 20).

Mas estes "gregos" são representantes de tantos homens e mulheres que, a começar pelo tempo em que foi redigido este Evangelho e até aos nossos dias, implícita ou explicitamente desejam ver Jesus. Todas essas pessoas pedem, mesmo sem o dizerem: "Nós queremos ver Jesus"! Isto é, Aquele em quem se manifestou de um modo único esse amor que só Deus tem em plenitude.

O pedido é feito aos seus discípulos, a nós cristãos. E não temos outra resposta senão aquela que Jesus nos põe nos lábios, ou melhor, na vida que levamos e em que tem de transparecer a radicalidade do amor com que Jesus deu a sua vida: a radicalidade do grão que morre para dar fruto, a radicalidade que Jesus, logo a seguir, formula com este desafio: "Quem ama a sua vida, perdê-la-á, e quem despreza a sua vida neste mundo, conservá-la-á para a vida eterna. Se alguém me serve, que me siga, e onde Eu estiver, aí estará também o meu servo. E se alguém me servir, meu Pai o honrará" (Jo 12, 25-26).

OBJETIVOS

- Saber que Jesus morreu e ressuscitou;
- Alegrar-se com a sua ressurreição;
- Celebrar e viver o mistério da morte e ressurreição de Jesus.

***NOTA** – Sendo possível, e também como meio de preparação para a Festa da Luz, sugere-se que, pela sua relevância e beleza, os Pais sejam convidados para esta catequese. É preciso garantir o necessário recolhimento e a concentração das crianças, com uma reunião prévia para os adultos, na qual se preparará a Festa da Luz.*

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Tratando-se da Páscoa, a maior festa dos cristãos, esta catequese tem uma especial solenidade, na qual se devem envolver as crianças. É a primeira vez que, na catequese, a criança é confrontada com o mistério da morte e ressurreição de Jesus. Para isso, procure-se que a sala esteja decorada com flores e ramos e que cada criança tenha o seu ramo, inspirado na procissão do Domingo de Ramos.
2. A expressão de fé deve decorrer com muita ordem e respeito. Isso depende muito do modo como são conduzidas as duas partes anteriores, particularmente a proclamação da Palavra de Deus. Se as crianças nas catequeses anteriores já tiverem sido verdadeiramente tocadas pelo amor de Jesus, com certeza que ouvirão o catequista com todo o interesse.

MATERIAIS

- Flores e verdura para ornamentar a sala;
- Ramos de árvores, um para cada criança;
- Vaso com hastes de trigo ou cartaz correspondente;
- Vaso de vidro, baixo e relativamente largo, cheio de terra;
- Alguns grãos de trigo;
- Um crucifixo, se possível com pedestal;
- Dois castiçais pequenos;
- Dois cestos para a recolha dos ramos;
- Dísticos: *Jesus é amigo de todas as pessoas* (catequese 13); *Jesus gosta de mim* (catequese 14); *Jesus deu a vida por nós.*

MÚSICA

- "Cristo vive, Aleluia!".

***NOTA** – Caso se não tenha feito a reunião de Pais, preparar bilhetes para as crianças levarem aos pais, explicando que, para a próxima catequese, aquelas que forem batizadas devem trazer a vela do batismo; e, se assim estiver previsto, informar que essa catequese será na igreja juntamente com os pais (e, se possível, os padrinhos).*

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

O catequista prepara a sala do seguinte modo:

- *Enfeita-a com flores, ramos de árvores e outras verduras idênticas ou semelhantes às usadas no Domingo de Ramos. Pode pendurá-las nas paredes e, sobretudo, colocá-las à volta e em cima da mesa onde habitualmente se encontra a Bíblia.*
- *Na mesma mesa e por detrás da Bíblia, coloca um vaso com hastes de espigas de trigo (cf. desenho do catecismo). Se for difícil obter tais hastes, podem ser substituídas por um cartaz em que estejam representadas. Tal cartaz é afixado na parte inferior do placar, junto à mesa.*
- *Se as crianças fizeram o que lhes foi pedido na catequese anterior, cada uma traz um ramo semelhante aos que enfeitam a sala. Para a eventualidade de alguma se ter esquecido, o catequista procura ter alguns ramos, que, antes de entrarem para a sala, distribui por cada uma dessas crianças. O importante é que nenhuma esteja sem ramo.*
- *O catequista coloca ainda em cima da mesa, entre os ramos de trigo e a Bíblia, um recipiente de vidro, relativamente baixo e largo, cheio de terra. Servirá para nele "semear" alguns grãos de trigo, na altura própria.*
- *Se habitualmente está afixado no quadro/placar ou na parede da sala um crucifixo, este é retirado e guardado num lugar em que seja invisível para as crianças. Será apenas apresentado na altura própria, conforme é indicado no desenvolvimento da catequese.*

A catequese pode começar do seguinte modo:

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Hoje é dia de festa*

   A nossa sala hoje está muito bonita. Temos ramos e flores por toda a parte!

   Além dos ramos e das flores que estão na sala, cada um de nós trouxe um ramo, que tem nas mãos.

   Mas, para que será tudo isto? Parece que hoje vai haver aqui uma festa. Será? Sim, vai ser uma grande festa. E vai ser feita por cada um de nós. Só falta saber que festa é e por que vamos fazê-la. Eu vou explicar.

2. *A história do grão de trigo*

   Já repararam que, além dos ramos de verdura, estão aqui outros ramos. Vejam lá se descobrem. (...)

   Exatamente: em cima da mesa (ou no quadro/placar) estão uns ramos que não são de verdura.

   Alguém sabe de que são?... São ramos de trigo...

Em cada uma daquelas espigas estão uns grãozinhos de trigo, como estes *(o catequista mostra alguns grãos de trigo que tem na mão)*.

E sabem para que serve o trigo? (...) Para fazer o pão. A maior parte do pão que nós comemos, é feito de farinha de trigo. O trigo é moído, para dele se fazer farinha, e da farinha é feito o pão. Com certeza muitos dos meninos já sabiam!...

(O catequista volta a mostrar os grãos que tem na mão e continua:)

O trigo nasce do trigo. Só que um grãozinho dá muitos. Reparem nestas espigas: cada uma delas tem uns dez ou vinte grãos, ou até mais. E cada espiga nasceu de um só grão. E nasceu como? Eu vou mostrar. Primeiro o grãozinho é semeado *(o catequista enterra uns grãos no vaso de terra ou pede a uma ou duas crianças que o façam e depois continua:)*

Aqui, dentro da terra e por causa da humidade, o grãozinho morre. A casca, em que está envolvido, desaparece e começa a formar- se um grelinho que depois vai crescendo, crescendo, até sair da terra. E depois cresce mais e mais, até se formar uma haste, e na haste formam-se as espigas, cada uma com muitos grãos.

E o que é feito do grão que foi semeado? Depois de se formar o grelinho, o grão desapareceu na terra e morreu. E o que aconteceria, se ele não morresse? (...) Não tínhamos as espigas e o trigo... e não tínhamos a farinha e o pão para comer.
Portanto, podemos dizer que o pão que comemos é dado pelo trigo que morre. É um trigo nosso amigo, não acham? É tão nosso amigo que até se deixou morrer, perder a vida, para dar mais grãos e com os grãos, o pão que comemos.

II. PALAVRA

1. *O amor de Jesus por nós*
Hoje estivemos a falar do grão de trigo, porque Jesus também falou dele.
Então vamos ouvir o que Jesus nos disse sobre isso.

Leitura (Jo 12, 24):
Se o grão de trigo, caindo à terra,
não morrer, fica só;
mas, se morrer, dá muito fruto.

Silêncio

Afinal, nós até já sabemos isto. Acabámos de o aprender. Até está ali representado: no grão semeado, no trigo.
Mas Jesus aqui não está só a falar de um grão como este que está em cima da mesa. Nestas palavras, o grão de trigo é Ele mesmo, Jesus. Nestas palavras, Ele compara-se a um grão de trigo.
O que lhe vai acontecer a Ele é parecido com o que se passa com o grão de trigo. E que foi o que lhe aconteceu e em que Ele nos mostrou como nos ama? (...)

2. *Jesus deu a vida por nós*
Mesmo que as crianças respondam acertadamente, o catequista, em vez de comentar as respostas, pega, em silêncio no crucifixo e mostra-o às crianças, erguendo-o bem alto para que elas o contemplem, durante um breve tempo de silêncio. Depois coloca-o na mesa, ladeado por dois castiçais com velas, acendendo estas. Depois de breve contemplação, continua:

Temos aqui representado o que aconteceu com Jesus e como é grande, grande o seu amor por nós. Eu vou contar como foi.

Nós sabemos que Jesus era amigo de todos e só fazia o bem.

Apresentar os dísticos de catequeses anteriores:
"Jesus é amigo de todas as pessoas"
"Jesus gosta de mim"

Mas havia pessoas que não gostavam dele.
Jesus foi, com os seus amigos, a uma grande festa que havia no seu país. Era a festa da Páscoa e juntou-se lá muita gente.

E então, durante a festa, os inimigos de Jesus prenderam-no e começaram a tratá-lo mal. Os seus amigos fugiram, cheios de medo. E Jesus ficou sozinho entregue àqueles malfeitores. Eles, depois de lhe fazerem muito mal, resolveram mesmo matá-lo. Pregaram Jesus numa cruz como esta, mas grande, que levantaram no cimo de um monte. E Jesus morreu pregado na cruz. *Fazer uns momentos de silêncio.*

Jesus morreu assim porque ensinava a todos que deviam ser amigos e mesmo quando havia pessoas que não gostavam do que ele dizia, ele continuava a ensinar e a amar todos. Jesus amou-nos tanto que até perdeu a vida. Ou melhor: deu a vida por amor por todos nós. Por isso é que Ele se comparou a um grão de trigo, que se deixa morrer, para dar a vida.

Apresentar o dístico:
"Jesus deu a vida por nós".

3. *Jesus ressuscitou! Está vivo!*
Mas não devemos ficar tristes por Jesus ter morrido.

Três dias depois da sua morte na cruz, algumas mulheres que faziam parte do grupo dos seus amigos foram ao lugar onde tinham colocado o corpo de Jesus. Era uma gruta de pedra, com uma pedra muto grande a tapar a entrada. Quando lá chegaram, ficaram espantadas, porque essa pedra tinha sido tirada. Em vez do corpo de Jesus, estava lá um anjo que lhes deu a melhor notícia que podiam ouvir. Disse-lhes que Jesus tinha ressuscitado, não estava ali.

Ressuscitar quer dizer voltar a viver, para nunca mais morrer.

Jesus está vivo e está connosco para sempre!

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *A Páscoa é a festa da ressurreição de Jesus*
Nós celebramos a festa da Páscoa, porque Jesus ressuscitou e está vivo. É a festa mais importante para os amigos de Jesus.

Aqui na catequese, também a podemos celebrar. Por isso é que a nossa sala está hoje tão bonita e todos nós temos ramos.

Que vamos fazer com eles? Podemos oferecê-los a Jesus, aqui representado na cruz, onde Ele mostra como é nosso amigo.

Ao mesmo tempo, podemos cantar um cântico muto bonito que diz que Jesus está vivo.
Ensaiar o cântico: "Cristo vive, Aleluia!"

Cristo é outro nome de Jesus. E a palavra Aleluia é uma palavra da língua de Jesus que quer dizer que louvamos a Deus, quer dizer a nossa alegria. É uma palavra que dizemos e cantamos muitas vezes na igreja.

2. *O sinal da cruz*
Quando chegarmos junto da cruz de Jesus, podemos também fazer um gesto em que mostramos o amor de Jesus e, ao mesmo tempo, que esse amor está em nós. É o gesto do sinal da cruz. Porque Jesus mostrou o seu amor na cruz.
O catequista faz o sinal da cruz muito bem feito e ensina a fazer, se houver crianças que não o saibam fazer: "Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo".

Podemos também dar um beijo na cruz, quando formos entregar os nossos ramos, para mostrar o nosso amor a Jesus que nos ama tanto.

Então agora vamos fazer uma fila em direção à cruz. Quando cada um de nós lá chegar, pode dar um beijo na cruz, depois entrega o seu ramo e no fim faz o sinal da cruz, voltado para a imagem de Jesus. E tudo com muito respeito e muito amor, porque nós somos amigos de Jesus.

Colocar os cestos um de cada lado da mesa onde está o crucifixo para recolherem os ramos. Pode iniciar-se o cortejo e terminar com o cântico: "Cristo vive, Aleluia!"

***NOTA** – Antes de saírem, entregar às crianças os bilhetes para os pais com o convite para a Festa da Luz.*

3. **Compromisso**
   Pedir às crianças para pintarem a p. 73, no catecismo, com as palavras e os gestos do Sinal da Cruz.

CATEQUESE 18

A FESTA DA LUZ

CELEBRAÇÃO

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O poder luminoso e vivificante do nome

É pelo nome que cada um de nós é identificado. De tal modo que, sem nome, seria quase como se não existíssemos, pelo menos para os outros. Por isso, quando nasce uma criança, um dos primeiros deveres (reconhecido na Declaração Universal dos Direitos da Criança) é dar-lhe o nome, com que é registada a sua existência.

Para a Bíblia, no nome está resumido o que cada pessoa é. São muitos os casos em que isso é manifestado. Por exemplo, nas palavras ditas a S. José, a propósito do Filho que havia de nascer de Maria: "Ela dará à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus, porque Ele salvará o povo dos seus pecados" (Mt 1, 21). De facto, "Jesus" em hebraico significa: "Javé (o Senhor) é salvador". Será pelo Menino nascido de Maria que Deus, o Senhor, irá salvar o seu povo.

Na Bíblia acontece também haver mudança de nome, como acontece com o Apóstolo Simão, filho de Jonas: Depois de ele confessar a sua fé em Jesus, o Messias, o Filho de Deus vivo, este diz-lhe: "Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja" (Mt 16, 16.18).

Nestes casos é o nome que faz a pessoa, nas funções e missão que assume e realiza. Algo de semelhante acontece na cena exposta em **Jo 20, 11-18**. Aí, não com uma criança, mas com uma mulher:

2. "Maria!"

Toda a cena de Jo 20, 11-18 está centrada neste nome, dito a Maria Madalena por Jesus Cristo Ressuscitado, no versículo 16.

Antes vemos uma mulher tão desanimada, tão perto do desespero, que não consegue conter as lágrimas. Já não bastava a morte terrível de Jesus na cruz. Agora, até o seu corpo, a parte visível de quem a morte levou, até esse corpo tinham também levado.

O desgosto tolda os seus olhos. Tanto que nem conseguia identificar Aquele que ansiosamente procurava e estava ali, de pé, cheio de vida.

Reconhece-o quando pronuncia o seu nome: Maria! Porque o nome diz tudo. Quem o pronuncia, conhece a pessoa que o tem. E, na tradição e linguagem bíblica, o conhecimento é predominantemente um ato do coração. Quem conhece, ama. Daí a reação de Maria ao chamamento de Jesus: "Rabbuni", à letra: "meu Mestre"; ou, melhor ainda: "meu Grande". Se o Evangelista escreve a palavra em aramaico, a língua então corrente na Palestina, é certamente para acentuar o cunho pessoal de total confiança entre Jesus e Maria.

Ela confia plenamente, porque Ele, o "Mestre", o "Grande" a amou primeiro: "É nisto que está o amor: não fomos nós que amámos a Deus, mas foi Ele mesmo que nos amou e enviou o Seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados" (1 Jo 4, 10; cf. Rm 5,6-8).

É nessa condição que Jesus se manifesta a Maria Madalena. E é esse mesmo amor que Ele exprime ao vivo, quando chama por ela: "Maria!". Um chamamento que lhe abre os olhos, a ilumina, a transforma, a vivifica: com a vida que só o Ressuscitado pode dar, a vida que Deus tem em plenitude.

E quem experimenta tão grande amor, não pode deixar de dar testemunho dele.

3. "Vi o Senhor"

Cada um de nós, cristãos, passou por uma experiência semelhante, que nos marcou para toda a nossa vida, quando Deus, através de um sacerdote ou diácono, chamou pelo nosso nome e acrescentou: "Eu te batizo, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo", ao mesmo tempo que derramou sobre nós a água que nos deu a verdadeira vida. A vela que então recebemos, acesa na luz de Cristo ressuscitado, mostra-nos o caminho a seguir para alcançarmos o caminho que nos faz verdadeiramente felizes: o do amor.
Cada ano a festa da Páscoa deve ajudar cada um de nós a poder dizer, quase como Maria Madalena: "Vi o Senhor". "Quase", porque não O vemos com os olhos da carne, mas apenas com os do coração; que, porém, são os mais importantes: é sobretudo no coração que se processa a fé, é dele que brota o amor.

E se proclamamos: "Vi o Senhor", estamos a reconhecê-lo na sua condição divina. Desde a tradução bíblica dos LXX (tradução da Bíblia hebraica para grego, feita entre os séc. III e I a.C.), **"Senhor" tornara-se o título mais corrente dado a Deus**. Com base nisso, era assim que os primeiros cristãos manifestavam a sua fé em Jesus Cristo glorioso: com a exclamação "Jesus é o Senhor" (Rm 10, 9; 1 Cor 12, 3; Fl 2, 11).

Quem assim o reconhece, entrega-se a Ele e, nele, ao Deus que o ressuscitou de entre os mortos, para participar dessa mesma vida que o Ressuscitado tem em plenitude e se manifesta particularmente no amor.

OBJETIVOS

- Celebrar com alegria e em comunidade a Ressurreição de Jesus;
- Tomar consciência de que a luz é símbolo de Jesus ressuscitado.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. A Páscoa, devido à sua importância central no cristianismo, tem de ser vivida de forma celebrativa. Esta catequese pretende ser uma ocasião para isso, como "festa da luz", devido ao simbolismo e ao lugar da luz na celebração da ressurreição de Cristo.
2. A *celebração* tem o seu ritmo e dinamismo: As crianças são envolvidas no texto bíblico, não só pelo relato que deve ser tão vivo quanto possível (daí a intervenção de diferentes personagens), mas também pela luz que recebem da luz do amor do Ressuscitado.
3. Finalmente, e ainda a exemplo do que aconteceu com Maria Madalena, as crianças são convidadas a serem mensageiras do Ressuscitado: a levarem a luz da Boa-Nova do Seu amor. Não é contemplada a relação com o Batismo, porque haverá ocasiões de abordar o tema da luz sob essa perspetiva.

MATERIAIS

- Um crucifixo;
- Vela relativamente grossa e alta (que lembre o Círio pascal);
- Vaso com espigas ou cartaz correspondente (catequese 17);
- Cesto de verduras oferecidas pelas crianças (catequese 17);
- Flores e verduras para ornamentar a sala, o crucifixo e a vela;
- Velas pequenas, uma para cada um dos presentes, crianças e adultos (se possível com copo ou papel protetor, para evitar pingos no chão e riscos de as crianças se queimarem);
- Dísticos: *Jesus é amigo de todas as pessoas* (catequese 13); *Eu gosto de Jesus* (catequese 15); *Jesus deu a vida por todos* (catequese 17);
- Cópias do texto da leitura para todos os intervenientes (adultos).

MÚSICAS

- "Cristo vive, Aleluia";
- "Jesus, tu és a nossa luz";
- "Esta luz pequenina".

LOCAL DA CELEBRAÇÃO

Poderá, eventualmente, ser a *igreja*, por ser o lugar por excelência não só da maioria das celebrações dos cristãos, incluindo a da grande Vigília Pascal, mas também por ter, na devida dimensão, um dos símbolos centrais desta celebração: o Círio Pascal.

No entanto, a igreja pode não oferecer as condições ideais para uma celebração em que as crianças, devido sobretudo à sua tenra idade, facilmente se dispersam: por causa do espaço demasiado grande da igreja e/ou por, eventualmente, ser difícil de aí colocar de

modo harmonioso todos os outros elementos que entram na ornamentação. Nesse caso, pode ser preferível optar pela *sala da catequese* ou outro lugar com condições idênticas ou semelhantes.

PREPARAÇÃO DA SALA

Para facilitar a ligação com a catequese anterior, sugere-se que a sala seja disposta e ornamentada como ficou no final dessa catequese:

- Na parte superior do quadro/placar, os dísticos: "Jesus é amigo de todas as pessoas"; "Jesus deu a vida por nós"; "Jesus gosta de mim".
- Em cima da mesa, junto do quadro/placar, o vaso com espigas de trigo (ou o cartaz correspondente, neste caso afixado, na parte central e inferior do quadro/placar).
- Ao centro da mesa ou do quadro/placar o crucifixo, envolvido pelas espigas de trigo e pelos dísticos e ornamentado.
- Em cima da mesa, ao lado da Bíblia, uma vela relativamente grande, apagada (será acesa na altura própria da celebração) e ornamentada.
- Em cima da mesa e perto do crucifixo, os cestos com verduras (se tiverem secado ou murchado as da catequese anterior, substituí-las por outras que estejam frescas).
- Flores e verduras dispostas a gosto do catequista, mas que contribuam para o ambiente festivo.
- As cadeiras para as crianças podem ser dispostas em semicírculo.
- Os pais e outros adultos ficam por detrás das crianças.
- A sala deve estar relativamente às escuras no princípio da celebração, isto é, só com a luminosidade suficiente para se verem as pessoas e os objetos da sala. Será plenamente iluminada no decurso da celebração, conforme se indica no desenvolvimento.

***NOTA** – Os cânticos devem ser ensaiados antes de se iniciar a celebração.*

INTERVENIENTES NA CELEBRAÇÃO

Para a leitura da Palavra de Deus, sugere-se a intervenção de outros adultos, além do catequista que preside: este fará de narrador (mas sem ler, isto é, contando por palavras suas); um adulto para ler as palavras dos anjos; outro para as de Maria Madalena e outro para as de Jesus. A leitura deve ser preparada antes da catequese. E, imediatamente antes de ser feita, o catequista que preside indica às crianças quais as personagens que entram no relato e quem as assume na sua leitura.

II – CELEBRAÇÃO

ENTRADA

As crianças entram em fila, seguidas pelos pais e outros adultos, se os houver, cantando o cântico da catequese anterior:
Cristo vive, Aleluia!
Pode repetir-se, até todos estarem nos seus lugares.

SAUDAÇÃO

Antes de mandar sentar as crianças, o catequista convida a fazer o sinal da cruz, com estas ou outras palavras semelhantes:

Vamos todos começar por fazer o sinal da cruz. Traçamos sobre nós uma cruz e dizemos todos ao mesmo tempo:
"Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo".

Indicar que podem sentar-se.

Evocação da catequese anterior

Fazer esta evocação, estabelecendo diálogo com as crianças:
O que significa o sinal da cruz? Por que é que nós o fazemos? (...) Para nos lembrarmos da cruz na qual Jesus deu a vida por todos nós...

E encontramos aqui na sala mais alguma coisa que nos lembra esse amor de Jesus por nós? (...) O crucifixo... Quem quer contar o que aconteceu? (...)

Podemos começar pelo que está escrito no quadro/placar. *Se as crianças já forem capazes de ler as frases, deixar que sejam elas a fazê-lo...*
Jesus é amigo de todos e gosta tanto, tanto de cada um de nós, que deu a sua vida por nós.

E as espigas de trigo? O que é que significam? (...) O que é que Jesus nos diz para explicar a sua morte: "Se o grão de trigo, caindo à terra, morrer, dá muito fruto". Que fruto é esse? (...) São novos grãos, que cada grão que morre dá, os grãos precisos para fazer o pão.

Também aconteceu assim com Jesus. Jesus morreu, mas voltou a viver para nos dar a vida a todos.

Quem é que disse àquelas senhoras, amigas de Jesus, que Ele ressuscitou? (...) Foi um Anjo.

ORAÇÃO

Jesus está vivo e está connosco, no nosso coração. Então vamos agradecer-lhe?
Vamos pôr-nos de pé. Olhamos um bocadinho para o crucifixo, em silêncio. Agora podemos falar com Jesus:

"Ó Jesus,
dou-te graças por teres
dado a tua vida por mim
e por todas as pessoas."
Ámen.

Indicar novamente que podem sentar-se.

PALAVRA (Jo 20, 11-18)

O catequista prepara as crianças para escutarem a leitura bíblica com as seguintes palavras ou outras semelhantes:

Há aqui duas coisas na nossa sala que não havia na semana passada. Já repararam? O que é? (...)

Uma das coisas é aquela vela grande. Mas ainda está apagada.

A outra coisa é estarmos um pouco às escuras. Até é um pouco difícil vermo-nos uns aos outros. Será que falta a eletricidade?

Vamos ficar a perceber com o que vamos ouvir a seguir.
Hoje vamos conhecer uma senhora que era do grupo dos amigos de Jesus. Ela chamava-se Maria Madalena.

Um dia, de manhã muito cedo, ainda estava escuro, Maria Madalena foi ao lugar onde tinham posto o corpo de Jesus, três dias depois de ele morrer.
Chegou ao jardim onde estava o sepulcro em que tinham posto Jesus e reparou que o sepulcro estava aberto, mas o corpo de Jesus não estava lá.

Então pensou que tinham roubado o corpo de Jesus. Ficou ainda mais triste e começou a chorar.

Vou contar o que aconteceu então. Apareceram uns anjos que vão ser representados por N... Outra pessoa, N... vai dizer o que disse Maria Madalena e N... as palavras de Jesus.

Agora, para ouvirem com mais atenção e respeito, ponham-se todos de pé. (...)

Quando Maria Madalena estava assim triste, ainda às escuras, a olhar para dentro do sepulcro, viu uns anjos que lhe disseram:

Anjos: "Mulher, porque choras?"

Narrador: Maria disse-lhes porquê:

Maria: "Porque levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram".

Narrador: Naquela altura, Maria voltou-se para trás e viu Jesus, de pé. Mas ela estava tão triste que nem percebeu que era Jesus. Pensava que Ele estava morto e por isso não podia imaginar que fosse Ele que estivesse ali de pé. Jesus perguntou-lhe:

Jesus: "Mulher, porque choras? A quem procuras?"

Narrador: Ela nem reconheceu a voz de Jesus. Pensou que era o jardineiro e disse-lhe:

Maria: "Senhor, se foste tu que o levaste, diz-me onde o puseste e eu vou lá buscá-lo".

Narrador: Não precisava de ir buscá-lo, porque ele estava ali à frente dela. Mas Jesus disse-lhe:

Jesus: "Maria!"

Narrador: Foi nessa altura que ela olhou bem para ele e chamou-o, na língua que se falava naquela terra. Ela disse a Jesus:

Maria: "Rabbuni!"

Narrador: "Rabbuni" quer dizer Mestre. Era assim que os amigos de Jesus o tratavam. Jesus queria que ela fizesse outra coisa, muito importante. E então disse: ***Jesus***: "Vai ter com os meus irmãos e diz-lhes que vou subir para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus".

Narrador: Os irmãos eram os outros amigos de Jesus que também ainda não sabiam que ele tinha voltado a viver, para ir para sempre para junto de Deus.
Então Maria correu a dar aquela notícia tão feliz aos amigos. Quando chegou onde eles estavam disse-lhes, com muita alegria:

Maria: "Vi o Senhor".

Ficaram todos muito contentes! E nós, também estamos contentes. Então, em sinal da nossa alegria, vamos pôr-nos de pé e cantar o mesmo **cântico** que cantámos há pouco: **"Cristo vive, Aleluia!"**

Podem sentar-se.

O catequista, nesta altura e em silêncio, acende a vela que está em cima da mesa. Enquanto isso, os outros intervenientes na leitura afastam-se para os seus lugares.

EXPRESSÃO DE FÉ

Como é que Maria Madalena reconheceu Jesus? (...) Foi quando Jesus chamou por ela, dizendo o seu nome: Maria! Foi então que ela percebeu mesmo que era Jesus.

As pessoas que gostam de nós sabem o nosso nome e chamam-nos por ele. Não é?...

Quando Jesus apareceu a Maria Madalena já não estava escuro. Já havia muita luz e a alegria de Jesus estar vivo. Por isso é que eu já acendi a vela que está ali em frente do crucifixo e ao pé da Bíblia: Esta vela representa Jesus, vivo para sempre connosco.

Nós não vemos Jesus, mas ele também gosta muito de cada um de nós. Foi por nós que Ele deu a vida e ressuscitou.

Como Jesus fez com Maria Madalena, eu vou chamar cada menina e cada menino, dizendo o nome de cada uma e de cada um. Quando eu disser o nome, esse menino ou menina levanta-se e vem aqui à frente acender uma vela nesta vela grande que representa a luz de Jesus ressuscitado.

Depois de cada um acender a sua vela na luz de Jesus, volta-se para os outros, levanta a sua vela acesa e diz:
"Eu gosto de Jesus: Ele é a minha luz!"
Se for preciso, explicar de novo.
De vez em quando, depois de alguns meninos e meninas terem acendido as suas velas e terem dito *Eu gosto de Jesus: Ele é a minha luz,* cantamos um cântico em que dizemos, a cantar, o mesmo. O **cântico** é este: *"***Jesus, tu és a nossa luz***"*. Quando cantarmos, os que já têm a vela acesa, podem levantá-la.

É importante que cada criança ouça o seu nome, acenda a sua vela e faça a sua profissão de fé. Mas convém não demorar demasiado. Por isso o cântico não deverá ser cantado mais vezes do que as 4 estrofes que dele fazem parte. Se forem muitas

as crianças, podem deixar-se as estrofes ou cantar-se apenas uma no princípio e/ /ou outra no fim. Procure-se fazer tudo com ordem e dignidade.
Se houver mais catequistas, também eles são chamados, acendem as velas e fazem a sua profissão de fé. O catequista que preside fará isso no fim. Em vez de chamar pelo próprio nome, di-lo-á antes de fazer a sua profissão de fé, deste modo:" Eu (N.) gosto de Jesus"...
Se estiverem presentes pais e outros adultos, estes receberão as suas velas num momento posterior da celebração, como se indica mais à frente.
Depois de todas as crianças e catequistas terem as velas, devem acender-se todas as luzes da sala e, se for o caso, abrir todas as persianas e/ou cortinas. Isto pode ser feito, enquanto se canta o cântico pela última vez.
Então o catequista continua:

ORAÇÃO

A luz que temos na mão significa o amor de Jesus, que temos no nosso coração. Vamos pedir-lhe que este amor esteja sempre em nós, olhando para a sua imagem no crucifixo.

"Senhor Jesus ressuscitado, habita em mim.
E então eu poderei ser uma luz para os outros. Brilha através de mim
e todos aqueles que eu encontrar poderão sentir a tua presença". Ámen.

COMPROMISSO E DESPEDIDA

Ainda há pessoas que não têm a luz de Jesus. Algumas, porque ainda O não conhecem, nem amam. Mas mesmo às pessoas que já O amam temos de levar a luz do amor de Jesus. Temos de fazer como fez Maria Madalena que foi a correr anunciar aos outros amigos de Jesus: "Eu vi o Senhor". Foi assim que ela os ajudou a acabarem com a sua tristeza.
Vamos primeiro levar a luz às pessoas da nossa família que estão aqui e ainda não têm a vela acesa. Assim, cada menina e cada menino vai levar a sua vela acesa e, com ela, acende a vela que já têm os pais (e outros familiares).
Agora, para que cada um de nós conserve bem acesa a luz do amor de Jesus, vamos cantar mais um cântico:
"Esta luz pequenina"

Cantam-se as estrofes, conforme o tempo que houver e a frescura que as crianças ainda conservem. O catequista conclui:

Agora podemos apagar as velas.
"Vamos em paz
e que o Senhor nos acompanhe".

Nós somos do grupo de Jesus

3º BLOCO

Os últimos encontros realizam-se no contexto do tempo pascal. As crianças, como os discípulos de então, são convidadas a anunciar a Boa-Nova de que Jesus ressuscitou e atua no meio de nós, nomeadamente através da presença do Espírito Santo. Deste modo a própria criança entra no mistério: é o Espírito Santo que faz crescer o número dos cristãos e que nos faz acreditar que Jesus está para sempre connosco.

CATEQUESE 19

JESUS ESTÁ VIVO

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. O medo dos cristãos

Os primeiros cristãos tinham presentes os sofrimentos e morte de Cristo e depressa começaram a ser também eles perseguidos. Daí a reação, humanamente compreensível em situações idênticas: o medo e o refúgio em lugar seguro, isto é, com "as portas fechadas" (Jo 20, 19).

Passados cerca de vinte séculos, essa situação ainda existe e, infelizmente com uma violência devastadora. Nas sociedades onde, por falta de liberdade religiosa, há cristãos que são impedidos de exprimir abertamente a sua fé, alguns dos que se atrevem a fazê-lo têm acabado por pagar a sua coragem com a própria vida. Mas em muitas das sociedades tradicionalmente cristãs, como a nossa, o que vai progressivamente dominando são modos de viver, pensar e agir que estão em contradição aberta com os valores cristãos. Perante isso, muitos cristãos não têm a coragem de viver de acordo com aquilo em que acreditam.

No fundo é esta realidade que está por detrás do desafio lançado pelo Papa João Paulo II para uma nova evangelização, capaz de chegar a esses cristãos, cujo modo de viver leva seriamente a duvidar se, de facto, acreditam no Deus de Jesus Cristo. O Deus que rompe com todas as barreiras, começando por aquelas que o medo nos impede de vencer.

2. "A paz esteja convosco"...

Foi com estas palavras que Jesus Cristo glorioso se apresentou aos seus discípulos, tolhidos pelo medo (Jo 20, 19.21.26). Trata-se de uma saudação usual, ainda hoje, entre os judeus. Só que a paz que Ele lhes deseja e oferece tinha adquirido novos contornos e uma nova energia: aquela que nele próprio se manifestara com a vitória sobre a morte. Por isso "lhes mostrou as mãos e o lado" (Jo 20, 20): as mãos que tinham sido pregadas na cruz; o lado que havia sido perfurado pela lança do soldado e do qual brotou "sangue e água" (Jo 19, 34).

Na cruz consumou o seu amor até à entrega total da vida. De tal modo que, quando "entregou o Espírito" a Deus seu Pai (Jo 19, 30), passou a participar definitivamente

da sua glória, do seu poder, o poder invencível do amor. Assim, a sua elevação na cruz foi, ao mesmo tempo, a elevação à glória (cf. Jo 3, 14; 8, 28; 12, 32).

É deste amor que brota a Sua paz, a que Ele dá "não como a dá o mundo" (Jo 14, 27). Da sua paz faz parte a harmonia em todas as direções: cada um consigo próprio, com os outros, com a natureza e, acima de tudo, com Deus. "A meta do caminho do universo situa-se na plenitude de Deus, que já foi alcançada por Cristo ressuscitado, fulcro da maturação universal. (...) Com efeito, o ser humano, dotado de inteligência e amor e atraído pela plenitude de Cristo, é chamado a reconduzir todas as criaturas ao seu Criador" (*LS* 83).

Na saudação com que Jesus se dirige aos discípulos, como Crucificado Ressuscitado, podem finalmente experimentar a paz que só ele pode dar: "Encheram-se de alegria, por verem o Senhor" (Jo 20, 20). Viram-no também, e principalmente, com os olhos do coração, os únicos que apreendem plenamente o amor. Então o medo transforma-se em alegria... e surge a coragem necessária para realizar a missão a que Ele os chama:

3. "Como o Pai me enviou, também Eu vos envio a vós"...

A estas palavras junta o sopro do "Espírito Santo" sobre os apóstolos (Jo 20, 22). Recebem-no para serem mediadores do perdão, a expressão máxima do amor: "Àqueles a quem perdoardes os pecados, ficarão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ficarão retidos (Jo 20, 23). Isto é, a eficácia salvífica do perdão depende também da resposta de fé daqueles a quem é oferecido. Se a Ele aderem, a sua vida, liberta do pecado, ganha uma dimensão ilimitada, a dimensão do amor que só Deus tem em plenitude.

Hoje, esta energia e coragem, este perdão e esta paz de Cristo Ressuscitado são oferecidos e experimentados de diversos modos na vida da sua Igreja. Alguns deles são as celebrações dos sacramentos, com destaque para a Eucaristia. Não é por acaso que aí, entre a consagração e a comunhão, Cristo nos diz, através de quem preside, o mesmo que disse na tarde daquele primeiro dia da semana: "A paz esteja convosco". E nós, tendo ainda nos ouvidos e no coração as palavras de quem pouco antes se dera todo por nós, no Seu "Corpo" e Seu "Sangue", reagimos àquela saudação com um gesto expressivo da paz e do amor que a todos une: o amor de Cristo.

E, se somos sinceros no que aí dizemos e fazemos, então acontece também o que o Papa Bento XVI escreve na Exortação Apostólica Pós Sinodal "Sacramento de Caridade": "Não podemos reservar para nós o amor que celebramos neste sacramento: por sua natureza, pede para ser comunicado a todos. Aquilo de que o mundo tem necessidade é do amor de Deus, é de encontrar Cristo e acreditar nele (...). Não há nada de mais belo do que encontrar e comunicar Cristo a todos!" (SC 84).

OBJETIVOS

- Reconhecer que Jesus está vivo;
- Acolher a paz que Ele comunica, como Ressuscitado;
- Comprometer-se a ser mediador da sua paz.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese, no seu tema pascal, é a continuação a diversos níveis das duas anteriores: pela sequência da palavra bíblica (a leitura de Jo 20, 19-21 é precedida da de Jo 20, 11-18); pelo alargamento da mensagem pascal de uma testemunha (Maria Madalena) ao grupo de discípulos; pela concretização da presença e ação do Ressuscitado no dom da paz, que brota do amor manifestado na sua morte.
2. Há, pois, uma ligação necessária, mas não uma repetição. Daí que alguns símbolos ou dísticos sejam substituídos por outros; que, em vez da entrega da luz, se faça a "entrega" da paz, que é, na prática, a concretização da luz. É nessa paz, que nasce do amor, que mais se torna visível o mistério da Ressurreição de Jesus: a vitória sobre a morte e sobre o mal.

NOTA – *Nas pagelas propostas o objeto ou símbolo pode estar figurado em desenho ou fotografia. No sentido de personalizar a mensagem, o catequista pode escrever o nome da criança e a data da entrega e assinar.*

MATERIAIS

- CD com música pascal e leitor de CD;
- Vaso ou gravura com ramos de trigo (Catequese 17);
- Crucifixo ornamentado (Catequese 17);
- Vela/círio ornamentado (Catequese 18);
- Flores de diversas cores;
- Fitas ou papel de diferentes cores para ornamentação;
- Pagelas com motivos como: vela, coração, flor, Cristo..., uma por cada criança; no verso estará escrita a mensagem: *"Cristo vive! A paz esteja contigo!"*;
- Dístico a cores: *Jesus vive! Aleluia!*

MÚSICAS

- "Jesus, Tu és a nossa luz";
- "A Paz esteja connosco".

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

Preparação da sala: *Da catequese/celebração anterior mantêm-se os seguintes elementos: o vaso ou gravura com as espigas de trigo sob o crucifixo, a Bíblia e a vela/círio (apagada) em cima e ao centro da mesa. A ornamentação pode variar: em vez (ou para além) das verduras, podem predominar as flores (se possível, variadas nas cores e nas espécies), pode haver fitas de várias cores nas paredes. O importante é que a sala tenha uma atmosfera alegre e festiva. No quadro/placar, por cima do crucifixo (ou a envolvê-lo), o dístico: "Jesus vive! Aleluia!" (também em cores alegres).*

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Estamos em festa*

   Depois ou durante o acolhimento, o catequista deixa, em silêncio, que as crianças observem a sala. Pode colocar-se uma música pascal de fundo: de preferência uma que seja conhecida das crianças, porque usada na igreja ou numa das catequeses anteriores. Depois desse breve tempo de observação, o catequista pega numa ou duas pagelas (das que depois irá distribuir) e mostra-as às crianças. Deixa que elas as observem e, em seguida, pergunta:

   O que é que está aqui representado? (...) *Conforme o caso:* Sim, é uma flor, uma vela, um coração... E para que será isto?... Não vou dizer já. É uma surpresa.
   Mas, posso dizer que tem a ver com a grande festa que temos estado a celebrar. Que festa é essa? (...) Até houve férias para podermos viver essa festa. É a Páscoa, a festa de Jesus ressuscitado.

2. *Recordamos a Festa da Luz*

   Nós aqui também fizemos festa na última catequese. E ainda estamos a fazer festa. É por isso que a nossa sala está assim bonita! Estão aqui algumas coisas que já cá estavam no último encontro. Quais são? (...) O crucifixo, a Bíblia, as flores, a vela ...

   E o que fizemos com a vela? (...) Quando acendemos as nossas velas, o que dissemos? (...) "Eu gosto de Jesus: Ele é a minha luz!" E até cantámos *"Jesus, Tu és a nossa luz".* Vamos cantar outra vez?
   Pode cantar-se o refrão, uma ou duas vezes e com as crianças de pé. Depois de lhes indicar que se podem sentar, o catequista continua:

II. PALAVRA

1. *Jesus está vivo*

Porque é que cantamos este cântico? (...) Agora vamos reparar bem na sala e em algumas coisas novas que temos aqui.

(Deixar que observem e que tentem descobrir. Depois continuar:)

Temos mais flores e de muitas cores *(se for o caso)*... E o que está escrito ali no quadro por cima da imagem de Jesus crucificado? (...) *"Jesus vive! Aleluia!"*

Foi por causa disso que nós cantámos e acendemos as nossas velas: Depois de o terem matado e sepultado, Jesus voltou a viver e está vivo.

E a quem é que ele apareceu? (...)

Muito bem: a Maria Madalena. Quando é que ela percebeu que era Jesus? (...) Quando ele a chamou pelo nome: Maria! Maria Madalena ficou cheia de alegria!

E nós também ficámos tão contentes por Jesus estar vivo, que cada um acendeu a sua vela.

2. *Jesus aparece aos discípulos*

Mas a nossa vela grande, que representa a luz que é Jesus vivo, ainda está apagada... Não foi por esquecimento. É que ainda não chegou a altura de a acendermos.

Hoje vamos falar do que aconteceu depois do encontro de Jesus com Maria Madalena.

Já sabemos que Maria Madalena, depois de reconhecer Jesus, foi logo a correr contar aos amigos de Jesus: "Vi o Senhor". Mas eles continuavam um pouco tristes, como que às escuras, porque ainda não o tinham visto. Estavam tristes e com medo. Com medo de quê? Tinham medo de que lhes fizessem o mesmo que tinham feito a Jesus: que os prendessem e até que os matassem. Por isso estavam juntos numa casa, com as portas fechadas. Vamos ouvir o que aconteceu então.

Leitura (cf. Jo 20, 19-21):

Ao anoitecer daquele dia,
estando fechadas as portas
do lugar onde os discípulos se encontravam,
com medo das autoridades,
veio Jesus, pôs-se no meio deles e disse-lhes:
«A paz esteja convosco!»
Os discípulos encheram-se de alegria
por verem o Senhor.

E Ele voltou a dizer-lhes:
«A paz seja convosco!
Assim como o Pai me enviou,
também Eu vos envio a vós.»

Silêncio

Isto foi na tarde daquele mesmo dia em que Jesus apareceu a Maria Madalena.

3. *Jesus é a nossa luz*
   Neste momento, em silêncio, o catequista acende a vela/círio. Se for possível, pode fazer-se mais claridade na sala: por exemplo, acendendo mais algumas luzes.

   Agora já se percebe por que é que só agora acendi a vela: para indicar a alegria que os discípulos sentiram. Jesus estava vivo e estava com eles. Então viram como a vida deles tinha mais luz. Jesus é a nossa luz. Vamos cantar outra vez o cântico que tem estas palavras?
   Repetir o cântico: "Jesus, Tu és a nossa luz".

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Também nós ficamos cheios de alegria*
   Nos vossos catecismos (p.79), estão as imagens de Jesus e dos seus discípulos ou amigos. Jesus está vivo com eles! "Os discípulos encheram-se de alegria por verem o Senhor". Nós não estávamos lá, mas também podemos sentir muita alegria, porque Jesus está vivo para sempre.
   E quando Jesus disse aos discípulos: "A paz esteja convosco", essa paz também é para nós. Para mostrar que também nós estamos muito contentes, podem pintar como os meninos cheios de alegria que estão na p.80 do catecismo e podem pintar a faixa com as palavras de Jesus que eles seguram. Cada um pinta como lhe parecer melhor: com as cores que melhor mostram a alegria dos discípulos e a nossa.

   Depois de algum tempo, conforme o disponível, e mesmo que nem todas as crianças tenham completado o seu trabalho (indicando então que poderão completá-lo em casa), o catequista continua com estas ou outras palavras semelhantes:

2. Jesus dá-nos a sua paz
   A paz é que afasta o medo. Quando Jesus apareceu aos discípulos mostrou quanto os amava. Quando temos medo, ajuda-nos muito a afastar o medo, termos alguém ao pé de nós que nos ame e nos proteja.

Jesus, hoje, quer dar-nos aqui a sua paz, para mostrar o seu amor por cada um de nós. Vamos receber essa paz? (...)
Então vamos fazer assim: eu vou chamar por cada menina e cada menino; e vou, em nome de Jesus, comunicar-vos a paz que Ele vos quer dar.
O catequista chama por cada criança individualmente e entrega-lhe a pagela, dizendo:

(N.) Jesus está vivo!
A paz esteja contigo!

Quando terminar a entrega, o catequista continua:

A paz e o amor de Jesus vivo é que nos fazem felizes e afastam de nós o medo. Então vamos manifestar a nossa alegria, cantando:
"A paz esteja connosco"
Depois de Jesus dizer, pela segunda vez "A paz esteja convosco", disse-nos ainda: "Como o Pai me enviou também eu vos envio a vós". Portanto, Jesus quer enviar-nos. Mas a fazer o quê? O mesmo que fizeram então os seus amigos: a dizerem às outras pessoas que Jesus ressuscitou dos mortos, que Ele está vivo e quer dar a sua paz, o seu amor, a todas as pessoas, para que nenhuma tenha medo, mas viva em paz e alegria. Então, vamos fazê-lo já aqui: vamos transmitir a paz de Jesus uns aos outros.

Fazemos assim: primeiro, formamos uma roda... Agora, fazemos um gesto de paz aos colegas que estão ao nosso lado, primeiro ao da direita e depois ao da esquerda. Antes de lhe darmos um beijo (ou um aperto de mão), dizemos o nome dele ou dela e depois as palavras: "A paz esteja contigo!" Prontos? – Então podemos começar.

No fim do gesto de paz pode-se cantar de novo, de mãos dadas, o cântico "A paz esteja connosco!"

3. **Compromisso**
Lá em casa, cada um e cada uma pode mostrar a prenda que hoje recebeu aqui, para se lembrar de que Jesus está vivo e da paz que ele nos dá. E, quando o fizerem, podem também dar um beijo às pessoas da vossa família como sinal da paz de Jesus.

Podem completar e pintar as frases da p. 80 do catecismo *(mostrar)* e desejar-se a si mesmo a dar a paz a alguém de quem não gostam muito *(p. 81, mostrar)*.

CATEQUESE 20

JESUS DÁ-NOS O ESPÍRITO SANTO

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Vivemos do Espírito

A palavra "espírito" provém do latim "spiritus" e significa, em sentido próprio e original, tal como o grego "pneuma" e o hebraico "ruah", o ar que inspiramos e expiramos, ou simplesmente respiramos. Sem ele não podemos viver.

Por isso se diz em Gn 2, 7: "O Senhor Deus formou o homem do pó da terra e insuflou-lhe pelas narinas o sopro da vida, e o homem transformou-se num ser vivo". O texto bíblico situa num passado mítico o que se passa cada dia com todo o ser humano que nasce: a primeira coisa que um bebé tem de fazer, logo que sai do seio materno, é respirar.

Mas nós não vivemos apenas do ar que respiramos. Ao sopro da vida, o texto bíblico junta, primeiro o alimento que a natureza produz (cf. Gn 2, 8-17) e depois, as relações inter-humanas, que têm a sua expressão mais elementar na união entre o homem e a mulher (2, 18-24). É na medida em que se tornam "numa só carne" que a vida que têm é geradora de novas vidas, isto é, vence as barreiras da individualidade da pessoa.

O texto de Gn 3, 1-19 é também muito claro quando nos transmite que os seres humanos não se relacionam apenas entre si. Não podem perder a relação com o Autor da vida, o único que a tem em plenitude. Quando o homem e a mulher cedem à tentação de quererem ser "como Deus", prescindindo dele e deixando de respirar o seu "sopro de vida", veem-se reduzidos à sua nudez de frágeis criaturas.

2. O poder vivificante do Espírito e da palavra de Deus

«Está escrito: "Nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus"». É assim (com uma citação de Dt 8, 3) que Jesus, segundo Mt 4, 4, responde à primeira tentação a que é sujeito, antes de iniciar a sua atividade messiânica.

O ar que expiramos é o veículo dos sons que as cordas vocais produzem; quando articulados, são sons cheios de sentido, expressivos dos pensamentos ou sentimentos de quem por eles se comunica. Daí o poder da palavra: por meio dela, é a pessoa que se comunica; vinda de Deus, é transmissora da energia vivificante do Espírito.

Mas foi em Jesus Cristo que este poder da palavra atingiu o grau máximo. Por isso S. João lhe chama o Logos, ou Verbo, ou Palavra, "que estava em Deus" e "se fez carne e veio habitar entre nós" (Jo 1, 1-14). Palavra que se exprimiu pelas palavras que disse e pelas obras que realizou. Numa sintonia perfeita, fruto da união absoluta com Deus: "Eu e o Pai somos um" (Jo 10, 30). Por isso, as obras que Ele faz são as obras do Pai (cf. Jo 5,17.19.36; 10, 25.38; 14,11); e pode dizer-se que as suas palavras "são espírito e são vida", isto é, são transmissoras do "Espírito que dá Vida", a vida que Ele tem do Pai e com o Pai (Jo 6, 63). Daí o pleno sentido da confissão de fé de Pedro: "Tu tens palavras de vida eterna!" (Jo 6, 68).

É eterna esta vida que Jesus oferece, porque alimentada pelo amor que vem de Deus: para isso lhes promete o envio do Espírito Santo Paráclito.

3. **O Espírito "há de recordar-vos tudo o que Eu vos disse"** (Jo 14,26)
   No Evangelho de S. João, Jesus chama ao Espírito o "Paráclito" que, à letra, quer dizer: "aquele que é chamado para junto", "advocatus" (Jo 14, 16.26; 15, 26; 16, 7). "Paráclito" traduz- se habitualmente por "Consolador". O próprio Senhor chama ao Espírito Santo "o Espírito da Verdade" (Jo 16, 13; cf. CIC 692).

   É essa verdade que nos "fará livres" (Jo 8, 32) do egoísmo, do pecado, porque vinda daquele que é o "caminho, a verdade e a vida" (Jo 14, 6).

   Foi na aparição aos seus discípulos, em que lhes mostrou as mãos e o lado, que Jesus soprou sobre eles e lhes comunicou o Espírito Santo, que os capacita para continuarem a missão que ele havia recebido do Pai: a de transmitirem o amor, que tem no perdão a sua maior expressão (cf. Jo 20, 19-23).

   É uma missão, a cumprir pela palavra e pela vida: o amor e a verdade nas relações entre os cristãos são parte integrante do conteúdo da mensagem, que transmitem por palavras. E é por isso que necessitamos do Consolador, o Espírito que traz à nossa mente e ao nosso coração tudo o que Jesus disse e fez.

OBJETIVOS

- Descobrir que Deus Pai e Jesus Ressuscitado enviam o Espírito Santo;
- Tomar consciência da ação do Espírito Santo em Jesus e nos cristãos;
- Unir-se ao Espírito Santo pela palavra de Deus e pela oração.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese, mais do que uma exposição teórica sobre a terceira pessoa da Santíssima Trindade, deve ser uma experiência e vivência da sua ação: é sempre ao Espírito Santo que se deve a abertura à palavra de Deus e a resposta de fé, esperança e amor a que Deus nos abre e nos convida.

2. A revisão das catequeses anteriores tem como objetivo fazer descobrir que essa fé e esse amor se devem a Deus, que se revela e atua particularmente através de Jesus Cristo, seu Filho, e se torna eficazmente presente na Igreja e no mundo pelo Espírito Santo infundido nos corações dos crentes.

MATERIAIS

- Dísticos: *Jesus gosta de todas as pessoas* (catequese 13); *Jesus gosta de mim* (catequese 14); *O Espírito Santo; Lembrar-vos-á as minhas palavras; Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo*;
- Para a 1ª Alternativa da Experiência Humana: folhas de papel (tantas quantas as crianças).

MÚSICA

- "Oração ao Espírito Santo".

NOTA – *Se for possível, o catequista obtém a colaboração de um familiar ou amigo para visitar o grupo e dialogar com as crianças sobre a catequese que tiveram ao longo do ano (2ª alternativa da Experiência Humana). Se não for possível, o próprio catequista o fará.*

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Recordamos as catequeses deste ano*

1ª Alternativa

Desde que a catequese começou já todos aprendemos muitas coisas. Vamos fechar os olhos e pensar um bocadinho sobre tudo o que já aprendemos na catequese...

Agora cada um pode pensar qual terá sido, de todas essas coisas, a mais importante que aprendeu... E cada um vai desenhar essa coisa importante que aprendeu.

Quando terminarem, cada criança pode mostrar o seu desenho ao grupo e explicá-lo. Se o grupo for muito grande, o catequista pode passar junto das crianças enquanto desenham e apresentar no fim uma síntese dos aspetos evocados. Depois abrem todos os catecismos e vão-nos folheando e dialogando sobre as diferentes catequeses.

Porque é que nós nos lembramos de tantas coisas que aprendemos sobre Jesus, sobre Deus, o Pai de Jesus, a sua mãe... Tantas coisas que Jesus disse e fez. Porque será? (...)

Lembramo-nos tão bem do que Jesus nos disse e fez por nós, porque Ele é muito nosso amigo. É sempre assim: das pessoas que gostam de nós, é que nos lembramos com mais facilidade. Por exemplo, dos pais, professores e outras pessoas amigas.



O catequista diz às crianças que vão ter uma visita. Chama então a pessoa cuja colaboração pediu e apresenta-a às crianças. Se não tiver a colaboração de ninguém, o catequista sai da sala por uns segundos. Depois bate à porta, entra e "apresenta-se": "Sou o Sr./Sr.ª N... Escolherá, de preferência, uma "identidade" do sexo oposto ao seu: se for mulher, apresentar-se-á com um nome masculino; se for homem, com um nome feminino. Essa nova "identidade" não implica uma representação, com alteração de voz, etc. A intenção é apenas distanciar-se da sua presença normal para levar as crianças a darem respostas que não dariam ao catequista por considerarem que ele já as sabe.

Em qualquer dos casos, estabelecer-se-á um diálogo com as crianças, começando por perguntar-lhes: "O que estão a fazer aqui? (...) Estão na catequese? O que é catequese?" (...) E, dependendo das respostas, perguntas como: "Quem é Jesus? (...) Quem fez tudo para nós? (...) Como é que sabemos que Jesus é nosso amigo? (...) O que é que nós sabemos da vida de Jesus? (...) E assim por diante, partindo das respostas obtidas e interrogando sempre como se o adulto que interroga nada soubesse dos assuntos abordados.

2. *Quem nos faz lembrar tudo o que aprendemos de Jesus*

Para qualquer das duas alternativas:

Por que razão é que nós gostamos tanto de nos lembrarmos do que aprendemos sobre Jesus, aquilo que ele disse e fez? Será porque ele gosta tanto de nós?
Afixar os dísticos: "Jesus gosta de todas as pessoas" e "Jesus gosta de mim".
Ou haverá mais alguma razão para os amigos de Jesus se lembrarem das palavras dele? Hoje vamos descobrir mais coisas importantes acerca de Jesus que ainda não sabemos e que nos vão ajudar a saber a razão de nos lembrarmos tão bem de tudo o que aprendemos neste ano de catequese.

II. PALAVRA

1. *A promessa de Jesus*
Um dia, pouco antes de Jesus morrer, na mesma refeição em que lavou os pés dos discípulos, Jesus disse-lhes muitas coisas: aquilo que iria acontecer com a sua morte

e o que os seus amigos deviam fazer... E que havia de mandar alguém para os ajudar a nunca mais se esquecerem dele.

Leitura (cf. Jo 14, 25-26):
Fui-vos revelando todas estas coisas,
enquanto tenho permanecido convosco;
mas o Espírito Santo
que o Pai enviará em meu nome,
esse é que vos ensinará tudo
e há de lembrar-vos tudo o que eu vos disse.

Silêncio.

Afixar, por cima dos outros, o dístico: "O Espírito Santo". Por baixo, colocar o dístico: "Lembrar-vos-á as minhas palavras".

O Espírito Santo que Jesus prometeu aos seus amigos é que os leva a nunca mais se esquecerem das palavras que Ele lhes tinha dito.

2. *Quem é o Espírito Santo?*
O Espírito Santo é o Amor de Deus. Estava sempre com Jesus e dava-lhe a força, a coragem, a luz que Jesus tinha dentro dele para fazer tantas coisas boas. Com o Espírito Santo, Jesus teve coragem para dar a vida por nós; com o Espírito Santo, Jesus ressuscitou e continua vivo.

Jesus prometeu que ele e Deus, seu Pai, iam enviar, mandar o Espírito Santo. Então o Espírito Santo vem de Deus Pai e de Jesus e foi o Espírito Santo que fez com que os amigos de Jesus não se esquecessem das suas palavras. E não se esqueceram mesmo: até deixaram as palavras dele neste livro: o Livro da Palavra de Deus.

O catequista ergue a Bíblia com solenidade. Foi o Espírito Santo que os levou a escrever este Livro. Por isso este Livro é tão importante para nós: por meio deste Livro conhecemos Deus e sabemos o que Jesus fez e disse. Foi com a ajuda do Espírito Santo que ele foi escrito.

O catequista volta a colocar a Bíblia no seu lugar.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Nós também temos o Espírito Santo*
Deus deu o Espírito Santo aos seus amigos! Aos amigos que conheceram e andaram com Jesus e a nós, os seus amigos de hoje. É o Espírito Santo que nos leva a gostarmos

tanto de Jesus e a lembrar-nos das suas palavras. Lembramo-nos delas para sermos bons como Jesus. Nós e todas as pessoas que são amigas de Jesus.

Mas nós até já tínhamos falado aqui do Espírito Santo. Quando foi? Alguém se lembra? (...) Foi juntamente com um gesto que fazemos. Qual será?
Afixar o dístico: "Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo".

Quando fazemos o sinal da cruz, também o fazemos dizendo o nome do Espírito Santo, juntamente com o nome de Deus Pai e do seu Filho Jesus. Porque o Espírito Santo, o amor de Deus, vem de Deus Pai e de Jesus.

É o Espírito Santo que nos dá um coração bom, um coração amigo de Deus e de Jesus e amigo das outras pessoas.

2. *Rezamos ao Espírito Santo*
Agora que conhecemos o Espírito Santo podemos falar com ele, como falamos com Deus Pai e com Jesus. Podemos rezar-lhe.
Vamos fazer assim: primeiro fazemos o sinal da cruz, com muito respeito. Depois, deixamos ficar as mãos sobre o coração, e cantamos uma oração ao Espírito Santo. Quando acabarmos a oração, voltamos a fazer o sinal da cruz, a benzer-nos.
Cântico: *"Vem Espírito Santo" (com as mãos sobre o coração):*

"Espírito Santo, ajuda-me a acolher no meu coração as palavras de Jesus.

Espírito Santo, ajuda-me
a fazer sempre
a vontade de Deus
e a escutar-te
no meu coração"

"Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo".

3. **Compromisso**
Em casa, vamos continuar a rezar ao Espírito Santo, para que nos ajude a fazer sempre a vontade de Deus. Convidamos a nossa família a rezar connosco, para que todos lá em casa aprendam a acolher as palavras de Jesus, tal como vamos desenhar no nosso catecismo (p. 85).

CATEQUESE 21

O GRUPO DOS AMIGOS DE JESUS

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Novas terras de missão

À missão da Igreja em relação a povos ou pessoas que não conhecem o Evangelho acrescenta-se cada vez mais uma outra missão junto dos seus próprios membros a quem a Igreja se vê obrigada a fazer o primeiro anúncio. E uma e outra existem entre nós, um país da Europa tradicionalmente cristã.

Foi o próprio Papa João Paulo II a reconhecê-lo: "Em várias partes da Europa há necessidade do primeiro anúncio do Evangelho aos não batizados". Mas, além disso, "por toda a parte há necessidade de um renovado anúncio, mesmo para quem está batizado... Muitos batizados vivem como se Cristo não existisse... O desafio não consiste tanto em batizar os novos convertidos, mas em levar os batizados a converterem-se a Cristo e ao seu Evangelho (Exortação Apostólica ***Ecclesia in Europa***, 46-47).

2. A Igreja nasce e vive do Evangelho de Jesus Cristo

Para nos apercebermos disto, basta seguirmos o processo de evangelização descrito nos Atos dos Apóstolos. Logo no primeiro anúncio feito por Pedro, acompanhado pelos restantes Apóstolos, na manhã do Pentecostes, tiveram lugar a conversão e adesão de fé, confirmadas pelo Batismo: «Juntaram-se a eles cerca de três mil pessoas», que passaram a ser «assíduas ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fração do pão e às orações» (At 2, 41-42). Atividades todas elas centradas em Jesus Cristo: do ensino dos Apóstolos fazia parte sobretudo a mensagem salvífica de Jesus, como mostram mais tarde os restantes livros do Novo Testamento; a união fraterna resultava da adesão ao amor de Jesus Cristo, manifestado sobretudo na sua morte e ressurreição; na fração do pão celebrava-se, com base na Última Ceia, o memorial que atualiza a morte redentora de Cristo.

Era tal a união da Igreja nascente com Cristo que Paulo, escrevendo às suas comunidades, lhes chamava «Igreja de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo» (1 Ts 1, 1), ou «Igreja de Deus», constituída pelos «santificados em Jesus Cristo» (1 Cor 1, 2) ou simplesmente

«santos em Cristo» (Fl 1, 1; cf. Ef 1, 1; Cl 1, 2) ou ainda «chamados a ser de Cristo» que o mesmo é dizer «chamados a ser santos» (Rm 1, 6).

Daí também a sua identificação da Igreja como «Corpo de Cristo» (1 Cor 12, 27; cf. Ef 1, 23; 4, 4; 5, 23; Cl 1, 18; 2, 19): não apenas porque os seus membros, na diversidade das suas funções e dos seus dons, estavam, à maneira do corpo humano, unidos pelo mesmo Espírito; mas também e sobretudo porque o pão que partiam na celebração eucarística «é comunhão com o Corpo de Cristo, por isso é que uma vez que há um único pão, nós, embora muitos, somos um só corpo, porque todos participamos desse único pão» (1 Cor 10, 16-17).

3. **A Igreja é por natureza missionária...**

Os Apóstolos, levados pela força do Espírito Santo, foram testemunhas de Jesus "em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo" (At 1, 8).

O motivo do testemunho, da missão é este: "É ao ***amor*** de Deus por todos os homens que, desde sempre, a Igreja vai buscar a obrigação e o rigor do seu ardor missionário: «Porque o amor de Cristo nos impele...» (2 Cor 5, 14). Com efeito, «Deus quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade» (1 Tm 2, 4). "Deus quer a salvação de todos, mediante o conhecimento da verdade. A salvação está na verdade. Os que obedecem à moção do Espírito da verdade estão já no caminho da salvação. Mas a Igreja, a que a mesma verdade foi confiada, deve ir ao encontro do seu desejo para lha levar. É por acreditar no desígnio universal da salvação que a Igreja deve ser missionária" (CIC, 851).

O que se diz da Igreja, no seu conjunto, vale para cada um dos seus membros. É este o único caminho para sermos e nos mantermos verdadeiramente cristãos: o do testemunho.

OBJETIVOS

- Tomar consciência de que pertencemos a um grupo fundado no amor de Jesus Cristo;
- Despertar para a alegria de pertencermos a esta grande família;
- Descobrir a missão dos cristãos de dar testemunho de Jesus.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. As crianças descobrem que são cristãs, membros da Igreja, na medida em que nos encontros catequéticos experimentam o amor que recebem de Jesus Cristo e começam a pô-lo em prática.
2. É importante que descubram que na origem e no centro do amor que as une está Jesus Cristo. Só em união com Ele se forma a sua Igreja, por isso os seus discípulos são conhecidos pelo nome de cristãos.

- A missão é mesmo parte integrante da mensagem: a salvação nela anunciada exige o seu anúncio, já que Cristo morreu e ressuscitou por todos. É fundamental que as crianças se apercebam disso.

MATERIAIS

- Pequenos cartões recortados em forma de pétalas de flor, cada um com o nome de cada criança do grupo e também do catequista;
- Saco ou outro recipiente fechado, onde estão colocados e de onde vão sendo retirados os referidos cartões;
- Imagem da aparição de Jesus aos discípulos;
- Dísticos: *Ide por todo o mundo; Anunciai a Boa-Nova a toda a gente; O grupo dos amigos de Jesus*, este último escrito numa cartolina recortada em forma circular e de uma medida que permita colocar no centro dela os dísticos seguintes: *CRISTO* e *CRISTÃOS* escritos um em cada metade de uma cartolina em forma circular: *Cristo* na parte superior; *Cristãos* na parte inferior.

MÚSICAS

- "Nós somos amigos";
- "Eu irei cantar pelo mundo".

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Somos amigos*

O catequista leva dentro de um saco (ou outro recipiente fechado) uns cartões, recortados em forma de pétalas de flor, com o seu nome e o nome de cada criança escrito em cada cartão. Depois convida as crianças, uma a uma, a tirar à sorte uma pétala e também o catequista tira uma; se alguma pessoa tirar a que tem o seu nome, volta a colocá-la dentro do saco e tira outra. À medida que cada um tira um nome, é convidado a dizer o que sabe sobre a pessoa a quem corresponde esse nome. A seguir o catequista afixa as pétalas no quadro/placar, fazendo com elas um círculo de uma amplitude que permita afixar no centro os dísticos indicados mais à frente.

Depois diz o seguinte:

Agora já todos nos conhecemos bastante bem uns aos outros. No primeiro dia de catequese não nos conhecíamos tão bem. E mesmo que nos conhecêssemos, não éramos amigos: não tínhamos os outros dentro do nosso coração.

Mas agora, depois de nos termos encontrado tantas vezes e termos feito juntos tantas coisas, já somos um verdadeiro grupo de amigos, não somos?

2. *Somos o grupo dos amigos de Jesus*

No catecismo temos uma canção que fala da amizade. Vamos cantá-la todos juntos. E, como sinal da nossa amizade, vamos dar as mãos e unir as nossas vozes para cantar:

Nós somos amigos
Aqui e agora;
Seremos amigos
Ao irmos embora.

Cantam a primeira e a segunda estrofe.

Quem será que faz de nós amigos uns dos outros? Quem nos ajuda a sermos cada vez mais amigos? (...)

Sim, é o nosso maior amigo, Jesus. Nós já falámos várias vezes disso: Jesus é amigo de todos e de cada um de nós.

É ele que nos ensina e nos ajuda a sermos amigos uns dos outros. Nós vimos à catequese para falar dele. Portanto, não somos um grupo qualquer. Como é que havemos de nos chamar? (...) Na verdade, somos o grupo de amigos de Jesus.

Afixar o cartão recortado em círculo com o dístico: "O grupo de amigos de Jesus" no interior do círculo formado pelas pétalas com os nomes.

II. PALAVRA

1. *Jesus mandou os discípulos pelo mundo*

Os primeiros grandes amigos de Jesus foram os discípulos. A Bíblia conta-nos como Jesus, depois de morrer e ressuscitar, apareceu mais uma vez aos seus discípulos, aos seus amigos. Já vimos como Ele uma vez lhes apareceu quando estavam fechados numa casa, com medo que lhes fizessem o mesmo que tinham feito a Jesus. E vimos como Jesus lhes tirou o medo e lhes deu a sua paz. *Deixar as crianças expressar aquilo que recordam desse episódio...*

Depois voltou a aparecer-lhes para lhes dizer o que é que eles agora, depois de Ele ressuscitar, deviam fazer.

Leitura (cf. Mc 16, 15-16):
Jesus disse-lhes:
"Ide por todo o mundo
e anunciai a Boa-Nova
a toda a gente.

Quem acreditar
e for batizado será salvo".

Silêncio

Pode ser repetida a leitura do v. 15 "Ide por todo o mundo e anunciai a Boa Nova a toda a gente".

Afixar a imagem com a aparição de Jesus aos discípulos. Deixar contemplar e depois afixar os dísticos "Ide por todo o mundo" e "Anunciai a Boa Nova a toda a gente".
O que querem dizer estas palavras "boa nova"? Boa-nova é uma boa notícia. Que notícia será essa? Com certeza que nós sabemos (...)

Jesus é amigo de todas as pessoas. Ele venceu a morte e está vivo para sempre. É esta a boa notícia.

Agora já percebemos por que razão os discípulos de Jesus, naquele tempo e hoje, foram e vão por todo o mundo. Foi Jesus que os convidou a isso. Quem é amigo de Jesus não pode deixar de ir falar dele a todos.

2. *A Boa-Nova anunciada*
É muito importante que todas as pessoas saibam que Jesus é amigo de todos, até das pessoas que ainda não o conhecem. Porquê? (...) Para elas ficarem cheias de alegria como nós por saberem que Jesus nos ama, até ao ponto de dar a vida por nós. Por isso também nós gostamos muito dele. Gostamos tanto que procuramos também ser amigos dos outros, como Jesus.

Nós já sabemos que, com a força do Espírito Santo se tem muita coragem. Foi essa coragem que tirou o medo dos amigos de Jesus. E por isso é que eles foram pelo mundo inteiro a anunciar a boa notícia do amor e da ressurreição de Jesus. Com muita coragem e com muita alegria.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Quem é amigo de Jesus fala dele às outras pessoas*
Quando temos um grande amigo, gostamos de falar dele às outras pessoas? (...) No nosso coração, sabemos que os nossos amigos estão connosco, pensamos neles.

Jesus é ainda mais nosso amigo do que as outras pessoas. Por isso não somos capazes de viver sem pensar nele e sem falar dele.

É assim que Jesus se torna conhecido. E nós devemos ficar contentes por haver novos amigos do nosso maior amigo.

Um dia, quando forem grandes, talvez alguns dos meninos e meninas deste grupo deixem a sua terra, como os amigos de Jesus, e vão pelo mundo fora anunciá-lo a todas as pessoas.

Mas nós também podemos fazê-lo já aqui. Não é preciso ser grande para isso. Já todos os meninos e as meninas têm falado de Jesus lá em casa, não têm? (...)

2. *Cantamos a nossa alegria por sermos cristãos*

Como é que vivem os amigos de Jesus? Vêm à catequese, são amigos uns dos outros, vão à missa, rezam...
Os amigos de Jesus têm um nome especial, que nós também temos.

*Afixar o dístico «Cristãos» no centro do quadro/placar, isto é no interior inferior do círculo por baixo das palavras «*O grupo dos amigos de Jesus*».*

Cristãos! É isso que nós somos, porque somos amigos de Jesus. Mas porque será que se chama cristãos aos amigos de Jesus. (...)

Afixar a outra metade superior da cartolina redonda, esta com o dístico «Cristo», de modo a completarem-se e a ficarem no centro de tudo.

Cristãos é uma palavra parecida com Cristo. Porque cristãos vem de Cristo. E Cristo era o nome principal que os amigos de Jesus lhe passaram a dar depois de Ele ressuscitar.
Hoje Jesus não é só conhecido como Jesus, mas como Jesus Cristo.
Nós somos cristãos. Nós somos de Cristo.
Como sinal da nossa alegria e para mostrarmos que queremos levar a Boa-Nova a todos, cantamos:
"Eu irei cantar pelo mundo."

3. **Compromisso**

Explicar:
Em casa, vamos continuar a cantar a alegria de sermos de Cristo: vamos ensinar à nossa família esta canção e conversar sobre o que aprendemos hoje: Nós somos cristãos! Nós somos de Cristo! Combinamos falar de Cristo a alguma pessoa que conhecemos.
Fica registado na p. 89 do catecismo, com um bonito desenho.

CATEQUESE 22

JÁ SEI REZAR

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Fátima e a oração

Fátima é hoje um lugar incontornável no nosso País. São muito poucos os portugueses que não foram lá, pelo menos uma vez. Mesmo para além das fronteiras do nosso país aumenta constantemente o número de peregrinos vindos do estrangeiro. Sobretudo na sequência das visitas papais, de modo especial, as três visitas de João Paulo II e a visita de Bento XVI, Fátima tem-se tornado cada vez mais naquilo que há muito se diz ser: o altar do mundo.

A expressão é particularmente significativa, porque diz o que Fátima realmente é ou deve ser: um ponto de ligação entre o céu e a terra, isto é, um lugar de oração por excelência. Quer nas três aparições do Anjo, quer nas seis de Nossa Senhora, o convite foi sempre o mesmo: a oração. As orações do Anjo são marcadas por uma perspetiva trinitária e eucarística. Nossa Senhora insistiu permanente no Rosário. Acabou mesmo por se identificar na última aparição como Nossa Senhora do Rosário.

2. Que é a oração

A esta pergunta responde o Catecismo da Igreja Católica, em primeiro lugar, com as seguintes palavras de Santa Teresa do Menino Jesus: "Para mim a ***oração*** é um anelo do coração, um simples olhar do céu, um grito de reconhecimento e de amor no meio da provação como no meio da alegria" (in: Ms. Autor. C 25x).

Não admira que, em momentos de dificuldade, se reze também com mais frequência e intensidade. Mas mesmo nessas alturas o verdadeiro promotor da oração é o próprio Deus, através do seu Espírito. É ele que "vem em auxílio da nossa fraqueza, pois não sabemos o que havemos de pedir, para rezarmos como deve ser; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis" (Rm 8, 26). É ele que faz de nós filhos adotivos. É por inspiração dele que clamamos: "Abbá, ó Pai! (Rm 8, 15; cf. Gl 4, 6). Isto é, entramos na intimidade de Deus tratando-o com o mesmo título de extrema familiaridade com que Jesus se lhe dirigia, sempre que rezava (cf. Mc 14, 36).

Por isso mesmo, sai-nos do "coração", o centro vital, sede de todos os sentimentos, especialmente do amor. E porque se trata assim de um "anelo do coração", na oração está envolvida a pessoa na totalidade do seu ser: a sua inteligência e vontade, a sua alma e o seu corpo.

3. Maria e a oração

Para nós a Mãe de Jesus é, antes de mais, um modelo de oração. Porque rezava sempre, como vemos na Anunciação, na Visita a sua prima, Isabel, ou no Pentecostes. E pela intensidade com que o fazia: entregando-se totalmente como "serva do Senhor", pronta a fazer em tudo a sua vontade (Lc 1, 38), e elevando para Ele a alma e o espírito, isto é, rezando com todo o seu ser, pelas maravilhas que realiza nela e por ela (cf. Lc 1, 46-55).

Podemos dirigir-nos também a ela quando rezamos. "Jesus, único mediador, é o caminho da nossa oração; Maria, sua Mãe e nossa Mãe, é para Ele toda transparente: Ela «mostra o caminho» (...), é «o sinal» do caminho, segundo a iconografia tradicional do Oriente e do Ocidente" (CIC 2674).

"Foi a partir desta singular cooperação com a ação do Espírito que as Igrejas desenvolveram a oração à santa Mãe de Deus, centrando-a na pessoa de Cristo manifestando-nos seus mistérios. Nos inúmeros hinos e antífonas em que esta oração se exprime, alternam habitualmente dois movimentos: um «magnifica» o Senhor pelas «grandes coisas» que fez pela sua humilde serva e, através dela, para todos os seres humanos; o outro confia à Mãe de Jesus as súplicas e louvores dos filhos de Deus, pois Ela agora conhece a humanidade que nela foi desposada pelo Filho de Deus" (Ibidem, 2675).

É o duplo movimento expresso também, respetivamente, na Avé-Maria e na Santa Maria (cf. Ibidem, 2676-2677), a oração mais repetida no Rosário que "a piedade popular do Ocidente propagou (...) como substituto da liturgia das Horas" (Ibidem, 2678), uma oração centrada em Cristo, em cujos mistérios se medita.

OBJETIVOS

- Descobrir em Maria, na sua relação com Deus e seu Filho Jesus Cristo, um modelo de oração;
- Motivar, através das aparições de Nossa Senhora em Fátima, para a importância, o valor e a prática da oração;
- Iniciar nalguns gestos de oração e na recitação do Terço.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. A proximidade temporal do dia 13 de Maio pode facilitar a apreensão e o interesse das crianças. Mesmo que elas nunca tenham ido a Fátima, poderão ter visto imagens, por exemplo, através das transmissões televisivas.

2. O catequista não deve, no entanto, perder de vista, que o tema é a oração. A referência a Fátima serve fundamentalmente para a compreensão do que é rezar, como se deve rezar, o seu valor, importância e lugar na vida do cristão.

NOTA – *Sendo que esta catequese terá lugar no mês de maio, mês de Maria, nossa Mãe, esta é uma catequese muito adequada para se convidarem as Mães das crianças, ou as Avós, a nela participarem. As Mães podem trazer os seus Terços consigo ou pode-se, havendo condições, oferecer a cada Mãe/criança um terço ou uma dezena; do mesmo modo, a catequese pode terminar com a confeção da dezena.*

MATERIAIS

- Uma imagem de Nossa Senhora de Fátima;
- Um pano para a cobrir completamente até ao momento indicado no desenvolvimento;
- Algumas fotografias de Fátima: recinto do santuário, basílicas, capelinha das aparições, Nossa Senhora com os pastorinhos;
- Cartaz com a Avé-Maria;
- Um terço.

MÚSICA

– "Avé de Fátima – A treze de Maio".

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *Nossa Senhora de Fátima*

   O que será que está ali em cima da mesa, tapado com um pano? (...)

   Depois de breves momentos, para aumentar a curiosidade das crianças, retirar o pano que cobre a imagem de Nossa Senhora de Fátima. Deixar que as crianças a contemplem e depois continuar:

   Então? O que é afinal? (...) É uma imagem de Nossa Senhora, Maria, a mãe de Jesus. Mas esta imagem é de Nossa Senhora de Fátima... Porque será que tem este nome? (...) Porque Nossa Senhora apareceu em Fátima, num lugar chamado Cova da Iria. Algum dos meninos já foi a Fátima, ou já viu imagens de Fátima na televisão? (...)

   Se houver respostas afirmativas: E o que é que podemos ver lá? (...) *Se nenhuma criança conhecer, explicar:*

Vemos lá um espaço muito grande com muita gente. Há dias em que está mesmo cheio de pessoas. *Afixar uma imagem do recinto, se possível cheio de peregrinos, e deixar contemplar.*

Também há lá uma Igreja, no alto de uma escadaria.

Afixar uma fotografia da basílica de Nossa Senhora do Rosário.

Mas vai tanta gente a Fátima que foi preciso fazer outra igreja do outro lado.
Afixar uma fotografia da basílica da Santíssima Trindade.
Vão lá muitas pessoas, muitas vêm até de outros países do mundo inteiro.

2. *As aparições de Nossa Senhora em Fátima*
Já dissemos que Nossa Senhora, a mãe de Jesus, apareceu em Fátima.

Apareceu a três meninos: duas meninas e um menino, como vemos aqui na gravura do catecismo (p. 90). O menino chamava-se Francisco e as meninas chamavam-se Jacinta e Lúcia. A Jacinta era a mais nova: tinha sete anos. E a Lúcia, a mais velha, tinha dez anos. O Francisco tinha nove.

Estes meninos guardavam rebanhos de ovelhas. Eram pastores. Porque ainda eram pequenos, costumamos dizer "os pastorinhos".

Um dia, quando andavam a tomar conta dos rebanhos nessa terra, perto de Fátima, a Cova da Iria, de repente viram um relâmpago. Era cerca do meio-dia e estava um sol lindo. Mesmo assim julgaram que vinha lá uma trovoada com chuva. Viram a seguir uma Senhora, vestida de branco e cheia de luz, por cima de uma pequena árvore, uma azinheira. A Senhora falou com eles e disse-lhes que era Nossa Senhora, a Mãe de Jesus, que tinha vindo do céu para falar com eles.

Isto passou-se no dia 13 de maio, já há muitos anos. Depois Nossa Senhora apareceu mais cinco vezes aos pastorinhos. Conversava com eles e ensinava-lhes coisas importantes.

Afixar gravura de Nossa Senhora com os pastorinhos.

É por isso que agora vêm pessoas de todo o mundo a Fátima falar com Nossa Senhora e pedir-lhe que as ensine a falar com Deus.

Vamos cantar um cântico que fala disto.

Cântico: A treze de maio.

Afixar fotografia da Capelinha das Aparições
Esta fotografia é da Capelinha, uma igreja pequenina, que Nossa Senhora mandou construir, precisamente onde estava a azinheira, a árvore em que ela apareceu.

II. PALAVRA DE DEUS

1. *Maria vai ao encontro de sua prima Isabel*

Estivemos a falar da Mãe de Jesus. Agora vamos ver como é que o livro da Palavra de Deus, a Bíblia, nos pode ajudar a conhecê-la melhor.

Já sabemos que apareceu um Anjo a Nossa Senhora para a convidar a ser mãe de Jesus. Já foi há muito tempo que falámos disso, mas espero que todos se lembrem ainda.

Dialogar com as crianças...

Agora podemos abrir os catecismos. *Ajudar a localizar a catequese 22. Depois continuar:*

Depois de Nossa Senhora ter aceitado ser mãe do Filho de Deus, saiu logo da sua terra para ir visitar uma prima, chamada Isabel. O anjo tinha-lhe dito que também Isabel ia ter um filho.

Quando Isabel (a quem agora chamamos S.ta Isabel) viu a prima, ficou cheia da alegria, porque compreendeu que ela ia ser mãe do Filho de Deus. E disse a Maria: "Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre!"

Já conhecemos estas palavras. Estão numa oração que já conhecemos. Como se chama essa oração? (...)

2. *Maria louva o Senhor*

Agora vamos ouvir o que Maria respondeu a Isabel.

Leitura (Lc 1, 46-48):
Maria disse, então:
"A minha alma glorifica o Senhor
e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.
Porque pôs os olhos na humildade da sua serva.
De hoje em diante, me chamarão bem-aventurada todas as gerações".

Silêncio

Quem será esta serva de quem Nossa Senhora fala aqui? (...) É ela mesma.

Deus olhou para ela, isto é, escolheu-a para ser mãe do seu Filho e por isso é que todas as pessoas, de todos os tempos, até hoje, dizem que Maria é bem-aventurada, que quer dizer feliz.

Nossa Senhora agradece essa felicidade a Deus que a escolheu. É o que ela diz no princípio: «A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador».

Maria está a agradecer e a louvar a Deus, com todo o seu coração, com todo o seu espírito; está a rezar a Deus. Uma das maneiras de rezar é agradecer-lhe e louvá-lo, dizer como Ele é grande, como Ele é bom, como Ele é amigo.

Estas palavras de Maria são muito bonitas.

Nós também podemos dizê-las a Deus. Vamos pensar em todas as coisas boas que temos, em tudo aquilo que nos dá alegria... E vamos agradecer a Deus toda essa alegria como Nossa Senhora fez:

"A minha alma glorifica o Senhor
e meu espírito se alegra
em Deus, meu Salvador".

3. *Rezar é falar com Deus*

Estivemos a rezar e até foi com as mesmas palavras com que Nossa Senhora rezou.

Foi isso que ela pediu aos pastorinhos de Fátima para eles fazerem e dizerem que todas as pessoas devem também rezar.

Rezar é falar com Deus ou com o seu Filho Jesus como o nosso maior amigo. Rezar faz muito bem às pessoas: faz-nos melhores, mais amigos de Deus e uns dos outros. Também podemos rezar a Nossa Senhora, porque ela é a Mãe de Jesus.

Os pastorinhos de Fátima, depois de ouvirem as recomendações de Nossa Senhora para rezarem muito, começaram logo a fazê-lo muito mais. Às vezes o Francisco até se afastava dos outros, por exemplo, para uma Igreja, para poder rezar mais e com mais atenção. E isso fazia-lhes muito bem: passaram a ser muito mais amigos uns dos outros e de toda a gente. Como Nossa Senhora. Também ela, como vimos, rezava muito e bem.

Podem reparar bem na imagem de Nossa Senhora. Tem as mãos juntas e levantadas para cima. Quando pomos assim as mãos, é para dizer que não queremos fazer mais nada, que estamos só a falar com Deus, até com o nosso corpo, com as mossas mãos.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *A Avé-Maria*

Então hoje vamos rezar a Nossa Senhora. Vamos rezar uma oração que já começaram a aprender. Aprendemo-la, pelo menos uma parte, na primeira catequese em que falámos da Mãe de Jesus. Vou afixá-la ali.

Afixar o texto da Avé-Maria. Depois ajudar as crianças a lê-lo e, em seguida, convidar à oração:

Vamos rezar com as mãos postas, como Nossa Senhora tem na imagem.

Então, de pé, olhamos todos para a imagem de Nossa Senhora e dizemos:

Avé-Maria…

Esta oração é a que mais se reza em Fátima. Foi o que Nossa Senhora pediu. E os pastorinhos rezavam-na muitas vezes. As pessoas usam umas contas para rezarem muitas Avé-Marias e poderem contá-las.

2. *O terço*

Mostrar o terço.

Isto é um terço. Os primeiros que houve eram maiores e chamavam-se rosários, por serem parecidos com um cordão de rosas. O rosário tem o tamanho de três terços. Em cada conta ou bolinha que se vai passando reza-se uma Avé-Maria. No terço há 50 contas para se rezar 50 Avé-Marias. É como estarmos a dizer a uma pessoa muitas vezes: eu gosto de ti. E nós gostamos de Nossa Senhora. No fim, nesta ponta, está um crucifixo: Jesus pregado na cruz, porque quando estamos a rezar a Maria estamos também a rezar a seu filho Jesus e a Deus seu Pai. Nas palavras da Avé-Maria, falamos com a Mãe de Jesus, mas também falamos de Jesus e dizemos que Nossa Senhora, Santa Maria, é a Mãe de Deus, porque ela é Mãe do Filho de Deus.

3. **Compromisso**

Em casa, vamos verificar se alguém já tem um terço. E aproveitamos para rezar uma dezena – dez Avé-Marias – com esse terço. Mas se não houver um terço… *(o catequista ensina as crianças a prepararem uma dezena usando bolinhas de papel colorido, bem embrulhadas e fechadas com uma gota de cola, que serão enfiadas num fio com a ajuda de uma agulha. Depois, recortando em cartolina ou usando uns pauzinhos, as crianças fazem um pequeno crucifixo para colocar na ponta de dezena em que se dá o nó para fechar)* nós somos capazes de rezar muito bem a Nossa Senhora!

No catecismo, p. 93 *(mostrar)* recordamos várias maneiras de rezar, pintando as ilustrações.

Pode terminar-se o encontro com o *Avé de Fátima*.

CATEQUESE 23

APRENDO A AGRADECER

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. A gratidão nas relações humanas

Logo que uma criança é capaz de falar, uma das primeiras coisas que os pais habitualmente têm a preocupação de lhe ensinar é a ser agradecida e a agradecer. De facto, a gratidão alimenta as relações humanas: é resposta de amor a um gesto ou expressão de amor e, como tal, contribui para mais amor e, assim, para uma vida melhor. São muitas as formas de agradecer: palavras que se dizem ou escrevem; gestos que podem ir do beijo ao abraço, do aperto de mão a um simples sorriso ou inclinação, a objetos que se oferecem, como prendas, etc. A variedade já é um sinal de que no agradecimento entra a pessoa toda. E é bom que a pessoa a quem se agradece se aperceba disso. De contrário, o gesto ou a palavra fica vazio de sentido.

O modo variado como a gratidão é expressa nas diversas línguas é também sinal do seu sentido profundo. O verbo inglês *to thank* e o alemão *danken* têm a ver respetivamente com *to think* e *denken* que significam *pensar:* a pessoa a quem se agradece está, pelo que disse ou fez, no *pensamento* da pessoa agradecida. Pelo francês *merci*, com origem no latim *merces,* reconhece-se que o bem recebido merece recompensa. Com o espanhol *gracias* e o italiano *grazie*, que provêm do latim *gratias*, foca-se a gratuidade do dom recebido. O português *obrigado*, provém do latim *obligatus*, e exprime a *ligação*, criada pelo dom oferecido, pelo favor recebido.

Estes diferentes significados são complementares e entram também com particular intensidade na relação do homem com Deus.

2. «Dai graças ao Senhor, porque Ele é bom»

É com este convite que começa o salmo 136, tal como, no original hebraico, os salmos 106, 107 e 118. Todos eles são, por isso mesmo, classificados como salmos de ação de graças. Uma atitude, que se expressa também em muitos outros salmos, alguns dos quais até começam por lamentações ou preces, mas terminam no louvor e na ação de graças.

O que significa que o agradecimento é uma das orações mais repetidas e adequadas ao autor e Senhor da vida, o Deus cujo ser consiste em estar com os seus. Os motivos de gratidão variam, porque são variados os dons recebidos e as situações em que se recebem. «Como na oração de petição, qualquer acontecimento e qualquer necessidade podem transformar-se em oferenda de ação de graças» (CIC 2638).

No salmo 136, o motivo é a intervenção de Deus, primeiro na criação do mundo (v.4-9) e depois na libertação do seu povo da escravidão do Egito e na sua condução para a terra prometida (v.10-22). Em tudo isto se manifesta a bondade do Senhor, que os crentes repetidamente, à maneira de ladainha, reconhecem e proclamam, como expressão da sua gratidão.

Jesus, como bom judeu, uniu-se a esta oração do seu povo: nomeadamente na recitação dos salmos, na sinagoga, no templo e na celebração da ceia pascal. As «duas orações mais explícitas» que os evangelistas retiveram de Cristo, «ambas começam por uma ação de graças»: Mt 11, 25-27 e Jo 11, 41-42. Esta é seguida pela prece relativa à ressurreição de Lázaro. «Assim, apoiada na ação de graças, a oração de Jesus revela-nos como devemos pedir: Antes de lhe ser dado o que pede, Jesus adere Àquele que dá e se dá nos seus dons. Aquele que dá vale mais que o seu dom. Ele é o "tesouro" e é n'Ele que está o coração do Filho: o dom é dado "por acréscimo".» (CIC 2603-2604).

A prática de Jesus é seguida pelos cristãos. «As cartas de S. Paulo muitas vezes começam e acabam por uma ação de graças, e nela o Senhor Jesus está sempre presente: "Dai graças em todas as circunstâncias, pois é esta a vontade de Deus, em Cristo Jesus, a vosso respeito" (1 Ts 5, 18); "perseverai na oração: sede, por meio dela, vigilantes em ações de graças" (Cl 4, 2)» (CIC 2638).

A celebração em que esta ação de graças é mais rica e intensa é a Eucaristia.

3. A Eucaristia na vida da Igreja

É significativo que, entre os vários nomes dados a este sacramento ao longo da história do cristianismo (cf. CIC 1328-1332), um dos que mais prevaleceu fosse o de *Eucaristia*. É um termo de origem grega que significa *boa ação de graças.*

Foi envolto no louvor e na ação de graças da Última Ceia que Jesus instituiu e fundou o sacramento da Eucaristia (cf. Mc 14, 22-26; Mt 26,26-30). É por ele que a comunidade crente melhor responde à maior graça que Deus alguma vez concedeu aos homens: a da morte e ressurreição do seu Filho, tornada presente em cada missa.

Esta é uma das razões que levou João Paulo II a escrever, como título de uma Encíclica, publicada em 2004: *A Igreja vive da Eucaristia.* Palavras que Bento XVI, na Exortação Apostólica pós-sinodal *Sacramento da Caridade,* comenta: «A Eucaristia é Cristo que se dá a nós, edificando-nos continuamente como seu Corpo... A possibilidade que a

Igreja tem de "fazer" a Eucaristia está radicada totalmente na doação que Jesus faz de si mesmo» (SC 14).

E na medida em que a Igreja vive daquele que por ela sacramentalmente se dá no sacrifício eucarístico, aumentam as razões para a sua ação de graças.

OBJETIVOS

- Compreender a Eucaristia como momento máximo de ação de graças dos cristãos;
- Motivar para a participação na Eucaristia.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Na proposta de desenhos para oferecer a Jesus, o catequista também deve fazer o seu, já que também ele tem muito a agradecer. Se considerar que não tem jeito para desenhar, fará algo de muito simples: uma flor, ou árvore, algo que se sinta à vontade para fazer.
2. A alusão à Eucaristia, como ação de graças por excelência da Igreja, é feita inicialmente de um modo indireto: transpondo para a sala e para o encontro de catequese alguns dos elementos constitutivos da celebração realizada nos lugares de culto. Procura-se, deste modo, iniciar as crianças no significado e na importância da Eucaristia, como motivação para nela participarem.
3. A catequese culmina com uma oração e um gesto de gratidão dirigidos a Deus em que todos participam: as crianças e catequista em união com Cristo.

MATERIAIS

- Folhas de papel, uma para cada elemento do grupo, incluindo o catequista;
- Uma toalha branca;
- Dois castiçais;
- Uma imagem de Cristo em atitude de louvar a Deus;
- Dístico: *Dai graças ao Senhor, porque é eterna a sua bondade.*

MÚSICAS

- Obrigado Jesus;
- Dai graças ao Senhor.

***NOTA** – Deve estar preparada uma mesa que apresente semelhanças com o altar de uma Igreja: coberta com uma toalha branca, a Bíblia ao centro, em cima de uma almofada ou estante, dois castiçais, um de cada lado da mesa, a imagem de Cristo de braços levantados afixada no centro do placar/quadro por trás da mesa.*

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *A importância de agradecer*

Quando é que nós dizemos obrigado a alguém? *Dialogar com as crianças* (...)
Às vezes não dizemos só obrigado. O que é que podemos fazer mais? (...) Podemos fazer um gesto a agradecer? Um beijo, um abraço? (...)

A quem é que temos mais coisas a agradecer? (...) Quem fez tudo por nós quando éramos pequeninos? Quem é que nos tem sempre muito amor, mesmo quando fazemos disparates? (...) Sim, os pais. Os pais cuidam dos filhos e estão sempre a dar-lhes tudo aquilo de que precisam. E lembramo-nos de agradecer aos nossos pais? (...)

Mas temos um amigo muito, muito grande que temos vindo a conhecer ao longo deste ano. Quem é o nosso maior amigo? (...)

Esse amigo é Jesus. Temos tantas coisas a agradecer-lhe! Estamos vivos, vamos crescendo, temos à nossa volta tantas coisas bonitas... Temos família, amigos... Então devemos agradecer tudo isso a Jesus.

Vamos agradecer-lhe? (...) Podemos agradecer a cantar.
Obrigado, Jesus, porque és meu amigo!
Obrigado, Jesus, porque gostas de mim!

Depois de cantarem uma vez o refrão, o catequista pode propor que, a seguir, o repitam com os seguintes gestos: "obrigado", com os braços erguidos; "porque és meu amigo" e "porque gosta de mim", com as mãos colocadas sobre o coração.

2. *Um desenho para Jesus*

Ainda podemos agradecer a Jesus de outra maneira. Cada um e cada uma de nós vai fazer o desenho mais bonito que conseguir para oferecer a Jesus. Vamos pensar um bocadinho no que vamos desenhar e eu vou distribuir folhas de papel para o desenho. No fim, cada um e cada uma escreve o seu nome.

Quando acabarem de desenhar, o catequista acende as velas dos castiçais.

A nossa mesa está linda, não está? Até lembra uma mesa que já vimos noutro lugar. Que mesa será? (...) Quando vamos à igreja temos lá uma mesa que se chama altar. A nossa mesa da catequese hoje parece um altar: com o livro da Palavra de Deus que fala de Jesus; com as duas velas acesas...

Temos também uma imagem de Jesus. É a ele que vamos oferecer os nossos desenhos. Seguramos o desenho com as duas mãos levantadas e ao mesmo tempo, cantamos o

nosso cântico de agradecimento a Jesus. Depois de cantarmos uma vez, cada um vai colocar o seu desenho junto da Bíblia.

Cântico: *Obrigado Jesus, porque és meu amigo!...*

Quando todos tiverem feito a sua oferta, pode cantar-se o refrão do cântico, pela última vez, com gestos.

II. PALAVRA

1. *Jesus agradecia a Deus, seu Pai*

Oferecemos os nossos desenhos a Jesus, mas sabemos que Jesus nos ensinou que todas as coisas foram criadas por Deus para nós.

Jesus agradecia a Nossa Senhora e a S. José, aos colegas, aos amigos...Mas agradecia sempre a Deus, seu Pai que está nos céus! Podemos olhar bem para a imagem de Jesus: Ele está a agradecer ao Pai do Céu.

De certeza que ele o fazia todos os dias, em casa e fora de casa. Rezava muito ao Pai do Céu e, muitas dessas vezes, para lhe agradecer.

Mas às vezes agradecia ao Pai juntamente com outras pessoas. Era naquele dia da semana em que as pessoas da sua terra e os seus amigos iam à casa de Deus, à casa da oração. Como nós hoje fazemos ao domingo e em outros dias de festa em que vamos à igreja, à missa.

No tempo de Jesus também havia orações que todas as pessoas rezavam quando iam à casa de Deus. Muitas dessas orações eram para agradecer a Deus.

Vamos ouvir ler do livro da Palavra de Deus um bocadinho de uma dessas orações de agradecimento que Jesus rezava.

Leitura (Sl 136, 1):
Dai graças ao Senhor, porque Ele é bom,
porque é eterna a sua bondade!

Silêncio

Isto é só o princípio da oração de agradecimento. Depois vai-se dizendo as coisas boas em que Deus, o Senhor, mostra a sua bondade: Ele é bom porque criou o céu e a terra, o sol e a lua, e fez muitas outras coisas de que nós precisamos. E nunca, nunca deixa de ser bom. É isso que quer dizer a palavra *eterna.* Foi sempre bom e é bom para sempre. Por tudo isso é que Jesus dava graças a Deus, seu Pai e nosso Pai!...

Afixar o dístico: "Dai graças ao Senhor, porque é eterna a sua bondade!"

2. *Na missa agradecemos a Deus com Jesus*

   Na missa o Sr. Padre também levanta os braços, como Jesus nesta imagem, para agradecer a Deus, para lhe mostrar como somos seus amigos e como estamos contentes por tudo o que Ele nos dá. A missa é muito importante, porque na missa Jesus está connosco a agradecer a Deus Pai.

   Vamos abrir os catecismos (p. 3 desta catequese). Temos aqui uma gravura da missa.

   Ajudar a ler a frase por baixo da gravura: "Vamos todos dar graças a Deus na Missa de Domingo". "Dar graças" é agradecer, dizer obrigado. Também temos aqui uma oração muito bonita.

   Ler com as crianças a oração do "Glória" e repetir lentamente.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Agradecemos a Deus cantando*

   Aquelas palavras de agradecimento que estão ali afixadas, Jesus disse-as e cantou-as muitas vezes.

   Vamos aprender a cantá-las também? (...)

   Ensinar e ensaiar o cântico. Depois convidar a pôr de pé e a levantar os braços, como Jesus na imagem, e a cantar para agradecer a Deus tudo quanto nos dá:

   Dai graças ao Senhor,
   porque é eterna a sua bondade.
   Dai graças ao Senhor,
   dai graças.

2. *Agradecemos a Deus com Jesus*

   Depois de cantarem uma vez, continuar:

   Se nós estamos a agradecer a Deus, cantando unidos a Jesus, podemos fazer mais uma coisa. Vamos pegar nos desenhos que fizemos e que oferecemos a Jesus. Eles agora são de Jesus e por isso podemos apresentá-los a Deus Pai com Jesus. Ele está connosco para agradecer a Deus tudo o que nos dá.

   O catequista vai pegando sucessivamente em cada desenho, diz o nome da criança que o desenhou e entrega-lho. Cada elemento do grupo levanta os braços, segurando o seu desenho e cantam:

   Dai graças ao Senhor...

   Depois todos rezam:

   Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo,
   como era no princípio agora e sempre. Ámen.

Pode-se ainda repetir o cântico.

Antes de saírem, os desenhos serão novamente colocados junto da Bíblia. O catequista deve guardá-los para utilização na catequese 25.

3. Compromisso

Explicar:

Em casa, vamos procurar dar graças a Deus, rezando com alguma pessoa da nossa família, "Glória ao Pai...". E com a ajuda da família, pintamos a ilustração do interior da igreja (p. 96) e desenhamos um ramo de flores para oferecer a Jesus (p. 97).

CATEQUESE 24

JESUS ESTÁ SEMPRE CONNOSCO

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. **Os discípulos "duvidaram" (Mt 28,17)**
   É normal ter dúvidas de vez em quando.

   É muito possível que, nesta altura do ano, haja catequistas que se sintam cansados: por uma prolongada falta de repouso; por experiências menos positivas na realização da sua missão, que se foram acumulando ao longo do ano…

   E, nestas condições, facilmente se pode passar do cansaço ao desinteresse e até ao desânimo.

   Para quê tanto esforço sem resultado? Onde está o Deus omnipotente, cujo poder se manifestou de modo único na ressurreição do seu Filho, se aqueles que nele acreditam não O sentem? Mais ainda: como é possível que essa ausência se note precisamente na missão em que procuram pôr em prática a sua fé?

   Estas questões não são exclusivas dos catequistas, nem de outros cristãos de hoje. Apareceram em toda a história da Igreja, a começar pelos tempos em que se formou e se escreveu a Bíblia.

   Um dos exemplos é o de Mt 28, 16-20, um dos textos em que se expõe a transição do tempo de Jesus para o da Igreja. Já então os discípulos "duvidavam".

2. **"Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos" (Mt 28,20)**
   Na expressão "Eu estarei convosco" reflete-se o nome com que o Deus da Bíblia se revela e identifica em Ex 3,14: "Eu sou aquele que sou". Isto é, sabemos que Deus é, existe, na medida em que está com os seus, para os libertar de toda a opressão e lhes dar a vida que só Ele tem em plenitude. Sentiram-no primeiro Moisés e depois o seu povo, particularmente nos momentos da história em que se depararam com os obstáculos mais difíceis de vencer.

Foi num desses momentos que surgiu a profecia de Is 7,14: perante o perigo que ameaçava a autonomia do povo de Deus e as dúvidas do rei, o profeta promete, em nome de Deus, que a jovem rainha "dará à luz um filho e lhe porá o nome de Emanuel".

Para Mt 1, 23, a profecia teve a sua realização definitiva no filho de Maria: será Ele o "Emanuel, que quer dizer: Deus connosco". Uma promessa que se repete no final do mesmo Evangelho, mas aí proferida por Aquele a quem o título havia sido atribuído e como uma afirmação que ultrapassa os limites temporais da sua vida terrena: Ele será o Deus connosco "até ao fim dos tempos", porque antes lhe havia sido dado "todo o poder no Céu e na Terra" (Mt 28,18).

Pela sua ressurreição, Jesus Cristo adquiriu uma vida que ultrapassa todos os limites do tempo e do espaço. Já que é neste Emanuel que os discípulos confiam, estão em condições de vencerem com Ele todos os obstáculos com que se deparam na realização da missão de que Ele os investe e a que Ele os envia.

3. **"Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos" (Mt 28,19)**

Como se vê, é ilimitado o âmbito desta missão, como é também ilimitado o poder daquele que envia. Uma amplitude que se estende ao objetivo da missão: a conquista de novos discípulos para Cristo processa-se em dois momentos. Primeiro o Batismo, a que conduz a fé no Evangelho: por ele o cristão confia-se e fica a pertencer a Deus na totalidade da sua revelação trinitária de "Pai, Filho e Espírito Santo". Uma comunhão com Deus que necessita, em segundo lugar, de ser aprofundada pela catequese em que se ensina a cumprir "tudo" quanto Jesus havia mandado (cf. Mt 28,20).

Este "tudo" inclui, por exemplo, a proclamação de que felizes são "os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos "Céus" (Mt 5,3). Ou o mandamento: "Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem" (Mt 5,44). Ou a exortação a quem vai em Missão do anúncio do Reino: "Recebestes de graça, dai de graça" (Mt 10,8). Ou o convite a descer ao nível de uma criança, para se ser o maior no Reino dos Céus (cf. Mt 18, 2-5).

É na situação de mais fragilidade e fraqueza humana que há mais lugar em nós para o seu poder, a vitalidade que só nele podemos encontrar sabendo que Jesus Cristo, o Emanuel, estará connosco até ao fim dos tempos.

OBJETIVOS

- Descobrir como Jesus vai continuar presente na nossa vida;
- Sentir a alegria de viver em comunhão com Jesus e com os outros.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Propõe-se que nesta catequese se faça uma revisão de todas as outras. Inicialmente serão as crianças a apresentar o que mais lhes ficou na memória e mais marcou a sua

vida. O catequista procura apoiar e completar as respostas, sugerindo temas centrais que elas, eventualmente, não apresentem.

2. A mensagem da Palavra de Deus, situada no encontro da despedida entre Cristo Ressuscitado e os seus discípulos, poderá levar as crianças a compreender que são enviadas a anunciar o que aprenderam acerca de Jesus, com a promessa de que Ele estará sempre com elas.

MATERIAIS

- Folhas de papel branco, tantas quantas as crianças;
- Cartaz de Jesus a abraçar o mundo (como na p. 98 do catecismo);
- O mesmo cartaz cortado em pedaços de modo a constituir um puzzle;
- Dístico: *Jesus está sempre comigo.*

MÚSICA

- Guiado pela mão.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

I. EXPERIÊNCIA HUMANA

1. *A experiência deste ano de catequese*

   Estamos a acabar este ano de catequese. Foi bom este ano em que nos encontrámos todas as semanas na catequese! Ficámos todos amigos, aprendemos muitas coisas novas, fizemos aqui muitas coisas lindas, cantámos, rezámos...

   Dialogar com as crianças sobre os temas abordados e as atividades realizadas ao longo do ano. Convém que sejam as crianças, tanto quanto possível, a recordar o ano de catequese.

2. *O que foi melhor neste ano de catequese*

   Distribuir as folhas de papel pelas crianças.

   Nesta folha cada um e cada uma pode desenhar aquilo que mais gostou de aprender ou fazer aqui na catequese. Pintam tudo com as cores de que mais gostam e que mostram a vossa alegria por terem ficado a conhecer Jesus como nosso maior amigo. No fim escrevem o vosso nome.

   As folhas com os desenhos serão guardadas pelo catequista para utilização na catequese 25.

II. PALAVRA

1. *As palavras de despedida de Jesus*

   Estivemos a lembrar-nos das palavras de Jesus que fomos ouvindo este ano. Hoje vamos ouvir mais algumas palavras muito importantes. São umas palavras de Jesus que vêm mesmo a propósito desta catequese em que estamos quase a despedir-nos porque vamos para férias.

   São as palavras que Ele disse aos discípulos quando, depois de ressuscitar, se despediu deles para voltar para junto de Deus, seu Pai.

   Acender a vela junto da Bíblia.

   Leitura (cf. Mt 28,19-20)

   Ide (...), fazei discípulos de todos os povos,
   ensinando-os a cumprir
   quanto vos tenho mandado.
   E sabei que eu estarei convosco até ao fim dos tempos.

   O catequista pode repetir a última frase. Depois, afixar o cartaz e comentar:

   Jesus promete estar connosco para sempre!...

   Portanto, não somos só nós que queremos estar com ele. Ele também quer. Para onde quer que vamos, vamos sempre com Ele e Ele vai connosco.

2. *Jesus está sempre connosco*

   Como é que os amigos de Jesus podiam ficar sem o verem mais ao pé deles? É quase o mesmo que se passa hoje connosco aqui, não é? Estamos a acabar os nossos encontros de catequese deste ano. Mas estamos à procura de uma maneira de não nos esquecermos de Jesus, onde quer que nos encontremos Como é que nós podemos ficar unidos a Jesus, mesmo fora dos encontros de catequese?

   Apresentar as peças do puzzle e orientar as crianças para unir as peças, reconstituindo o cartaz. Dialogar acerca da imagem formada e apresentar o dístico: "Jesus está sempre comigo".

   Estamos unidos a Jesus e uns aos outros como as peças deste puzzle.

   Como é bom sabermos que Jesus está sempre connosco! Mesmo quando estamos em férias não nos podemos esquecer de Jesus, porque ele nunca se esquece de nós.

III. EXPRESSÃO DE FÉ

1. *Vamos com Jesus*

   Temos aqui Jesus a abraçar o mundo. Ele está a abraçar o mundo, a juntar-nos todos. Nós podemos afastar-nos, alguns até para longe, mas Jesus vai estar sempre connosco.

   Estamos contentes por Jesus ficar sempre connosco, não estamos? (...) Então podemos cantar uma canção que mostra a nossa alegria por Jesus estar sempre connosco!

   Ensaiar o cântico "Guiado pela mão". Depois convidar as crianças a levantarem-se e a cantá-lo. Pode ser cantado três vezes: na segunda pode ser acompanhado com os pés, como quem vai a caminhar e na terceira, batendo palmas.

   Jesus vai connosco, de mão dada, de tal modo que não nos sentimos sós como uma ovelhinha sem pastor. Portanto, não nos vamos esquecer dele.

2. *Levar Jesus às outras pessoas*

   Mas ainda temos mais uma catequese. E nessa catequese já podemos fazer o que Jesus nos disse para fazer: ensinar aos outros o que Jesus nos ensinou aqui na catequese; mostrar aos outros como ele é nosso amigo, porque para a nossa última catequese deste ano vamos convidar os vossos pais e fazer uma festa muito bonita em que podemos falar de Jesus e daquilo que ele nos tem ensinado.

   Vamos poder levar Jesus aos outros.

3. **Compromisso**

   Convidar a família para a Festa das Famílias! Escolher uma oração que aprendemos este ano para rezarmos todos juntos!

   E como estamos a chegar ao fim do nosso catecismo, com a ajuda da família, vão recordar e desenhar as coisas mais importantes que aprenderam este ano. Também podem usar as linhas *(mostrar, na p. 101)* para escrever algumas palavras importantes.

   Pode repetir-se o cântico.

***NOTA** – Preencher o espaço próprio para isso nos catecismos das crianças (p. 101) para convidar os pais para a celebração a realizar na catequese 25, recomendando às crianças que o mostrem aos pais. Em alternativa, o catequista pode preparar cartões com os convites e entregá-los às crianças ou aos próprios pais ou familiares quando forem buscá-las no fim da catequese. Se estiver previsto um convívio depois da celebração, pedir a cada família que leve algo para um lanche.*

CATEQUESE 25

A FESTA DA FAMÍLIA

I – INTRODUÇÃO

APROFUNDAMENTO DO TEMA

1. Família e catequese

A este propósito, escrevem os nossos Bispos no seu documento sobre a catequese: "A família precisa de reconhecer-se como o primeiro lugar social das crianças, dos adolescentes e dos jovens com uma influência decisiva na educação da fé" (ATV 2 b).

Ao escreverem "precisa", já dão a entender que isso de facto não está a acontecer. Basta darmo-nos conta do número crescente de crianças que começam a catequese sem o mínimo de iniciação religiosa. Algumas dessas crianças não são batizadas e muitas das crianças que frequentam a catequese nunca vão à missa.

Não tenhamos ilusões: a prática cristã, reduzida a uma hora de catequese por semana muito dificilmente terá qualquer hipótese de ganhar raízes nas convicções e na vida dos catequizandos. E ainda mais se estes forem crianças, isto é, se estiverem na fase da vida em que é mais decisiva a dependência dos pais.

Como enfrentar este desafio? Antes de mais convém apercebermo-nos de outras razões que tornam essencial a participação da família no processo catequético.

2. A catequese na família

Os nossos Bispos, no mesmo Documento, apresentam-nos duas espécies de razões. A primeira tem a ver com o que é transmitido na catequese que, como se sabe, se não reduz a meros conteúdos doutrinais e a princípios e orientações morais. Na base de tudo isso está algo de mais profundo e é aí que o papel dos pais é insubstituível: "Os pais são chamados a comunicar o seu gosto de viver, a sua maravilha perante a vida e a transmitir uma arte de viver em referência ao Evangelho. O seu contributo é insubstituível, porque a fé é uma vida que se comunica, uma osmose que se realiza e não uma doutrina a inculcar" (Ibidem, 2 b). Ou ainda: "A comunidade do amor familiar, envolvida pelo ambiente de ternura, de afeto e de respeito, contribui de forma marcante para o despertar da fé, pois esta é uma relação de amizade, respeito e confiança em Deus nosso Pai" (Ibidem, 5 b). Por outras palavras: as crianças estarão mais aptas para

se abrirem e confiarem a Deus nosso Pai, se encontrarem nos seus pais aquilo que é específico de Deus, em grau infinito, sobretudo quando essa experiência é completada por uma relação permanente e visível de fé da parte dos pais. As crianças confiam-se a Deus Pai, na medida em que confiam nos pais e estes se confiam a Deus.

3. **A família na catequese**

   Veja-se de novo o que nos dizem os nossos Bispos, depois de insistirem no papel insubstituível dos pais: "Sendo assim, a comunidade cristã não pode substituir os pais, mas deve colaborar com eles na educação dos filhos. Como frequentemente não estão esclarecidos nem preparados para esta missão, é hoje urgente e indispensável que as comunidades, seus pastores e responsáveis definam um projeto de sensibilização e de formação de pais que integre um conjunto de propostas adequadas às suas situações e possibilidade, como: reuniões periódicas bem preparadas, formação orgânica de pais aproveitando até os tempos dos encontros da catequese dos filhos para uma catequese paralela com os pais" (Ibidem, 5 b).

   Na prática, significa que hoje são muitos os filhos a levar os pais à Igreja e a ajudá-los assim a reencontrar Deus. É que, felizmente, muitos pais, pelos filhos, estão dispostos a tudo. Um amor que, sem talvez o saberem, lhes vem do próprio Deus, a fonte última de todo o amor e da vida que dele deriva. Não será de tentar partir daí para os ajudar a tomarem consciência daquele Deus que afinal já neles atua, sem eles o saberem?

   Nesta perspetiva e seguindo as sugestões dos nossos Bispos, há que aproveitar este último encontro do ano para que os pais redescubram Deus nos filhos que tanto amam e que Ele, como Pai, ama muito mais.

OBJETIVOS

- Agradecer a Deus pelas graças concedidas ao longo do ano da catequese;
- Comprometer-se em família a continuar a caminhada de fé.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta catequese tem uma estrutura predominantemente celebrativa. É a melhor maneira de terminar o ano catequético: em oração comunitária de ação de graças.
2. É de toda a conveniência a participação dos pais e/ou outros familiares. São eles os principais responsáveis pela educação cristã dos filhos, o que aparece sobretudo no texto bíblico que vai ser proclamado. Para pais com menos prática religiosa é até uma boa ocasião para os despertar para a vivência da fé e sua transmissão aos filhos.
3. No final da celebração pode fazer-se um convívio, se as condições o permitirem. Será uma boa ocasião para o contacto pessoal entre todos os que estão envolvidos na catequese e para cimentar os laços de união necessários entre a paróquia e a família.

MATERIAIS

- Cartaz com a imagem de Cristo em atitude de louvar a Deus (catequese 24);
- Dístico: "Dai graças ao Senhor, porque é eterna a sua bondade (catequese 23);
- Desenhos feitos e assinados pelas crianças nas catequeses 23 e 24;
- Dois castiçais;
- Flores para ornamentação;
- Alimentos e bebidas para o convívio final (caso se realize);
- Preparar o texto da leitura (adaptado de Lc 2, 22-24): *Os pais de Jesus levaram-no a Jerusalém para o apresentarem ao Senhor, conforme está escrito na Lei do Senhor: todo o primeiro filho que nascer e for um menino será consagrado ao Senhor. E fizeram a oferta, estabelecida na Lei de Moisés: duas rolas ou duas pombas.*

MÚSICAS

- Guiado pela mão;
- Dai graças ao Senhor;
- Obrigado, Jesus;
- Tenho um Amigo que me ama.

II – DESENVOLVIMENTO DA CATEQUESE

CELEBRAÇÃO

PREPARAÇÃO DA SALA (OU DA IGREJA)

- *Em cima da mesa: ao meio a Bíblia entre dois castiçais acesos (dentro dela estará o texto para a leitura, uma vez que é adaptado). Podem juntar-se algumas flores, a gosto do catequista.*
- *No placar/quadro: ao centro o cartaz com a imagem de Jesus, em atitude de louvor; acima da imagem de Jesus, o dístico "Dai graças ao Senhor, porque é eterna a sua bondade"; em volta da imagem e do dístico os desenhos feitos pelas crianças.*
- *À frente as cadeiras/bancos para as crianças, se possível em semicírculo.*
- *Atrás as cadeiras para os pais, na mesma disposição.*
- *O catequista deve pedir a colaboração de um pai ou mãe para fazer a leitura e explicar-lhe como se processa, visto ser um texto adaptado.*

ENTRADA E ACOLHIMENTO

- *Entra-se na sala pela seguinte ordem: à frente o catequista que preside, seguido das crianças, se possível em duas filas, de modo que cada par possa dar as mãos; no final, os familiares das crianças.*
- *Depois do catequista, ainda no exterior, explicar a referida ordem e introduzir o cântico de entrada (e, se necessário ensaiar), entra-se a cantar.*

- *Cântico de entrada: Guiado pela mão.*
- *Depois de todos estarem nos seus lugares, o catequista diz, como acolhimento e saudação as seguintes palavras ou outras semelhantes:*

Gostei muito de podermos cantar todos: "Guiado pela mão com Jesus eu vou". Jesus é mesmo o nosso maior amigo.

Por isso desejo, no último encontro deste ano, que Jesus esteja connosco, no coração de cada um de nós e no meio de nós todos, para nos unir com o seu amor!

Mas nós não entrámos com a mão na mão de Jesus. Cada menino ou menina estava a dar a mão ao colega que estava ao lado.

Então, por que é que nós, com a mão na mão do colega, pudemos cantar que era Jesus que nos guiava com a sua mão? Quem é capaz de explicar? (...) (*Se as crianças hesitarem, o catequista lembra:*)

No último encontro, aprendemos que Jesus está sempre connosco, com as pessoas de todo o mundo. Quem é amigo de Jesus também é amigo dos colegas, porque Jesus é amigo de todos nós. Ele é que nos faz verdadeiramente amigos uns dos outros. E, quando somos amigos uns dos outros, Jesus está connosco.

Vamos cantar outra vez? Agora já percebemos melhor por que é que, de mão dada com o colega, também estamos de mão dada com Jesus.

Então, de pé, damos as mãos uns aos outros e cantamos outra vez, com muita alegria:

Guiado pela mão...

(Depois de se sentarem, o catequista prepara as crianças para a oração, chamando a atenção para o cartaz de Jesus:)

ORAÇÃO

O que está Jesus a fazer naquele quadro? Está de braços levantados... Que estará ele a fazer? (...) Sim, está a agradecer a Deus, seu Pai. Até lá estão escritas as palavras de agradecimento que Ele dizia. Vamos todos lê-las ao mesmo tempo:

"Dai graças ao Senhor, porque é eterna a sua bondade."

Deus, que é Pai de Jesus e nosso Pai, mostra a sua bondade, dando-nos pais tão bons, tão nossos amigos. E nós agradecemos-lhe com tanta alegria que até o fizemos a cantar. Eu vou ajudar a lembrar como é que cantámos: *Dai graças ao Senhor...*

Além deste cântico, aprendemos também uma outra oração para dizer a Deus.

"Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo,
Como era no princípio, agora e sempre. Ámen."

Então vamos dar graças outra vez, rezando e cantando.
Tenho a certeza de que os pais também gostam de dar graças a Deus por lhes ter dado tão bons filhos; e todos nós queremos agradecer por tudo o que aprendemos na catequese e tantas outras coisas boas que Deus tem tornado possível para nós.

Então vamos primeiro benzer-nos; depois cantamos, de braços levantados, como Jesus, o cântico que Ele rezava e que está ali no quadro/placar; em seguida, rezamos o "Glória ao Pai" e voltamos a cantar e a benzer-nos.

Vamos fazer tudo de pé, está bem?

Feita a oração, como se indicou, o catequista indica que podem sentar-se e introduz a:

PALAVRA DE DEUS

O Pai do Céu e Jesus devem estar muito contentes connosco, porque lhe agradecemos todos.

Os pais também estão contentes, com certeza. Este ano foram todos descobrindo tantas coisas bonitas e importantes na catequese, vieram juntos à igreja e rezaram também lá em casa. Os pais querem que os filhos sejam cada vez mais amigos de Jesus, do Pai do Céu e do Espírito Santo.

Quando os pais ensinam os filhos a conhecer Deus e os levam à casa de Deus estão a fazer como a mãe de Jesus e S. José fizeram com Jesus.

Quando Jesus tinha pouco mais de um mês de idade foram a Jerusalém, à cidade onde ficava a casa de Deus... E foram lá para quê? (...)

Agora o pai (ou a mãe) de ... *(dizer o nome)* vai ler do livro da Palavra de Deus o que aconteceu então em Jerusalém com Maria, José e o Menino Jesus.

Mas antes vamos preparar-nos para escutar com muita atenção.

Silêncio

O pai ou mãe que faz a leitura vem para a frente, pega na Bíblia e, estando todos de pé, lê (adaptado de Lc 2, 22-24):

Os pais de Jesus levaram-no a Jerusalém para o apresentarem ao Senhor, conforme está escrito na Lei do Senhor: todo o primeiro filho que nascer e for um menino será consagrado ao Senhor. E fizeram a oferta, estabelecida na Lei de Moisés: duas rolas ou duas pombas.

Silêncio

O catequista indica que se podem sentar.
Então o que fizeram os pais de Jesus? (...) Levaram-no à casa de Deus, em Jerusalém, para o oferecerem a Deus. Com isto estavam a agradecer a Deus por Ele lhes ter dado aquele filho.

Os vossos pais também fizeram uma coisa parecida quando vos levaram à Igreja, ainda pequeninos, para vos oferecerem a Deus, para serem batizados.

(Convidar um ou dois pais/mães a recordar o dia, lugar e mais um ou outro pormenor do batismo do/a filho/a, mas sem se alongar muito).

Foi nessa altura que os pais também prometeram que um dia haviam de vos trazer à catequese.

EXPRESSÃO DE FÉ

Os pais são muito amigos dos filhos e merecem que os filhos lhes agradeçam tudo quanto fazem por eles.
Mas como é Jesus que nos ensina a sermos amigos dos pais e das outras pessoas, podemos, ao mesmo tempo, agradecer a Jesus. Assim os pais também agradecem os filhos que têm e, todos juntos, agradecemos ao nosso maior amigo.

Qual é o cântico que aprendemos para agradecer a Jesus?

Cântico: Obrigado, Jesus.

GESTO E CÂNTICO FINAL

Temos aqui os desenhos que os meninos fizeram: um que procuraram fazer muito bonito para oferecerem a Jesus e outro em que mostram o que mais gostaram da catequese deste ano. Todo este ano cada menino e cada menina foi conhecendo Jesus e aprendendo a caminhar com ele. Isto foi possível, porque os pais vos trouxeram à catequese. Então agora cada um e cada uma vai receber das mãos dos pais os desenhos que fizeram, para poderem levá-los para casa e continuarem a lembrar-se de Jesus e a falar com ele.

O catequista pega em cada dois desenhos, chama a criança que os fez e a criança aproxima-se, acompanhada pelos pais. O catequista dá os desenhos aos pais que os entregam à criança, beijando-a. Repete-se o mesmo com todas as crianças.

Quando terminarem, canta-se Tenho um amigo que me ama, batendo as palmas.

No final, e antes de indicar às Famílias o local do convívio, o catequista entrega a cada criança o «Álbum de Férias» correspondente ao catecismo1, apresentando-o brevemente como o *compromisso de férias*, um instrumento preparado para ajudar as crianças a rezar e a fazer a vontade de Deus... durante as férias de verão, um tempo excecional de crescimento e aprendizagem.

Segue-se o convívio, de preferência!

Reuniões de pais e familiares

1. **Acolhimento:**
   - A sala deve estar preparada;
   - É bom que haja alguns catequistas a receber os familiares, logo à chegada;
   - Pode cantar-se uma canção, distribuindo a letra ou projetando-a.

2. **Introdução à reunião:**
   - Saudação inicial;
   - Para que estamos aqui? (Objetivos)
   - Como vamos organizar a reunião?
   - Apresentação dos participantes (se for oportuna).

3. **Apresentação do tema:**
   - Com recurso a audiovisual ou a um esquema fotocopiado;
   - Diálogo sobre o tema ou trabalho de grupos;
   - Plenário ou resumo com as principais conclusões.

4. **Encontro com os catequistas (por grupos):**
   - Se necessário, fazer a apresentação de cada um;
   - Dialogar sobre o grupo (como é que se pode ajudar no crescimento da fé);
   - Se houver casos delicados ou dificuldades com alguma criança, conversar em particular (no final ou noutro dia, num espaço cómodo e reservado, em que possam sentar-se).

5. **Conclusões**

   Se for o caso, pode-se ainda voltar ao grande grupo:
   - Agradecer a presença;
   - Avaliar a reunião, pode ser com esquema (ficha);
   - Avisar sobre a próxima, se for o caso;
   - Terminar com uma oração ou um cântico;
   - Partilhar um chá / café.

CÂNTICOS[1]

CÂNTICOS – Guia 1º ano

Catequese 1

JÁ VOU À CATEQUESE
T. Sousa

Já vou à Catequese, já sou mais crescido,
E vou aprender muito com Jesus, meu grande amigo. (bis)

Jesus gosta de mim, e eu gosto de Jesus;
É Ele quem me ensina a caminhar na Sua luz. (bis)

Durante este ano, e em cada semana,
Virei com alegria aprender que Deus me ama. (bis)

Catequese 2
Catequese 4
Catequese 23
Catequese 25

OBRIGADO, JESUS
C. Silva

Obrigado, Jesus
Porque és meu amigo
Obrigado, Jesus
Porque gostas de mim

Quando me levanto e falo contigo
Eu sei que Tu estás em mim
Quando amo os outros como Tu gostas
Eu sei que Tu estás em mim

Quando trabalho de boa vontade
Eu sei que Tu estás em mim
Quando obedeço e falo a verdade
Eu sei que Tu estás em mim

[1] Letra dos cânticos correspondentes ao Catecismo 1 e ao CD musical editado pelo Secretariado Nacional da Educação Cristã.

Catequese 4

VAMOS ENTRANDO NA CASA DE DEUS

J. Rocha Monteiro

Vamos entrando na casa de Deus (bis).
Vamos fazer a festa com Jesus (bis).

Vinde, amigos vinde,
Vinde, vinde a Jesus! (bis).

Vinde, amigos vinde,
Vinde, à casa de Deus! (bis)

Vinde, amigos vinde,
Vinde, à festa do Amor! (bis)

Catequese 5

MINHA ALMA A CANTAR

Pelo céu e pelo mar, aleluia
Pelas aves a cantar, aleluia
Pelas fontes a correr, aleluia
Minha alma a cantar, aleluia

Catequese 6

FAZES-ME VIVER

R. Nunes/A. Aparício – A. Cartageno

Eu quero, Senhor
Dizer-te a cantar
Que já sou capaz
De correr e brincar

Fazes-me viver
E pensas em mim
Obrigado, obrigado
Obrigado sem fim

Eu já Te conheço
Senhor, meu amigo
Eu já sei rezar
Já falo contigo

Quero receber-Te
No meu coração
Quero agradecer-Te
Com esta oração

Eu estou contente
Por te comungar
Faz-me em cada dia
Sempre mais te amar

Catequese 7

AVÉ-MARIA
T. Sousa

Avé-Maria,
cheia de Graça
o Senhor é convosco,
bendita sois vós
entre as mulheres
e bendito é o fruto
do vosso ventre: Jesus.

Santa Maria,
Mãe de Deus,
rogai por nós
pecadores,
agora e na hora
da nossa morte.
Ámen.

Catequese 8

NOITE FELIZ
F. Gruber

Noite feliz, noite feliz
o Senhor Deus de amor
pobrezinho nasceu em Belém
eis na lapa Jesus nosso bem
dorme em paz ó Jesus
dorme em paz ó Jesus

Noite feliz, noite feliz
jubilosos vêm cantar
aos pastores os anjos do Céu,
anunciando a chegada de Deus
de Jesus Salvador
de Jesus Salvador

Catequese 9

SENHOR PARA TI O MEU CORAÇÃO
C. Silva

Senhor para Ti
O meu coração (bis)

Jesus é o amigo das crianças
Dos pobres, dos simples, dos pequeninos

"Deixai vir a Mim as criancinhas;
seus anjos contemplam a Deus no céu"

O Reino dos céus é dos humildes
Dos retos e puros de coração

Aquele que acolhe uma criança
Acolhe Jesus, filho de Deus

Catequese 10

JESUS CRESCIA COMO NÓS
T. Sousa

Jesus crescia como nós,
Jesus crescia em Nazaré
Jesus crescia com Maria
E crescia com José.

Jesus crescia em estatura,
seu corpo ficava maior
Para crescer como Jesus
quero viver no Seu amor

Sabedoria Ele teve,
Jesus bem sabe o que é melhor
Eu também quero aprender
para servir um Bem maior.

Jesus também crescia em Graça,
unido ao Pai em oração
Senhor, aumenta a minha fé,
guarda-me em Teu coração

Catequese 11
Catequese 12

DEUS NOSSO PAI
Liturgia – C. Silva

Deus nosso Pai
Que sois tão bom
Bendito sejais
Glória a vós Senhor

Pai nosso, que estais nos céus,
Santificado seja o vosso nome;
Venha a nós o vosso reino;
Seja feita a vossa vontade
Assim na terra como no céu.

O pão nosso de cada dia
Nos dai hoje;
Perdoai-nos as nossas ofensas,
Assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido;

E não nos deixeis cair em tentação;
Mas livrai-nos do mal.

Catequese 13

EU TENHO UM AMIGO
Rosária Nunes – A. Cartageno

Eu tenho um amigo
Que teu é também
Amigo de todos
Do pai e da mãe

Ó, ó, ó, ó, chama-se Jesus (bis)

Este meu amigo
Está no meu coração
Está no teu coração
Chama-se Jesus.

Catequese 14

DEIXAI VIR A MIM AS CRIANÇAS
Acácio Santana

Deixai vir a mim as crianças
Um dia disseste, Jesus
Por isso, com muita esperança
Viemos buscar Tua luz

Hoje novamente chamas todos nós
Viemos escutar a tua voz

Hoje novamente acolhes todos nós
Viemos escutar a tua voz

Hoje novamente guardas todos nós
Viemos escutar a tua voz

Catequese 15
Catequese 16

TÃO PERTO DE MIM
C. Gabarain

Tão perto de mim
Tão perto de mim
Que até eu Lhe posso tocar
Aqui está Jesus

Não procuro a Cristo nas alturas
Nem O encontrarei na escuridão
Sinto que Jesus está juntinho a mim
Dentro do meu ser, no coração

Vou contar-Lhe toda a minha vida
Como a um amigo falarei
Eu não sei se é Ele que habita em mim
Ou se sou eu já que habito n'Ele

Olha que Jesus vai ao teu lado
Entre as alegrias e as dores
Ao teu lado vai sempre a caminhar
Ele nunca te abandonará

Catequese 17
Catequese 18

CRISTO VIVE, ALELUIA!
A. Cartageno

Cristo vive, aleluia! Cristo vive, aleluia! Cristo vive, aleluia!
Cristo vive, aleluia! Cristo vive, aleluia! Cristo vive, aleluia!

Que toda a terra cante de alegria,
que os rebentos despontem em força,
que as flores brilhem de todas as cores,
que as águas brotem vivas do rochedo.

Que o sol resplandeça de luz,
que as árvores sussurrem ao vento.
Floresça de alegria a primavera,
que a cidade celebre a grande festa.

Nós vamos anunciar a toda a gente
que Deus ressuscitou Jesus, seu Filho,
a morte foi vencida para sempre,
por isso, cantemos de alegria.

Catequese 18
Catequese 19

JESUS, TU ÉS A NOSSA LUZ
J. Pedro Martins

Jesus é como a estrela
que brilha lá no céu
A sua luz é bela
É luz que o Pai nos deu

Jesus, Jesus,
Tu és a nossa luz! (bis)

Jesus é um amigo
Que nos traz pela mão
Diz muitas coisas belas
Ao nosso coração

Como um farol nas trevas
Jesus nos alumia
Por isso Lhe cantamos
Com vozes de alegria

Eu tenho um grande amigo
Que se chama Jesus
Em todos os momentos
É Ele a minha luz

ESTA LUZ PEQUENINA
DR – Rocha Monteiro

Esta luz pequenina vou deixá-la brilhar,
Esta luz pequenina vou deixá-la brilhar,
Esta luz pequenina vou deixá-la brilhar,
Vou deixá-la, vou deixá-la brilhar.

Esta luz de Cristo...

Onde quer que eu vá...

Nos caminhos da vida...

Catequese 19

A PAZ ESTEJA CONNOSCO

A paz esteja connosco
A paz esteja connosco
A paz esteja connosco
Sempre connosco
Sempre, sempre esteja a paz

O amor de Cristo nos una
O amor de Cristo nos una
O amor de Cristo nos una
Sempre nos una,
Sempre, sempre como irmãos

Catequese 20

ORAÇÃO AO ESPÍRITO SANTO
T. Sousa

Espírito Santo, ajuda-me
a acolher no meu coração
as palavras de Jesus

Espírito Santo, ajuda-me
a fazer a vontade de Deus
e a escutar-te no meu coração (bis)

Catequese 21

NÓS SOMOS AMIGOS
Rosária Nunes – A. Cartageno

Nós somos amigos
Aqui e agora
Seremos amigos
Ao ir embora

Lá, lá, lá, lá, lá, lá
Somos amigos
Lá, lá, lá, lá, lá, lá
Somos irmãos

Nós somos amigos
Dêmo-nos as mãos
Nós somos amigos
Nós somos irmãos

Somos o futuro
Do mundo que avança
Trazemos no peito
A chama da esperança

EU IREI CANTAR PELO MUNDO
O. Vercruysse

Eu irei cantar pelo mundo
Falar de Ti, meu Salvador.
Eu irei dar a Boa Nova,
Dizer aos homens: "Jesus é Amor".

Eu irei, falarei a todos,
Que esperam receber Teu fogo;
Eu irei levar essa chama
Que iluminará o mundo.

Eu irei, anunciarei a paz
E o amor eterno do Senhor;
Eu irei e serei feliz
De trazer os homens ao Senhor.

Eu irei, levarei a luz,
Luz que é graça, vida e calor;
Eu irei, amarei a todos
E cantarei: Jesus é Amor.

Eu irei, levarei a paz
Do Senhor Jesus que me enviou;
Eu irei, levando o Senhor,
E Seu amor me libertou.

Catequese 22

AVÉ DE FÁTIMA - A TREZE DE MAIO

A treze de Maio
Na Cova da Iria,
Apareceu brilhando
A Virgem Maria.

Avé, Avé, Avé Maria!
Avé, Avé, Avé Maria!

A Virgem Maria
Cercada de luz,
Nossa Mãe bendita
E Mãe de Jesus.

Foi aos pastorinhos,
Que a Virgem falou,
Desde então nas almas,
Nova luz brilhou.

Com doces palavras,
Mandou-nos rezar,
A Virgem Maria,
Para nos salvar.

Catequese 23
Catequese 25

DAI GRAÇAS AO SENHOR
F. Santos

Dai graças ao Senhor,
porque é eterna a sua bondade.
Dai graças ao Senhor,
dai graças.

Catequese 24
Catequese 25

GUIADO PELA MÃO

Guiado pela mão
Com Jesus eu vou,
E sigo como ovelha
Que encontrou pastor.
Guiado pela mão
Com Jesus eu vou,
Aonde Ele vai.

Se Jesus me diz : "Amigo
Deixa tudo e vem comigo!",
Como posso resistir ao seu amor?
Se Jesus me diz : "Amigo
Deixa tudo e vem comigo!",
Minha mão porei na sua e irei com Ele.

Se Jesus me diz: "Amigo
Deixa tudo e vem comigo!",
Como posso ser feliz sem ir com Ele?
Se Jesus me diz: "Amigo
Deixa tudo e vem comigo!",
Seguirei o seu caminho, e irei com Ele.

Catequese 25

EU TENHO UM AMIGO QUE ME AMA
Gabarain

Eu tenho um amigo que me ama,
Que me ama, que me ama.
Eu tenho um amigo que me ama,
Seu nome é Jesus.

É um amigo que me ama,
É um amigo que me ama,
É um amigo que me ama,
É Jesus

Tu tens um amigo que te ama,...

Nós temos um amigo que nos ama,..

Índice

PÁG.

Siglas 3

Apresentação 5

Itinerário de Catequese de Iniciação da Infância e Adolescência 11

Introdução 13

1º BLOCO – JESUS CHAMA-NOS

Catequese 1 – **Já vou à catequese** 51

Catequese 2 – **Tenho mais amigos** 57

Catequese 3 – **A festa do acolhimento** 63

Catequese 4 – **Visitamos a casa de Deus** 73

Catequese 5 – **Deus cria tudo para nós** 79

Catequese 6 – **Deus faz-nos crescer** 85

Catequese 7 – **Chama-se Maria** 91

Catequese 8 – **O Natal de Jesus** 97

2º BLOCO – UM MENINO CHAMADO JESUS

Catequese 9 – **Jesus tem visitas** 105

Catequese 10 – **Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça** ... 111

Catequese 11 – **Jesus gosta de seu Pai** 117

Catequese 12 – **Jesus fala com o seu Pai** 123

Catequese 13 – **Jesus é amigo de todas as pessoas** 129

Catequese 14 – **Jesus gosta de mim** 135

Catequese 15 – **Eu gosto de Jesus** 141

Catequese 16 – **Eu quero ser como Jesus** 147

Catequese 17 – **Celebramos a Páscoa** 153

Catequese 18 – **A festa da luz** 161

3º BLOCO – NÓS SOMOS DO GRUPO DE JESUS

Catequese 19 – **Jesus está vivo** 173

Catequese 20 – **Jesus dá-nos o Espírito Santo** 181

Catequese 21 – **O grupo dos amigos de Jesus** 187

Catequese 22 – **Já sei rezar** 193

Catequese 23 – **Aprendo a agradecer** 201

Catequese 24 – **Jesus está sempre connosco** 209

Catequese 25 – **A festa da família** 215

Proposta para reuniões de Pais e familiares 223

Cânticos 225